Instituto Superior de Psicologia Aplicada

INFÂNCIA ROUBADA – CICLO VÍTIMA-AGRESSOR

Ana Filipa da Palma Revez

Nº 12 732

Dissertação orientada por Prof. Dr. Nuno Torres

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica.

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Nuno Torres, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Este espaço é dedicado a todos que deram a sua contribuição para que esta dissertação tivesse um desfecho muito positivo. A todos eles deixo aqui o meu agradecimento sincero e eterno.

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, sem os quais nunca teria sido possível chegar a este ponto, são as pessoas que mais amo no mundo e que me inspiram a cada passo que dou e a cada caminho que escolho. Obrigada pela dedicação, tolerância, incentivo e acima de tudo por acreditarem em mim. Agradeço a toda a minha família, pois é a vós que vos devo o ter aprendido a amar e orgulho-me muito por isso. Ao meu irmão, Sérgio Revez, que na última hora esteve lá, que me apoiou e disse que tudo ia correr bem.

Ao Prof. Nuno Torres, que como orientador e pessoa fez um excelente trabalho, sempre disponível e atento, demonstrando ao longo de todo o ano o seu interesse e dedicação, por todo o trabalho desenvolvido.

À Direcção Geral de Serviços Prisionais, porque sem o seu consentimento, não teria sido possível ter amostra para realizar a segunda parte do meu estudo.

Aos Estabelecimentos Prisionais de Santa Cruz do Bispo e de Leiria, o meu obrigado por me terem recebido e terem facilitado e reunido todas as condições para que pudesse fazer a minha recolha de amostra.

À minha amiga e colega Vera Amaral, pelo seu apoio e força demonstrada no longo caminho realizado durante este ano. E a todos os meus colegas de Mestrado, com destaque, à Raquel, Regina, Bárbara e ao João.

E a todos os meus amigos que num momento ou noutro me deram forças para continuar e nunca desistiram de acreditar no meu sucesso. A eles dedico o meu carinho e amizade. Aprendi muito ao longo deste trabalho, enquanto pessoa e enquanto profissional, partilhei e cresci em tons de uma experiência que jamais será esquecida.

Resumo

O objectivo do meu trabalho é estudar o fenómeno do ciclo vítima-agressor, (a ocorrência da transmissão intergeracional de práticas violentas, observadas muitas vezes ao longo de várias gerações da mesma família, numa perspectiva do mecanismo de identificação com o agressor. A longo prazo as vítimas de maus-tratos, vêem aumentada a possibilidade de maltratarem os seus próprios filhos. A perpetuação de maus-tratos depende de vários factores ao nível ecológico: relacionais, do suporte social e económico e a maneira como a criança encara a situação e se supera, ou não, o trauma. Todas estas variáveis acentuam a tipologia do mau trato vivido na infância e consequentemente, como esta se manifesta na sua conduta aquando figura parental. Para estudar este problema, aplicou-se o método da entrevista de história de vida a dois grupos de adultos reclusos em dois estabelecimentos prisionais, 3 homens e 2 mulheres, ambos com filhos. A análise dos resultados, permitiu verificar que alguns elementos perpetuam a violência identificando-se com o agressor e outros pelo contrário, quebram o ciclo de transmissão de violência com os filhos, mas apresentando no entanto, vários tipos de comportamentos violentos com outras vítimas.

Palavras-chave: identificação ao agressor; reclusos, transgeracionalidade.

Abstract

The purpose of my work is to study the phenomenon of victim-offender cycle, (the occurrence of the intergenerational transmission of violent practices, often seen along several generations of the same family, with a view of the mechanism of identification with the aggressor. The long-term victims of ill-treatment, see the possibility of increased mistreat their own children. The perpetuation of ill-treatment depends on several factors to the ecological level: relational, social and economic support and how the child sees the situation, whether or not, overcome the trauma. All these variables emphasize the types of maltreatment experienced in childhood and consequently, how it is manifested in their conduct during parental figure. To study this problem, the applied method was to interview the life history to two groups of adult prisoners in two prisons, 3 men and 2 women, both with children. The results showed that some elements perpetuate violence identifying with the aggressor and others by other hand, break the cycle of violence transmission with their children, but still presenting several types of violent behavior with other victims.

Keywords: identifying the aggressor; prisoners, transgenerational.

Índice

I - Introdução 1

Perspectiva histórica da infância 2

Maus tratos nas crianças. - Amplitude do Problema? 3

Heterogeneidade do conceito de maus tratos 4

Indicadores de mau trato por tipologia 5

Indicadores de mau trato físico 6

Indicadores de mau trato psicológico/emocional 2

Indicadores de negligência/abandono físico 3

Indicadores de abuso sexual 4

Outros tipos de mau trato 5

Síndrome de *Munchausen* por procuração 6

Mau trato pré-natal 4

A exploração e trabalho infantil 5

O mau trato infantil 6

Etiologia dos maus tratos a crianças e jovens 4

Breve perspectiva histórica dos enfoques explicativos 4

Enfoque clínico-psiquiátrico 5

Enfoque Social 6

Enfoque centrado na vulnerabilidade da criança 4

Enfoque Ecológico 5

Factores de Risco, factores de protecção 6

Factores de risco em cada nível do ecossistema 4

Factores de protecção 5

Etiologia do mau trato físico 6

Factores de risco associados ao mau trato físico 4

A transmissão intergeracional e transgeracional 5

Ausência de apoio social 6

Famílias monoparentais 4

Presença de figura paterna sem relação biológica 5

Alterações psicopatológicas nos pais maltratantes 6

Alcoolismo e toxicodependência 4

Hiperactividade fisiológica 5
Etiologia da negligência/abandono físico 4
Etiologia do abuso sexual 5
Teoria: Identificação com o agressor 6
Após Freud 4
Anna Freud: a identificação com o agressor e a projecção 5
Em suma 6

II - Método 1
Delineamento 2
Participantes 3
Tipo de Estudo 4
Instrumento 5
Entrevista como técnica de recolha 3
Análise de conteúdo 4
Procedimento 5

III. Análise de resultados 4

IV. Conclusões 5

V. Referencias Bibliográficas 5

IV. Conclusões 5

X.. Anexos 5
Anexo A: Caracterização da amostra 2
Anexo B: Guião de Entrevista 3
Anexo C: Transcrição das entrevistas 5
1. “Bárbara” 4
2. “Raquel” 4
3. “Pedro” 4
4. “Rui” 4

5. “Samuel” 4

Anexo D: Definição das categorias 3

Anexo E: Tabela de localização das unidades de registo 5

1. “Bárbara” 4

2. “Raquel” 4

3. “Pedro” 4

4. “Rui” 4

5. “Samuel” 4

Anexo F: Tabela de resultados totais dos participantes 5

XI. Lista de Figuras

Figura 1: Distribuição dos resultados pelos diversos sistemas ecológicos 4

Figura 2: Distribuição global das unidades de registo pelas categorias. 4

Figura 3: Esquema do modelo ecológico 4

Figura 4: Rep. global das percentagens da vivência individual e intrapsíquica.. 4

Figura 5: Relação entre experiências traumáticas reais e tipos de delito. 4

Figura 6: Relação entre f. de identificação ao agressor e exp. traumáticas reais 4

Figura 7: Distribuição das percentagens referentes às categorias do microssistema 4

Figura 8: Distribuição global das categorias referentes ao exossistema 4

I – Introdução

Os maus tratos na infância, constituem uma patologia preocupante, a que muito tempo e investigação se deveria dedicar, por parte dos profissionais especializados em diversas áreas, para que ao invés de actuarmos nas consequências, conseguirmos de algum modo, prever e actuar precocemente sobre esta problemática, que é actual, e se arrasta ao longo dos séculos. É importante a multidisciplinaridade, de áreas como a justiça, saúde mental e física, e a educação. Ainda que o meu trabalho, tenha a pretensão de centrar-se, tão-somente, num estudo aprofundado dos processos e das características intervenientes desses mesmos processos, para que ocorra a transmissão de geração para geração da violência perpetuada, de pais para filhos e assim sucessivamente.

A ocorrência de maus-tratos na infância pode e na maior parte das vezes deixa, consequências que podem surgir a médio e a longo prazo. Poderá deixar sequelas físicas ou psíquicas permanentes, poderá até mesmo levar à morte. A longo prazo, tem muitas consequências, sendo de destacar, o atraso no crescimento e no desenvolvimento intelectual da criança, alterações moderadas ou severas do comportamento, insucesso escolar, perturbações da personalidade, comportamentos sociais de risco, aumento da delinquência e criminalidade e em última análise a transmissão intergeracional desse mesmo mau trato, passando de vítima a agressor (Grilo, 2004).

O objectivo deste trabalho pretende ser mais um passo no longo caminho ainda a percorrer, da investigação do fenómeno que é a transmissão intergeracional de práticas violentas, que se expressa através de um ciclo vítima-agressor, numa perspectiva de identificação com o agressor. Para elaborar o meu trabalho baseei-me na revisão de literatura, nomeadamente em alguns estudos (Blumenthal, 2000; Ertem et al, 2000), que me ajudaram a delimitar o tema e a pensar em novas investigações.

Segundo Machado (1996), a actual percepção social do problema dos maus tratos colide com a visão idealizada da relação pais-criança generalizada na cultura ocidental, que surge na 2ª metade do século XIX, com a polarização da vida social em torno da família/profissão e com o desaparecimento da antiga sociabilidade. Paralelamente, desde o século XVII, que a violência física e o castigo corporal são vistos como uma estratégia educativa (Ariés, 1986 p.146), pois só em 1950, os maus tratos dentro das famílias foram considerados nocivos, com a identificação do "*battered child sindrome*" (McCaghy, 1985). Seguidamente iremos retratar uma perspectiva histórica, que pretende mostrar como ao

longo dos tempos, os maus tratos, sempre foram uma prática comum. A percepção do fenómeno como uma realidade crescente, através da mediatização do fenómeno pelos *media*, aumentando a visibilidade, mas não sabendo se aumentou a ocorrência (Geen, s/data).

Em destaque devem ficar alguns conceitos, que demonstram a heterogeneidade da definição deste fenómeno, como um desvio e uma doença, ou uma perturbação (e.g. com aspectos da clínica individual, intervenção social e da regulamentação jurídica) e por outro lado, coexistindo com uma aceitação generalizada da punição física como prática educativa (Amaro, 1986; Amaro, G. & L., 1988). Existe muitas definições de maus tratos (Gasset, Hedouin, Revuelta & Desurmont in Grilo, 2004), que se devem à evolução no tempo e no espaço, e que atendem a cada cultura. A importância da definição teórica do conceito, deriva da relevância social que está inerente à intervenção e tomada de decisão neste âmbito (Machado, 2002). Só compreendemos bem o fenómeno, se poder planificar adequadamente as intervenções neste domínio.

Perspectiva histórica da infância

De acordo com o Lloyd deMause e seus colaboradores (1982), e dos seus múltiplos estudos publicados no "Journal of Psychohistory" (1988; 1990), é constatado de forma evidente que a história da infância tem sido ao longo dos tempos um pesadelo do qual só agora se começou a despertar. Do Oriente ao Ocidente, verifica-se que a maior parte das famílias durante a história praticaram contra crianças, infanticídio, espancamento, e abuso sexual. DeMause, no seu estudo psicohistórico sobre a infância e sobre a sociedade, observou que a humanidade é fundada sobre o abuso de crianças. Ainda hoje, o autor continua a elaborar e organizar diários que reportam assassinatos, mutilações, abusos sexuais e fome das crianças, fruto da área social, militar e das actividades económicas. No seu livro "*History of Child Abuse*", DeMause, resumiu alguns elementos de prova encontrados ao longo da sua vida e percebeu por isso, porque é que a pedofilia praticada por todo o mundo tem sido o mais poderoso e mais bem sucedido ritual silencioso, razão pela qual tem sido a causa de guerra e violência social. Para este autor, os adultos que abusam de crianças, e em particular os pedófilos usam as crianças como recipientes venenosos *[poison recipients]* para que ao controlar sentimentos num outro corpo não haja perigo para si próprios. Por isso mesmo, a erradicação do abuso de crianças e da negligência é a mais importante tarefa social que hoje enfrentamos.

Aqueles que poderão ser considerados como bons pais, exercem a função de contentor tóxico *[toxic containers]* onde as crianças se ancoram, e depositam as suas angústias, medos,

frustrações, raiva, entre muitos outros. Desde a barriga da mãe, que esta usa a placenta como despoluidor do sangue poluído proveniente do bebé. Uma boa mãe reage com acções calmantes e ajuda o bebé a desintoxicar as suas emoções perigosas. Segundo De Mause, no uso das crianças como recipientes venenosos o que acontece é que ao invés de a criança usar a mãe para descontaminar os seus medos e raiva, é a mãe que injecta o seu sentimento negativo na criança e utiliza-a para se limpar da sua própria depressão e raiva.

Segundo De Mause, o incesto, materno e paterno, é bastante comum em grupos pré-alfabetizados e em tempos históricos anteriores. Na Nova Guiné, existem hoje ainda muitas crianças traumatizadas com experiências eróticas precoces, negligenciadas e agredidas, sem existir lugar para a infância, submetidas a duras provas de masculinidade, tornando-se guerreiros ferozes e canibais, e um terço morre antes de atingir a fase adulta em guerras.

Na América, os estudos científicos mais precisos, relatam que 30% dos homens e 40% das mulheres lembram ter sido sexualmente molestadas durante a infância (De Mause, 1990). Cerca de metade destes casos são directamente incestuosos. Estas experiências de sedução não são apenas um conjunto de memórias fragmentárias, mas são lembradas em detalhes e dizem respeito a um período alargado de tempo, sendo confirmados por estudos de acompanhamento e fiabilidade em 83% dos casos, comprovando não se tratar de fantasias. Verificou-se que a sedução terá ocorrido em idades mais precoces do que já assumido, com 81% antes da puberdade, e 42% antes dos 7 anos de idade. Estes valores traduzem apenas uma pequena parcela das verdadeiras taxas, porque os entrevistadores não incluíram as populações com as taxas mais elevadas (e.g.: criminosos, prostitutas, menores em abrigos, psicóticos, entre outros), mas só tiveram em conta memórias conscientes, em que a sedução muitas das vezes só é lembrada em psicoterapia. O autor, com estes factores adicionais ajustou estatisticamente os valores, sendo que a taxa real de abuso sexual na América, é cerca de 60% nas raparigas e os 45% nos rapazes, em que metade é incestuosa.

Fora do Ocidente, o abuso sexual e o incesto são muitas vezes regra e não excepção. Por exemplo, na Índia começa logo na infância, com a criança a ser masturbada pela mãe para “fazer o seu sono”, e o “menino para crescer forte”, bem como na cultura japonesa contemporânea (De Mause, 1988). As crianças com 5 ou 6 anos de idade, cedo são envolvidas em actividades incestuosas, testemunham e participam no intercurso sexual entre os pais, são iniciadas e cedidas a outros membros do agregado familiar. O casamento indiano de crianças, sofre a primeira tentativa de ser ilegalizado em 1929, contra a opinião das mães indianas, sob o pretexto de assim verem protegidas as suas filhas de uma violação no seio da família.

Há semelhança da Índia a infância na China historicamente tem tido o mesmo ritual de estupro em crianças institucionalizadas, incluindo violação a meninos por parte de seus pais, filhos concubinários, a castração de meninos para ser utilizados sexualmente como eunucos, casamento consanguíneo, prostituição infantil e a utilização sexual regular de crianças como agentes escravos. DeMause, revela que no Japão, 20% das meninas dormem com seus pais, até cerca dos 20 anos, (DeMause, 1988) ainda existindo zonas rurais no Japão, onde pais se casam com as suas filhas, em caso de falecimento da esposa ou de sua incapacidade, de acordo com tradições feudais da família. Também as mulheres árabes sofrem mutilação genital com cerca de 6 anos, para retirar a possibilidade de sentirem prazer, sabendo de antemão que a maior parte das suas crianças são violadas pelos seus próprios pais (DeMause, 1990).

Segundo DeMause, na história da evolução da infância, a utilização corrente das crianças como recipientes venenosos dos adultos, para depósito das suas próprias ansiedades e medos parece ter sido universal. A evolução da infância de incesto e de abuso até ao amor e empatia tem sido um processo lento, num caminho desigual e sinuoso, mas numa progressão inconfundível. Esta evolução das relações pais/filhos é, alega o autor, uma fonte independente de mudança histórica, situada na capacidade de sucessivas gerações de pais, de viverem através da sua própria infância traumas uma segunda vez e um constante trabalho de viver as suas próprias ansiedades de uma forma um pouco melhor. É neste sentido que o autor compara a história da infância à psicoterapia, dado que vai ocorrendo a cura através de reviver traumas da infância e rectifica mais cedo as ansiedades e de forma mais adequada. A mãe quando começa a dar o mínimo de apoio à criança que até em tão não dava de forma correcta, a evolução da infância progride e novas formas de personalidade histórica são formadas dando a possibilidade de a história começar a deslocar-se em novas e inovadoras direcções. A relação fundamental nesta evolução é a relação da díade mãe-filha.

Obviamente que os diferentes grupos têm movido diferentes distâncias até à escada da evolução psicológica, uma vez que alguns grupos contemporâneos continuam a prática de abuso físico e sexual, aterrorizando os seus filhos de forma idêntica à ancestral e produzindo estados limítrofes e outras graves desordens de personalidade. A pressão geracional para a mudança psicológica não é apenas uma força histórica independente, originários do relacionamento inato adulto-criança, ela ocorre independente das mudanças tecnológicas e sociais e pode ser encontrada até mesmo em períodos de estagnação económica.

A teoria que Lloyd DeMause defende, intitulou-a de “Teoria Psicogênica da História” e postula que, uma sociedade de práticas educativas não é só uma lista de traços culturais,

mas - porque todos os outros traços devem ser transmitidos trangeracionalmente através do estreito funil da infância – em vez disso torna a verdadeira base de transmissão assente em princípios educativos e o desenvolvimento de todos os outros traços culturais, colocando limites definitivos sobre aquilo que pode ser alcançado no material das esferas da história. Este autor afirma que o motor da mudança, são as mudanças psicogênicas da personalidade que ocorrem em consequência de sucessivas gerações de interacção mãe-criança. Podem revisitar uma segunda vez as fases da infância e desfazer-se dos seus traumas. É neste sentido que a história, é como uma psicoterapia das gerações, desfazendo traumas de personalidades históricas e dando uma nova oportunidade através de todos os bebés nascidos.

DeMause afirma que os adultos têm três grandes reacções às crianças: 1) usam-na como um veículo em que projectam o conteúdo do seu inconsciente (projecção); 2) usam-na como substituto de uma figura importante da sua própria infância (inversão); 3) empatizam com as necessidades da criança e tentam satisfazê-las (reacções empáticas). Defende ainda, uma sequência contínua de abordagens mais estreita entre mãe e filho durante o decurso do tempo, envolvendo seis modos de relação:

1º) *Modo infanticida* (desde a antiguidade até ao século IV d.C.), caracterizada por pais que resolviam as suas ansiedades (acerca de cuidar dos seus filhos) matando-os;

2º) *Modo abandónico* (do séc. IV até ao séc. XIII d.C.): no qual os pais evitavam as preocupações relegando os seus cuidados e abandonando as crianças;

3º) *Modo ambivalente* (do séc. XIV até ao séc. XVII): a criança entra na vida emocional dos pais, mas é vista como argila que precisava de ser moldada, já que era inconstante;

4º) *Modo intrusivo* (século XVIII): a criança é amamentada pela mãe que tenta controlar alguns dos caprichos da criança (uma verdadeira empatia);

5º) *Modo de socialização* (do séc. XIX a meados do séc. XX): a criança é menos sujeita a um processo de dominação e submissão, e mais à formação, orientação e socialização;

6º) *Ajudando a modalidade* (meados do séc. XX): as crianças sabem muito bem o que necessitam em cada fase da vida e na sua essência, a liderar o caminho.

Apesar de tudo o que foi relatado por mim, incidir objectivamente numa tipologia de maltrato físico e não especificamente no abuso sexual, é urgente chamar a atenção que a história revela detalhes repugnantes e desumanos sobre crianças, filhas da criação de práticas, desprotegidas e sem direitos.

Maus tratos nas crianças. – Amplitude do Problema?

O abuso, o abandono e a negligência infantil, são problemas actuais que merecem ser vistos com a seriedade merecida, que revelam nos dias de hoje, uma desorganização familiar e social, porque no passado, tratava-se de outros indicadores. Ainda que tenha interesse e relevância estudar este fenómeno numa perspectiva histórica, é no presente que nos mexemos. Acima de tudo perceber que mecanismos se dão hoje em dia, estar atentos às transformações da sociedade em si, e quais os principais contributos situacionais e da personalidade que fazem determinado indivíduo a se reger pela perpetuação de actos que no passado, tanto sofrimento lhe trouxeram. O maltrato físico aparece com maior expressão porque é observável por contraste a outra tipologia mais difícil de diferenciar e menos objectiva, dificultando a prevenção e a actuação, se não forem denunciados (Morais, 2001). Muitas vítimas, são coagidas a ficar no silêncio, quando a infância lhes foi roubada, com medo das implicações morais, afectivas e punitivas ligadas ao prestar declarações e ao registo do problema, por isto torna-se impossível prever a amplitude real do problema.

Heterogeneidade do conceito de maus tratos:

Segundo os autores Aber e Zigler (1981), Cicchetti e Barnett (1991), a heterogeneidade deste fenómeno, respeita várias dimensões, tais como a noção de maus tratos, de critérios de classificação, dos diferentes níveis profissionais que se relacionam com os maus tratos, e por fim da causa e das suas consequências.

Quanto à *heterogeneidade da noção*: dá-se em 1962 pela investigação de Kempe e colaboradores, com impacto positivo dada a origem da expressão “síndroma das crianças batidas”, destacando os maus tratos físicos, não deixando lugar a outros tipos.

Quanto à *heterogeneidade de critérios de classificação:* os maus tratos podem observar-se nas intenções e nas consequências, requerer evidências ou basear-se em suspeitas. Deve-se estabelecer um critério de frequência de ocorrência, distinguindo episódios únicos de comportamentos continuados. A escolha de um critério de classificação em detrimento de outro fará variar completamente, as estatísticas e as conclusões relativamente à etiologia e à intervenção. Segundo os autores Aber e Zigler em 1981, distinguiram 4 tipos de enfoque: o médico, o legislativo, o sociológico e a investigação. Contudo, a estes quatro níveis poderão juntar-se mais dois: o psicológico e a intervenção social. O problema é abordado de diferentes perspectivas, usando os seus próprios critérios de classificação, procedimentos de detecção do problema e colocando especial ênfase num

ou noutro aspecto. Para estes autores, cada profissional tem a sua personalidade, o seu código, o seu *ethos* e age inevitavelmente de acordo com a sua sensibilidade e ideologia.

A *heterogeneidade das causas e das suas consequên*cias segundo os autores Cicchetti e Rizley (1981), as primeiras investigações eram todas elas centradas numa vertente mais clínica, tanto no que se refere à designação de maus tratos físicos, como no que achavam ser as causas que os originavam (as características psicopatológicas dos indivíduos maltratantes). Por exemplo, a visão clínica, defendia que os maus tratos não estavam relacionados com o estratos sociais, enquanto que a visão sociológica ressalta que a pobreza em si mesma já pode ser geradora de tensões que poderão levar aos maus tratos (Pelton, 1978). A definição heterogénea dos maus tratos tem uma vantagem que permite diferenciar o que existe de comum em diferentes situações, formando padrões, correndo o risco que se possa perder a heterogeneidade do ponto de partida do problema.

A transmissão intergeracional da violência perpetua-se dependendo de variáveis como: a tipologia do maltrato, o relacionamento, o suporte social da vítima, os aspectos emocionais e cognitivos, os factores stressantes vivenciados pela vítima. Em seguida irei descriminar o mau trato por tipologia tendo em conta as suas particularidades.

1. Indicadores de mau trato por tipologia

O mau trato infantil tem a particularidade de acontecer essencialmente num contexto privado, difícil de ser observado fora do núcleo familiar, quando ocorre. Daí que a primeira premissa para actuar, é de facto que alguém se aperceba de que está a ocorrer uma situação de desprotecção (Arruabarrena & De Paúl, 2001). A identificação precoce do problema nos primeiros momentos em que ele surge, constitui desde logo um factor que contribui para um melhor prognóstico, uma intervenção de sucesso e para que se trave o aumento da gravidade do mau trato. À medida que a desprotecção se torna crónica diminuem as possibilidades de reabilitar a família e de ajudar a criança.

A importância da detecção e do diagnóstico dos maus tratos exige um conhecimento dos factores envolvidos em cada tipologia e da relativa influência individual de cada um, pois é a interacção múltipla e dinâmica de vários factores, nos vários contextos, que pode gerar as situações de abuso. É a frequência e a intensidade de um ou vários factores associados que pode alertar para a eventual possibilidade de estar-se perante uma situação desse tipo, só um estudo cuidado e meticuloso junto da criança/adolescente poderá diagnosticar as consequências e os efeitos mais prejudiciais.

As crianças vítimas de maus-tratos apresentam uma série de indicadores físicos e comportamentais para existir algum tipo de abuso, como também são conhecidos alguns dos indicadores comportamentais dos prestadores de cuidados das crianças abusadas.

Os *indicadores físicos* são facilmente notados por observação directa. Sendo que no caso de maltrato físico e de negligência, os efeitos físicos são muito evidentes, expressa através de marcas corporais, lesões, sintomas de desnutrição e de falta de cuidados básicos, entre muitos outros factores. Observa no caso de abuso sexual, os indicadores físicos não são tão evidentes na generalidade das situações. A confirmação deste tipo de mau trato, é possível apenas nos casos de abuso com violência física onde houve penetração vaginal ou rectal e nalguns casos violência excessiva infligida contra a criança.

O mau trato psicológico ou emocional, raras vezes se manifesta fisicamente, salientando nestes casos os atrasos no desenvolvimento psicomotor das crianças mais pequenas, dificuldades no relacionamento com pares e adultos, fracos resultados escolares, alterações na comunicação verbal, entre outras consequências.

Os *indicadores comportamentais*, que surgem acompanhados ou não, de manifestações, têm uma particular importância na detecção da situação de mau trato, dado que são muitas vezes a única expressão de sofrimento da criança ou do adolescente. Estas manifestações são particularmente significativas, antes dos 3 anos (Espinosa, Carretero, Fernández, Blandón & García, 1995), em que estes comportamentos podem surgir inesperadamente, parecendo haver uma mudança brusca na forma de estar da criança.

Os *indicadores comportamentais de atitude dos pais* constituem outro aspecto essencial na identificação precoce de alguns tipos de maus tratos. Consideram os vários autores (Espinosa et al., 1995), que a existência simultânea dos três indicadores referidos, permite a detecção de maus tratos, constituindo um ponto de partida para a intervenção dos profissionais nesta matéria. Contudo, não existe uma relação de causalidade linear entre o sintoma e a existência absoluta do mau trato para qual ele aponta.

Os indicadores que a seguir vou explanar por tipologia, são apenas alguns dos mais referenciados na actual literatura, e que ainda que o meu trabalho se centre apenas nos maus tratos físicos, pretendem constituir um alerta para a eventual situação de desprotecção em que algumas crianças/adolescentes se encontram. Os indicadores que a seguir se apresentam por tipologia, são os referidos por alguns autores (Espinosa et al, 1995 & Huertas et al., 2000).

a) Indicadores de mau trato físico:

✓ Indicadores físicos na criança:

- Contusões ou feridas: no rosto (em diferentes fases de cicatrização); em zonas extensas do tronco, das nádegas ou coxas: com marcas de acordo com o objecto agressor.
- Queimaduras: de cigarros em zonas como as mãos, os pés, nádegas ou genitais, indicando imersão em líquido quente; nos membros superiores e inferiores; com objectos que deixam uma marca característica (e.g., ferro de passar a roupa, estatueta).
- Fracturas simples no crânio, nariz ou maxilar, membros superiores e inferiores, (em diversas fases de cicatrização) e fracturas múltiplas (de acordo com o estadio).
- Lesões Externas (e.g. mordeduras e lesões abdominais: tumefacção e dor) e internas.
- Asfixia ou afogamento.

✓ Indicadores comportamentais na criança:

- Cauteloso no contacto físico com os adultos (e.g. chora), ou renitente no regresso a casa após o término das actividades lectivas.
- Apreensivo perante o choro de crianças.
- Binómio comportamental: agressividade vs afastamento (isolamento).
- Apesar das dificuldades de expressão manifesta, perante educadores/professores, sinais indicadores de maus tratos.

✓ Indicadores comportamentais/atitudes do(s) cuidador(es):

- Foi vítima de mau trato na sua infância.
- Usa uma disciplina severa desadequada para a idade da criança, para a falta cometida.
- Justifica as lesões provocadas, com explicações incoerentes ou não as justifica.
- Despreocupado (desadequadamente) face às queixas da criança.
- Percepciona a criança de maneira negativa (e.g.: como má ou perversa).
- Psicótico ou psicopata.
- Abusa de álcool ou outras substâncias nocivas.
- Tenta ocultar a lesão ou proteger a identidade do responsável pela mesma.

b) Indicadores de mau trato psicológico/emocional:

O mau trato emocional apesar de ser menos perceptível, que outras formas de abuso, pode ser indicado através de condutas quer da criança quer do seu cuidador.

- ✓ Indicadores físicos na criança:
- Nos bebés: "*nanismo psico-social*". Atraso no crescimento (baixa estatura e membros curtos); crânio e face maiores em relação à idade; pele fria e suja; emagrecimento e desnutrição; cabelos frágeis e ralos.
- Nas crianças: atrasos no desenvolvimento físico e perturbações de linguagem.

- ✓ Indicadores comportamentais na criança:
- Inibição da brincadeira com/sem isolamento;
- Binómio comportamental: excessivamente complacente, passiva ou pouco exigente vs agressiva, exigente ou irritada.
- Revela condutas adaptativas, demasiado adultas (desempenhar o papel de pai de outras crianças) ou demasiado infantis (agitação constante, chuchar no dedo, enurese).
- Atrasos no desenvolvimento físico, emocional e intelectual.
- Ideação suicida e tentativa de suicídio.

- ✓ Indicadores comportamentais/atitudes do(s) cuidador(es):
- Culpabiliza ou despreza a criança, tendo uma postura fria/distante para com a mesma.
- Nega afecto à criança, tratando os irmãos de forma diferente.
- Parece não preocupar-se com os problemas da criança.

c) Indicadores de negligência/abandono físico:

- ✓ Indicadores físicos na criança:
- Pouca higiene, fome, vestida desadequadamente.
- Cansaço ou apatia permanentes.
- Feridas não curadas ou infectadas provocadas pela ausência de cuidados básicos (médicos e de higiene).

- ✓ Indicadores comportamentais na criança:
- Pratica acções desviantes, (vandalismo, prostituição, consumo de drogas e álcool).
- Pede ou rouba comida.

- Devido às responsabilidades desadequadas à sua idade, adormece durante as aulas e/ou não cumpre horários escolares. Pode até ocorrer abstinência escolar.

✓ Indicadores comportamentais/atitudes do(s) cuidador(es):

- Abusa de drogas ou álcool.
- A vida em casa é caótica e disfuncional.
- Mostra evidências de apatia ou inutilidade.
- É portador de doença crónica, deficiência mental ou baixo nível intelectual.
- Foi negligenciado na sua infância.
- Falta de supervisão, especialmente quando a criança está a realizar acções perigosas ou é deixada sozinha durante largos períodos de tempo.

d) Indicadores de abuso sexual:

✓ Indicadores físicos na criança:

- Dificuldades em andar ou sentar, por queixas de dor ou ardor na zona genital.
- Roupa interior rasgada, manchada ou ensanguentada.
- Contusões ou sangue pisado nos genitais externos, zona vaginal ou anal.
- Tem uma doença venérea.
- Gravidez, especialmente no início da adolescência.

✓ Indicadores comportamentais na criança:

- Pode ser reservada, distante, portadora de algum atraso ou apresentar fantasias e condutas infantis inapropriadas à sua idade.
- No campo sexual: interesse pelos seus órgãos sexuais ou dos outros de forma incomum; interacção sexual com os seus pares desadequada à idade; masturbação excessiva; agressão sexual a crianças mais pequenas; confusão quanto à sua orientação sexual; conhecimentos e interesse sexual desadequado; condutas sedutoras com adultos.
- Tem escassas relações com os seus companheiros (parte relacional afectada).
- Recusa-se a mudar de roupa para fazer ginástica, colocando dificuldades para participar nas actividades físicas.
- Comete acções delituosas ou fugas.
- Diz ter sido abusada por um dos pais ou cuidador.
- Medos (nomeadamente de pessoas do mesmo sexo que o agressor), fobias, pesadelos.

- Comportamento submisso, de inferioridade, ou de controlo excessivo.
- Depressão, choros sem motivo aparente.
- Enurese, encoprese.

✓ Indicadores comportamentais mais comuns no adolescente:

- Condutas desviantes, auto-agressivas (tentativas de suicídio) ou de fuga.
- Consumo de álcool ou de drogas.
- Transtornos alimentares (bulimia ou anorexia) e transtornos afectivos.
- Dificuldade de concentração, atenção e memória.

✓ Indicadores comportamentais e de atitude do(s) pai(s) (ou de outro cuidador):

- Extremamente protector ou zeloso pela criança.
- Envolve a criança em actos sexuais ou de prostituição na presença de outrem.
- Sofreu abuso sexual na sua infância.
- Experimenta dificuldades matrimoniais.
- Abusa de drogas ou álcool.
- Está frequentemente ausente de casa.

2. Outros tipos de mau trato.

O conceito de mau trato é definido como toda a acção ou omissão propositada, que compromete a segurança e bem-estar da criança e impede o seu normal funcionamento e desenvolvimento físico e psicológico, que abrange um conjunto de situações de gravidade variável (Grilo, 2004). Existem muitas acções ou omissões, que envolvem directa ou indirectamente, as crianças e adolescentes, e lhes causam danos. Como por exemplo, a amplitude do mau trato podem referir-se os seguintes aspectos: a programação televisiva com horários e conteúdos inadequados para as crianças; a utilização de transporte escolar pelos estabelecimentos educativos sem condições de segurança, onde as crianças pequenas viajam sem cinto para de algum modo as proteger; a confecção de roupa com desenho anatomicamente desaconselhado para estas; o uso de crianças em práticas religiosas inapropriadas e em rituais satânicos, etc. Em seguida, serão retratados de uma forma geral, alguns exemplos, que devido á sua singularidade mas também á sua pertinência, são também referenciados aqui.

2.1. Síndrome de *Munchausen* por procuração.

O síndrome de *Munchausen* por procuração é definido como “as situações em que o pai ou mãe submete a criança a sucessivos internamentos e exames médicos alegando sintomas físicos patológicos e fictícios ou gerados de maneira activa pelo próprio pai ou mãe”.Segundo Meadow, (cit. in Grilo, 2004), refere existir nas crianças um comportamento semelhante a este síndrome, dando-lhe a designação de “síndrome de *Munchausen* por procuração”. Nesta situação a criança é sujeita a internamentos e intervenções médicas na sequência da invenção de uma doença e consequente simulação de sintomas, por parte dos cuidadores (González, 2000).

O diagnóstico precoce destes casos não é fácil, por vezes só após muitos exames e observação atenta a vários indícios é que pode concluir-se que estamos na presença desta forma camuflada de violência, que também é por si só uma forma de violência.

Espinosa et al., (1995), enumera alguns aspectos:

- Os sintomas clínicos nas crianças são persistentes e de difícil explicação etiológica.
- Não existe concordância entre a história clínica e as suas manifestações.
- A sintomatologia da criança só se verifica em contacto com a família, uma vez afastada, as manifestações clínicas têm tendência a desaparecer.
- As terapêuticas habitualmente eficazes, não resultam nestes casos.
- A família apresenta frequentemente: nível intelectual ou profissional médio-alto; efectuam as visitas; cooperação; dificuldades conjugais.

As manifestações clínicas podem ser manipuladas, por exemplo: acrescentando pintura ou colorantes a amostras orgânicas para simular doenças; manipulação do termómetro para aparentar febre; simulação de hemorragias juntando sangue menstrual da mãe, a amostras para a análise laboratorial; simulação de lesões cutâneas por raspagem da pele; intoxicações provocadas por ingestão forçada de fármacos, entre outras.

2.2. Mau trato pré-natal.

Este tipo de mau trato inclui as situações que por acção ou omissão, põem em causa ou risco, o desenvolvimento e bem-estar do feto, causando-lhe prejuízos imediatos e posteriormente ao bebé. Tudo o que perturba as condições de vida da mãe grávida influencia o feto e o seu desenvolvimento a vários níveis. Se a grávida está desnutrida, consome substâncias tóxicas, é vítima de violência doméstica, auto-mutila-se ou está isolada sem qualquer suporte afectivo e social, entre outros, pode dizer-se que a sua situação de

vulnerabilidade afecta igualmente o seu bebé. Alguns efeitos nocivos podem ser o nascer com atraso de desenvolvimento, com padrões neurológicos alterados, com síndrome fetal-álcoolico, com síndrome de abstinência nos casos de mães toxicodependentes. Sabe-se que o consumo de estupefacientes, (e.g. heroína e cocaína) atravessam a placenta e afectam o desenvolvimento do feto produzindo sequelas do foro neurológico. Também o abuso do álcool, causa embriofetopatia que, entre outras manifestações, se traduz em atraso mental e síndrome fetal-alcoólico. (Grilo, 2004).

2.3. A exploração e trabalho infantil

Segundo Grilo (2004), refere-se às situações em que a criança é colocada numa situação de trabalho que excede a suas capacidades, não é adequado à sua idade e tem carácter obrigatório. O trabalho infantil interfere nas actividades que são próprias da sua idade e visa obter benefícios económicos para uso doméstico, ou outro, prejudica o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Espinosa et al., (1995) distingue este tipo de mau trato em três situações distintas:

- Em meio rural, onde as crianças ajudam a família nas actividades do campo, deixando de lado a frequência da escola e as brincadeiras entre pares.
- No meio urbano, onde as crianças ajudam a família com precariedade económica, nas actividades de recolha de material descartável, da sucata, do papelão, deixando de lado a frequência da escola e as brincadeiras.
- O uso de crianças, sem idade legal para exercer actividade laboral, no mercado de trabalho em empresas que beneficiam ilegalmente com a situação de exploração.

A *mendicidade infantil* é outra forma de exploração laboral dado que a criança, sozinha ou acompanhada, pede dinheiro na rua para entregar à sua família e a redes.

2.4. O mau trato institucional

Segundo Roig & Marín (1989, cit. in Grilo, 2004), é definido como "qualquer legislação, programa, procedimento, actuação ou omissão procedente dos poderes públicos ou derivada da actuação individual do profissional ou funcionário, que comporte abuso, negligência, detrimento da saúde, da segurança, do estado emocional, do bem-estar físico, de um correcto desenvolvimento, ou algo que viole os direitos básicos da criança e/ou infância" (in Ariés, 1988, p.122). A satisfação das necessidades da criança não se confina apenas à

família mas a outros contextos, que a par da mesma, também interferem no desenvolvimento, na auto-estima, na auto-confiança e na estruturação da sua personalidade, etc. A não detecção de maus tratos quando eles ocorrem, a ausência ou inadequação da intervenção, também está compreendida dentro deste tipo de mau. O conhecimento destas situações obriga-nos a uma reflexão e a uma intervenção que vise a prevenção de situações maltratantes a que muitas crianças estão sujeitas diariamente. Outros indícios detectados e que devem servir de alerta para o aumento da vigilância sobre a criança, segundo a Morais (2001), são:

a) Diversidade de lesões sem a mesma origem temporal.
b) A evolução favorável durante o período de internamento, ou hospitalização e a recaída quando a criança, regressa a casa.

O diagnóstico confirma-se com radiografias específicas, e com entrevistas psicológicas à família. Um dos problemas sociais da criança é a necessidade desta ter que ser separada da família, para evitar a repetição de lesões ou que seja morta.

As *sequelas psicológicas* ajustam-se aos seguintes quadros:

1) A criança liga-se indiscriminadamente a qualquer pessoa que se aproxima dela.
2) Retribui toda a aproximação por meio de nova agressão.
3) Desenvolve uma maneira sadomasoquista de se relacionar com o mundo.

As *características epidemiológicas* incluem 3 elementos importantes que nos dão a conhecer o risco de morte, da criança em causa:

a) Os agentes potenciais dos maus tratos;
b) As peculiaridades do desenvolvimento da criança;
c) As circunstâncias próprias da crise determinante.

Em relação aos potenciais agressores, as investigações revelam que eles convivem na sua maioria, no mesmo lugar do que a criança e na sua maioria partem de um desajustamento psico-emocional manifesto. Contudo, não existe uma categoria comum de diagnóstico psiquiátrico em que se possam classificar os pais maltratantes. O primeiro contacto, é estabelecido pelos pediatras (por regra geral), logo é muito importante que tenham conhecimento dos quadros psicodinâmicos, para que consigam colocar questões adequadas às famílias, sempre que uma criança traumatizada entra num hospital. Estes quadros baseiam-se numa disposição psicológica especial do progenitor, que avaliado na interacção progenitor-filho, constata-se que os maus-tratos tendem a reproduzir-se e que se caracteriza pela inversão de papéis.

Etiologia dos maus tratos a crianças e jovens.

Para se prevenir e actuar no tratamento dos agredidos/agressores é necessário um profundo conhecimento da etiologia da violência, que potencia e mantêm cada uma das situações de maus tratos. Promover a sua erradicação através de programas e medidas, é um dever dos profissionais que trabalham neste âmbito mas também dos autores dos estudos de investigação sobre o tema.

Como nos indica Grilo (2004), os seguintes programas a implementar no âmbito dos sistemas de protecção à infância, devem ter as seguintes bases de conduta:

- Programas dirigidos ao tratamento dos agressores;
- Intervir, encaminhar e integrar as vítimas para contextos alternativos, familiares ou institucionais, estabelecendo laços afectivos que reabilitem os danos causados;
- Serem de prevenção, com vista à redução e erradicação das condições de risco e promoção de condições de protecção que impeçam reincidência e a perpetuação.

É urgente possuir um quadro conceptual teórico suficientemente sólido e consistente sobre as causas de cada uma das situações em estudo, para melhor compreensão e intervenção. Citando Calheiros e Monteiro (2001, p.117), prende-se com o "poderem predizer e implementar estratégias de prevenção e de intervenção ao nível dos indivíduos, das famílias e da comunidade, assim como para poderem contribuir para delinear políticas sociais de segurança e de saúde", para que não se remende o problema e se actue sobre as verdadeiras causas. Ochotorena (2001) sublinha os seguintes princípios primordiais a ter em conta, numa intervenção deste tipo:

1. Os programas de intervenção ainda não dispõem, de um conhecimento teórico vasto sobre a etiologia dos maus tratos de forma a garantir a sua eficácia;
2. Todas as acções que se realizam sobre este tema contribuem para aumentar o conhecimento sobre as causas e incidência dos diferentes tipos de maus tratos;
3. Os programas e a intervenção nesta área deverão ser flexíveis, para que através dos estudos efectuados, se adequarem progressivamente, corrigindo e modificando;
4. Tal como em relação aos maus tratos às crianças houve uma evolução do senso comum ao conhecimento científico e teórico sistematizado. Também em relação ao tratamento e prevenção é necessária uma validação científica das práticas.

Breve perspectiva histórica dos enfoques explicativos - Maus tratos a crianças.

Segundo Ochotorena (2001), não se pode falar em causas de maus tratos na generalidade, uma vez que não existe uma etiologia exclusiva às várias formas de mau trato. Por exemplo, a causa que está na origem de um indivíduo que perde o controlo sobre os seus impulsos agressivos não é a mesma, do que um indivíduo que não consegue prestar os cuidados primários adequados ao seu filho, ainda que neste exemplo exista factores comuns, como o alcoolismo e a debilidade mental. No entanto, os processos que conduzem a cada uma das respostas ao meio são diferentes. Existe nas diversas tipologias um determinante que as rege, embora haja um conjunto de factores que habitualmente estão presentes em qualquer dos tipos anteriormente referidos (Palacios, Moreno & Jiménez, 1995), tendo sempre em conta, qual o factor de mais relevância para cada caso.

Actualmente o conceito de maus tratos é mais abrangente e integra o maltrato psicológico, cuja detecção exige o conhecimento das condições de desenvolvimento e crescimento a preservar, para que as crianças vivam seguras e em contextos de qualidade. Seguidamente irei expor alguns dos modelos explicativos das etiologias dos maus tratos na infância, desde o enfoque clínico até ao ecológico, dando ênfase ainda que de forma sintética, do estado actual do conhecimento sobre este fenómeno.

a) Enfoque clínico-psiquiátrico.

Após os primeiros trabalhos publicados de Kempe et al. (1962, citado por Grilo, 2004), surgiram várias tentativas de explicação de maus tratos que relacionavam a prática de maus tratos com a existência de transtornos de personalidade dos pais maltratantes.

Das primeiras investigações levadas a cabo por vários autores que tinham como base este enfoque, verificou-se o seguinte:

- Alguns indivíduos maltratantes têm sintomas depressivos, baixos níveis de auto-estima e elevada ansiedade (Kaplan et al., 1983; Estroff et al., 1984; cit. por Morais, 2001).
- Observou-se serem indivíduos com tendência à impulsividade, incapazes de antecipar as consequências dos seus actos e baixa tolerância à frustração (Geen, s/ data).
- Revelam dificuldade na resolução dos problemas do quotidiano, centrando-se essencialmente nos aspectos emocionais.
- A capacidade de empatizar também parece estar alterada (Morais, 2001).
- Para Reid, Kavanagh & Baldwin (1987), os pais maltratantes manifestam percepções e expectativas do comportamento das crianças inadequadas, e são frequentemente imaturos.

- Muitos pais maltratantes sofrem abusos na infância, ocorre transmissão trangeracional do maltrato infantil (Kaufman & Zigler, 1987; Widom, 1989, citado por Grilol., 2004).

Sem dúvida que existem indivíduos maltratantes com traços patológicos, mas não é exclusiva a explicação do fenómeno com base apenas nesses factores (Palacios, Moreno & Jiménez, 1995). Por outro lado, há indivíduos que maltratam não sofrendo de patologia e indivíduos com patologias claramente diagnosticadas que nunca infligiram maus tratos aos seus filhos. Há estudos que mostram que certas características de personalidade dos pais estão associados aos maus tratos a crianças, mas há igualmente outros estudos que indicam ausência de tal relação (Belsky, 1993; Palacios et al., 1995).

b) Enfoque Social

O enfoque nas condições económicas, sociais e organizacionais como sendo as responsáveis por situações de alto nível de stress impeditivas de um desenvolvimento equilibrado dos indivíduos, é introduzido por Gil (1970, citado por Ochotorena & Madariaga, 2001). Este foi promotor do modelo sociológico que era igualmente radical em relação ao anterior, na tentativa de explicação dos maus tratos à infância.

Chegam-se às seguintes conclusões acerca desta abordagem sociológica:

- Muitas das investigações, surgem associadas a classes sociais baixas e muito precárias. Contudo, Paúl (1988) e Inglés (1991), citado por Morago et al. (1995) acham que a questão está sobrevalorizada, dado que são as classes que mais recorrem aos serviços sociais.
- Nos casos de crianças maltratadas pelas próprias mães, salientam-se as que estão associadas a instabilidade conjugal e a mães solteiras, que sozinhas cuidam dos seus filhos.
- O desemprego, a instabilidade laboral ou mesmo a insatisfação no trabalho são relacionados com os casos de maus tratos (Belsky, 1984).
- Relacionam também com maior frequência, a ocorrência de maus tratos em casos de elevado número de filhos e de isolamento social.

Segundo um estudo de Garbarino & Kostelny (1992), com o objectivo de definir zonas geográficas de alto e baixo risco relativamente à ocorrência de maus tratos, analisou-se a relação entre as condições socioeconómicas de determinados ambientes socialmente empobrecidos e a ocorrência de maus tratos nessas mesmas zonas. Este estudo registou comportamentos de maus tratos em vários momentos e ao longo de vários anos. Analisou os critérios que definiram uma zona social pobre, comparando depois a frequência de casos de

maus tratos observados com os esperados, isto para cada uma das zonas estudadas. Os resultados apontaram para uma associação entre mau trato e stress socioeconómico.

c) Enfoque centrado na vulnerabilidade da criança.

Estudos actuais (Calheiros & Monteiro, 2001), confirmam que as variáveis da criança têm um papel importante nas práticas abusivas levadas a cabo por alguns pais. Outras investigações sobre as características das crianças, referem algumas das principais variáveis que são, o sexo, a idade, as questões do desenvolvimento ligadas à saúde (Zigler & Hall, 1989; Belsky, 1995), o aproveitamento escolar (Belsky, 1980, 1995;Boom & Hoekbma, 1994), entre muitas outras. Os resultados desses estudos apontam não haver diferenças na incidência dos maus tratos, em função do sexo na infância. Estudos portugueses relativamente recentes, demonstram existir um número conhecido cada vez maior de crianças com idades superiores a 6, 7 anos de idade e mesmo em adolescentes, que são marcadamente vítimas de maus tratos (Almeida e tal., 1995; Canha, 2000). Nos anos oitenta estudos realizados, (Wasserman & Allen, 1985; Creighton, 1985; Trickett & Kuczinsky, 1986, citado por Morago et al., 1995) vêm revelar que crianças com problemas de saúde, portadoras de deficiência e nascidas prematuramente têm mais probabilidade de serem sujeitas a maus tratos do que as crianças sem este tipo de problemas.

d) Enfoque Ecológico

Cada um dos enfoques já referidos, defende uma causalidade linear, mas tendo em conta a heterogeneidade e complexidade do conceito de maus tratos é bastante redutor a análise à luz de modelos mono causais e unidireccionais. Mais frequentemente se recorre aos modelos interaccionistas, de causalidade múltipla e concorrente, para a compreensão da etiologia deste fenómeno (Palacios et al., 1995). Surgem com Wolfe (1987), os primeiros modelos multidimensionais que pretendem integrar os aspectos psiquiátricos e psicológicos sem esquecer os aspectos sociais, culturais e ambientais. Há várias versões destes modelos, tais como o modelo transaccional de Cichetti & Barnett (1991), o modelo evolutivo – ecológico de Belsky (1980; 1993; 1995). Estes modelos de matriz ecológica e transaccional centram os estudos nas características dos sistemas em que as crianças e respectivas famílias estão inseridas, bem como tendo em igual conta os factores psicológicos, sociais e culturais (Calheiros & Benedita, 2001), enfatizando a criança, a família e o meio como sistemas activos, dinâmicos e que interagem. As abordagens integrativas recentemente aplicadas à compreensão das várias tipologias dos maus tratos salientam a importância de inúmeros

factores organizados em diferentes subsistemas, que vão desde o nível ontogenético até ao macrossistémico

O modelo ecológico sustenta que o desenvolvimento humano é influenciado pelas características específicas dos comportamentos e atitudes presentes nos contextos sociais a que o indivíduo pertence e pelas suas interacções, quantitativas e qualitativas, dos mesmos (Brofenbrenner, 1979; 1988). A teoria ecológica defende a importância das influências múltiplas no desenvolvimento e comportamento dos indivíduos, tais como as relacionadas com o funcionamento familiar, as características sociológicas do meio onde a família reside, o impacto das relações estabelecidas com a própria vizinhança, entre muitas outras.

Brofenbrenner (1979), defende que os comportamentos não são independentes dos contextos em que ocorrem não podendo, desse modo, ser perspectivados e compreendidos isoladamente e de forma linear. Este autor, conceptualiza os contextos como factores do desenvolvimento, operacionalizando-os como um sistema de estruturas concêntricas que vão influenciar de forma diferente o desenvolvimento da criança. É necessário analisar os diferentes contextos de vida do indivíduo, estando este no centro de um sistema ecológico, que apresenta uma complexa rede de inter-relações que se estabelecem entre múltiplas variáveis dos contextos próximos aos mais alargados em que se que inserem.

Este modelo tem um carácter integrador dado que estabelece a existência de níveis de influência que interagem mutuamente: micro, macro e exosistemas, ou seja, os três espaços ecológicos de Brofenbrenner (1979). Segundo Belsky (1980), a integração e a interacção das variáveis daqueles diferentes níveis, em cada caso concreto, constituiriam o aspecto essencial da explicação dos maus tratos. Belsky (1980; 1993; 1995), partindo dos espaços ecológicos defendidos por Brofenbrenner, propõe quatro níveis interactivos que respeitam a diferentes áreas de influência: o nível de desenvolvimento ontogenético; o microsistema; o exosistema e o macrosistema.

O nível ontogenético refere-se ao contexto de desenvolvimento psicológico, integrando a contribuição dos pais e da criança. Na generalidade a tudo o que está relacionado com o processo evolutivo individual e que integra a sua história pessoal, a relação com os seus pais, os cuidados e atenção recebidos enquanto criança, a sua estrutura de personalidade.

O nível microsistémico refere-se ao contexto imediato no qual se produz o mau trato e integra as características psicológicas e comportamentais de cada membro da família. Neste nível inclui-se o relacionamento e dinâmica conjugal e a interacção dos pais com os filhos, onde pode haver ocorrência dos maus tratos. Dos pais salientam-se atributos como a fraca capacidade empática, a baixa tolerância ao stress, estados depressivos, alterações de

personalidade. No âmbito relacional o desajuste matrimonial e a violência conjugal, entre outros.

O nível exossistémico inclui aspectos da comunidade em que as crianças e famílias estão inseridas. Refere-se às estruturas formais e informais próximas do microssistema familiar e integra todos os aspectos que afectam directamente o indivíduo e a família. Neste nível incluem-se as relações sociais, o relacionamento com familiares e amigos, a redes de suporte social e a situação profissional.

O nível macrossistémico diz respeito aos determinantes culturais e sociais. Representa o conjunto de atitudes, valores, crenças e representações sociais sobre, por exemplo, a paternidade, as crianças e os seus direitos, as normas educativas, a violência, na medida em que inclui as variáveis socioeconómicas, estruturais e psicossociais.

Estes quatro níveis, ou seja, a realidade individual, familiar, social, económica e cultural constituem um sistema composto por subsistemas que interagem entre si de forma dinâmica. As relações que são estabelecidas nos níveis do ecossistema são recíprocas e interdependentes. Assim, qualquer mudança introduzida em qualquer um desses níveis vai interferir, inevitavelmente com os outros.

Para além da conceptualização do modelo sócio-interaccional de Belsky, no inicio da década de oitenta, surge também por essa altura o desenvolvimento do conceito de “factores de risco”. Os seus autores, Cicchetti e Rizley (1981), usando a perspectiva de desenvolvimento transaccional de Sameroff e Chandler (1975), realçam o papel das variáveis contextuais, entendendo o desenvolvimento como o produto das interacções dinâmicas e continuas entre o indivíduo e o meio. Analisam então, as causas do mau trato como expressão duma disfunção no sistema pais/criança/meio, para isso estudam as interacções contínuas e dinâmicas entre a criança, a família e o contexto social e os mecanismos de compensação dos desvios observados nos subsistemas. Cicchetti & Rizley (1981) defendem o modelo transaccional do desenvolvimento, como sendo estrutural, dinâmico e auto-regulado. A evolução dá-se através de reestruturações regulares onde os acontecimentos passados podem ser ultrapassados e integrados em novas aquisições (Calheiros & Monteiro, 2001). Aplicando o modelo transaccional ao estudo do mau trato à criança, há que considerar a existência de factores de risco específicos. Cicchetti & Rizley (1981), classificam os factores de risco consoante o tipo de influência e consoante a influência temporal. Faz-se referência aos factores de ordem passageira ou permanente, flutuante ou constante. As situações de risco (biológico, psicológico ou social), podem então ser potencializadas ou atenuadas, de acordo com as condições desfavoráveis ou favoráveis

presentes nos contextos de vida da criança e de acordo com a especificidade dos factores. A integração dos modelos, ecológico de Belsky e transaccional de Cicchetti e Rizley, define um conjunto de níveis e factores explicativos das práticas parentais abusivas, conduzindo ao modelo ecológico-transaccional (Cicchetti & Lynch, 1993). Este modelo, tem auxiliado as investigações mais actuais sobre a temática dos maus tratos.

Factores de risco, factores de protecção.

O mau trato à infância é uma problemática multicausal, determinado por diversos factores que actuam no indivíduo, na família, na sociedade e na cultura onde ocorre, mas de forma dinâmica e interactiva. Belsky (1980) refere que, para além de conhecimento e identificação dos factores de risco presentes nos quatro níveis do sistema indivíduo-família-sociedade-cultura, há que analisar as suas relações e efeitos interactivos. Segundo Espinosa (1993, 1995), os estudos aprofundados neste contexto, afastam a perspectiva simplista e insuficiente da unicausalidade. Não são factores isolados e por si só que provocam os maus tratos, mas a intercepção de vários, que associados, potenciam e multiplicam o seu efeito (Lynch, 1989, citado por Espinosa et al.).

As situações de maus tratos infligidos às crianças pelos próprios pais, vem evidenciar uma perturbação grave na relação das díades pais/filhos sendo a expressão de um processo desajustado, onde importa analisar a dinâmica que está subjacente a esse processo. Mais do que identificar as causas que desencadeiam esses maus tratos é necessário analisar os factores que influenciam o progressivo desajuste na relação pais-filhos. Por outro lado, as investigações demonstraram que embora o mau trato às crianças aconteça na maioria das sociedades e culturas actuais, as situações que os provocam diferem de cultura para cultura, na medida em que apontam para representações sociais e expectativas diferenciadas (concepção de família, da maternidade, da parentalidade, das concepções e atitudes educativas, entre outras). Em cada tipologia de maus tratos há factores de risco específicos que lhe estão associados. Há igualmente factores transversais comuns às várias tipologias com maior ou menor influência em cada uma. Trigo (1990) procedeu a uma compilação desses factores e categorizou-os em factores individuais, familiares, ambientais e sócio-culturais, que passamos a apresentar tal como descrito em Espinosa et al., (1993, 1995).

- ✓ Factores de risco em cada nível do ecossistema

Nível ontogenético, factores individuais: incluem características individuais das próprias crianças e dos pais que podem desencadear situações de maus tratos, ou seja, factores potencializadores (Grilo, 2004).

1. Características dos pais:
   a) *Características demográficas:* idade; sexo; estatuto sócio-económico (Belsky, 1980); nível de instrução baixo, analfabetismo; pertença a grupos étnicos marginalizados.
   b) *História da criança:* maus tratos; carência afectiva, rejeição emocional; desconcentração grave; desestruturação e ruptura familiar; acolhimento institucional.
   c) *Características relativas à função parental:* inexperiência em cuidar das crianças; paternidade prematura (Beer, 1975); desconhecimento das necessidades psicológicas e de desenvolvimento da criança; atitudes inadequadas relativas à criança e à educação; excesso de actividades sociais e profissionais.
   d) *Personalidade:* isolamento, solidão; impulsividade; falta de auto-controle; baixa tolerância ao stress; fraca capacidade empática; baixa auto-estima; limitações intelectuais moderadas até às mais severas; deficiência mental; perturbações psicopatológicas; escassa tolerância à frustração; falta de confiança no futuro; fanatismo fundamentalista, sectarismo.
   a) *Condutas desviantes:* prostituição; delinquência; proxenetismo; alcoolismo; toxicodependência.

2. Características das crianças:
   a) *Características físicas:* idade; sexo; prematuras ou com baixo peso; com alterações congénitas; com imperfeições físicas ou psíquicas; com padrões alimentares e de sono alterados; com problemas de saúde crónicos que exigem uma permanente atenção; com história recente de doenças graves ou falecimento de irmãos ou outros familiares próximos; que não correspondam às expectativas dos pais.
   b) *Personalidade e conduta:* temperamento difícil; hiperactividade/apatia; desobediência, conduta opositora irritável; dificuldades em responder às iniciativas dos pais; fracasso ao nivele escolar.

Nível microsistémico, factores familiares: perante situações de desequilíbrio familiar acontece que frequentemente a primeira vítima é a criança. Os factores de risco desencadeadores de maus tratos no seio da própria família referem-se à estrutura da mesma, ao seu funcionamento e dinâmica.

1. Estrutura familiar: família numerosa; pequena diferença de idade entre irmãos; muitas crianças pequenas em casa; pais adolescentes; filhos não desejados; família monoparental; falta de um dos pais; pais separados; falta de estabilidade nas relações entre mãe e outros homens que não o pai biológico; falta de apoio da família alargada.

2. Interacção e dinâmica familiar:

a) *Relações familiares:* fraca Integração familiar; violência familiar (discussões e agressões); desajuste do par conjugal; stress permanente; má comunicação; limites e regras familiares inadequação; rupturas repetidas da estrutura familiar; ausências prolongadas de casa.

b) Interacção pais-filhos: separação pais-filhos; estilo disciplinar punitivo; diminuída capacidade para distinguir os sentimentos pais-filhos; carência de vínculos afectivos; baixa quantidade e qualidade das interacções; baixas expectativas, ou exageradas dos pais acerca do rendimento escolar.

Nível exossistémico, factores ambientais:

1- Classe social, trabalho, nível sócio-económico e cultural: desemprego; baixa auto-estima profissional; insatisfação laboral; trabalho da mulher fora de casa; stress laboral.
2- Habitação: falta de habitação; más condições de habitabilidade; aglomerado.
3- Rede social (Kempe & Kempe, 1969; Garbarino & Gillian, 1980; Musitu 1984): isolamento; escasso suporte ou apoio social; rejeição social.
4- Mobilidade geográfica familiar: emigração; nomadismo; mudanças frequentes de residência.

Nível macrossistémico, factores sócio-culturais: a cultura e as tradições de cada sociedade influenciam num dado momento, a concepção do mau trato infantil e do que parece ser normal ou não, em relação ao bem-estar da criança. A este nível, podem ocorrer problemas que vão actuar como factores de risco nas diversas situações de mau trato. Entre esses problemas, encontram-se os que se seguem:

1-Desenvolvimento económico-social: crise económica; bem-estar social; mobilidade social.

2-Ideologia social: atitudes face à infância, à mulher, à familiar e à paternidade; atitudes face à marginalidade; atitudes face à violência.

Na perspectiva interaccionista, a explicação da etiologia do mau trato encontra-se na interacção dinâmica de vários factores de risco que estão presentes nos vários subsistemas

relacionais. Esta abordagem tenta conciliar as perspectivas do adulto, da criança e do ambiente que a rodeia, no sentido de obter uma compreensão mais abrangente. Segundo Casas (1998), deve ser interpretado como uma questão social, interactiva e dinâmica. Daí que prever possíveis situações de risco, é perspectivar a criança num quadro referencial interactivo e multifactorial, tendo sempre em conta as necessidades da criança e a capacidade das respostas familiares e sociais. Quanto maior a compreensão sobre o conceito de risco, maior a eficácia da prevenção de maus tratos.

- ✓ Factores de protecção

A noção de risco está associada à noção de prevenção, na medida em que visa evitar o aparecimento, a intensificação ou a reincidência das situações problemáticas (Granell, 1986, citado por Casas, 1998). A prevenção tradicionalmente é focada nos aspectos negativos, ou seja, nos factores de risco a erradicar, evitar ou reduzir, mas pode promover os aspectos positivos, ou seja os factores de protecção a desenvolver. Os modelos transaccionais de Cicchetti & Rizley (1981) e de Wolfe (1987, 1991) têm o mérito de conferirem tanto significado aos factores de protecção como aos factores de vulnerabilidade. Estes últimos, podem incluir os mencionados nos vários níveis de análise ecológica e podem ser permanentes ou transitórios. Existem em paralelo aos factores de risco, os factores de protecção que Kaufman & Zigler (1989, citado por Cicchetti & Barnett, 1991) nomeiam e que refiro em seguida.

- Ao nível ontogénico: QI alto; consciência de abuso no passado; história de uma relação positiva com um dos pais; talentos especiais; capacidade de exercer atracção física; competências inter-pessoais.
- Ao nível microsistémico: crianças saudáveis; suporte do outro elemento do casal; segurança económica.
- Ao nível exossistémico: suporte social consciente; poucos eventos stressantes; filiação religiosa que apoia; experiências escolares positivas; relações positivas com os pares; intervenções terapêuticas.
- Ao nível macrosistémico: cultura que promova a partilha de responsabilidades nos cuidados a prestar às crianças da comunidade; cultura oposta à violência; prosperidade económica.

Etiologia do mau trato físico.

As várias definições de mau trato físico determinam explicações etiológicas que incidem em aspectos diferentes e originam estudos de investigação com diferentes enfoques. Azar (1991, citado por Ochotorena 2001), refere as seguintes perspectivas de conceptualização de mau trato físico em particular:

- Como um acto agressivo, entendido à luz de teorias explicativas da agressividade;
- Enquanto problema relaciona-se com a dificuldade de resolução de conflitos, com base em estratégias e na apreensão de modelos educativos adequados;
- Como expressão de problemas no relacionamento interpessoal, que exigiria uma análise das relações entre os vários elementos das famílias em estudo;
- Enquanto consequência educativa exagerada, como estratégia disciplinadora. Pretende-se perceber porque algumas pessoas ultrapassam os limites do tolerável quando aplicam castigo físico e outras não;
- Enquanto expressão de alterações psicopatológicas graves que se manifestam em termos comportamentais.

Os programas e estratégias para recuperação dos indivíduos prendem-se também como se concebe cada indivíduo. Azar (1991, 1991, citado por Ochotorena 2001), salienta as seguintes formas de abordar o indivíduo que maltrata:

- Tem alteração congénita ou adquirida, de foro neuropsicológico ou psiquiátrico impedindo de exercer uma paternidade educativa, relacional, e adequada (Elliot, 1998; Vasta, 1982);
- Apresenta incapacidade de funcionar no quotidiano, adequar estratégias e resolver problemas, devido a falhas na aprendizagem e à ausência de modelos sociais e educativos ao longo da sua vida;
- Ainda que tenha ou não uma deficiência, está inserido num meio social e familiar que se for disruptivo interfere na forma de lidar com as situações da parentalidade.

- Factores de risco associados ao mau trato físico.

A questão essencial do mau trato físico, do ponto de vista etiológico, consiste em analisar as variáveis individuais, familiares e contextuais que fazem surgir padrões interactivos conducentes a esse mau trato (Ochotorena, 2001). Apesar dos inúmeros factores de risco presentes em todos os níveis do ecossistema e evocados a propósito das várias tipologias dos maus tratos, existe alguns mais referidos no estudo das causas do mau trato físico, como é o caso dos que se seguem.

- A transmissão intergeracional e transgeracional

Designa-se comportamento transgeracional às experiências traumáticas vividas pelos progenitores que se reproduzem nas gerações seguintes. As teorias psicodinâmicas explicam os processos intrapsíquicos que estão subjacentes ao relacionamento interpessoal com predomínio do mau trato físico, através da identificação ao agressor, por aprendizagem indirecta, mas também de forma directa através dos resultados que obtém. O mau trato que os pais infligem aos filhos é interpretado como uma repetição da violência a que eles foram sujeitos pelos seus próprios pais, aquando a sua infância (Matos, 1997 citado in Grilo, 2004). Coimbra de Matos (1997, citado in Grilo, 2004) exemplifica do seguinte modo "a criança batida tem medo e obedece; a estratégia agressiva do educador deu resultado – "domesticou" a criança. Como se revelou uma conduta útil, o adulto repete-a. Como a criança experiencia que é batida mas não abandonada (aquilo que mais teme) faz a aprendizagem directa – do masoquismo." (p. 39).

A teoria de vinculação (apego) de Bowlby (1983), também analisa esta transmissão intergeracional com base nos modelos internos de funcionamento. As vivências por parte dos pais maltratantes, enquanto crianças, constituiriam uma predisposição para estes estabelecerem com os filhos uma relação baseada na imagem que têm deles próprios, enquanto crianças. Assim, a ocorrência do mau trato físico centrar-se-ia na própria experiência do indivíduo, enquanto vítima de maus tratos na sua infância.

As teorias da aprendizagem social também referem a transmissão intergeracional dos maus tratos na explicação destes actos, com base na ausência de aprendizagem de padrões educativos alternativos à punição física (Wolfe, 1985). Para as teorias psicodinâmicas e as de aprendizagem social, a transmissão intergeracional como uma repetição do ciclo dos maus tratos nas famílias como uma realidade aceite. O mau trato físico vivido pelos pais seria, então, um factor de risco decisivo no desencadear de comportamentos semelhantes em direcção aos filhos. Perpetuar-se-ia assim, a reprodução dos maus tratos ao longo de várias gerações numa mesma estrutura familiar. Contudo, existem pais que foram maltratados na infância e que não maltratam os seus filhos, rompendo com a transmissão intergeracional. A inexistência de um modelo alternativo ou suporte social consistente torna mais difícil romper, quebrar esse ciclo.

Kaufman & Zigler (1987), realizaram um estudo longitudinal com o objectivo de analisar a importância da transmissão geracional enquanto factor etiológico do mau trato físico. Em 282 pais de crianças recém-nascidas, constataram que 49 desses pais tinham sido maltratados na sua infância. Um ano depois dessa primeira avaliação, 10 dessas crianças tinham sido objecto de maus tratos, 9 pais tinham também sido maltratados na infância. A

análise desses 10 casos aponta para uma taxa de 90% de transmissão intergeracional do mau trato. Porém, na perspectiva dos 49 pais identificados como vítimas na sua infância, só 18% (9 casos) é que reproduziram esse comportamento no primeiro ano de vida dos seus filhos. Conclui-se neste estudo, que foram mais os pais com histórias de maus tratos na sua infância que não reproduziram esse padrão de comportamento nos seus filhos, do que os pais que o repetiram. Também segundo Altemeier e colaboradores (1986), comprovaram através de estudos que a taxa da transmissão intergeracional é baixa. Kaufman e Zigler (1987), estimaram que o peso da transmissão geracional sobre a reprodução de maus tratos físicos é de 30%.

Actualmente, considera-se que o mau trato físico vivido pelos próprios pais na sua infância não é um factor de risco com importância e relevância causal determinante no mau trato infligido às crianças, mas antes um marcador que é detectado quando se estudam as situações de crianças sinalizadas aos serviços com competência nessa matéria. São outros factores de risco associados àqueles que, nas suas interacções particulares, exerceriam uma influência causal no aparecimento e na explicação dos maus tratos físicos (Ochotorena, 2001). Hunter & Kilstrom (1979) salientam, entre outros, que o apoio social que recebem, o desejo de ter filhos, o filho ter nascido saudável, o terem tido uma relação positiva como o progenitor não maltratante, a consciência e oposição à sua experiência do mau trato. Também Egeland, Jacobitz & Sroufe (1988) salientam alguns aspectos como boa relação conjugal, oposição ao facto de ter sido objecto de maus tratos e desejo de não repetir tais comportamentos, ter recebido ajuda psicoterapêutica, bem-estar psicológico actual, baixo nível de stress.

Dos factores que surgem associados à transmissão intergeracional e que, em determinados contextos, podem marcar a diferença salientam-se a existência, ou não, de apoio social, a auto-estima de cada um dos progenitores, as características específicas das crianças, as alterações psicopatológicas, entre outros.

- Ausência de apoio social.

A ausência de uma rede de apoio social que satisfaça as necessidades sociais básicas do indivíduo constitui um factor de risco considerável (Ochotorena, 2001), especialmente quando existe vulnerabilidade física e psicológica. O desejo de afecto, de estima, de segurança, de aprovação, de pertença, entre outras, dão-se através do relacionamento próximo e estreito com as outras pessoas. A afinidade do sujeito à sua rede de suporte social bem como a duração, intensidade e frequência dos contactos fortalecem a capacidade do

indivíduo em lidar com os problemas do dia-a-dia. Segundo Gaudin e Pollane (1983), consideraram que a ausência, durante a infância dos filhos, deste tipo de apoio torna a família mais vulnerável à ocorrência de maus tratos.

- Famílias monoparentais

Uma parte importante das famílias maltratantes são monoparentais e quase todas são mães solteiras, com vários filhos (De Paúl & cols., 1988; Sack & cols., 1985). O risco de mau trato físico nestas famílias parece também estar relacionado com a ausência de apoio social. Estas mães têm de enfrentar sozinhas situações stressantes como a sobrevivência económica, problemas laborais, conflitos familiares, saber lidar adequadamente com os seus filhos. De entre os vários indivíduos que sofreram maus tratos físicos na infância alguns reproduzem esse comportamento e outros não, havendo claramente aspectos que evitam que esses actos ocorram.

- Presença de figura paterna sem relação biológica.

Situações de maus tratos físicos graves são observadas em famílias onde o companheiro da mãe não é o pai biológico das crianças (Krugman, 1985, citado por Ochotorena, 2001). Num estudo de 539 casos, Margolin (1992) identificou 454 filhos de mães solteiras em que a maioria (64%), foram infligidos pelos companheiros, que disponibilizavam pouco tempo para a prestação de cuidados. Os motivos apresentados são a falta de legitimidade do papel parental por parte destes indivíduos, os seus efeitos no relacionamento e na introdução de situações de conflito.

- Alterações psicopatológicas nos pais maltratantes.

As primeiras tentativas explicativas realçavam as alterações do foro psiquiátrico como sendo responsáveis pelos maus tratos físicos, ainda que não significativo do ponto de vista estatístico. Porém, é frequente haver pais maltratantes com mal-estar psicológico generalizado, que revelam menor tolerância face aos comportamentos das crianças e maior probabilidade de terem descargas emocionais de tipo agressivo. De igual modo, as mães que mostram ter mais interacções negativas com os seus filhos, apresentam problemas de tipo depressivo e ansioso (Lahey & cols., 1984, citado por Ochotorena, 2001). Nas mães maltratantes observam-se sentimentos de desvalorização, de inadequação e de baixa auto-estima, que parecem estar relacionados com a falta de prestação de cuidados e de atenção

sofridos na sua infância. Segundo Matos (1997), o estudo psiquiátrico dos pais maltratantes revela, em grande parte, uma imaturidade afectiva e falta de responsabilidade parental, uma porção psicótica da personalidade que os mecanismos de defesa neuróticos não contiveram, e/ou a sua energia agressiva não foi canalizada pelos processos de sublimação. Segundo o autor, outras vezes, existe um núcleo depressivo de tipo melancólico não elaborado manifestado pela inversão sádica sobre o mais fraco. Nos sujeitos maltratantes existe ainda problemas de impulsividade, expressão de cólera, linguagem incoerente (Green & cols., 1980).

- Alcoolismo e toxicodependência

Famularo, Kinscherff e Fenton (1992), verificaram que 38% dos progenitores maltratantes tinham na sua história pessoal, consumo de álcool, em contraste com o grupo de controle que não excedia os 8%. O alcoolismo dos pais tem implicações graves no desenvolvimento dos seus filhos a diversos níveis e durante as várias etapas do crescimento. Interfere negativamente na dinâmica de toda a família, gerando conflitos conjugais e diminuindo a capacidade de concentração parental (Rydelius, 1977). Durante a gravidez, os impactos do consumo de álcool ou de qualquer outra substância tóxica, tem efeitos nocivos no feto e no bebé, causando alterações no seu desenvolvimento e síndromas de privação e abstinência. Igualmente crianças filhas de pais alcoólicos apresentam mais probabilidades, de ter problemas como hiperactividade, falta de concentração, reactividade, impulsividade e ansiedade (Jansen, Fitzgerald, Ham & Zucker, 1995; Johnson & Jacob, 1995, cit. por Hussong, Curran & Chassin, 1998).

- Hiperactividade fisiológica.

Vários estudos de investigação que avaliaram as respostas fisiológicas dos indivíduos a uma série de estímulos relacionados com crianças (Friedrich & cols., 1985; Frodi & Lamb, 1980; Stasiewitz & Lisman, 1989; Wolfe & cols., 1983, citado por Ochotorena, 2001), pressupunha que os sujeitos maltratantes tinham deficits que, na presença de determinadas situações-estimulo, manifestavam uma hiperactividade fisiológica, responsável pelos actos violentos praticados em relação às crianças, ou outros. Alguns resultados evidenciavam a existência de uma maior activação fisiológica nos indivíduos maltratantes, quando estavam perante estímulos infantis stressantes como por exemplo, o choro. Porém, Crowe & Zeskind

(1992), observaram que os indivíduos maltratantes revelam uma alteração emocional e fisiológica mais rápida que o grupo de controlo, mesmo quando os níveis do choro da criança não eram de realçar, ou seja, independentemente do tipo de choro apresentado pela criança pode surgir uma conduta impulsiva e ofensiva excessiva. A maior activação fisiológica de certos sujeitos perante determinados estímulos, constitui um factor de risco nos maus tratos a crianças.

- Etiologia da negligência/abandono físico.

É essencial compreender as causas explicativas da inadequação e incapacidade dos pais em assumirem as suas responsabilidades parentais. Wolfe (1985), salienta que os pais negligentes não parecem ter capacidade de interacção social nem estão atentos às condutas dos filhos. A tentativa de compreensão do abandono físico tem sido analisada à luz do modelo sociológico, que se focaliza nas questões socioeconómicas, sem esquecer as variáveis individuais e familiares.

A ausência de resposta às necessidades da criança faz prever que haja uma síndrome de apatia, traduzido pela incapacidade do indivíduo em satisfazer as necessidades da família, em prestar os cuidados essenciais às crianças, nomeadamente nos aspectos de saúde, e em estabelecer interacções com elas. Wolfe (1985), refere que perante situações difíceis ou stressantes os pais negligentes não reagem com irritação, como acontece com os pais maltratantes físicos, mas sim com comportamento de evitação. Nas mães negligentes as atribuições negativas às crianças são de tipo crónico gerando um único padrão de respostas, seja qual for o comportamento das crianças, por oposição aos pais negligentes, que não alteram os seus comportamentos em função da especificidade das situações. Factor & Wolfe (1989), verificaram que não existia alterações significativas do foro psicopatológico nos pais negligentes e abandónicos. Observaram contudo, dados que sugerem a existência de atraso mental, em que se constatou que 63% das mães negligentes apresentam um coeficiente intelectual inferior a 70 (Estroff & cols., 1984). Apesar de nos casos de negligência existir uma maior prevalência de mães com debilidade mental, também é de realçar que nem todas as mães com atraso mental são negligentes ou maltratam os filhos.

Nesses estudos a grande parte das crianças negligenciadas vive sem os pais, estão confiadas a mães isoladas, sem suporte social e a enfrentar sozinhas uma variedade de problemas de ordem socioeconómica e até de saúde (Mayer et al., 2003). Porém, estudos mais recentes envolvendo as mães e os pais, salientam que a presença do pai, seja biológico ou companheiro da mãe, pode ser um factor de protecção contra os maus tratos físicos e

negligência às crianças (Dubowitz e tal., 2000; Turcotte, Dubeau, Bolté & Paquette, 2001, citado por Mayer et al., 2003). Outros estudos mais aprofundados revelam que os pais nem sempre constituem um apoio significativo às mães negligentes (Polansky et al., 1981) e por vezes até aumentam o risco de maus tratos (Daly & Wilson, 1996, 1999, citado por Mayer et al., 2003). Polansky e colaboradores (1972), descreveu diferentes tipos psicológicos de mães negligentes, tais como: mãe apática, mãe imatura, mãe com atraso mental, mãe com depressão reactiva, mãe psicótica. Este estudo correspondia na época, ao enfoque posto nas características psicológicas dos indivíduos maltratantes como tentativa de explicação dos comportamentos que eles manifestavam junto dos seus filhos. Refere o estudo, que as mães com aquelas tipologias são incapazes de exercer a sua função materna não satisfazendo as necessidades básicas dos seus filhos. Foi ainda referido o isolamento social, a solidão, o sentimento de opressão e emocionalmente sentem-se sozinhas.

Crittenden (1993, citado por Ochotorena, 2001) resume os estudos sobre o tema, com base no modelo de processamento de informação, referindo que os pais negligentes percepcionam e interpretam a realidade de modo diferente do que a maioria dos pais não negligentes, não encontrando no seu próprio reportório condutas de resposta às necessidades apresentadas pelas crianças e se as detectam não as põem em acção.

- Etiologia do abuso sexual.

A compreensão das causas do abuso sexual e consequente intervenção, tem seguido historicamente duas linhas distintas de investigação: uma mais focalizada na família e outra no ofensor.

A perspectiva focalizada na família centra a sua atenção nos casos de incesto, atribuindo o abuso sexual a uma dinâmica distorcida e disfuncional da própria família, onde o(a) filho(a) substituem a mãe enquanto companheira sexual do pai e constituem o terceiro ângulo da tríade incestuosa. Nesta perspectiva o pai é percepcionado como um indivíduo sem responsabilização face às suas próprias condutas e aos seus mecanismos de controlo. Contudo, investigações recentes referem que os abusadores sexuais iniciaram ainda durante a adolescência acções abusivas junto de crianças, numa altura em que ainda não eram pais. Estas constatações relativizam a dinâmica familiar e conjugal como causa determinante daquele abuso.

A perspectiva focalizada no ofensor estuda as características psicológicas e fisiológicas dos abusadores sexuais e analisa o comportamento destes nos contextos institucionais, sem acesso às famílias. Alguns aspectos que são referidos segundo esta perspectiva, é também

estes terem sido alvo de maus tratos e abuso sexual na infância, serem imaturos e terem baixa auto-estima, entre outros. Milner (1990) refere que os abusadores sexuais são indivíduos introvertidos, solitários e sem apoio social.

A longo prazo, os efeitos mais estudados, são as condutas violentas e anti-sociais próximas da delinquência (Cantón & Cortés, 1999, Baumrind, 1994, in Grilo, 2004), as alterações do foro psicopatológico na idade adulta e a diminuição do rendimento intelectual académico na adolescência (Grilo, 2004). Egeland et al., (1988) diz que algumas mães romperam com mais facilidade o ciclo transgeracional pois em determinado momento da vida, estabeleceram um relacionamento positivo, com uma pessoa significativa. Quanto à cognição social, a criança têm mais dificuldade em identificar as emoções e compreender os respectivos papéis sociais, no contexto familiar são pais de si mesmo (higiene, alimentação, etc), tem uma relação de complementaridade e assimetria, dado que tem que lutar pela sua sobrevivência. Cantón & Cortés (1999, cit. in Grilo, 2004), referem que a inversão de papéis com abdicação de ser criança, pode conduzir a uma fraca satisfação relacional, em que a relação entre pares é pouco gratificante, dada a agressividade e isolamento que as caracterizam, têm dificuldade em perceber os sentimentos do outro, defendê-lo e mostrar preocupação perante o seu sofrimento. Através dos processos de identificação, aprendemos a ser, pois o elo social é produto de uma construção, de uma identificação, e a forma como é construído vai determinar o modo como o sujeito se vai representar, e na relação com o outro. Não há uma reprodução de gestos mas uma impregnação, a construção de uma narrativa pessoal, mesmo estando permeada pelos conflitos dos objectos de identificação.

Ocorrem danos graves no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, e o risco de delinquir, ou de se tornar agressor são muito elevadas, cabe aos serviços de protecção à infância, um investimento intenso e adequado nesses âmbitos. Este problema pode ser atenuado e prevenido com perspectivas de defesa social e também na relação terapêutica, com o reforço de vínculos positivos e significativos, que ajudem a desmantelar o trauma precoce e a integrá-lo progressivamente nos processos psicológicos do sujeito, prevenindo o surgimento de mais um agressor.

Carla Machado (1996) defende um modelo integrado de compreensão dos maus tratos numa perspectiva sistémica e multidisciplinar, apesar do contexto se manter positivista (Parke & Lewis, 1981; Bronfenbrenner, 1979; Ochotorena & Madriaga, 1989; Gracia e Musitu, 1993). A família é o 1º ecossistema fundamental, onde a criança desenvolve forças interiores e se defende face aos obstáculos da vida, se falha, perde a base para construir a estrutura (Gomes-Pedro, 1999).

Na presença dos factores de risco já referidos existe maior probabilidade de ocorrer transmissão intergeracional de violência mediada pela identificação ao agressor, que seguidamente veremos explicada.

Teoria: Identificação com o agressor.

Para que se perceba a teoria da identificação com o agressor, é vital que se entenda o conceito de identificação que lhe está inerente. Basear-me-ei numa breve definição retirada do *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1985), tanto para o conceito de identificação bem como para o de identificação ao agressor, que veremos abordado mais à frente. O termo identificação deve ser diferenciado de termos próximos, como incorporação, introjecção e interiorização. Sendo que incorporação e introjecção são protótipos da identificação, ou pelo menos de algumas das suas modalidades em que o processo mental é vivido e simbolizado como uma operação corporal (ingerir, devorar, guardar dentro de si, etc.). É complexa a distinção entre identificação e interiorização porque põe em jogo opções teóricas quanto à natureza daquilo a que o individuo se assimila. De um ponto de vista conceptual podemos dizer que a identificação se faz com objectos, com a pessoa por um lado (assimilação do ego a um ego estranho) ou com as características de uma pessoa por outro (objectos parciais), enquanto que a interiorização é uma relação inter-subjectiva. Para se perceber qual destes dois processos é primacial, pode-se observar que geralmente a identificação de um indivíduo A com um indivíduo B não é global, mas sim *secundum quid,* o que remete para um determinado aspecto da relação com ele - eu não me identifico com o meu patrão, mas com determinada característica dele, por exemplo. Mas por outro lado, a identificação permanece sempre marcada pelos seus protótipos primitivos: a incorporação incide em coisas, pois a relação confunde-se com o objecto em que incarna e o objecto com que a criança mantém uma relação de agressividade torna-se como que substancialmente o mau objecto que é então introjectado. Um facto essencial, é o conjunto de identificações que um indivíduo forma, compondo um sistema relacional coerente, por exemplo, no seio de uma instância como um superego, acham-se exigências diversas conflituais, heteróclitas. Do mesmo modo, o ideal do ego é constituído por identificações com ideais culturais não necessariamente harmonizados entre si. Em 1921, Freud tenta na sua obra " Psicologia das Massas e Análise do Ego", clarificar e conciliar as opiniões que tem sobre a identificação. Nele constam três modalidades, em que em primeiro lugar, a identificação é vista como a forma mais originária do laço afectivo, a um objecto, seja ele qual for; em segundo lugar, pela via regressiva, a identificação torna-se o substituto de um laço objectal libidinal, de

algum modo por introjecção do objecto no Ego, pode nascer o interesse por uma pessoa que não é objecto das suas pulsões sexuais.

No que diz respeito à primeira modalidade, a identificação é como a primeira expressão de um laço afectivo a outra pessoa, desempenhando um papel na pré-história do complexo de Édipo. O menino demonstra um interesse particular pelo seu pai, gostaria de se tornar e de ser como ele, tomar o seu lugar e vê-o como ideal. Mas esta identificação é ambivalente desde o início (por isso está ligado à fase oral à incorporação), e vai-se deparar com a chegada dos desejos incestuosos pela mãe e orientar-se quer para o desejo parricida, quer para uma submissão terna a ele, por inversão do complexo de Édipo, e de identificação com a mãe. No primeiro caso, o pai é aquele que se gostaria de ser, no segundo, aquele que se gostaria de ter. A diferença baseia-se então no laço que assenta no sujeito ou no Ego.

Surge também uma terceira modalidade de identificação, em que essa identificação está na origem do sentimento social, que inicialmente é hostil relativamente a qualquer estranho, vai inverter-se num laço de carácter positivo. Mas para que este processo se dê, é preciso que um laço positivo una as diversas individualidades do grupo social mais chegado, a uma pessoa situada fora do grupo e que se encontre colocada desde logo em posição do ideal do Ego, comum a todos, o "líder".

É na sequência imediata destas reflexões que Freud descreve pela primeira e última vez, a noção de "identificação primária", considerada uma das palavras-chave de toda a teoria freudiana e implica uma cisão originária do Ego de alguma forma, formadora da pessoa. Ela está ligada ao ideal do Ego, sem dúvida que para marcar o "ser como", o "tu deves ser como o teu pai" é a primeira injunção, antes da interdição que caracterizará igualmente o Superego: "tu não tens o direito de ser como ele e fazer tudo quanto ele faz", tornando ambas as premissas ambivalentes. Face ao medo da castração, aquando o limiar do Complexo de Édipo, o rapaz reforça a sua identificação com o pai, pela formação de um "precipitado no Ego", que é portador destas duas injunções contraditórias. O Superego conservará o carácter do pai, segundo Freud, em que a importância da realidade exterior, do ambiente familiar.

Freud (1933, cit. in Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002), completará estas considerações com uma observação que está na origem de tudo o que depois dele foi dito sobre os laços inconscientes, que unem entre si as gerações: " regra geral, os pais e as autoridades que lhes são análogas, seguem na educação da criança prescrições do seu próprio Superego. Qualquer que seja a forma, como o seu Ego conseguiu conciliar-se com o seu próprio Superego, eles são severos e exigentes na educação da criança. Eles esqueceram as dificuldades da sua

própria infância, sentem-se satisfeitos por, presentemente poderem identificar-se plenamente com os seus pais os quais, no seu tempo, lhes impuseram estas pesadas restrições. É assim que o Superego da criança se constrói, de facto segundo o modelo dos pais mas segundo o Superego parental; ele preenche-se com o mesmo conteúdo, torna-se portador da tradição, de todos os valores à prova do tempo que se perpetuaram, desta forma, de geração em geração. […] A humanidade não vive nunca inteiramente no presente; nas ideologias do Superego, o passado continua a viver, a tradição da raça e do povo, que não dá lugar senão lentamente às influências do presente, às novas modificações." (p. 424). Freud deixou a noção de identificação sem limites definidos, aberta a numerosas utilizações teóricas clínicas, de que os seus sucessores não deixaram de usar.

- Após Freud:

As falhas ou imprecisões desta evolução teórica vão determinar as hipóteses dos sucessores de Freud. Alguns autores, preferiram compreender que o Ego era constituído por identificações, dando-lhe um papel de síntese global, que não era o que o autor tinha em mente. Coube-lhe o papel de intermediário entre as diversas instâncias e o mundo exterior, perdendo um pouco os limites e uma constância que serão reencontradas pela criação de noções mais unitárias e sintéticas do Self (Hartmann, s/data; Winnicott, 1975 & Kohut, 1978 cit. in Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002, p. 425-426), da identidade (Erikson, 1968; Mahler, s/data & Jacobson, s/data & Green, 1982 cit. in Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002, p. 429) ou do sujeito (Lacan, 1966 & Aulagnier, 1975 cit. in Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002, p.427, p.432)

Anna Freud: a identificação com o agressor e a projecção.

Segundo o Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis (1985), a definição de identificação com o agressor pode ser descrita como um mecanismo de defesa isolado e descrito por Anna Freud. É formulado pela autora e descrito pela primeira vez no seu livro, *O Ego e os Mecanismos de Defesa* (1996).

Neste mecanismo o indivíduo, confrontado com um perigo exterior (representado tipicamente por uma critica emanada de uma autoridade), identifica-se com o seu agressor, ou assumindo por sua própria conta a agressão enquanto tal, ou imitando física ou moralmente o agressor, ou adoptando certos símbolos de poder que o designam. Segundo Anna Freud, este mecanismo seria predominante na construção da face preliminar do superego, pois a agressão mantém-se então dirigida para o exterior e não se voltou ainda

contra o indivíduo sob a forma de autocrítica. A expressão "identificação com o agressor" não figura nos escritos de Freud, mas houve quem observasse que ele descreveu o seu mecanismo, designadamente a propósito de certas brincadeiras infantis, no capítulo III de Para além do Princípio de Prazer (*1920).*

Ainda neste dicionário consta que, Ferenczi (1932) recorre à expressão "identificação com o agressor", num sentido muito especial: a agressão considerada é o atentado sexual do adulto, vivendo num mundo de paixão e culpabilidade, sobre a criança presumidamente inocente. O comportamento descrito como resultado do medo é uma submissão total à vontade do agressor; a mudança provocada na personalidade é "…a introjecção do sentimento de culpa do adulto". Já Anna Freud vê em acção a identificação com o agressor em contextos variados (agressão física, crítica, etc.) e a identificação pode intervir antes ou depois da agressão temida. O comportamento observado é o resultado de uma inversão de papéis: o agredido faz-se agressor. Os autores que atribuem a este mecanismo um papel importante no desenvolvimento da pessoa apreciam de modo diferente o seu alcance, nomeadamente na constituição do superego. Para Anna Freud, o individuo passa por uma primeira fase em que o conjunto da relação agressiva se inverte: o agressor introjectado, enquanto a pessoa atacada, criticada, culpada, é projectada para o exterior. Só num segundo momento a agressão se voltará para o interior, e a relação é no seu conjunto interiorizada.

Daniel Lagache (1962), prefere situar a identificação com o agressor na origem da formação do ego ideal em que no quadro do conflito de exigências entre a criança e o adulto, o indivíduo identifica-se com o adulto dotado de omnipotência, o que implica o desconhecimento do outro, a sua submissão, a sua abolição. René Spitz, em "O Não e o Sim" (1965), usa muito a noção de identificação com o agressor. Para ele, o retorno da agressão contra o agressor é o mecanismo predominante na aquisição do "não", verbal e gestual, que ele situa por volta do 15º mês.

Impõem-se algumas questões relevantes quando se pensa sobre a identificação ao agressor, são elas: que papel atribuir a este mecanismo no conjunto da teoria analítica? Tratar-se de um mecanismo muito especial ou pelo contrário, virá ele abranger uma parte importante daquilo que habitualmente se descreve como identificação? Designadamente, como virá articular-se com o que é clássico designar por identificação com o rival na situação edipiana? Parece que os autores que colocaram em primeiro plano esta noção não formularam o problema nestes termos. Todavia, é impressionante o facto de as observações relatadas situarem geralmente este mecanismo no quadro de uma relação, não triangular mas dual, que, como muita vezes sublinhou Daniel Lagache (1962), é do fundo sadomasoquista.

É com Anna Freud (1936), que surge a teoria da " identificação com o agressor", como um dos mecanismos de defesa mais poderosos para combater os objectos exteriores, geradores de angústia. Este modelo, em muito se assemelha a manobras de domínio ou controlo que permitem passar de um papel passivo para um papel activo para exorcizar certas experiências traumatizantes: a criança introjecta algo do objecto causador de angústia, o que lhe permite assimilar um acontecimento angustiante sucedido recentemente. É referido que o trauma influi na tendência do ego em estar activo onde antes era passivo e desamparado. Assim fazendo o papel do agressor, com a mesma conduta, ela transforma-se de ameaçada a ameaçante. O conceito de identificação com o agressor é intrínseco à explicação de que crianças maltratadas, tornam-se pais maltratantes, como por exemplo, reféns de terroristas podem também eles adoptar comportamentos dos seus sequestradores (Síndrome de Estocolmo). A identificação com o agressor é uma reacção intrapsíquica que tem em conta modelos reais em resposta a experiências traumáticas reais. Consequências das identificações após trauma podem ser sentimentos de perigo, passividade e desamparo. Para além disso, podem ser adaptáveis ou inadaptáveis, benéficas ou patogénicas, transitórias ou permanentes. Promover a identificação com o agressor pode ser um resultado inevitável do trauma.

A autora diz que existe neste tipo de identificação, uma fase na formação do Superego, uma vez que a criança pode mostrar assim, por exemplo, que interioriza as críticas de outra pessoa, ainda que em alguns casos descritos se trate menos de uma transformação destes em autocríticas do que uma encenação que permite um ataque dirigido para o exterior. "No próprio instante, em que a crítica se interioriza, o delito é lançado para o mundo exterior, o que é o mesmo que dizer que o mecanismo de identificação com o agressor se completa por meio de um processo de defesa, por uma projecção para fora da culpabilidade" (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002, p. 426).

Para Anna Freud (1967), alguns sujeitos estagnam neste estádio intermédio da formação do Superego, sem conseguirem interiorizar este processo. Ainda que alguns se apercebam da sua culpabilidade, eles permanecem, relativamente ao mundo exterior, particularmente agressivos, não filtrando o que é mau e projectando tudo o que é agressivo no exterior, sendo assim que lidam com as coisas. A identificação com o agressor representa portanto igualmente uma fase intermédia na formação dos estados paranóicos, o seu aspecto projectivo dá-nos conta disso, sem esquecer a possibilidade de transformação do afecto (o amor transforma-se em ódio), que pode surgir em tal processo. Anna Freud (1946, cit. in Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002) refere que uma criança que acompanhava, estava

traumatizada com os cuidados dentários, e que durante as sessões tinha comportamentos agressivos, ao que ela conclui que a criança, não se identifica com o agressor, mas sim com a agressão deste último. Esta possibilidade, deverá também ser tida em conta dado que também pode acontecer em alguns casos. No entanto, é no modelo de identificação ao agressor que pretendo centrar-me ao longo de todo o trabalho.

A tendência que existe na identificação com o agressor prende-se com o facto da criança, através da identificação superar sentimentos de susto e desamparo, e obter defesas agressivas bem como uma gratificação libidinal (Arlow, 1986 cit. in Blum, 1987). A identificação com o agressor é um subconjunto de tendência universal em direcção à identificação por imitação e a identificações posteriores ao serviço da defesa do indivíduo. A criança que usa identificação por imitação ou repetição, que é alimentada e confortada pela mãe, mais tarde confortará também os seus filhos. Com a identificação com a mãe que está ausente e reaparece, segundo Freud (1920 cit. in Blum, 1987), surge a angústia de separação e a raiva, por consequência. As raízes desenvolvimentais de identificação com o agressor são indicadas em Spitz (1965), como já foi referido anteriormente, descreve como a identificação com o "não" e o inicio de internalizações de proibições relativas aos pais, que a criança irá verbalizar na última metade do segundo ano de vida. No entanto a identificação com o agressor é uma resposta muito mais selectiva, imitativa que as identificações globais e surge mais cedo.

A identificação com o agressor é muito importante para o ego e superego dado que funciona como reparador do equilíbrio psíquico pós trauma, ainda que a resolução do mesmo envolva também outros tipos de identificação. Segundo Anna Freud (1967), o conceito de trauma encerra um estado em que o ego é tão oprimido que não pode enfrentar, ou ser reduzido a modos arcaicos de defesa, e é forçado à regressão. O estudo do indivíduo traumatizado também revela por exemplo identificação com a vítima, com o salvador, com objectos transitórios e objectos de amor, que também desempenham um importante papel. A perda de objecto pode levar a um trauma e a sua perpetuação, se não houver um objecto substituto disponível, como um bom prestador de cuidados ou um objecto transitório.

Ao passo que a literatura cedo realçou que em situações de perda de objecto havia identificação com o objecto perdido (Freud, 1916-1917cit. in Blum, 1987), estudos desenvolvimentais actuais indicaram a importância da identificação para que se sobreviva a situações traumáticas, para que esses objectos apoiem e ajudem a ultrapassar essas mesmas situações. No caso de perda de um pai, a criança ou o adolescente não pode completar bem o seu desenvolvimento sem ter outros objectos de amor que o ajudem a superar. A

identificação com o objecto perdido normalmente é combinada com a identificação dos objectos que sobrevivem. As identificações universalmente são envolvidas em tentativas em restituição ou substituição do objecto perdido e vingança para a perda. A identificação não é a única defesa nem meio de adaptação no caso da recuperação de trauma, sendo que este pode ter consequências patogénicas e pouco adaptáveis, dependendo da vulnerabilidade e mestria do sujeito (Rangell, 1967). A natureza das identificações que estão relacionadas com a situação traumática pode depender de relações de objecto de passado, dado que a identificação com o agressor ou com o salvador pode repetir identificações anteriores. Em contexto amplo, a predisposição do indivíduo a trauma e aos efeitos do trauma são ligadas a capacidades de ego e relações de objecto (Neubauer, 1967, cit. in Blum, 1987).

A identificação é um processo relativamente sofisticado que radicalmente pode ser alterado em casos de regressão profunda, ou em consequência de uma aprendizagem desenvolvimental ou deficit. Em tais pacientes o processo de identificação pode ter sido prejudicado de modo que eles não possam utilizar identificação apropriadamente. Anna Freud (1936), demonstrou a relevância particular da identificação com o agressor para desenvolvimento de superego, bem como a sua importância clínica para o entendimento de melancolia e paranóia, e para excessos de culpa, crítica, e repreensão. A identificação com o agressor é associada à projecção de culpa. Sendo que culpa é uma configuração defensiva que combina introjecção e projecção e se for proeminente no indivíduo, tende a ser hipercrítica sem ser autocrítica. Se o objecto, dotado de qualidades agressivas e punitivas, não é seguramente internalizado, o processo de internalização necessariamente não é trazido a conclusão. As identificações, tal como identificação com o agressor, fazem parte de um sistema inconsciente de fantasia, ainda que a fantasia ciente não seja excluída. As fantasias de ser um objecto ou como o objecto, podem contribuir para o processo de identificação, dado que as identificações são elaboradas em fantasia (Abend & Porder, 1986, cit. in Blum, 1987). A identificação com o agressor envolve troca de papéis em fantasia: A pessoa agredida troca papéis com outro indivíduo que então torna-se a vítima agredida (Sandler & A. Freud, 1985 cit in Blum, 1987). A troca de papéis em fantasia pode facilitar a aceitação do comportamento, frequentemente como parte da repetição de experiência traumática. O que não é raro em relação aos traumas, para além da tendência da vítima ao comportamento repetitivo, é que identificações são extraordinariamente previsíveis, ao passo que na vida rotineira, as identificações são relativamente imprevisíveis.

A identificação normalmente é associada ao amor (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002). Paradoxalmente, há uma identificação automática em estados de terror traumático. O trauma

é frequentemente, talvez inevitavelmente, experimentado como um assalto. O desamparo do ego é compensado para que através da identificação com o agressor, seja uma defesa e um modo de adaptação. Anna Freud (1936, p. 113) disse, "Aqui, o mecanismo de identificação ou introjecção é combinado com um segundo mecanismo importante. Por personificar o agressor, supondo os seus atributos ou a imitar a sua agressão, a criança transforma-se da pessoa ameaçada na pessoa que faz a ameaça". A identificação com o agressor está relacionada com o choque do trauma e facilita sob condições favoráveis interiores e exteriores, a transformação de pânico em prazer, no perigo de jogar. Quando a identificação é confinada a fantasia, a jogo controlado, ou a verbalização antes de ser representado, pode indicar que o trauma provavelmente já foi parcialmente dominado. O trauma inconscientemente é interpretado e pode ser experimentado em termos de agressão, transgressão, castigo, gratificação masoquista, a validação de desejos de morte, fantasias violentas, etc. (Fenichel, 1945, cit. in Blum, 1987). Depois da experiência traumática, o ego tenta controlar, através de uma hiperestimulação caótica, não dando nome ao pânico e instalando a confusão sobre o que realmente aconteceu. O indivíduo identifica-se com a agressão e raiva do objecto que ataca. Mas a mobilização da própria agressão interna da pessoa e as tendências punitivas são também muito importantes.

Em situações de desamparo, a identificação com o agressor tem uma função protectora de alívio da ansiedade, restaurando ao ego um sentido de poder e mestria. As situações agressivas podem ser cada vez mais potentes, pressionando os traumas, desde que um agressor realmente possa dominar a situação ou possa ter usurpado o papel do vigilante, a identificação com o agressor pode tornar-se mais proeminente e poderosa que qualquer outra forma de identificação (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002)

Na situação traumática se não houver nenhum conforto nem nenhuma oportunidade para assimilação nem verbalização, a recuperação do desamparo traumático e terror podem ocorrer tendo o indivíduo a sensação de que não aconteceu. A intervenção na crise pode oferecer um desfecho ao trauma, ajudando à recuperação e à reintegração. As identificações com o salvador, com figuras significativamente positivas bem como com o terapeuta são importante no processo de recuperação.

Anna Freud (1967) cedo notou que em situações de abuso a crianças por parte dos pais, era observado algumas vezes a replicação do comportamento, muitas das vezes com irmãos mais jovens. Isto era um exemplo de identificação da criança mais velha com o agressor ou abusador, tão importante na transmissão da experiência traumática. A identificação da criança com o abusador inclui a tendência a entender o abuso e a torná-lo

algo normal. O desvio passivo em activo, e alcançando um poder ilusório por identificação e troca de papéis, alguns indivíduos infligem trauma em outros. Podem daí derivar sentimentos como: confiança, vingança, gratificação do desamparo e horror de suas vítimas. Por identificação e a repetição de trauma, os pecados dos pais de facto são revisitados sobre as crianças através das gerações vindouras. A agressão, a retaliação, e o castigo podem tornar-se condensados e quase indistinguíveis. O abuso pode ser negado e pode ser isolado e pode nunca ser mencionado numa conspiração de silêncio. As identificações também podem mexer no superego e na sua integração. O superego torna-se áspero e punitivo da criança abusada podendo ao mesmo tempo ser relaxado e inconsistente.

As identificações não são sempre permanentes e pode sofrer graus variáveis de transformação desenvolvimental. O mundo interno de si e as representações de objecto mudam com as identificações e modificam-se de acordo com o estádio do desenvolvimento da criança (Blum, 1986).

Alguns factores facilitadores da identificação ao agressor podem ser a doação inata da criança, a fase desenvolvimental e a organização da personalidade aquando o trauma, as reacções dos prestadores de cuidados, a influência de antecedentes e mais tarde a experiência. É claramente uma complicação patogénica se a criança não podem obter conforto nem protecção dos pais, pela falta de disponibilidade afectiva ou por se tratar de pais maltratantes. O trauma será intensificado pela ausência de prestadores de cuidados e de objectos transitivos, sendo que os sentimentos de abandono podem ser uma dimensão crítica das situações traumáticas. Alguns indivíduos podem poder utilizar objectos de fantasia para conforto e protecção. Baseando-se num pensar mágico, na negação, idealização, ou a capacidade para se auto-confortar (Furer, 1967 cit. in Blum, 1987), também encontram outra forma de lidar com a situação. Alguma realidade correctamente percebida normalmente sobrevive acompanhada de negação, confusão, e engano.

A conspiração do silêncio pode ser mantida como um bónus masoquista, com vista a evitar mais castigo e perda. O silêncio imposto pode ser uma elaboração de fantasia das atitudes reais dos pais, mas também pode tornar-se internalizado junto com o dano de curiosidade e alterações no sentido de realidade.

A atitude de vigilantes, da comunidade, e da cultura é importante na recuperação de todos indivíduos maltratados, mas o relacionamento a e identificação com os prestadores de cuidados é de importância crítica para a criança traumatizada. As defesas da criança podem ser modeladas a esses pais, da seguinte forma: por um lado identificar-se com a sua calma e com atitudes razoáveis ou por outro, com a negação e isolamento e seu desprendimento

protector. A criança também pode identificar com a auto-recriminação dos pais, aceitando a culpa dos pais. Quando o trauma é composto por negação relativa aos pais, dúvida, ou falsificação da realidade, o julgamento imaturo da criança e o sentido da realidade serão prejudicados, como será o desenvolvimento do superego. O tipo de identificação impedir ou pode promover a recuperação da criança e reorganização de ego.

Facilmente se depreende por tudo o que já foi dito que os pais têm uma influência significativa na recuperação da criança e sobre a vulnerabilidade e a plasticidade que esta irá ter face às adversidades da vida. Além de oprimir o ego, o trauma tem uma importância psicológica especial em termos de conflitos preexistentes e da elaboração inconsciente de fantasia. Em tais casos, a defesa inevitavelmente é intensificada, incluindo identificação com o agressor e com o protector. As defesas associadas com traumas também pode servir também para ganhar tempo, através da negação temporária permitindo uma moratória, uma pausa psicológica enquanto a função progressiva do ego promove recuperação. A reorganização então pode ser mais gradual e eficazmente efectuada particularmente com a ajuda do relacionamento benevolente e auxiliador de objectos de amor. Novas identificações fortificam a internalização anterior de cuidado carinhoso e intervenção útil. A identificação prossegue inconscientemente de acordo com as necessidades da criança, incluindo a identificação com o agressor e com a vítima, identificação com protector e com objectos punitivos. O desamparo, passividade, e pânico da criança traumatizada pode ser mitigado pela presença de um pai tranquilizador. Por outro lado, o trauma pode ser intensificado quando já os pais são perpetuadores do trauma, como em casos de abuso de criança, em que já existe a tendência à repetição.

Peter Shabad (1993), fala-nos à semelhança de Anna Freud sobre a identificação com o agressor, reforçando a compulsão para a repetição levada a cabo por indivíduos que foram maltratados. A transmissão intergeracional é mediada através do processo de identificação com o agressor, vista como a maneira que a criança encontrou para fazer o luto e superar os traumas da sua infância. Este luto, ainda que incompleto, é visto como um processo de reintegração de desejos reprimidos daquilo que “poderia ter sido”. Esta reintegração, por sua vez, permite renunciar a uma necessidade de que esses desejos sejam preenchidos e torna possível dar uma vida melhor para os seus filhos. Esta visão adulta, de que não se perpetuará comportamentos traumáticos, mas no entanto praticá-los na sua interacção com os seus filhos, ainda que inconscientemente é ditada pelo imperativo de desfazer as suas próprias desilusões e frustrações da infância.

Segundo Becker (1973, Shabad, 1993), existe como que uma mentira vital [vital lie], imergindo defensivamente nas repetições através das gerações. Nada é mais, do que viver uma mentira para conseguir comprar a segurança que não se conseguiu através de outros mecanismos, reprimindo desejos, verdades, ideais e as múltiplas possibilidades que estão no cerne do desenvolvimento. Ora é nestas verdades e desejos interiores, bem como do esquecimento do trauma que estaria o conseguir ultrapassar o ciclo intergeracional de acontecimentos traumáticos e possibilitar uma vida melhor às gerações vindouras. É no seguimento desta perspectiva que Shabad (1993), considera de extrema importância o conceito de luto, não tanto no sentido do encontro com o que se perdeu (que é efectivamente um elemento constituinte do processo de luto), mas especificamente uma experiência de reintegração inconsciente dos desejos desmentidos por ser demasiado doloroso encarar a desilusão de que um pai pode ser maltratante e ameaçador.

Este autor, defende que para romper com o ciclo transgeracional superando os traumas, para além da reintegração o indivíduo tem de conseguir fazer uma recriação. Seria uma recriação do mundo imaginário que desenvolve um desejo, presente nos períodos de transformação psicoterapêutica e que diz respeito ao luto e crescimento psíquico. É através da consciente reintegração das recordações para o que "poderia ter sido" e uma simultânea elaboração imaginária que o indivíduo vai enfrentando que permite resgatar alguma coisa da infância perdida. Na verdade, a recaptura de uma visão de ideal da infância, pode então ser interiorizado, e não repetido dando lugar a um novo começo. É com este sentimento de rejuvenescimento, que mais facilmente somos capazes de deixar de parte as fantasias e a reparação das situações, para que a perda e o luto possa ser sentido voluntariamente vindo de dentro. É através da consciente recuperação e elaboração que se consegue desfazer dos traumas e ganhar acesso a uma visão de um ideal da infância e, deste modo, abrir-se com renovada esperança para as possibilidades de uma vida menos circunscrita para si e para os seus filhos.

Alguns indivíduos usam a dinâmica defensiva da identificação com o agressor para ancorar a sua identidade na segurança da repetição, existindo também um aumento da tendência no sentido de realizar desejos inconscientes.

Em suma…

A tudo o que já foi dito, vem juntar-se a ausência de uma figura externa de autoridade que seja reguladora dos excessos cometidos de pais sobre os seus filhos. Na maioria das vezes, estes pais foram educados da mesma forma, tendo sido submetidos a castigos físicos severos na sua infância, (sofrendo da mesma violência e desaprovação) dando ainda mais credibilidade à transmissão de geração para geração da violência.

O pai abusado, é incapaz de sentir segurança e confiança e vai exercer uma relação de poder que não podia ter com o seu próprio pai. Desta forma, desloca para o seu próprio filho, o seu autoritarismo, inflexibilidade e violência, numa relação assimétrica onde ele é, nesta situação o lado mais forte. Este pai agora, produz uma inversão de papéis e quando esta inversão se quebra, porque a criança chora, o pai descarrega a sua agressão na criança. Regra geral, estes pais desconhecem na sua quase totalidade, as características básicas do desenvolvimento e quais as necessidades de cuidado da criança nas diferentes etapas de desenvolvimento evolutivo, conceito errado e desproporcional sobre o significado correctivo do castigo parental, para além disso exigências e expectativas desadequadas.

As experiências precoces sofridas pelos actuais agressores, revelam muita agressividade, sob a forma de um sintoma de comunicação simbólico, dado que são incapazes de simbolizar o trauma vivido ao nível verbal, que é grande e se for continuado vai prejudicar a representação dos modelos internos relacionais (Achenbach, 1982). Na premissa

violência gera violência, não podemos esquecer que a sociedade e as instituições, têm um papel de apoio/evitamento do ciclo de repetição, por ineficácia de um sistema que muitas vezes não intervêm nem previne, que é negligente com seres humanos que sofrem.

Problema: Será que a transmissão intergeracional de maus-tratos é mediada pela identificação ao agressor?

I-Método

Delineamento:

Estudo transversal, através do relato de histórias de vida com uma metodologia de análise qualitativa. Os métodos de avaliação qualitativos são neste caso mais adequados do que os quantitativos, já que mais do que uma expressão de variáveis em números pretende-se perceber se certas qualidades, nomeadamente comportamentos agressivos, são transmitidas de geração em geração, e acima de tudo se ocorre a identificação ao agressor. Para além disso a amostra não tem que ter representatividade estatística, o que importa é a diversidade dado que "os indivíduos não são escolhidos em função da importância numérica da categoria que representam, mas antes devido ao seu carácter exemplar" (Ruquoy, 1997, p.103 cit. in Nascimento, 2004), ainda que a amostra não seja representativa da população, dá conta da realidade que queremos investigar. No fundo a relevância deste tipo de amostras não consiste na representação da população com a finalidade de generalizar os resultados obtidos, mas tem como objectivo aprofundar o nível de conhecimento de realidades cuja singularidade é por si só significativa (Pais, 2001). Quanto ao processo de amostragem este define-se como não-probabilístico, nomeadamente amostragem por conveniência. Vou comparar dois grupos: 1) adultos perpetuadores de maus-tratos; 2) adultos não perpetuadores de maus-tratos.

Participantes:

Dado ao objectivo do meu trabalho, a amostra foi constituída por conveniência ou seja, escolhi intencionalmente, grupos considerados potencialmente como mais próximos desta problemática de perpetuação de maus-tratos, considerados portanto de risco, sendo estes os reclusos. Alguns são agressivos e com percursos de vida sinuosos, despoletados muitas vezes pelos percursos de vida, que tiveram na infância.

A amostra deste estudo será constituída por 5 participantes, 2 provenientes do Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo e os restantes 3 provenientes do Estabelecimento Prisional Especial de Leiria. Não importa a faixa etária dos participantes do estudo, mas a intencionalidade da amostragem, ou seja, que se consiga estudar a transmissão intergeracional dos maus-tratos e para isso, é necessário que todos tenham filhos, e a perpetuação da agressividade ou maus tratos, estivesse sinalizada ou comprovada pelas entidades responsáveis. Poderemos ver informação mais detalhada sobre os participantes em anexo (A), onde podemos ver a caracterização da amostra.

Tipo de Estudo

A opção por uma abordagem qualitativa pareceu-nos a mais indicada e a que melhor vinha ao encontro dos nossos objectivos, dado que se pretende estudar se ao ocorrer a perpetuação dos maus tratos esta é mediada pelo processo de identificação ao agressor. Tenta-se perceber o que os adultos pensam, e como as suas vivências do passado influenciam a sua maneira de estar e de reagir face aos seus filhos, entrando no seu mundo interno com o intuito de percebê-lo tal como elas o percepcionam, conhecer as suas perspectivas em relação ao mundo que os rodeia e de que fazem parte. Nunca esquecendo que na presença de maus tratos, o modo como a violência foi perpetuada e através de que processos, e só com uma metodologia deste tipo que teremos acesso com profundidade à riqueza interior do individuo.

Segundo Baumeister e Newman (1994, cit. in Da Agra & Matos, 1997, p.29) “as narrativas permitem a articulação e análise de opostos, ambiguidades, contradições e variabilidade, imanentes às experiências subjectivas humanas, o que não é possível através de outros instrumentos metodológicos, ditos mais objectivos ou mais quantitativos”.

Instrumento.

Foi usado um instrumento de entrevistas de histórias de vida e consequente análise de conteúdo das mesmas. O treino tanto da aplicação da entrevista como da postura e conhecimento da tarefa e objectivo em estudo pelo investigador é muito importante. Deste modo, a minha postura terá que ser securizante, clara e verdadeira, para que se consiga estabelecer uma relação empática.

O momento da recolha de dados, para a construção de histórias de vida tem de ser encarada como um dos processos mais importantes do processo já de que dela resulta toda a matéria-prima a ser trabalhada que nos permitirá retirar conclusões sobre o estudo. Algumas das dificuldades do entrevistador poderão ser a pertença a um grupo social diferente em que há formação de estereótipos, as nossas crenças subjectivas não podem interferir com a objectividade o tema, bem como a diferença de género em relação ao entrevistado. É importante a aceitação do entrevistado, na sua realidade e dignidade, o não julgamento e abstinência segredo profissional. A entrevista será feita através de um gravador, ou seja, todas as intervenções e respostas de ambas as partes são gravadas, para posterior análise, com a devida autorização.

Segundo Legard et al (2003, citado em Torres, 2008), os estádios de uma entrevista consistem em:

1) *"Arrival"* (após chegada): consiste nos primeiros momentos depois do encontro. O entrevistador precisa de se manter afastado do estado emocional do entrevistado, e tentar colocá-lo à vontade.
2) *"Introducing the research"* (introduzindo o propósito da pesquisa): involve o facultar ao entrevistado claramente a natureza e o objectivo da pesquisa, sublinhando a confidencialidade e pedindo permissão para gravar a entrevista.
3) *"Beginning the interview"* (iniciando a entrevista): o entrevistador pergunta por informação que forneça dados do seu background. Testo a qualidade do som da gravação, gravando uma primeira frase e voltando a ouvi-la.
4) *"During the interview"* (durante a entrevista): o entrevistador guia o participante pelos temas-chave – que são antecipados pelo entrevistador num guião e que emergem na entrevista. Cada questão é explorada no decorrer da entrevista e quando necessário, por uma série de questões tentando delimitar e explorar o item. Deixamos o individuo abordar e falar sobre determinado assunto e quando necessário, interrompemo-lo para explorar mais minuciosamente.
5) *"Ending the interview"* (fim da entrevista): uns minutos antes de terminar, o entrevistador pode assinalar a chegada ao fim da entrevista, para que gradualmente a

entrevista volte ao nível de uma comum interacção social. É também importante verificar que o participante não fica com sentimentos ou temas com relevante interesse, que fiquem por exprimir.

6) *"After the Interview"* (depois da entrevista): quando o gravador estiver desligado, o entrevistador agradece ao paciente calmamente, e ajudá-lo a descentrar-se dizendo como foi importante a sua contribuição para a pesquisa do entrevistador. Este é o momento que oferece informação sobre os grupos de suporte ou serviço onde o participante está inserido. Se o participante parecer que quer falar, sobre a intervenção ou sobre outra coisa, é importante ir preparado para ficar mais um pouco com ele.

Entrevista como técnica de recolha

O presente trabalho encontra na abordagem etnográfica uma importante linha de orientação na descoberta dos processos usados pelos adultos de perpetuação dos maus tratos, e se crianças maltratadas se tornam pais maltratantes, que constitui o objecto de estudo nesta investigação. Este estilo de pesquisa privilegia a compreensão dos comportamentos humanos a partir do ponto de vista daqueles que são estudados, é o próprio sujeito que relata e fala sobre si mesmo. Por isso a investigação qualitativa exige que o pesquisador despenda muito tempo nos locais que estuda, a recolha de dados efectua-se no contexto onde os sujeitos vivem e interagem entre si (Bogdan & Biklen, 1994). Neste trabalho, a recolha dos dados efectuou-se nos respectivos estabelecimentos prisionais onde estão detidos e cumprem pena, e foi onde se realizou as entrevistas.

A dimensão das entrevistas podem ir desde a não-directividade até aos questionários fechados, entre estes dois extremos encontra-se a entrevista usada por mim, chamada semi-directiva (Ghiglione & Matalon, 1992). Escolhemos as entrevistas semi-directivas por estas permitirem, não só uma maior flexibilidade comparativamente aos questionários, mas também, por permitirem dar ao entrevistado uma melhor estruturação do seu pensamento em redor do objecto perspectivado mas também, por se ter definido o objecto de estudo o que vai permitir aprofundar certos pontos relevantes e que facilmente iriam ser descurados pelo entrevistado, ao divagar nos pensamentos. Desta forma, a intervenção do entrevistador confere à entrevista uma certa directividade (Ruquoy, 1997). O entrevistador deve acompanhar a linha de pensamento do entrevistado, mas ao mesmo tempo ter em conta a

pertinência das afirmações tendo em conta o objectivo de estudo. Assim, é fundamental que "após cada uma das intervenções, o entrevistador acompanhe a progressão do pensamento do interlocutor, vinca o seu apoio e a sua compreensão, convidando deste modo o sujeito a exprimir o seu pensamento profundo" (Ruquoy, 1997, p.11). Para Blanchet (1983, cit. in Cortes, 1997) "a entrevista semi-directiva poderá incitar a pessoa a contar as suas experiências e a exprimir os seus sentimentos, ou seja, a produzir representações levando-a, simultaneamente, a interrogar-se e a reflectir sobre o que diz". A entrevista é uma técnica de "experiência de relacionamento" entre o entrevistador e o entrevistado, sendo necessário ter a capacidade de desenvolver um ambiente de confiança (Benjamim, 1985; Burgess, 1997). O aspecto relacional da entrevista é essencial para isso, o entrevistador tem de ter a aptidão para ouvir e absorver, que haja aceitação, compreensão e um desejo sincero de estar com o outro (Benjamim, 1985; Rogers, 1985).

O que é contado na entrevista dá-nos informações não só acerca do pensamento da pessoa, mas também da realidade que é objecto do discurso (Ruquoy, 1997). No entanto, é impossível garantir uma comparabilidade perfeita dos dados visto que o dispositivo de interrogação nem sempre é análogo, porque "ao colocarmos frente e a frente dois sujeitos com a sua subjectividade, não podemos garantir que as informações obtidas sejam idênticas noutra situação de interacção" (Ruquoy, 1997, p.85). Segundo Smith (1995, cit. in Sani, 2002, p.83) "podemos assumir uma ligação natural entre a entre a entrevista e a análise qualitativa (…), ambas são particularmente interessantes quando nos debruçamos sobre uma questão complexa, controversa e pessoal, podendo fornecer importantes contributos para a sua compreensão. O que nos interessa é essa realidade psicológica, a qual tem alguma relação com o mundo exterior, uma vez que é também afectada pelos requisitos dessa interacção particular".

No presente estudo sentimos necessidade de construir um guião de entrevista de modo (anexo C) a apoiar e suportar as respostas dos sujeitos, mas também com o intuito de orientar e estimular o próprio pensamento dos sujeitos, tentando dar espaço para que cada um libertasse o seu pensamento e "pudesse também mergulhar no seu mundo, estabelecendo-se, desta forma, uma relação interna entre o sujeito e o fenómeno pensado" (Cortes, 1997, p.8). Os guiões são igualmente úteis pois enunciam os temas a serem abordados, e têm como objectivo intervir de um modo adequado e de forma a conduzir o entrevistado a ser capaz de aprofundar o seu pensamento. Também são convenientes nos casos em que se quer abordar e explorar novas questões das quais os entrevistados não falam espontaneamente. Ao recorremos aos guiões temos de o fazer com as devidas precauções

para que não se interrompa ou quebre a ordem de exposição dos pensamentos do entrevistado (Ruquoy, 1997).

No registo das entrevistas foi necessário usar um gravador para facilitar a reconstrução da entrevista, o que levanta algumas questões não só de ordem ética mas também de ordem relacional pois pode ter um efeito inibidor no entrevistado (Ghiglione & Matalon, 1992), ainda mais na situação de reclusão. Por isso, sempre que o investigador necessite de utilizar um gravador é capital que o faça com a permissão do sujeito, visto que as entrevistas gravadas contêm informações pessoais que não devem ser reveladas a outrem. Neste sentido, o investigador deve assegurar ao entrevistado que tudo o que foi dito será trabalhado somente por si e que a sua identidade será salvaguardada (Bogdan & Biklen. 1994). Todos estes procedimentos foram respeitados, ou seja, só depois de termos informado o entrevistado acerca de todos os aspectos anteriormente enunciados é que convidámos a sua participação e começamos a gravar a entrevista com o seu consentimento informado.

Análise de conteúdo

Neste estudo, pareceu ser o instrumento mais adequado para esta investigação, uma vez que se quer ter acesso ao conteúdo das entrevistas. Para Bardin (1977, p.31) a análise de conteúdo é "um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto". Tanto Ghiglione e Matalon (1992) e Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1995) referem a análise como um instrumento. Vala (1986), no entanto, refere-se a este como uma técnica de tratamento de conteúdo utilizada nas ciências sociais, principalmente ao nível da investigação empírica. Uma das vantagens deste instrumento é que esta pode ser desenvolvida em qualquer tipo de procedimento de investigação, seja este de carácter qualitativo ou quantitativo, e podendo ser desenvolvido em diferentes níveis de investigação empírica, sejam estes de natureza descritiva, correlacional, ou causal (Vala, 1986), sendo que o meu estudo assenta no nível descritivo.

Segundo Vala (1986), para proceder à análise de conteúdo o investigador tem de formular algumas questões que determinam os procedimentos da análise os quais diferem entre si, cabendo a este seguir pela direcção que orienta a sua pesquisa e que naturalmente está associada ao objectivo desta. Para se atingir este fim, é necessário decompor sistematicamente as entrevistas, em categorias (elementos mais pequenos), pois só deste modo se conseguem avaliar as condições de produção desse discurso e ainda, procurar o sentido que se vai atribuir a esse material face aos objectivos da pesquisa e da teoria que sustenta (Vala, 1986). Desta forma e de acordo com o objectivo do estudo, as questões

podem variar entre a frequência com que ocorrem determinados objectos (análise de ocorrências), ou podem passar pelas características ou atributos que estão associados a diferentes objectos (análise avaliativa), podendo também passar por uma análise da estrutura das relações entre os objectos, ou seja, entre associação ou dissociação dos objectos (análise associativa) (Vala, 1986). Independentemente do tipo de análise que é feita, existem procedimentos comuns a todas elas, ou conforme afirma Vala (1986), operações mínimas pelas quais se deve passar:

1) Demarcação dos objectivos e do quadro de referência teórico da investigação. Para isso é imprescindível a selecção dos conceitos que serão usados na análise de conteúdo, e que determinarão o nível de análise que o investigador irá investigar.
2) Constituição do *corpus* da análise. Composto por todo o material sobre o qual incidirá a análise de conteúdo.
3) Definem-se as categorias de modo a simplificar a complexidade do material de forma a esmiuçá-lo, para que se consiga obter uma melhor apreensão do material a analisar.

Estas categorias são o elemento chave do código do analista, são compostos por um termo chave que indica a significação central da ideia que se quer apreender, são dotados de significação semântica e têm como finalidade organizar o texto em função dos objectivos de estudo. A categoria funciona, no como um "título genérico" (Bardin, 1977, p. 117 cit. in Nascimento, 2004) onde são agrupados todo os temas que estão com ele relacionados. Para garantir a validade interna desta categorização, tem de se evitar a ambiguidade das categorias da análise e das unidades de registo, definindo-as de forma rigorosa (Ghiglione & Matalon, 1992). Para que isso ocorra todas as unidades de registo têm de entrar numa das categorias, critério de exaustividade, e cada umas das unidades de registo têm de entrar numa só categoria, critério de exclusividade (Vala, 1986). As categorias podem ser definidas a priori, a posteriori ou de forma mista (combinando os dois procedimentos). Na primeira as categorias são definidas a priori com base no corpus teórico. Na segunda é do material analisado que surgem as categorias. Na terceira existem categorias que foram criadas com base na literatura, mas também aos dados que o material oferece (Henry & Moscovici, 1968, cit. in Ghiglione & Matalon, 1992). No presente estudo, optou-se por uma definição de categorias combinando o procedimento fechado e o procedimento aberto: algumas das categorias foram criadas a partir do quadro teórico que foi delineado à partida, e outras foram construídas a partir daquilo que emergiu do corpus (categorias emergentes). Por último, o procedimento final refere-se à definição das unidades de registo, que são as unidades de base, cujo conteúdo que caracteriza uma determinada categoria.

Neste instrumento, a validade, a fidelidade da codificação e a fidelidade do codificador podem levantar algumas dificuldades se não forem tomadas certas precauções. A validade do instrumento remete, para a premissa que o investigador tem que assegurar que está a medir o que efectivamente pretende medir (Vala, 1986). Quando se fala de fidelidade do instrumento, esta deve ser assegurada nos planos inter-codificador e intra-codificar (Ghiglione & Matalon, 1992). No primeiro caso, um conjunto de vários codificadores operando sobre o mesmo texto têm de chegar aos mesmos resultados, ao que Weber (1985), chama de critério de reprodutibilidade. No segundo caso, o mesmo codificador operando sobre o mesmo texto em momentos diferentes deve chegar ao mesmo resultado, a isto se chama estabilidade (Krippendorf, 1980; Vala, 1986; Weber, 1985). O corpus (entrevistas) foi revisto em momentos diferentes de modo a certificarmo-nos se este estava a ser cotado da mesma forma e foi posteriormente verificada a codificação por dois codificadores externos.

Procedimento

O primeiro passo consistiu em elaborar um projecto de investigação para ser entregue junto da direcção geral de serviços prisionais bem como de cada um dos estabelecimentos prisionais para além disso construi um guião de entrevista (anexo B) para orientar a condução da mesma. Elaborei um pedido de autorização à direcção geral dos serviços prisionais, e uma carta de consentimento informado para os participantes. Depois de resposta positiva, dos estabelecimentos e dos sujeitos, é necessário estabelecer um espaço seguro e com condições de confidencialidade para recolher as histórias de vida, foi-me facultada em cada ala um gabinete. É garantida a confidencialidade e anonimato e entregue os termos de consentimento informado. Devido aos princípios éticos e deontológicos, o termo de consentimento informado explica que os dados serão confidenciais e a participação é voluntária podendo cada indivíduo desistir quando quiser. Os dados recolhidos só irão servir de informação para este estudo, serão trabalhados individualmente, de forma a não criar qualquer tipo de aspiração (expectativas) nos participantes, dizendo que não haverá devolução. Os procedimentos serão efectuados de igual forma para todas os participantes: a) a cada sujeito será explicado o objectivo e o procedimento da investigação de forma simples e clara e esclarecidas dúvidas; b) leitura e assinatura do termo de consentimento informado; c) recolha de dados para a constituição de histórias de vida. As respostas terão de ser mais sinceras possíveis (não havendo tempo limite), e a recolha funcionará no máximo até duas sessões por cada um dos indivíduos. Toda a entrevista é gravada, facto que irá estar contido

no Consentimento Informado. Finalmente, proceder-se-á à cotação e análise das histórias de forma qualitativa e de acordo com a análise de conteúdo.

Através da British Psychological Association´s podemos ter acesso a uma condução de pesquisa que tenha em conta os "Princípios éticos para a condução da pesquisa com participantes humanos" (Torres, 2008). São referidos como princípios éticos o consentimento, a confidencialidade, a protecção dos participantes, o poder de escolha de abandonar a sessão (a sua participação), o dever de eu prestar apoio prestando aconselhamento (se notar que estão muito perturbados com a temática da sessão), e de transcrever tudo o que foi gravado, para trabalhar a partir dessa informação transcrita.

No que diz respeito ao momento da realização das entrevistas, em primeiro lugar desloquei-me ao norte do país para ir a cada um dos estabelecimentos prisionais que tive autorização para aplicar as entrevistas. Dado o momento da chegada, conheci os responsáveis do estabelecimento, o local, e foi-me cedido em cada uma delas um gabinete para a realização da entrevista. Apliquei a entrevista a 13 participantes, sendo que escolhi 5 dada a pertinência do estudo, visto que nem todos tinham as condições necessárias para o objectivo do estudo, nomeadamente terem filhos e terem sido alvo de maus-tratos na infância. Não tive tempo pré-definido para a realização da entrevista, no entanto tive que interromper algumas das vezes ou adaptar-me aos horários de funcionamento prisional (horas das refeições, horas do trabalho a nível interno, etc), sendo que com uns tive mais tempo do que outros e apenas um dos participantes ("Raquel"), tive 2 sessões dado que não foi suficiente um só momento de recolha, todos os restantes tive apenas uma sessão com eles.

Sobre o guião de entrevista importa ainda dizer que as entrevistas foram transcritas na totalidade (anexo C), ou seja foram também transcritas as questões do entrevistador, de modo a conservar integralmente o que foi dito, permitindo uma maior fiabilidade do que foi relatado, sem preocupações com a correcção ortográfica. As transcrições, por vezes, apresentam algumas falhas devido à não audibilidade da fala durante a gravação, nestes casos, foi colocado o código (???), de modo a que se perceba que faltam algumas palavras. Na transcrição das entrevistas além de alterarmos os nomes de todos os participantes, tivemos o cuidado de alterar também os nomes de todos os participantes, tivemos o cuidado de alterar também os nomes dos participantes, dos sujeitos por eles mencionados, podendo constituir fonte de identificação. Por isso, todos os nomes são fictícios aparecendo nas entrevistas entre aspas (ex: "Ana"). Também foram retirados, propositadamente, os nomes

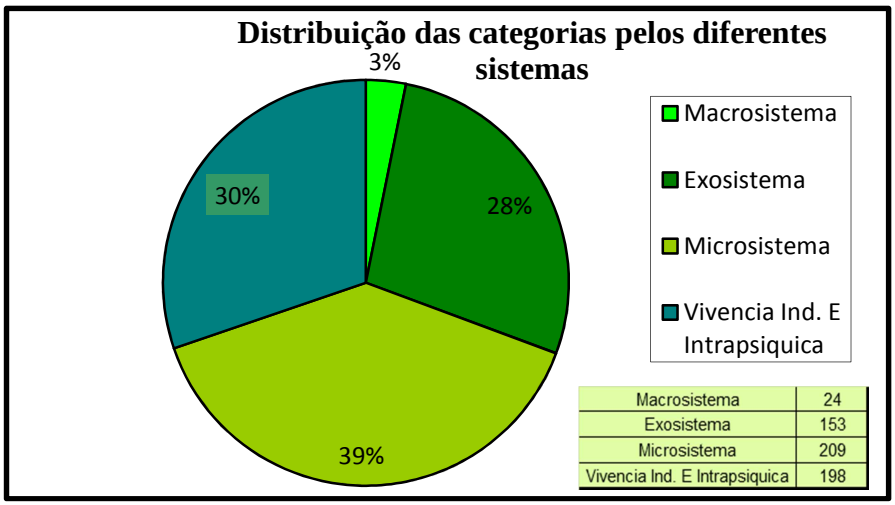
dos locais que pudessem identificar o sítio onde vivem os sujeitos, assim todos os lugares referidos pelos próprios aparecem nas entrevistas como “Local” ou “Cidade”.

Depois de transcritas as entrevistas, que constituíram como o corpus para a análise de conteúdo, fizemos uma primeira leitura de todas as entrevistas efectuadas – “leitura flutuante” (Bardin, 1977), dando-nos uma ideia inicial de como iriam ser tratados os conceitos e tópicos mais importantes que foram abordados, em conjunto com os conhecimentos teóricos que tínhamos sobre o tema. Utilizou-se uma definição de categorias combinando o procedimento fechado e aberto, sendo que algumas categorias foram criadas à partida e outras a partir dos temas que emergiram do corpus das entrevistas. Todas as categorias, foram sub-divididas em sub-categorias, devido à necessidade de especificar as grandes áreas temáticas. Houve a necessidade de incluir, as categorias ao longo dos 4 grandes sistemas ecológicos que vão influenciar em maior ou menor grau os indivíduos. O quadro de categorias foi revisto por dois analisadores independentes, que discutiram a pertinência da escolha das categorias e que fizeram uma revisão na definição das categorias, tendo sempre em conta as regras de codificação, bem como, os critérios de fidelidade e validade do instrumento anteriormente referido (Bardin, 1977; Ghiglione & Matalon, 1992; Vala, 1986). Assim sendo para garantir o critério de fidelidade, a criação das categorias foi realizada e discutida por três pessoas (juízes), e quando existiam dúvidas na codificação das unidades de registo, havia 2 pessoas que funcionavam como analisadores independentes, de modo a chegar-se a um consenso. Em relação ao critério de reprodutibilidade, este foi satisfeito através da codificação do material pela mesma pessoa em diferentes momentos. Para a codificação das entrevistas, foi a frase/parágrafo que se constituiu como unidade de registo, com excepção de numa mesma frase,” haver duas informações por exemplo, que remetem para duas categorias distintas, como é o caso do exemplo retirado da entrevista do “Rui”, na localização [20, 4], e [21,4], o parágrafo/frase é repartido dado que a primeira parte remete para a categoria fases de identificação ao agressor e a segunda parte para a descrição com valência negativa do tio.

Foi elaborado um quadro com as definições das categorias (anexo D), inclui também as definições dos sistemas e sub-categorias, para que se compreenda a categorização/codificação/cotação atribuída.

III - Apresentação e Análise de Resultados

Neste capítulo será exposto todos os resultados obtidos referentes ao tema em estudo – o ciclo vítima-agressor, que foram apurados ao longo deste trabalho. Para proceder à análise de resultados, tomemos como apoio 3 anexos (C, E e F), que dizem respeito respectivamente à transcrição de entrevistas de cada um dos participantes, à tabela de localização das unidades de registo de cada um dos participantes e o terceiro anexo diz respeito a uma tabela de totais dos



participantes. Pode também ser consultado para apoiar a análise, as definições das categorias (anexo D). Em primeiro lugar, será explicado através duma abordagem global e com apoio das figuras correspondentes a cada tópico relevante que vai passar a ser explicado. Iremos começar por analisar os diversos sistemas e categorias globalmente para em seguida, num segundo momento analisar individualmente para que não se perca a riqueza da história de cada indivíduo e se possa fazer algumas correlações sobre a amostra em estudo.

Figura 1 – Distribuição dos resultados pelos diversos sistemas ecológicos.

De acordo com a *figura 1* podemos ver a representatividade dos quatro sistemas ecológicos, através das percentagens obtidas, revelando a distribuição das categorias globalmente. Todas as categorias foram escolhidas e inseridas de acordo com os critérios que diferenciam os diferentes sistemas, são eles respectivamente: macrossistema, exosistema, microsistema e a vivência individual e intrapsiquica. É sobre estes quatro grandes sistemas que se vão inserir as diversas categorias, com maior ou menor expressividade, de acordo com as respostas dos cinco indivíduos. Em seguida, podemos ver na f*igura 2*, a expressão das unidades de registo pelas diversas categorias.

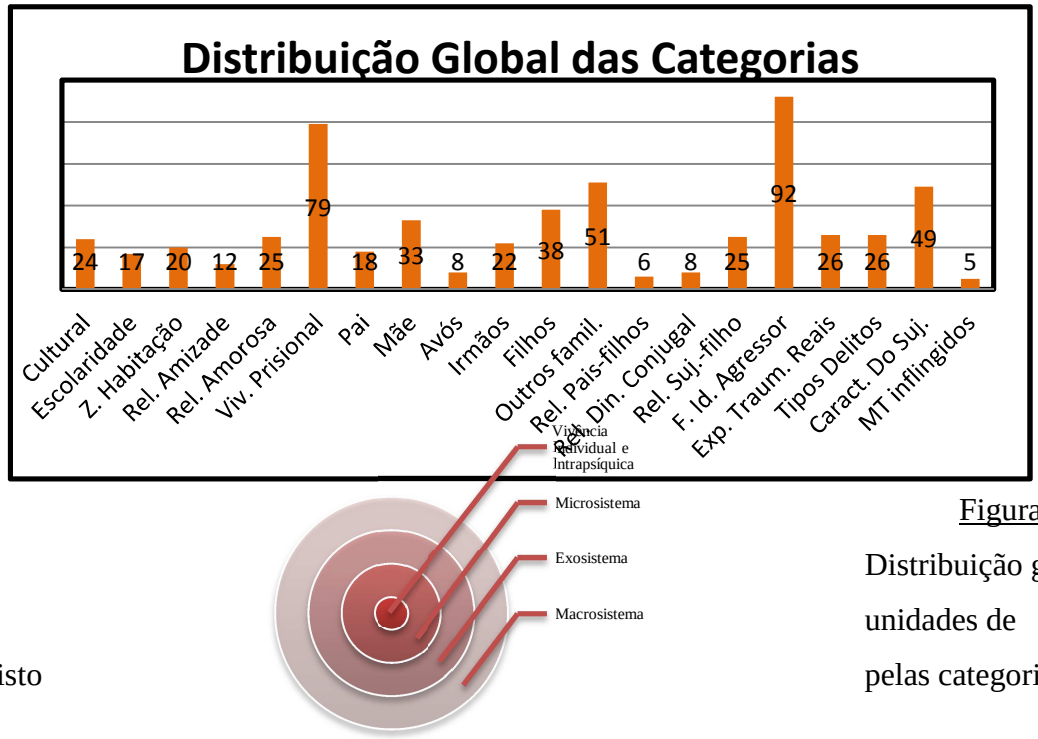


Figura 2- Distribuição global das unidades de registo pelas categorias.

Podemos constatar que na figura 1 que o macrossistema é traduzido por a menor expressão, com cerca de 3%, o exossistema com 28%, em seguida a vivência individual e

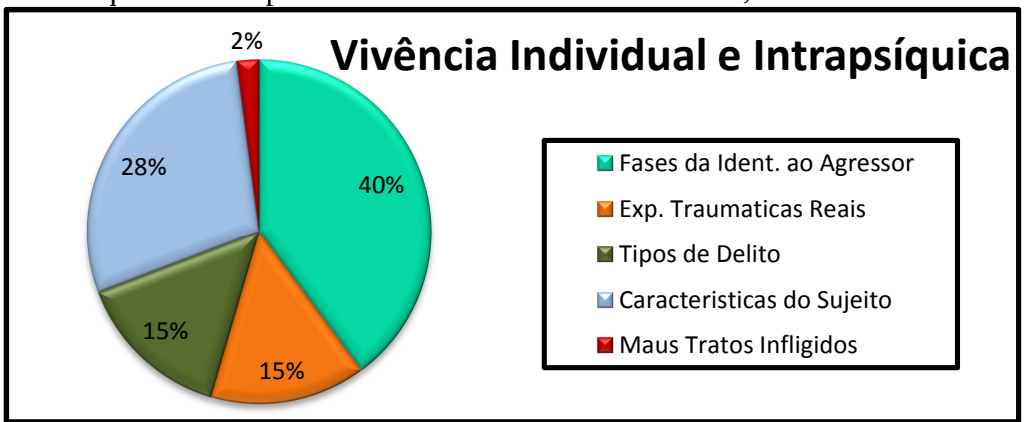
psíquica com 30% e por fim com a maior percentagem o microssistema. Esta primeira figura ainda que nos dê uma visão grosseira dos resultados permite-nos logo à partida afirmar que globalmente os indivíduos se inserem no modelo ecológico actual dado que em traços largos este modelo visa que o indivíduo é influenciado pelos 4 sistemas e que varia em função da distância se considerarmos que indivíduo está ao centro, ou seja à medida que avançamos da vivência individual e intrapsíquica para o macrossistema, este vai exercer menos influência no individuo, o que se verifica na figura 1, a expressividade numérica é menor no macrossistema e vai aumentando de frequência à medida que se faz uma incursão até ao individuo chegando de novo à vivência individual e intrapsiquica do sujeito. Podemos ver na figura 3 um pequeno esquema elucidativo do modelo ecológico:

Menos
Influência

Figura 3 – Esquema do Modelo Ecológico.

Outra hipótese ainda que pode ser levantada para a variabilidade de valores entre os sistemas, pode ser também o facto de como estes não têm a mesma representatividade do número de categorias, os resultados globais vão variar, veremos mais à frente na análise detalhada de cada indivíduo como é que cada sistema se expressa.

Na figura 2, podemos observar a quantidade de unidades de registo verificadas em cada uma das categorias, sendo que as duas categorias que se destacam com maior número de unidades de registo são: “Fases de identificação ao agressor”, com 92 unidades e a “Vivência prisional” com 79 unidades. É interessante constatar que das diversas categorias que poderiam ter igualmente expressividade, a primeira categoria referida seja a que mais se destacou, dado que todos os sujeitos sem excepção, foram maltratados de alguma forma na infância sendo que dos cinco indivíduos, três já evidenciaram perpetuar o ciclo de maus tratos, através do processo de identificação ao agressor. Os outros dois, por razões que serão explicadas mais à frente não o fizeram, havendo fortes indicadores no



entanto, que já existe uma tendência para que ocorra. A segunda categoria, parece fazer bastante sentido que se destaque das outras, o que é suportado por este gráfico, visto que o contexto de vida actualmente destes indivíduos é prisional, dado que todos eles se encontram a cumprir penas de prisão, na maior parte, de longa duração. Ainda que na primeira figura o microssistema seja o que revela maior expressividade numérica globalmente, vemos que na passagem para a análise das categorias em que as unidades são distribuídas por totais parciais revelando uma distribuição mais baixa mas também mais homogénea, não sendo factor de destaque como no primeiro gráfico. Como já vimos de uma forma geral como se dá a distribuição das unidades de registo pelas respectivas categorias, veremos agora em percentagens, ainda tendo em conta os resultados dos cinco indivíduos ao longo de cada sistema.

Figura 4- Representação global das percentagens da Vivência individual e intrapsíquica.

De acordo com a figura 4, podemos ver representada a distribuição das percentagens referentes a cada sub-categoria correspondente à categoria "vivência individual e intrapsíquica", dando-nos uma ideia global da sua representatividade numérica. Nesta parte da análise tomaremos alguns exemplos, para que se perceba mais claramente como se define cada uma das categorias e sub-categorias, através da transcrição de excertos das entrevistas.

- Sistema da "Vivência individual e intrapsiquica":

O sistema remete na generalidade a tudo o que está relacionado com o processo evolutivo individual e que integra a sua história pessoal. É compreendido por 5 categorias: "maus tratos infligidos"; "características do sujeito"; "tipos de delito"; "experiências traumáticas reais" e por último a categoria "fases de identificação ao agressor". Vejamos exemplos das categorias:

1. “Maus tratos infligidos”: exemplos referentes à sub-categoria *Negligência/Abandono*. “Bárbara” - [38,7] – “e eu tinha muitas ressacas fui por a minha filha aos avós, porque não tinha condições para cuidar nela […]”; “Pedro” - [107,27] – “Eu: O que está a sentir neste momento que queira partilhar? Vendo assim a minha vida, contada desta maneira vejo que não há um único dia que não pense no meu filho, e que a falta de carinho não é bem carinho é atenção que eu não tive também lhe estou a negar […]”.
2. “Características do sujeito”: exemplo da sub-categoria *“Manipulação/Premeditação/Desconfiança”*, “Rui” - [59,10] – “[…] É, mais aqui até. Nesta prisão a gente tem que ter muito cuidado com o que a gente fala, mas isto para mim até é bom, porque uma coisa é a gente ter cá psicólogas mas estão integradas aqui e uma pessoa nunca sabe o que está dizer ali, vai contar ao Director. Você nada do que fala aqui conta mas elas já trabalham em grupo e não me sinto tanto há vontade em falar sobre a minha vida. O que dizemos a elas não é só para elas é para várias pessoas”. Exemplo da sub-categoria *“Dramatização”*, “Samuel” - [104,19] – “A minha advogada disse para eu não meter recurso que ainda ia piorar, e eu na altura apanhei medo e não pedi. Deram-me 20 dias, a partir do momento eu fui condenado ainda me deram mais 20 dias na rua, se quisesse recorrer ou não e há minha advogada, olhe a resolução era apertar o papo à advogada outra à juíza e outro ao médico. Mas “Samuel” não quer isso, o “Samuel” quer sair daqui meter-se a milhas daqui… […]”.
3. “Tipos de delito”, vejamos dois exemplos referentes às sub-categorias:
    a) *“Abuso sexual”:* “Samuel” – [1,1] - “ […]vou começar por lhe perguntar como chegou aqui, um pouco da sua vida, está detido porquê, há quanto tempo? - Estou detido por abuso sexual”.
    b) *“Homicídio/tentativas de homicídio”:* “Raquel” - [1,1] – “[…] Estou aqui por homicídio, matei o meu marido, o meu primeiro marido”.

Por as duas categorias que se seguem serem muito importantes darei um exemplo para cada um das suas sub-categorias.

4. “Experiências traumáticas reais”.
    a) Na sub-categoria, *“Sexuais”*: “Samuel” - [25,6] – “ […] A minha mãe começou-me a violar quando eu tinha 5 anos. […] No inicio eu dormia sempre com ela e nunca no meu quarto… e era só carícias, toques, depois

foi evoluindo, até quase aos 10 anos, onde eu aparecia com feridas e às vezes com objectos… mas eu não quero falar disso…".

b) Na sub-categoria, *"Negligência/Abandono":* "Bárbara" - [12,2] – "Aos 9 anos, estava na 4º classe e a minha mãe resolve ir buscar-me a casa da minha avó, e foi buscar à casa do gaiato a minha irmã, 4 anos mais velha, filha de outro pai, ficámos com ela, perdi o ano de escola e ficávamos na maior parte das vezes sozinhas e sem saber para onde ia. Era a minha irmã muitas vezes que fazia qualquer coisa para comermos."

c) Na categoria *"Físicas":* "Pedro" - [48,12] – " Eu quero, o que eu vou dizer ao meu filho olha… eu não vou fazer que nem o meu pai fez, que é agressão, agressão atrás de agressão (emociona-se). Eu: O seu pai batia-lhe muito? (Silêncio profundo). - Ya…

d) Na categoria *"Psicológicas":* "Rui" - [10,2] – "Eu: Que tipo de maus tratos? - Físicos também psicológicos. Bater muito. Todo o tipo de maus-tratos.

5. <u>"Fases de identificação com o agressor",</u> vejamos exemplos de cada sub-categoria:

a) *"1. Vivência de Perigo/Medo",* "Bárbara" – [25,5] - "Hoje não tenho medo dela, mas tive toda a minha vida, primeiro não entendia porque ela não nos queria e depois medo do que ela me podia fazer. Umas vezes fazia bem outras mal, uma pessoa nunca sabia".

b) *"2. Vivência da Passividade/Impotência/Fragilidade",* "Pedro" - [58,14] – " […]… eu estive a ver o meu pai agredir o meu irmão e não pude fazer nada senão levava também".

c) *"3. Sentimento de Ameaça Interna"*, "Raquel" - [171,34] - "Eu: E como superou essa situação nessa altura? - Não se ultrapassa, a gente tenta esquecer mas não se esquece. É uma coisa, uma coisa, qualquer coisa que nos fala […]".

d) *"4. Desamparo/Desprotecção",* "Bárbara" - [6,1] – "Antigamente eu nada era e nada tinha, agora é o mesmo, […]

e) *"5. Identificação / Interiorização",* "Pedro" - [97,25] – "Eu: E sobre o quê discutiam? Era frequente?- Aconteceu algumas vezes, de algumas tenho pouca lembrança. Mas ele tem que fazer valer sempre a sua avante pela força, sempre foi assim e também era com ela.Eu: Você por tudo o que foi falando, já resolve um pouco assim as coisas, à lei da força.

Concorda comigo.- Eu tento não ser assim, mas parece que me está na massa do sangue, o meu irmão é que é diferente. [..]".

f) *"6. Idealização","Samuel"* – [102,19], quando se refere à mãe que o abusou sexualmente, "Eu: E está preso por um crime, que sofreu e que a sua mãe partiu antes de poderem falar…- E era a única pessoa que podia dizer, eu acredito no meu filho e que foi a única capaz de me defender a única, que se levantou pa me defender foi a única, ela amava-me muito".

g) "7. Projecção/Repetição/Inversão dos papéis", "Raquel" – [172,34] – "são coisas que não se esquecem, nunca que ia deixar que fizesse o mesmo à minha filha, um pai não tem esse direito, matava-o, como matei. Uma mãe tem que proteger os seus filhos, e estar atenta…

Voltando de novo à análise da figura 4, podemos observar que a categoria "maus-tratos infligidos", foi a que obteve menor resultado, com cerca de 2%. Isto pode dever-se ao facto de que, por um lado, todos os reclusos encontram-se detidos há muitos anos, e sem ser a "Raquel, os outros participantes são muito novos, pelos que os dois factores conjugados - idade e tempo de prisão, terão obviamente repercussões na percentagem desta categoria. Por outro lado, outro factor ainda pertinente será o facto de eu ter verificado em todos eles inibição ou vergonha de verbalizar que efectivamente maltratam, ou de alguma forma já perpetuam maus tratos. Seguidamente as categorias "experiências traumáticas reais" e "tipos de delitos" dado que se obteve a mesma percentagem, é pouco discriminativa da correlação que existe em alguns sujeitos pelo que podemos observar na figura a baixo, para uma maior compreensão dessa correlação:

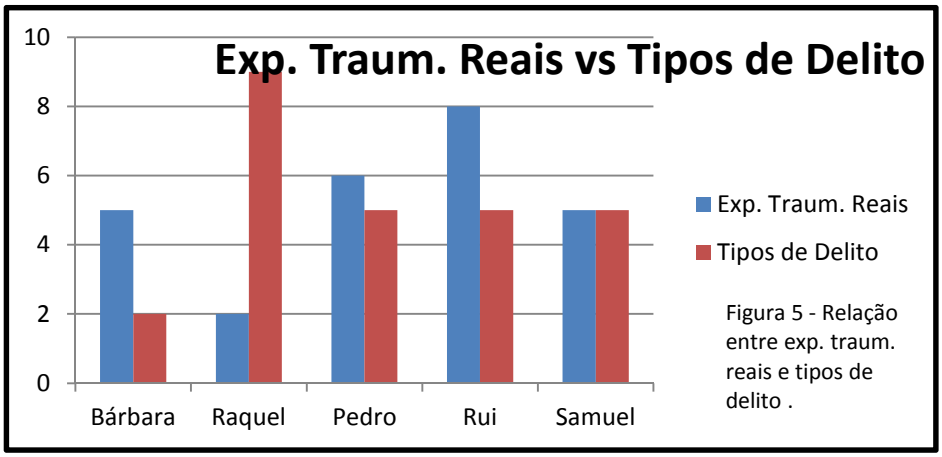


Figura 5 - Relação entre exp. traum. reais e tipos de delito .

Na figura 5 podemos observar a correlação que existe entre experiências traumáticas reais, ou seja, maus tratos sofridos e o tipo de delito cometido.

- No “Samuel”, ambas as categorias estão ao mesmo nível o que revela a maior correlação, dado que este sujeito foi abusado sexualmente e está detido por abuso sexual.

- No “Rui”, os maus tratos sofridos foram físicos e durante toda a sua infância/adolescência, e os crimes por que está preso são igualmente violentos, são crimes contra a integridade humana, ainda que o tipo de delito venha com menos expressividade numérica.

- No “Pedro”, os maus tratos sofridos foram igualmente físicos, e a correlação é mais homogénea que o sujeito anterior, por um lado porque os maus tratos foram com menos duração no tempo e em segundo porque está detido por tráfico de drogas, ainda que refira muitas vezes a sua agressividade e impulso para agir, quando se refere ao tipo de delito.

- Na “Raquel”, as experiências sofridas na infância são de carácter sexual, foi abusada e ainda que não tenha perpetuado o mesmo crime é igualmente uma agressora, visto estar detida pelo crime de homicídio qualificado.

- Na “Bárbara” as experiências traumáticas reais foram a negligência e o abandono e ainda que tenha perpetuado exactamente o mesmo tipo de maltrato, o tipo de delito é Furto, logo a correlação é mais fraca.

Não podemos esquecer que o gráfico apenas nos conduz a uma tendência de poder dizer que estas duas categorias estarem correlacionadas, dado que ele é construído sobre valores que resultam das vezes que o sujeito enumera a categoria e por outro lado da interpretação do entrevistador, por isso não podemos afirmar a correlação mas uma tendência, manifesta em todos eles, uns com menor, outros com maior expressão. Há que clarificar que esta correlação apenas se refere a uma relação e não a uma correlação estatisticamente significativa dada a quantidade da amostra e ao facto de não haver tratamento através de uma metodologia quantitativa.

Em seguida e ainda no gráfico representado na figura 4 a categoria “características do sujeito”, divide-se em 4 sub-categorias, que são elas: “vitimização/ desresponsabilização”; “dramatização”; “agressividade/impulso para agir” e “manipulação/premeditação/desconfiança”. Esta categoria surge da necessidade de encontrar uma categoria que descreve-se algumas das suas características enquanto agressores, dado que por todos eles é expressa, o que pode ser confirmado pelos 28% de resultados que obteve.

Por último neste sistema, e ainda referente à figura 4 temos uma das categorias mais importantes para o meu estudo e que aparece de facto com a maior percentagem é a sub-categoria "Fases de identificação ao agressor", com 40% de unidades de registo verificadas.

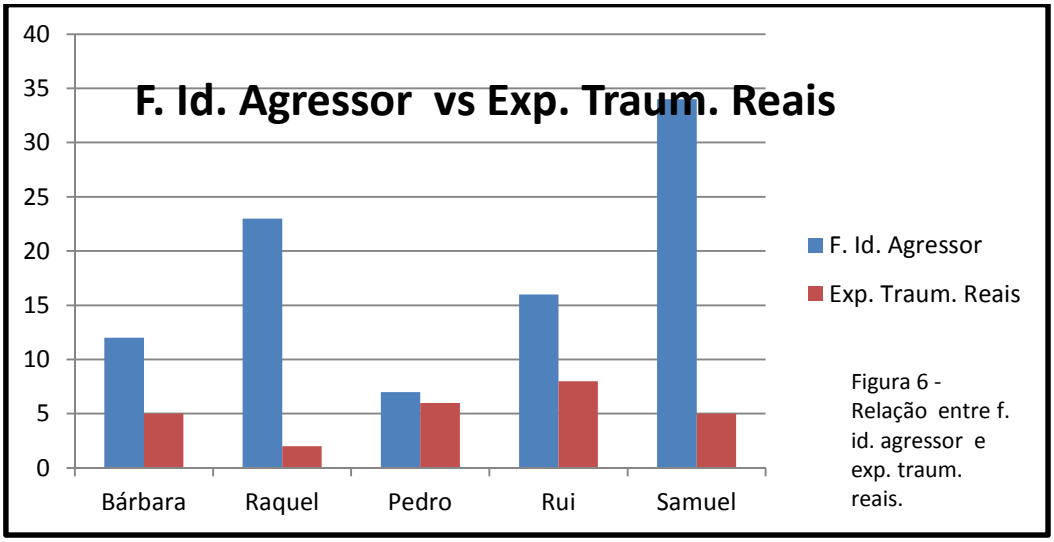


Figura 6 - Relação entre f. id. agressor e exp. traum. reais.

Podemos ver uma representação global da relação entre estas duas categorias, fazendo uma leitura linearmente pelos 5 indivíduos, podemos constatar que todos foram alvo de maus-tratos. Discriminando caso a caso, constatamos que a "Bárbara", que sofreu maus-tratos por "negligência/abandono" como experiência traumática real, manifesta a presença do mecanismo de identificação ao agressor, comprovada pela expressão de todas as fases de identificação ao agressor não se manifestando apenas a fase de idealização, mas que veremos mais em pormenor aquando a análise individual. A "Raquel", faz identificação ao agressor, registando todas as fases da identificação ao agressor, no entanto, existe nela uma recusa interior muito grande em verbalizar sobre o abuso sexual de que foi vítima, referindo poucas vezes em consciência e deixando passar na entrevista todas as fases e com grande número de unidades de registo. O "Pedro" e o "Rui" que sofreram maus tratos físicos, realizam igualmente o mecanismo de identificação ao agressor, ainda que no caso do "Pedro" para além de ter sido o sujeito com menos unidades de registo nestas duas categorias, não completa todas as fases da identificação ao agressor, sendo de referir que não é registado nenhuma ocorrência nas sub-categorias "desamparo/desprotecção" e na "idealização", ainda assim o sujeito manifesta a maioria das fases e verbaliza conscientemente que sente que já perpetuar comportamentos relacionados com a identificação ao agressor, nomeadamente negligência e abandono. Já o "Rui", para além de termos verificado que todas as fases de identificação ao agressor se

verificam, este caso é um bom exemplo de como o tipo de delito, (tentativa de homicídio e sequestro) conjugado com as experiências traumáticas (físicas), são facilitadoras de um aumento da ocorrência da identificação ao agressor. O caso do "Samuel" é o que obteve os valores mais discrepantes na expressão da identificação ao agressor, através das suas diversas fazes, porque o tipo de delito, abuso sexual, corresponde igualmente às experiências traumáticas vividas. Neste último caso, a afirmação de que as crianças abusadas sexualmente se tornam abusadoras sexuais, acontece e é mediada pelo mecanismo de identificação ao agressor. Por tudo isto que foi retratado até agora, podemos já afirmar que o tipo de delito e as experiências traumáticas reais são bons indicadores da identificação ao agressor. Ou seja, estes dois indicadores estão directamente relacionados com a categoria das "fases de identificação ao agressor", o que se verifica em todos os sujeitos.

Analisemos agora o microssistema:

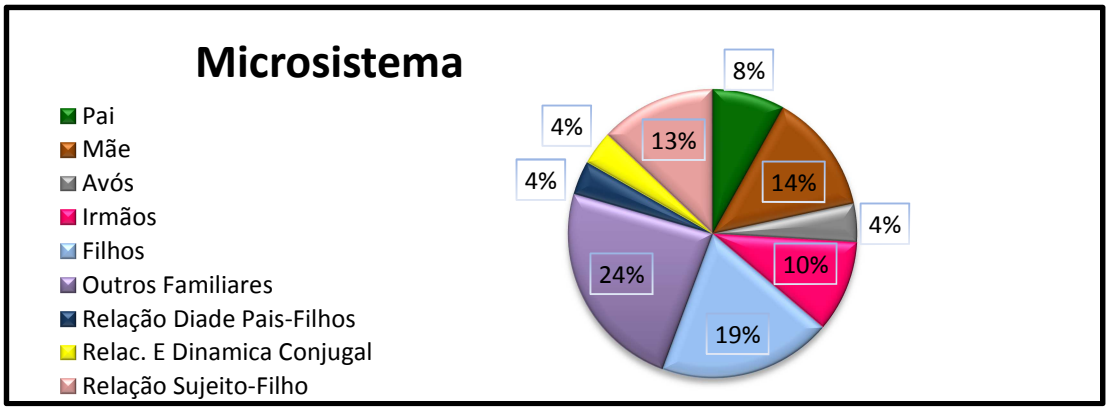


Figura 7- Distribuição das percentagens referentes às categorias do microssistema.

Neste sistema estão representadas as 9 categorias que podemos ver na legenda da figura 7. O microssistema já foi definido no capítulo anterior no entanto remete em traços largos para contexto imediato no qual se produz o mau trato e integra as características psicológicas e comportamentais de cada membro da família. Nele estão inseridas sub-categorias que salientam atributos ou comportamentos de valência, negativa e acções descrições de cada uma das categorias.

Globalmente todos os indivíduos não dão muita importância às categorias que remetem para o campo relacional, expressado pelas categorias: "relação da díade pais-filhos" (4%), o "relacionamento e dinâmica conjugal" (4%) e a "relação sujeito-filho" (13%). Maioritariamente as duas primeiras sub-categorias são referidas com valência negativa ou acção-descrição, e apenas uma vez a segunda categoria é referida com

valência positiva. Na terceira categoria os sujeitos expressaram mais acções-descrições, em seguida referiram a relação com os filhos positivamente, e por fim negativamente. As três categorias perfazem um total de 21%, no que diz respeito ao campo relacional. Tentando logicamente reagrupar as restantes categorias para facilitar a análise, temos ainda o núcleo familiar primário (representado pelas sub-categorias "pai" e "mãe", considerando-as como figuras parentais) e o núcleo familiar secundário (como "avós", "irmãos" e "outros familiares " e "filhos", sendo que estes podem ser consanguíneos ou por afinidade). Todas as categorias são expressas pela valência positiva e negativa e acção-descrição, sendo as variações são no núcleo familiar primário, que foi acrescentada a sub-categoria situação profissional e na sub-categoria "irmãos", a "situação criminal". Analisando primeiro o núcleo primário, este obteve 22% de unidades de registo e são mais vezes referidas as sub-categorias de acção descrição e situação profissional, para além serem descritos maioritariamente com valência negativa por comparação à positiva. O núcleo familiar secundário representa 76% da nota e prevalece a sub-categoria, "acção-descrição" e em seguida as unidades de registo com valência negativa. Sendo que este sistema revela um campo relacional parental disfuncional e conflituoso, marcado por relatos negativos e cuidadores parentais sentidos como negativos, alguns dos sujeitos tiveram figuras de referência que normalmente constituem o núcleo familiar secundário.

Analisaremos agora o Exossistema:

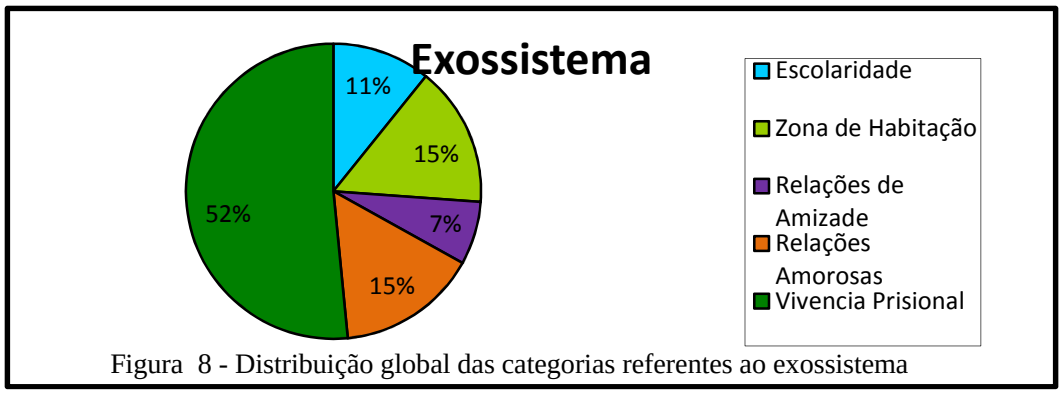


Figura 8 - Distribuição global das categorias referentes ao exossistema

Este sistema remete para aspectos da comunidade em que os indivíduos se inserem. Nele inserem-se todos os aspectos que afectam o indivíduo e a família. Considerei as 5 categorias referidas na figura 8. Tanto do microssistema, como do exossistema, vão ser referidos exemplos aquando a análise individual, para especificar e fundamentar o indivíduo no seu todo e as problemáticas salientes.

Na figura 8, a categoria com maior expressão significativa, foi a “vivência prisional” o que já seria de esperar, visto que toda a minha amostra se encontra em regime prisional, com 52%, todos com grandes penas de prisão, não inferiores a cinco anos. No discurso espontâneo são muitas vezes referidos aspectos que dizem respeito maioritariamente a acções-descrições e ao percurso criminal até ser preso. Para além disso, expressão que ao contexto prisional é promotor de alterações de comportamento, não necessariamente positivo. A sub-categoria “desobediência/castigos/conflitos” é muitas vezes referida, quer se refira á própria pessoa ou a terceiros. Todos eles expressam ainda nesta categoria, sentimento de injustiça. No entanto, todos referem na sub-categoria “actividades/trabalho/escola”, referindo que aumentaram a escolaridade ou até mesmo que tiraram um curso técnico-profissional, no contexto prisional. As categorias “relações amorosas” (15%) e “relações de amizade” (7%), devido ao facto do campo relacional estar afectado neste tipo de sujeitos, também neste sistema isso se mantêm, com relações amorosas maioritariamente descritas como instáveis, conflituosas ou com episódios de violência e poucas vezes como positivas, equilibrantes ou significativas. As relações de amizade maioritariamente são relações descritas como de consumo e relações de uso, com existência de comportamentos desviantes, daí a pertinência da escolha das sub-categorias.

São ainda descritas actividades e descrições, mas a relevância dos laços de amizade na vida em geral não é tida em conta, não se sentindo nestes sujeitos que os amigos desempenham um importante papel nas suas vidas. A escolaridade, ocupa 11% do gráfico, marcada por abandono, absentismo e insucesso escolar, sendo que todos os sujeitos, têm escolaridade inferior ao 7º ano, revelando preocupações com a situação profissional, e ao ganho monetário de rendimentos que muitas vezes é feito por via ilegal, excepto no caso da “Raquel”. São descritas ainda “relações entre pares”, não dando nenhuma importância a relação com os professores, daí que tenha sido retirada essa sub-categoria. Por fim a última categoria dentro deste sistema, é a “zona de habitação, aqui a sub-categoria que mais se destaca é a de “colégios de acolhimento/colégios de reinserção social”, ou devido a causas de disfuncionalidade familiar ou por via judicial. As restantes sub-categorias, “lazer/actividades”, “vivência de rua” e acções descrições completam a categoria em questão, formando um total de 15%.

Por fim o último sistema – macrossistema, que remete para os determinantes culturais e sociais e é representado pela categoria “cultural” dividida em duas sub-categorias, “valores culturais” e “estatuto sócio-económico/condições sociais”. A primeira sub-categoria tem menor expressão numérica que a segunda, (o que pode ser

visto na tabela geral em anexo F). Todos os participantes no estudo fazem parte de um estrato sócio-económico baixo, marcado por problemas de cariz económico e social, sendo que apenas um refere não ter problemas económicos (“Samuel”).

Análise Individual:

- “Bárbara” – Entrevistada 1, Idade: 25 anos.

Delito: Furto/Assalto. Nº de filhos: 2. Idades: 10 anos (filho); 6 anos (filha).

- Macrossistema:

- A “Bárbara” neste sistema apenas faz referência a problemas socio-económicos, que são agravados essencialmente por dois factores, o passar longos períodos a viver na rua durante a sua vida, e tornou-se toxicodependente. Podemos verificar, nos seguintes exemplos: “Não tinha muito dinheiro quando vivia com a minha avó mas nunca faltava uma camisola quente e um prato de comida […]” - [46,8]. Revelando que apesar dos problemas económicos a avó evitava que passasse necessidades. O factor toxicodependência como promotor, é descrito no seguinte exemplo: “A mãe começa-se a aperceber, ele também faltava muito, eu tinha muitas ressacas, ela já não gostava muito de mim e começou a desconfiar e a cortar com dinheiro que nos dava, eu fui despedida do café por faltar muito e quase nunca tínhamos dinheiro, a maneira dele ser começa a mudar porque de um momento para o outro começamos a não ter dinheiro tivemos que começar a arranjar por outras maneiras. […]” -[34,6]. “Bárbara”, torna-se toxicodependente e vai progressivamente deixando de trabalhar, inicialmente ainda tem o apoio da mãe do companheiro e quando esta corta a fonte de rendimento começa a surgir na vida dela e do companheiro a necessidade de procurar vias alternativas, vêm na necessidade de consumir uma motivação para ingressar pelo furto e pelos assaltos a automóveis.

- Ecossistema:

1. Neste sistema a categoria “escolaridade”, tem pouca expressão dado que “Bárbara”, tem poucas aspirações a nível pessoal e ao nível da realização profissional. Irei referir alguns exemplos das características mais salientes neste ecossistema, que são: “Insucesso” e “Absentismo/Abandono escolar”, com os seguintes exemplos respectivamente: “[…] só tenho a 4ª classe, tenho vergonha de dizer isso, mas ainda andei na escola, mas fugia e não queria saber, tinha muitas dificuldades para andar ao mesmo tempo, pa aprender as matérias, andava muito de cabeça no ar”- [43,7]; “mas também, tinha para ai 12 anos e tava na 4ª classe, acho eu e depois vivi com a minha mãe, e muitos

dias não ia à escola e acabei por desistir, também nunca senti muita vontade, as matérias eram muito difíceis e a minha cabeça nunca estava ali, eu não tinha o que aquelas pessoas tinham" - [44,7].

2. Na sub-categoria "relações entre pares": "Eu: E como era o ambiente da escola, como se dava com os colegas? - Normal. Era mais calada quando era pequena, mas depois as coisas foram mudando, ficava muito tempo na rua e falava com muita gente, ficava no jardim, ou no bairro, onde conhecia toda a gente - [45,7]. É de sublinhar que a entrevistada não faz qualquer referência a pessoas significativas nesta categoria.

3. Na sub-categoria "situação profissional": Neste campo não expressa qualquer desejo de realização o trabalho é visto apenas de forma funcional, com o intuito de obtenção monetária somente.

4. Existe problemática no campo relacional, expressado pelas categorias "relação de amizade" e "relações amorosas". As relações de amizade, não são sequer referidas por o sujeito, e o tipo de relação descrito, são relações de consumo/relações e as relações amorosas, são conflituosas instáveis e violentas, o primeiro marido, pai do primeiro filho, refere como incógnito e o segundo pai da filha, do qual era vítima de violência doméstica. O segundo companheiro, não refere maus-tratos mas era toxicodependente. "Bárbara" não refere estabelecer relações significativas com ninguém.

5. Na vivência prisional, resumidamente refere um aspecto positivo, o só ter deixado de consumir drogas quando foi detida (visto na sub-categoria "alteração de comportamento"), em contrapartida refere ter uma relação conflitual com os serviços prisionais e com as figuras de autoridade. É expresso através da sub-categoria "sentimento de injustiça", que refere ter relativamente à pena de prisão atribuída, deslocando o problema para a entidade que executa a pena, o estabelecimento prisional onde está inserida, bem como pela sub-categoria "desobediência/castigos/conflitos", em que tem uma postura conflitual e revoltada. Nesta mulher é muito importante referir que a vivência de rua, é marcadamente forte, visto que passou longos períodos a viver na rua. Num primeiro período aos 14 anos e num segundo período repetidamente aos 20 anos. Nunca se sentiu, como fazendo parte constituinte de algum sítio, é nela vincada o aspecto de desamparo e o medo constante de voltar para a rua e ser abandonada. É visto no seguinte exemplo: "Acabei por fugir com a minha filha, por volta dos 20 anos, vivi na rua, em pensões, fiquei novamente sem nada e sem ajuda de ninguém. Fui vivendo como podia, fui arranjando maneiras." [21,4].

- Microssistema:

1. As figuras parentais são referidas sempre na negativa. Das duas vezes que refere o pai, é com valência negativa revelando revolta e mágoa, dado que ambos a negligenciaram e abandonaram, o pai numa figura ausente e marcadamente de abandono, a mãe ambivalente, em alturas ia buscá-la em outras abandonava-a, para voltar de novo a desiludi-la. A frase "Eu: E em relação ao seu pai? - Nada nunca o conheci mesmo. Hoje sei quem é, mas nunca quis saber de mim. Não sinto nada. […] é como se eu não tivesse família, ele abandonou-nos […]" - [27,5]. Da mãe é referida a situação profissional, prostituição e é sempre descrita negativamente. É uma mãe ambivalente, sentida como ameaçadora e que nunca foi securizante, expressando cuidados insuficientes e deficientes. Tomemos como exemplo: "teve sempre um grande poder sobre mim, eu sempre que voltava a confiar nela, ela enganava, era como na rua em que temos que esperar sempre o pior, não dá para confiar, hoje já não tem esse poder, não quero saber dela" – [48,8]. Do núcleo familiar secundário, é referida com relevância a categoria "avós". Para "Bárbara", foi a única pessoa que foi referida com valência positiva e com várias unidades de registo. A avó é descrita como significativa, a única pessoa que lhe deu amor, como sendo "a única pessoa que tive carinho foi a minha avó, ela tinha sempre um carinho, um pedaço de comida […]" - [49,8].

2. No que diz respeito ao campo relacional, a categoria "relacionamento e dinâmica conjugal", que diz respeito ao relacionamento dos pais, é definida negativamente, provêm de uma família monoparental, com pai ausente, que não desempenha papel nenhum na vida desta mulher. É de salientar que não é registada nenhuma unidade de registo na categoria "filhos", ainda que tenha 2. Teve aos 15 o mais velho já a viver na rua, ainda convive com ele uma semana e depois entrega-o à sua mãe e fica com ele temporariamente que o acaba por dar para adopção e o segundo, uma menina com 6 anos que tem aos 19/20 anos, que fica com ela por alguns períodos alternando com períodos em que a deixa ao cuidado de outros, nomeadamente com a avó paterna. Dai que a categoria "relação sujeito-filho", seja referido como negativa, marcada por acusações da criança, em como esta a abandonou e não gosta dela.

- Vivência individual e intrapsíquica:

1. Na categoria “maus tratos infligidos”, já manifesta unidades de registo, observando-se “negligência/abandono”, temos como exemplo: “eu tinha muitas ressacas fui por a minha filha aos avós, porque não tinha condições para cuidar nela. […]”.

2. O “tipo de delito”, foi furto/assalto em que a motivação para cometer o crime foi para poder consumir, quando atingiu um pico de dependência de drogas e uma consequente falta de dinheiro, envereda pelo crime. Ex:” Começamos nessa altura a roubar carros, e a assaltar e a ter que arranjar droga por outras vias, eu ajudava. […]” –[37,7].

3. Na categoria “experiências traumáticas reais”, que é dividida em 4 sub-categorias, 3 são manifestadas. A “Bárbara” revela “negligência/abandono”, e a sub-categoria “Psicológicas”, que podemos verificar na transcrição da frase “Ou era umas vizinhas ou acordava e via o que havia no frigorífico, ficava todo o dia sozinha, ou então as noites e durante o dia ela dormia. Tinha dinheiro mas não tratava de nós, gritava, chamava-nos inúteis, nunca se preocupava se andávamos limpas ou se comíamos, nunca foi uma mãe, eu não sei o que é isso. […]” –[14,2]. Para além, da sub-categoria “sexuais”, que nesta mulher é marcada pelo facto de a mãe a ter explorado sexualmente, colocando-a a trabalhar no bar de alterne onde trabalhava, como prostituta, com apenas 13 anos. Exemplo: “E quando fiz 13 anos a minha mãe pôs-me a trabalhar à noite nessas boates da noite. Eu: A sua mãe pô-la a prostituir-se? - Sim…Eu: Como se sentia na altura? - No inicio não sabia o que estava a acontecer, até achava giro, mas eu não sabia o que ia acontecer e ela dizia que me tinha ido buscar porque o meu lugar era ao lado dela. Eu parva, pensei que tivesse sentido a minha falta mas afinal, tudo não passou de um engano (chora). Eu: Porque diz isso? - Porque tempo depois de me ir buscar, disse que não podia sustentar tantas bocas e que eu tinha que a ajudar, eu era sua filha e que por isso tinha que ajudar e trabalhar. Eu: E em que trabalhou? - No início dava ajuda no bar, ou a fazer umas sandes e comidas, mas depois arranjava clientes e ficava por cima uma pensão, com uns quartos onde levávamos. Uma das vezes, ainda consegui fugir mas as restantes, ela ficava até eu me despachar.”

4. Na categoria mais importante dada a pertinência para o estudo vejamos um exemplo para todas as “fases de identificação ao agressor”. Na Bárbara, a fase com mais visibilidade foi a de “desamparo/desprotecção”, dado que esta mulher nunca se sentiu protegida, e com um lugar de pertença a que designa-se como o seu lar e que sentisse com seu, como podemos ver no exemplo: “[…] aos 15 tenho o filho ai já alguns meses vivia na rua e tive o meu filho no hospital mas não tive ninguém para me ir buscar. Sai do hospital com a roupa no corpo e com o filho nos braços, não tinha ninguém.” - [16,3].

Outra sub-categoria “vivência de perigo/medo” com o exemplo: “Hoje não tenho medo dela, mas tive toda a minha vida, primeiro não entendia porque ela não nos queria e depois medo do que ela me podia fazer. […]” - [25,5], um exemplo para o “sentimento de ameaça interna” um bom exemplo é: “mas conforme fui crescendo a minha raiva foi crescendo, a minha mãe, se é que se pode dizer isso, nunca gostou de mim, nunca tive um lugar seguro na minha vida.” – [24,5]. Para a identificação/interiorização, ”[…] alguns tempos em que tinha aquela fantasia de tar com ela, mesmo ela tendo-me abandonado sempre, sonhei sempre ser com ela”, - [23,5]. Por fim a última fase onde já há uma perpetuação explícita, a “Projecção/Repetição/Inversão dos papéis”, onde podemos observar a seguinte frase, quando se refere à filha, “se pensam que me tiram esta menina, já a estão a por contra mim, ela já diz que não gosta de mim, que eu sou má que a abandonei, que não fiz caso dela.” - [40,7].

“Raquel” – Entrevistada 2. Idade: 49 anos.
Delito: Homicídio. Nº de filhos: 2, um com 17 anos e uma com 30 anos.

- Macrossistema:

- Esta mulher os valores superiores nas duas sub-categorias que constituem a categoria cultural, tanto no que diz respeito a referência ao estatuto sócio-económico/condições sociais, bem como aos valores culturais, fazem-na evidenciar-se, através dos valores superiores. Tomemos um exemplo, da segunda sub-categoria: “Foi assim que a minha mãe nos criou e então e é assim que eu vou criar os meus filhos, porque nós fazemos o que aprendemos e vai ser assim com os filhos” - [155,30]. Existe nela de facto um preocupação económica, seja porque sempre teve a sua independência económica seja porque gosta de ser ela a ter o poder de controlar o dinheiro, sendo que o poder e o controle também são expressos e por inúmeras vezes são referidos episódios em que esta detêm o poder económico, e que mesmo quando não é seu directamente, por ex. do genro, ela dá indicações directas de como fazer para a filha retirar o máximo que conseguir dado que como ocupa uma posição de matriarca, controla, os seus filhos e netos, gerindo o que é que é melhor para estes. Acusa o primeiro marido de não ser gerador de riqueza e de trabalho e que por isso o que ela ganha é tão-somente para ela e para os filhos.

- Exossistema:

1. Tanto nesta mulher como em “Bárbara”, a escolaridade é referente à 4ª classe. É marcada pelo abandono escolar ainda que seja baixa, esta justifica que nunca precisou de estudar, e que o grau de ensino que tem, chega-lhe muito para saber o que precisa para

ganhar dinheiro. A diferença com “Bárbara” é que a primeira diz sentir vergonha, “Raquel”, diz prontamente que a escola não é o caminho que quer para si, e já a sua filha, esta deixou-a abandonar a escola, muito cedo, também trabalhando com ela na fábrica.

2. Existe nesta mulher uma centração no externo, em vez do interno, uma deslocação de aspectos positivos e negativos para acções-descrições, pelo que ao longo de toda a entrevista vão haver maioritariamente, meras descrições. É uma maneira que esta usa para se defender do seu mundo interno, para que este não a invada ela exerce o poder de tentar falsear pensamentos consigo mesma, ou seja centrando-se nas descrições e no detalhe ela afasta a atenção de si, sobre si mesma, evitando e sentir tudo o que não foi ainda integrado nela. É marcado ao longo da entrevista uma robotização, uma postura verborreica e de apego a detalhes e factos, na sua grande maioria sem valências, resumindo-se a um mero relato de factos.

3. O campo relacional, tal como na “Bárbara”, este está afectado, em que não é referido uma única vez relações de amizade significativas, bem como as relações que estabelece, a maior quantidade de unidade de registo aponta para relações descritas como instáveis, conflituosas e violentas, o que corrobora o facto de ter sido vitima de violência doméstica durante 16 anos. Este marido é descrito como um abusador e ela projecta a imagem do pai. **4.** Na vivência prisional refere duas características maioritariamente como sempre “acção-descrição” e “actividades/ trabalho/ escola”, visto que o trabalho para esta mulher ainda que indiferenciado representa uma grande importância e que refere como orgulho, para além de aliar à fonte de rendimento, pois mesmo dentro da cadeia manda dinheiro para a sua filha e para uma conta que faz para reiniciar a sua vida cá fora. Refere vários episódios da vivência prisional, conflitos, toxicodependência e o perigo e ameaça constante do contexto prisional, mas na maior parte das vezes a terceiros, dado que tem bom comportamento dentro do estabelecimento prisional.

- <u>Microssistema</u>:

1. No núcleo familiar primário, a figura paterna só vem referida duas vezes e como acção descrição, o que para uma pessoa que descreve positivamente os valores culturalmente, como um legado que lhe foi dado, não atribui valências nem positiva, nem negativa ao mesmo. Este é um elemento muito importante na história desta mulher negativamente, dado que foi quem a abusou sexualmente em criança, ainda que ela insista em não verbalizar o nome do agressor. É as únicas alturas na entrevista quando o assunto é tocado que ela revela uma postura confusional e que quando chegamos ao final da entrevista

percebemos claramente que o pai é o abusador. Para uma mulher que descreve com uma exactidão detalhes como a cor e as peças de roupa que vestia em determinada altura da sua infância, decorar e descrever factos que dizem respeito ao quotidiano sem qualquer relevância para o seu campo pessoal. Tem uma memória descritiva absolutamente surpreendente, no entanto, descreve o abusador sexual descompensa, fica nervosa, agitada, as frases perdem alguma coerência. Ex:"[…] - Foi aos 9 anos. […]- Sei perfeitamente o que é uma mulher ser violada… e sei que hoje, que hoje (começa a agitar-se com a cadeira). Eu: Foi por familiar? - Familiar… familiar. Não, não foi por pessoa estranha. Eu estava (silêncio). Eu: Sente-se bem? - Sim estou só um bocado cansada […], foi por um homem que ia a passar de bicicleta que me levou, é como se me conhecesse bem. Eu: E lembra-se da cara dele? - Não, era pequena, não tem rosto… eu ia comprar cigarros ao meu pai, ele naquela altura esteve doente da cabeça e nós ajudávamos mais… mas é meu pai. […] - Arrastou-me…Eu: Quem o seu pai? - (bate com a mão na cadeira), não, não era o meu pai. Eu ia buscar cigarros para o meu pai… (agita-se) e a minha mãe tinha-me dito vais lá acima ao Sr. V. buscar e trazes os *kentuques* para o pai, ele estava não sei onde, ele naquela altura fumava *kentuques*, ele estava doente. Eu: Doente com quê? - Foi uma fase má, uma fase que ele teve e nós ajudávamos mais, tínhamos mais compreensão ele depois melhorou, era qualquer coisa da cabeça, ele era nosso pai. Eu: E o que se lembra dessa altura? - Era pequena, mas foi uma altura que foi resolvida…" – [160,161,162,32]. É muito importante perceber o papel das figuras parentais altamente idealizadas, mas que depois imperam as acções-descrições, tanto no pai como na mãe. O pai não tem uma única descrição com valência positiva ou negativa. A figura materna tem uma unidade de registo apontada como positiva, ainda assim está ao longo do texto impregnada de pequenos indicadores como que a mãe deve-se ter feito alguma coisa para travar o abuso sexual, fazendo um paralelismo à sua situação: matou o marido, porque este andar a tentar abusar sexualmente da filha e diz muitas vezes, que é obrigação de uma mãe travar. Podemos observar ainda este campo aliado a projecções brutais, como é caso a propósito de estar a falar da filha mas projectando-se nela: "são coisas que não se esquecem, nunca que ia deixar que fizesse o mesmo à minha filha, um pai não tem esse direito, matava-o, como matei. Uma mãe tem que proteger os seus filhos, e estar atenta… […]." – [172,34]. Mas que ficará mais claro nos exemplos das fases de identificação ao agressor.

2. Relativamente ao núcleo familiar secundário, os "filhos", e "outros familiares", são os únicos que tem valência positiva, sendo que na última categoria refere positivamente

quando se refere ao actual marido, um recluso também. Casaram na prisão e está preso também por homicídio, mas é visto como uma figura significativa e a primeira relação que refere como equilibrante.

- <u>Vivência individual e intrapsíquica:</u>

1. "Características do sujeito" – nesta categoria deixa passar aspectos que a levam a considerar acima de tudo como muito na sub-categoria "agressiva/impulso para agir", ex: " […] se eu estou presa vou ser condenada um dia, mas eu um dia saio e com a boca que você me está a dizer que me emprestou a arma a mim você vai engoli-la porque eu vou meter-lha pela boca a dentro." – [128,23]. Ainda que tenha presença acentuada também na "dramatização" e na "vitimização/desresponsabilização", o que é mais vincado nela ao longo da entrevista é a "manipulação/premeditação/desconfiança", sendo que a premeditação é uma característica marcadamente inerente à sua personalidade, ex: "[…] eu andava a combinar tudo para arranjar uma arma para o matar. Porque ele dizia sempre que um dia que morresse gostava de morrer no dia que a avó morreu eu ainda me dei ao trabalho de ir ao cemitério ver em que dia foi, para ver o dia em que a senhora morreu e tal prontos tudo bem. No dia 1 de Novembro ele é morto […]" - [57,8].

2. "Tipos de delito" – leva grande parte do tempo, a retratar as motivações para ter cometido homicídio, com descrições violentas e brutais.

3. "Experiencias traumáticas reais" – sexuais. Ex: "[…] Oh Dra. uma vida sofrida logo desde os 9 anos, sou violada e aos 11 já estou na fábrica […]" - [145,28].

4. "Fases da identificação ao agressor". A "Raquel" por oposição à "Bárbara" já completa todo o ciclo, que podemos ver agora exemplificado. Exemplo de "vivência de Perigo/Medo": "e entretanto venho eu a correr… corria muito, pela rua a baixo a chorar, com as pernitas cheias de sangue. Eu estava com uma saia às preguinhas de fazenda que me tinha feito a minha mãe e com uma blusa azul, eu chorava e disse o que tinha sido […]" -[166,33]. Exemplo de "Vivência de Passividade/Impotência/Fragilidade": "Ai aparece o meu pai, eu mando-o embora… ele diz que quer ir, vai comigo a correr mais a minha mãe, a minha mãe também foi a correr ao sítio onde tinha sido, onde eu julguei, onde eu pensei que me tinham levado… mas já não estava mais lá ninguém, ninguém para contar história. […] -[167,33]. Exemplo de "Sentimento de ameaça interna": "Não se ultrapassa, a gente tenta esquecer mas não se esquece. É uma coisa, uma coisa, qualquer

coisa que nos fala… qualquer coisa que… […]" -[171,34]. Exemplo de "Desamparo/ Desprotecção": "Vejo que a minha história dava um filme e dava um livro, às vezes parece mesmo que estou num filme, às vezes não sinto nada. […]" -[142,27]. Exemplo de "Identificação / Interiorização": Não davam mais porque não podiam e pai tem esse poder eles é que mandavam mas eu admirava-os muito hoje percebo que se fizeram muitas vezes o que fizeram é para o meu bem, foram sempre uns pais muito religiosos…" -[180,36]. Exemplo de "Idealização": "[…] o meu pai teve alturas que estava doente não sabia o que fazia, eu sei que não… (começa a agitar-se) o meu pai morreu nos meus braços e pena que tenho da minha mãe não morrer também, mas morreu no quarto onde eu durmo hoje, na casa da minha filha, a ele eu perdoou tudo ele era meu pai…" –[181,36]. Por ultimo um exemplo de "Projecção/ Repetição/ Inversão dos papéis": "[…] nunca que ia deixar que fizesse o mesmo à minha filha, um pai não tem esse direito, matava-o, como matei. […]" -[172,34].

"Pedro"- Entrevistado 3. Idade: 21 anos.

Delito: Tráfico de drogas. Nº de filhos: 1 Idade: 1 ano e 7 meses.

- <u>Macrossistema:</u>

- O que revela mais expressividade é a sub-categoria "Estatuto Socio-Económico/ Condições Sociais", dado que para este sujeito o factor monetário foi das principais motivações para cometer o delito porque está preso, tráfico de drogas. Para ele, o tráfico é um motor que está intimamente ligado a poder e a respeito, fortemente influenciado por a "cultura de bairro", e pelas condições sociais envolventes.

- <u>Exosistema:</u>

1. Neste indivíduo a "escolaridade" foi abandonada, promovido pelo absentismo escolar e desmotivação na aprendizagem, conclui o 7º ano. Ex: "[…] - Passei para o oitavo, mas foi naquela altura que saiu aquelas coisas das três faltas chumba-se. Eu: E chumbou no oitavo ano? - Ya (???)" – [76,20].

2. Nesta categoria "escolaridade", a relação entre pares", ocupa destaque, pelas suas características de sedução para com os outros e o gosto por conviver e comunicar.

3. Na categoria "zona de habitação", há que acentuar as sub-categorias "vivência de rua", dado que é na rua que realiza a acção de "traficante" de heroína e cocaína, as "acções-descricções", que deixam revelar uma cultura de bairros problemáticos onde o tráfico é um panorama frequente e os "colégios de acolhimento/ colégios de reinserção social",

dado que por cerca de três vezes residir em colégios, uma vez porque foi posto na rua pelo pai, e foi para um colégio de acolhimento e outras duas por imposição judicial.

4. Na dinâmica relacional, no que diz respeito a "relações de amizade", estas são preconizadas essencialmente por "relações de consumo de drogas/relações de uso" e nas "relações amorosas", essencialmente marcadas pela instabilidade, conflitos e imaturidade.

5. No que diz respeito à categoria "vivência prisional" é marcada por conflitos com as figuras de autoridade, desobediência e castigos, podemos ver no ex.: "Era castigo atrás de castigo, eu em 3 meses só tive 15 dias aberto. […]" -[40,10]. Nutre um sentimento de injustiça no que diz respeito não somente ao tempo de pena que apanhou, mas essencialmente no que diz respeito às relações com os guardas prisionais, que diz que em consequência disso não o deixaram estudar lá dentro. Foca alterações no comportamento, como tendo apaziguado mais os seus instintos agressivos e impulsivos, acima de tudo aliados ao facto de sentir que dentro da prisão tem que se resignar a obedecer, o que lhe aumenta por vezes a revolta.

- <u>Microssistema:</u>

1. No que diz respeito ao núcleo familiar primário, é constituído por dois pólos, um que considera como positivo e protector, a mãe, que a descreve como "Eu: Para si qual o melhor, aquele que lhe dá mais carinho? - A minha mãe. Eu: A sua mãe! E ela é uma pessoa afectuosa para si? Qual é assim a representação que tem da sua mãe? - Eu à frente da minha mãe só ponho o meu filho. Eu: Agora está a emocionar-se a falar sobre isso porquê? - Saudades…" - [25,6]. Esteve também detida cerca de 3 anos, por tráfico de drogas, e ele refere com único defeito que aponta à mãe ter tido sido alcoólica, e que só o tempo de prisão a desintoxicou. Já a figura paterna é descrita como um agressor, e como muito rígido, como podemos observar no exemplo seguinte: "**[…]** viu disse ao meu pai deu-lhe durante uma hora, descansou sovou-o por mais uma hora, descansou, voltou-lhe a dar, voltou a descansar…" - [56,14]. Refere ainda um aspecto importante, no "Relacionamento e dinâmica familiar", para entendermos que este sujeito, está rodeado de episódios violentos, como vimos no exemplo: "Tipo eu tenho uma imagem, uma situação que eu nunca mais vou esquecer. Eu era pequeno, […], não sei quê e eu tava deitado com a minha mãe, nesse tempo já a minha mãe bebia e o meu pai bebia mas não era tanto, lembro-me de tar deitado com ela e depois ela sair voltar, o meu pai chegar do trabalho e tipo começarem a discutir ya o meu pai a dar-lhe no cassetete, o meu pai começa a lhe bater... […] é tipo umas mesas antigas que tinha, que era grossa e depois

acabava fininho, parecia um taco. Agarra, bate na cabeça da minha mãe, e ela cai no chão. […] O meu irmão era bem pequeno não lembra, mas já tinha nascido. Lembro-me de tar a gritar e não sei quê para ele parar. A minha mãe caiu, começou a sair sangue muito grande da cabeça e de repente começa a chover. O meu pai agarra e mete a minha mãe no quintal ali." - [96,25].

2. No que diz respeito ao núcleo familiar secundário, está repleto de unidades de registo, de valência positiva e negativa, mais de acções-descrições. O que também traduz uma grande influência e importância que a família tem para ele. Positiva ou negativa esta família tem espaço e representação mental o que faz com que seja referida muitas vezes, seja de forma positiva ou negativa. O irmão mais novo que também esteve preso por roubo, é descrito positivamente por ele como um exemplo de como a passagem pela prisão o fez o homem como refere a dada altura.

- <u>Vivência individual e intrapsiquica:</u>

1. Refere "maus tratos inflingidos", de tipo "negligência e abandono" no exemplo: "Vendo assim a minha vida, contada desta maneira vejo que não há um único dia que não pense no meu filho, e que a falta de carinho não é bem carinho é atenção que eu não tive também lhe estou a negar, quero mudar para lhe dar tudo […]" – [107,27].

2. Como "característica do sujeito" de destaque é essencialmente a "agressividade/ impulso para agir", marcada não são pela experiência traumática física, mas também pela sua imaturidade, que pode ser visto no exemplo: "[…] D´antes quando tipo stressava tinha que descontar em alguma coisa, se não fosse numa pessoa às vezes entrava na cela encostava a porta e punha-me aos socos à porta." – [78,20]

3. O "tipo de delito" foi condução sem carta e tráfico de drogas.

4. No que diz respeito "Experiências traumáticas reais", foram "físicas", "negligência e abandono" e "psicológicas".

5. Nas "fases de identificação ao agressor", tal como na "Bárbara" que não se verifica todas as fases, este não manifesta duas. Vejamos os exemplos das que se verificam: "Vivência de Perigo/ Medo", ex: " […]Ya, claro e o que é mais incrível é que ele deu a primeira, deu a segunda e queria dar a terceira, se não fosse o meu irmão mais velho eu estava desgraçado. […]" - [53,13]. Na "Vivência da Passividade/Impotência/ Fragilidade", ex.: "[…] eu estive a ver o meu pai agredir o meu irmão e não pude fazer nada senão levava também. […]" - [58,14]. Na fase "Sentimento de Ameaça Interna": "A

porrada serviu para quê? - Para criar mais raiva. […]" - [50,13]. Na fase "Identificação/Interiorização": "[…]- Eu tento não ser assim, mas parece que me está na massa do sangue […]" - [97,25]. Por fim, a fase de "Projecção/Repetição/Inversão dos papéis", com o exemplo: " […] Sinto-me capaz porque lutei sozinho, porque não foi por cá com incentivo, não foi por muda e acontece isto, muda e faz isto, mudei por mim mesmo. Cheguei a um ponto eu tava na cela olho para a foto do meu filho e se continuar assim nunca hei-de ter o que quero. […]" - [79,21], sendo que era o pai que lhe dizia para mudar.

"Rui" – Entrevistado 4. Idade: 28 anos.

Delito: Tentativa de Homicidio/Sequestro. Nº de filhos: 1. Idade: 8 anos.

- Macrossistema:

- Neste indivíduo os problemas económicos são apontados poucas vezes, mas mais como um problema social, em que o bairro onde cresce, tem problemas socio-económicos e vive-se num clima de precariedade, o que vai ter mais expressão no exosistema, na "zona de habitação".

- Exossistema:

1. O "Rui" é uma pessoa em que tal como os casos anteriormente descritos a categoria "escolaridade", está comprometida. Este estudou até ao 7º ano ([54,9]).

2. Quanto à "zona de habitação", a sub-categoria mais relevante para este sujeito é "colégios de acolhimento/colégios de reinserção social", por dois motivos relevantes, primeiro porque a dada altura da sua vida, na adolescência, teve que recorrer ao acolhimento, para poder ter onde dormir. Em segundo lugar porque foi através das pessoas que conheceu no acolhimento e dos irmãos que lá reencontrou, que ingressou no mundo do crime, como podemos ver retratado, na junção desta sub-categoria com a categoria, "relações de amizade" referente aos "comportamentos desviantes". Ex: "Começo a entrar no crime. Conheci várias pessoas naquele colégio e a aprender o mundo do crime, a fazer coisas… comecei a fugir do colégio e até que um dia apanharam-me e já não me aceitaram mais no colégio" – [41,7].

3. A componente relacional está comprometida, tanto nas "relações amorosas", que são marcadas por um clima de instabilidade e conflito, bem como na componente relacional em termos de amizades, que é marcada pelos consumos de droga e por comportamentos desviantes, que começam por ser pequenos roubos em supermercados, até que vão

emergindo numa escalada que é acompanhada cada vez mais pelo consumo excessivo de cocaína. Acaba por ficar dependente, mas diz não ter começado a roubar por questões monetárias e sim pela adrenalina e pelo aumento de poder. Tenta nunca passar uma imagem de vítima e quando sente que o está a fazer, vezes sucessivas anula, o comportamento. Ex: "Eu experimentei, experimentei com um dos meus irmãos, porque eu disse ah vou para os treinos e ele disse toma ai para fumar e vais ver como é que vais render e tal e experimentei e tive uma adrenalina. Eu: E começa a consumir, foi logo cocaína ou houve uma escalada até chegar à cocaína? - Não foi logo cocaína. […]. Foi cocaína, experimentei, snifei e gostei. Eu: E o que lhe trazia a si, a cocaína de novo. - Não havia problemas. Eu: E quanto tempo levou até se aperceber que já estava dependente? - Quando fui expulso. Fomos a testes, agente vai muitas vezes a testes e deram-me várias oportunidades lá no clube para mudar, mas faziam o controlo pelos testes e não consegui. Talvez ao final de um ano e tal. Eu: Quer dizer que nesses anos, o consumo foi muito grande. - Sim foi. Nós naquele tempo não recebíamos ordenado, era prémio, era dinheiro mas era prémios que se chamava e era tudo para gastar com droga na maior parte." - [39,6].

4. O seu discurso é muito marcado pela vivência prisional, visto que já está preso há 8 anos detido, e tem uma pena de prisão de 18 anos. A prisão para este sujeito foi promotora de alterações de comportamento, na primeira prisão os consumos aumentaram, mas na segunda, onde se encontra actualmente deixou de consumir. Ex: "[…] Entrei aqui drogado e agora já não sou, fui tratado aqui. Eu na "E.P. C" consumi muito e "E.P. A" também e "E.P. B" também […] é tudo jovem tem outra maneira de pensar, […] os drogados aqui são descriminados, foi a olhar para estes jovens que também estão ai que… foi isso que me fez desviar…" -[49,8]. Nutre tal como os outros detidos, sentimento de injustiça face à duração da pena, e lamenta ter perdido a década dos 20, e de não conseguir recuperar o tempo perdido.

- <u>Microsistema:</u>

1. No que diz respeito ao núcleo familiar primário, é filho de uma família disfuncional, como ele próprio define, "[…]o meu padrinho e a minha madrinha também é uma família disfuncional, a violência era uma constante na nossa família." – [12,2].

2. A dinâmica familiar segundo descreve, consiste num panorama de pobreza e violência doméstica, onde o pai é agressor, a mãe abandona o lar e os 9 filhos, quando ele tinha 4 anos. Vejamos dois exemplos: "O meu pai maltratava muito a minha mãe […] e a minha mãe desesperada fugiu. Um dia fugiu de casa porque já sabia que ele ia chegar ia-lhe

bater outra vez não aguentou mais fugiu e o meu pai nesse dia chegou viu a carta que ela lhe deixou, desesperado tomou o remédio e suicidou-se […]" –[8,2]; "[…], lembro-me do meu pai a matar-se e de como a minha mãe levava porrada à nossa frente e muitas vezes defendia-nos quando ele nos batia. Mas ele era mais violento era com a minha mãe. A minha irmã é que chegou a levar porrada mais do meu pai, por se meter no meio para defender a minha mãe. -[70,11] ".

3. Defende uma mãe abandónica, não a encara como tal pois está muito idealizada, dizendo que esta se não fugisse ele acabava por a matar, então fugir e abandonar os filhos foi a única solução que encontrou. Todos são enviados a instituições e casas do gaiato, ele é o único, que pensou ter sorte, ficou com os padrinhos, irmão do pai, provenientes de uma longa geração de alcoólicos, em que os cuidados são poucos, e as agressões e negligência imperam.

4. Núcleo familiar secundário. Aqui a expressividade vai para os irmãos, positivamente dada a busca incessante que o sujeito faz, por se reaproximar e lidar com os irmãos, manifesta graves carências afectivas, alegando não ter tido muito carinho. Um dos irmãos também esteve com ele preso referente ao mesmo processo ainda que com menos duração.

Ex: "[…] Os meus irmãos, é a minha vida. Os meus irmãos perdi-os desde pequenino e recuperei-os aos 17 anos talvez. […] tive grande necessidade de procurar os meus irmãos, jogava lá e tinha tudo pago, estadia e tudo mas eu nunca tive muito carinho". –[25, 26 – 4]. Também é bem representado pelo individuo, a forma como a estrutura familiar deficiente teve graves repercussões, nos filhos. Ex: " […] procurei a minha família e soube que os meus irmãos, os mais velhos tavam presos, a minha irmã andava numa vida de prostituição […]" – [38,6]. Da filha apenas refere, que está em parte incerta e que estará para o Brasil, quando veio preso, a companheira foi para o Brasil, nunca lhe dando nenhuma satisfação.

- <u>Vivência Individual e Intrapsíquica</u>:

1. "Características do sujeito": na sub-categoria "manipulação/ premeditação/ desconfiança" , como podemos observar no exemplo, "A prisão faz-nos desenvolver sempre desconfiança, temos que tar sempre a adiantar o que o outro vai fazer […]" -[93,15], essencialmente são as características que mais se destacam, com predominância da desconfiança.

2. "Tipos de Delitos" - Posse ilegal de arma; furto/assalto; sequestro; homicídio/tentativa de homicídio.

3. "Experiencias Traumáticas Reais"- sofreu maus tratos físicos, psicológicos e negligência/abandono. Ex: "[…] o meu padrinho chegava a casa e sabia que a minha madrinha contava-lhe que eu fui ter com a minha mãe e espancava. […]" – [34,5]; "[…] Cinto, mas lembro-me que não comia, comia praí uma refeição por dia e uma valentes tareias. […]" – [72,12] e "[…] Físicos também psicológicos. Bater muito. Todo o tipo de maus-tratos." -[10,2].

4. "Fases de identificação ao agressor" – Todas as fases foram observadas, vejamos os exemplos: "Vivência de Perigo/Medo": "Sim, eu fugi de casa aos 15 anos, eu já não aguentava. […]" -[22,4]. "Viv. Passividade/Impotência /Fragilidade": " […] a minha mãe ia visitá-los e eu não, eu tava proibido de ver eles todos, de ver os meus irmãos, tava proibido de ver a minha mãe, […]" -[67,11]. "Sentimento de Ameaça Interna": "[…] Entrei para aqui muito revoltado, porque quando estava em "E.P. C." como passei mal, depois vim para aqui e como era outra cadeia eu pensei, agora vão querer fazer-me outra vez o mesmo que fizeram quando entrei para "E.P. C.[…]" -[92,15]. "Desamparo/Desprotecção": Não tinha afecto, não tinha carinho, não tinha nada, sentia-me uma máquina, tá a entender? […]" -[37,5]. "Identificação/Interiorização": "nós somos muito compatíveis, somos muito parecidos, eu e a minha mãe somos muito iguais…" –[76,12]. "Idealização": "[…]porque a minha mãe não teve muita relação comigo, e com os mais velhos teve, mas eu nem fui o filho que lidou mais com ela mas sou o filho preferido dela e a minha mãe também…" -[75,12]. "Projecção/Repetição/Inversão dos papéis": "[…] Guardo mágoa mas agora ter raiva dele e tipo ele continua a fazer o mesmo. Ele tem agora filhos pequenos, novos e continua a ser violento." - [73,12].

"Samuel" – Entrevistado 5. Idade: 22 anos.

Delito: Abuso Sexual. Nº de filhos: 1. Idade: 4 anos.

- <u>Macrossistema</u>:

- É o único que refere não ter problemas ao nível monetário, o que é facto é que depois existem algumas incongruências, ao longo da história, como por ex. o trabalhar nas obras, mas deve-se também a um comportamento manifestamente narcísico, de qualquer forma, veremos um exemplo remetendo o indivíduo para um estrato sócio-económico médio, Ex: " -[69,14].

- Exossistema:

1. No que diz respeito à categoria "escolaridade", o sujeito apresenta como todos os outros, baixa escolaridade, desmotivação e consequente abandono escolar, como podemos observar: "[…] eu não fiz o 7º ano agora já tenho o 9º, porque pronto lá fora não fazia nada disto. Não queria saber de nada e aos 16 anos sai da escola só andava lá por andar, andava a passar o tempo." - [24,5]. Como situação profissional identifica duas situações, tráfico de drogas e construção civil.

2. No campo relacional, mantêm o registo da conflitualidade, em comparação aos outros participantes, sendo que na categoria "relações amorosas", é importante referir que as relações aparentam pouca solidez, no sentido que não são promotoras de estabilidade. É de referir ainda nesta categoria a tendência do indivíduo para ter relações de repetição com mulheres muito mais velhas, que no fundo replicam a relação assimétrica que tinha com a mãe. Foi pai aos 16 anos, de uma mulher de 24 anos e actualmente a sua companheira tem 30 e poucos anos. No que diz respeito à categoria "relações de amizade", tal como os outros, com excepção do "Pedro", não refere amizades significativas, somente relações de uso e comportamentos desviantes com prática em conjunto com outros.

3. "Vivência prisional", nesta categoria é referido um aspecto positivo, no que diz respeito a retomar os estudos dentro da prisão, mas a dada altura refere, que passa os dias a jogar playstation, sendo que revela alguma incorência e uma verdadeira adequação entre o que "diz fazer" e o que "realmente faz". Tem como todos os participantes em estudo, "sentimento de injustiça", relativamente ao processo criminal, alegando não ter cometido o crime. Refere ter bom comportamento dentro da prisão e logo a seguir retrata um episódio de desobediência e consequente castigo de dois meses sem receber visitas, derivado ao facto de ter introduzido na cadeia dinheiro.

- Microssistema:

1. No que diz respeito ao núcleo familiar primário: "Samuel" é filho de uma mãe que o abusou sexualmente durante um período d 5 anos, sem ocupação profissional e que morre com o sujeito já preso, de ataque cardíaco e de um pai heroinómano, que morre quando o sujeito tem 12 anos. A dinâmica familiar e o relacionamento entre os pais, é de profunda

conflitualidade, que o sujeito descreve e diz que desde cerca dos 2 anos, os pais se separaram e ele andava ali no meio. Tem ambos os pais idealizados, ainda que por vezes clive a mãe em duas estruturas, uma boa, que cuida, o protege e sempre esteve lá e outra que o abusa sexualmente, o maltrata fisicamente e o manipula psicologicamente. O pai por outro lado, foi um indivíduo nunca presente, que "Samuel" vem a conhecer aos 10 anos, por sua iniciativa, e que morre de overdose, quando o sujeito tem 12 anos.

2. Relativamente ao núcleo familiar secundário: este refere muitas vezes o padrasto negativamente, na sub-categoria "outros-familiares", acusa o padrasto de querer o que é dele e também de querer a irmã só para ele, como vemos no exemplo: "[…] Eu: Este padrasto é uma figura na sua vida…- Negativa, não desce, ele só queria a minha irmã para ele, deve ter batido com a cabeça. Eu: Porque diz isso? - Porque ele muda de um momento para o outro, antes dele ser pai, é minha irmã." -[49,11].

3. No campo relacional, a dinâmica entre os pais já foi referida, e neste âmbito verificam-se unidades de registo, na sub-categoria "relação sujeito-filho", em que são cotadas respostas com valência positiva e acções-descrições. No entanto, o que refere de positivo, diz apenas respeito a situações hipotéticas, ou seja, situações que gostaria de vir a fazer, dado que existe pouco contacto com o filho. Acrescenta que quando um filho tiver mais uns anos é com ele que quer que inicie o consumo de drogas e não com outras pessoas, que não vai ser como os outros pais.

- <u>Vivência Individual e intrapsiquica</u>:

1. "Maus tratos infligidos": são de cariz sexual e de "negligência/abandono". Podemos verificar nos seguintes exemplos, respectivamente: "[…] Éramos irmãos, os irmãos dormem juntos, estão juntos…passam muito tempo juntos, o mal está na cabeça dele." -[87,17]; "[…] Agora não o vejo muito, mas tento fazer parte da vida dele. […]. Vou ter que fazer parte da vida dele, dê por onde der, agora não tem dado e já andava numa vida que não o via tanto, antes de vir para aqui […]." -[73,14].

2. "Características do sujeito": Essencialmente a característica com mais destaque é a "Dramatização", ainda que o sujeito possua respostas em todas as sub-categorias relativas a esta categoria. Ex: "[…]- É assim eu apertar uns papos, ou por assim uns olhos e uns óculos daqueles *rayban*, daqueles última geração sou capaz de lhes meter, a ele e ao meu padrasto." -[100,19].

3. "Tipos de delito": Abuso sexual; tráfico de armas/posse ilegal; tráfico de drogas; furto/assalto.

4. “Experiências traumáticas reais”: sexuais e psicológicas. No que diz respeito aos maus-tratos sexuais, “[…[Eu: E os danos que lhe causou, foi continuamente durante esses 5 anos, ou foram actos esporádicos? - Não continuamente. Semanalmente, quase diariamente. […] houve uma coisa que mais me magoou mais delas todas foi e eu vou dizê-lo (esboça um riso), eu hoje rio-me dela mas às vezes quando estou sozinho penso muito nela (começa a bater com a mão na mesa). Quando a minha mãe soube que a minha namorada tava grávida, não pode gravar quando vou dizer essa palavra, (ri-se), sabes quê (fazendo o gesto de relação sexual), porque eu te ensinei.” -[61,13].

5. Fases de identificação ao agressor: “Vivência de Perigo/Medo”: “[…]A primeira pessoa que soube disto foi a mãe do meu filho. Tinha medo que ela pudesse fazer pior.” -[33,7]; “Viv. Passividade/Impotência /Fragilidade”[…] ela tinha poder sobre mim, é como se ela entra-se no meu pensamento, às vezes penso nisso.” -[62,13]; “Sentimento de Ameaça Interna”: “[…]só que eu não gosto de falar disso, não gosto de falar. É uma coisa que eu não gosto de falar… dói. O problema é a dor. […]” - [20,5]; “Desamparo/Desprotecção”: “[..]Mas a única pessoa que acreditava em mim morreu, que foi a minha mãe. […]” - [6,2]. “Identificação/Interiorização”: “[…] É como se morre-se uma parte de mim. […]” - [26,6]; “Idealização”: “[…] E era a única pessoa que podia dizer, eu acredito no meu filho e que foi a única capaz de me defender a única, que se levantou pa me defender foi a única, ela amava-me muito. […]” -[102,19]; “Projecção/Repetição/Inversão dos papéis” […]a partir dos 12 anos nunca mais fui ninguém, nunca mais fui aquele menino certinho que andava ali. Virei a raiva contra o mundo […]” -[23,5].

IV - Conclusão:

Podemos concluir que todos os sujeitos desde trabalho manifestaram usar o mecanismo de identificação agressor. Logo podemos concluir que na amostra em estudo, a transmissão intergeracional dos maus tratos foi mediada pelo mecanismo de identificação ao agressor. Nos cinco indivíduos em estudo observou-se que:

1. “Bárbara”, teve como experiências traumáticas reais na infância (negligência/abandono) e que perpetuou exactamente a mesma tipologia de maltrato, aos seus dois filhos.
2. “Samuel” há semelhança de “Bárbara”, perpetua igualmente a mesma tipologia que foi vítima, abusos sexuais. Ainda que não se dê directamente, é deslocado para a irmã.
3. “Pedro”, perpetuou uma tipologia de ordem diferente, dado que sofreu maus tratos físicos maioritariamente e sente que já inflige maus tratos por negligência/abandono, ao seu filho. No entanto, já tem problemas ao nível da impulsividade no agir e agressividade.
4. “Rui”, e “Raquel”, com as experiências traumáticas reais físicas e sexuais, respectivamente, neste momento não infligiram maus tratos aos filhos, mas contra outrem. “Rui”, nunca conheceu a filha, porque já estava detido e como tal não passou tempo suficiente, para perpetuar os maus tratos à mesma. No entanto, existe neste indivíduo uma total incapacidade de adequar a agressividade ao exterior e a não-percepção de que o acto de apontar uma arma, já implica em si um grave acto de violência, como refere a dada altura nunca ter disparado contra ninguém, só apontava a arma à cabeça. Não existe nele, modelos positivos apreendidos através de um prestador de cuidados, por isso esta desadequação em perceber o certo do errado. Foi criado num ambiente de extrema violência e já existem muitos indicadores da presença do mecanismo de identificação ao agressor.
5. “Raquel”, também não perpetua maus tratos aos filhos e nem tão pouco a mesma tipologia. No entanto, é a participante da amostra que mais tem vincada a agressividade contra os outros. Sendo que somente o “Pedro” e a “Bárbara”, não

estão detidos por crimes violentos. Os restantes, cometeram crimes de ofensa grave, havendo em todos eles a presença do mecanismo de identificação ao agressor. A participante manifestou ter uma relação amorosa significativa, obtida na prisão também com um recluso, diz ter feito acreditar de novo nos homens, no entanto também ele está detido por homicídio.

Em todos eles há uma clara tendência à agressividade e à violência, perpetuando maus tratos seja de forma directa ou indirecta. Os indicadores devidamente fundamentados na primeira parte deste estudo, são visíveis e confirmados, através da amostra em estudo. São eles: indicadores no campo relacional, revelando problemáticas graves no estabelecimento e equilíbrio das relações, marcadas por um registo conflitual. Nenhum dos participantes revelou relações de amizade significativas e os que o fizeram, referem-se a relações baseadas no consumo de drogas e na prática de comportamentos desviantes. Para além disso, todos eles têm insucesso e abandono escolar, referindo dificuldades de aprendizagem. Para além disso, problemas em respeitar e lidar adequadamente a figuras de autoridade. Provêm na maioria, famílias disfuncionais com suporte económico e social deficitário. Uma das vias para que não ocorra, é o campo relacional, ou seja, o estabelecer relações significativas. O perceber e promover através do estabelecimento de vínculos significativos, a superação dos traumas. Dado que estes participantes através do mecanismo de identificação ao agressor, vêem a possibilidade de reviver nos seus filhos, e nas outras pessoas os seus traumas e a consequente inversão de poder e de papéis.

Alguns aspectos críticos a serem tomados em conta ao longo da minha dissertação:

- No que diz respeito à metodologia o tempo de aplicação não ser igual, o que pode influenciar a quantidade de unidades de registo nuns sujeitos ser menor do que nos outros;
- Em termos de rigor, ainda que tenha sido construído um guião prévio, este não foi escrupulosamente seguido, o que não promovendo a homogeneização da aplicação influencia os resultados. Isto deveu-se a factores transferenciais e contratransferenciais, dado que lidei com indivíduos diferentes, com personalidades diferentes, uns mais comunicativos do que outros e para além disso, ainda que o contexto seja homogéneo, estes indivíduos sentem-me com um elemento estranho, invasor do seu espaço, e num contexto prisional a confiança e a abertura estão ainda mais comprometidos, porque o indivíduo activa mecanismos de defesa mais rapidamente e está mais alerta.
- As entrevistas serem gravadas já é um acontecimento destabilizador no indivíduo, ainda mais reforçado por este estar detido e não saber se o que vai ser dito pode ser usado

contra ele. Ou seja, não envolvem somente problemas de ordem ética mas também de ordem relacional pois pode ter um efeito inibidor no entrevistado. Por um lado o sujeito não se sente confortável logo à partida, porque dada a condição de recluso pode ter receio das implicações jurídicas ou de problemas internos ao nível do estabelecimento prisional ainda que tenham sido explicados à priori todos os objectivos da investigação e comprovados através da carta de consentimento os critérios de confidencialidade e assegurados os direitos do recluso. Por outro lado, a gravação áudio, como já foi inicialmente referido. pode funcionar com um aspecto inibidor, para o estabelecer da relação empática visto que o sujeito não se sente confortável, cabe ao entrevistador colocá-lo á vontade.

- O estar a trabalhar com um tema delicado, no sentido em que estudo aspectos que provêm de recordações traumáticas e o reviver os traumas através da relação que estabelece comigo, o que coloca alguns aspectos éticos que se prendem com o facto de a recolha ser pontual no tempo e não fazer acompanhamento do mesmo e o de o individuo ficar perturbado após a entrevista o que é agravado, porque neste contexto regressar à cela. Esta situação é contornada se mostrarmos em caso de necessidade, a nossa disponibilidade para aconselhamento se virmos o sujeito muito traumatizado. Ainda que tenha guardado um tempo final da entrevista, focada na forma como individuo se sente ao relembrar tudo o que foi dito e criando um pequeno espaço para que seja dito tudo o que lhe aprouver, não é suficiente.
- No que diz respeito ao meu comportamento, também a minha personalidade influenciou, a empatia que tive com alguns casos foi maior do que com outros, mas no final acabei por conseguir empatizar com as problemáticas, não fazendo juízos de valor.
- O local dos estabelecimentos prisionais ser no Norte do país, o que levava muito tempo nas deslocações e um aumento da fadiga, para além de muitas deslocações para cumprir os horários dos estabelecimentos prisionais, visto que demorava sempre até poder proceder à recolha de dados.
- A relação empática é mais difícil e morosa de ocorrer, que num contexto clínico protegido, foi um grande desafio dada a problemática em estudo e o tipo de crimes cometido.
- Foi uma experiência inesquecível e inqualificável, o entrar dentro do quotidiano de um prisão e a compreensão do que é a ausência de liberdade, sendo que o contexto foi um importante destabilizador para mim, entrevistador, dado que inicialmente o impacto é muito grande. O revistar a mal e passar em detector de metais, o guardar pertences

proibidos em cacifo, o ser escoltada, a abertura das alas e portas, a sirene do recolher. É um mundo completamente à parte, onde a exclusão é sentido, do lado de cá a liberdade, do outro a completa ausência dela. Não poderia ter feito um trabalho que me tivesse realizado mais em termos académicos, foi muito positiva a experiência, superando as minhas expectativas.

Breve consideração:

O que mais me espantou, o que mais me emocionou, ao longo deste trabalho e da diversa leitura que fui fazendo destes dois últimos anos, foi o perceber e o sentir que muitas crianças por todo o Mundo é-lhes retirada a condição de ser criança. Violadas, maltratadas, negligenciadas, escravizadas, torturadas psicologicamente e fisicamente todos os dias, obrigadas a crescer não da forma como todas as crianças deveriam crescer, de forma saudável, protegidas e felizes. Acima de tudo perceber que muito do que somos depende da forma como fomos educados, do meio onde vivemos e das experiências que passamos e fomos submetidos. A prova de que podemos fazer tanto identificação a bases positivas como negativas. A transmissão da violência é cada vez mais uma problemática central, cada vez com mais expressão numérica, dado que os pais continuam a reviver na vida dos seus filhos traumas não superados e que também eles viveram. É urgente, uma infância protegida, é urgente travar as agressões às crianças, para que vítimas não se tornem agressoras. A pior guerra que pode haver é que temos por dentro.

Referências

Abend, S. M. & Porder, M. S. (1986) Identification in the neurose. *Int. J. Psychoanal.* 67, 201-208

Aber, L., & Zigler, E. (1981). Developmental considerations in the definition of child maltreatment. In: R. Rizley & D. Cicchetti (Eds.). developmental perspectives on child maltreatment (1-29). San Francisco: Jossey-Bass.

Achenbach, T. (1982). Developmental psychopathology, 2ª Ed. London: John Wiley and sons, Inc, 13, 465-479.

Amaro, F. (1986). *Crianças maltratadas, negligenciadas ou praticando a mendicidade*. Lisboa: cadernos do CEJ.

Amaro, F.; Gersão, E.; Leandro, A. (1988). *Crianças maltratadas, negligenciadas ou praticando a mendicidade*. Lisboa: cadernos do CEJ, II.

Ariés,P. (1986). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

Arlow, J. A. (1986) Discussion of papers by Dr. McDougall and Dr. Glasser. Panel on identification in the perversions *Int. J. Psychoanal,* 67, 245-250.

Asher, Ramona. Co-dependency: a view from women married to alcoholics. International Journal of the Addictions – Vol.23, nº4 (1988), p. 331-350.

Aulagnier, P. (1975). La violence de l´interprétation. Paris, P.U.F.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70.

Baumeister, R. F. & Newman, L. S. (1994). How stories make sense of personal experiences: Motives that shape autobiographical narratives. *personality and Social Psychology Bol/efin,* 20, (6), pp. 676-690.

Baumrind, D. (1994). The social context of child maltreatment. *Family relations*, 43, 360-368.

Bell, J. (2004). Como realizar um projecto de investigação: Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação. Gradiva, 3ª Ed, 83-100 e 117-150.

Belsky, J. (1980). Child maltreatment: An ecological integration. *American Psychologist,* 35, 320-335.

Belsky, J. (1993). Etiology of child maltreatment: A developmental-ecological analysis. *Psychological Bulletin,* 114, 423-434.

Belsky, J., Conic, K., & Gable, S. (1995). The determinants of coparenting in families with toddler boys: Spousal differences and daily hasses. *Child Developmental,* 66, 629-642.

Blanchet, A. (1983). L'entretien, à l'interface du psychologique et du social. *Bulletin de Psychologie,* 36, pp. 565-570.

Blum, H. P. (1986) On identification and its vicissitudes. *Int. J. Psychoanal.* 67, 267-276.

Blum, Harold, P. (1987). *The role of identification in the resolution of trauma: The Anna Freud Memorial Lecture*. Psychoanalytic Quarterly, 56, 4, 609-627, from PsycINFO.

Blumenthal, Stephen (2000). *Developmental aspects of violence and the institutional response.* Criminal Behaviour and Mental Health, 10, 185-198. Retrieved February 25, 2007 from EBSCOHost, Academic Search Elite database.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa* em *educação: Uma introdução* à *teoria* e *métodos*. Porto: Porto Editora.

Breakwell, G. (1995). Interviewing. In Breakwell, G., Hammond, S. & Fife-Schow, C. (Eds), Research methods in psychology (pp 230-242). California: Sage Publications.

Brofenbrenner, U. (1979). The ecology of human development. Experiments by nature and design. Harvard: Harvard University Press.

Benjamim, A (1985). A *entrevista de ajuda.* São Paulo: Martins Fontes.

Burguess, R. G. (1997). *A pesquisa de terreno: Uma introdução.* Oeiras: Celta Editora.

Burr,V. (1995). *An introduction to social constructionism.* London: Sage.

Calheiros, M., & Monteiro, M. (2001). Contextos socioecológicos do mau trato e da negligência a crianças. Psicologia, XV, 117-145.

Cantón, J., & Cortés, M., (1999). Definición, incidencia y causas del maltrato infantile en el context familiar. In: Cantón, J., Cortés, M. (Ed.). *Malos tratos y abuso sexual infantile*. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1-72.

Cicchetti, D., & Barnett, D. (1991). Toward the development of scientific nosology in child maltreatment. In: W. M. Grove & D. Cicchetti (Eds.), *Thinking clearly about Psychology*. *Volume 2: Personality and psychopathology.* Minneapolis: University of Minnesota Press.

Cicchetti, D., & Rizley, R. (1981). Developmental perspectives on the etiology, intergenerational y transmission and sequelae of child maltreatment. *New directions for child development*, 11, 31-55.

Cortes, L., M. (1997). A *concepção do comportamento agressivo* em *alunos do* 4° e 7º *ano de escolaridade.* Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica. (não publicada). Lisboa: ISPA.

Da Agra, C., & Matos, A., (1997). *Trajectórias desviantes.* Vol. 11.Lisboa: Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.

DeMause, L. (1974). The evolution of childhood. In: DeMause, L. (Ed.). *The history of childhood.* New York: Harper and Row, 1-73.

DeMause, L. (1982). The evolution of childhood. New York: Creative roots, 1982.

DeMause, L. (1988). On writing childhood history. *The journal of psychohistory,* 16, 135-171.

DeMause, L. (1990). The history of child abuse. *The Journal of Psychohistory*, 25 (3), 1-29.

De Paúl, Ochotorena, & Arruabarrena Madariaga (2001). Manuel de protevvión infantil (2th Ed.). Barcelona: Masson.

Egeland, B.,; Jacobvitz, D. & Sroufe, L. (1988). *Breacking the cycle of abuse*. Child development, 59, 1080-1088.

Erikson, E. (1968). Adolescence et crise. Paris, Flammarion.

Ertem, Ozturk, Leventhal, J., Dobbs, Sara (2000). *Intergenerational continuity of child physical abuse: how good is theb evidence?* The Lancet, 356, 814-819. Retrieved February 25, 2007 from EBSCOHost, PsyArticles.

Espinosa, M., Carretero, M., Fernández, R., Blandón, P., & García, R. (1995). *Guia de atención al maltrato infantil* (2th Ed.). Sevilla: Adima.

Fenichel, O. (1945) *The Psychoanalytic Theory of Neurosis*. New York: Norton.

Ferenczi, S. (1932) Sprachverwirrung zwischen den Erwachsenen und dem Kind. *La psychanalyse*. Paris: P.U.F, 248.

Freud, S. (1916-1917) Introductory lectures on psycho-analysis. S.E., 15-16. Freud, S. (1920) Beyond the pleasure principle. S.E., 18.

Freud, S. (1921). Psychologie des foules et analyse du moi, in Essais de psychanalyse, trad. Franc. Nov., Paris, 1981 (3ªEdição), pp 119-217.

Freud, S. (1933). Eclaircissements, applications, orientations, XXXIV Conférence, in Nouvelles conférences d´introduction à la psychanalyse, trad. Franc. Zeitlin, Paris, Gallimard, 1984.

Freud, A. (1936). The Ego and the Mechanisms of Defense. *The Writings of Anna Freud*. New York: Int. Univ. Press.

Freud, A. (1967) Comments on trauma. *Psychic Trauma*ed. New York: Basic Books, 235-245.

Freud, A. (1996). Ego and the mechanisms of defence. London: Karnac, 109-121.

Furer, M. (1967) Some developmental aspects of the superego. *Int. J. Psychoanal.* 48, 277-280.

Fuster, E.; Garcia, F. & Ochoa, G. (1988). Maltrato infantil: un modelo de intervención desde lá perspectiva sistémica. Cadernos de consulta psicológica, 4, 73-82.

Garbarino, J., & Kostelny, K. (1992). Child maltreatment as a community problem. *Child abuse and neglect*, 16, 455-465.

Geen, R. (sem data). *Violence, observational effects on behaviour*. Encyclopedia of human behaviour – Academic Press, University of Missouri, 4, R-Z, 459-460.

Ghate, Deborah (2000). *Family violence and violence against children.* Children & Society, 14, 395-403.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). O *inquérito: Teoria* e *prática.* Oeiras: Celta Editora.

Gil, D. (1970). *Violence against children*. Harvard university press, Cambridge.

Gomes-Pedro, J. *Stress e violência na criança e no jovem*. Clínica universitária de Pediatria e departamento de Educação Médica. Faculdade de Medicina e Universidade de Lisboa. Lisboa: João Gomes-Pedro, 9-20.

Gracia, E., & Musitu, G. (1993). *El maltrato infantil. Un análisis ecológico de los factores riesgo.* Madrid: Ministerio de Asuntos Sociales.

Green, (1982). La double limite. In la folie privée. Paris, P.U.F.

Grilo, Maria (2004). Criança vítima de maus tratos – Que protecção? Um longo caminho até ao reconhecimento do direito aos direitos.

Hartmann, H. (s/data). Comments on the psychoanalytic theory of the ego. Psychoanalytic study of the child, vol. V.

Huertas, J., Flores, J., Garcia, E., Diaz, R., & Gómez, E. (2000). *Atención a un maltrato infantil desde salud mental*. Instituto Madrileño del menor y la família (Ed.), Consejeria de Servicios Sociales.

Kempe, C., Silverman, F., Steele, B., Droegemueller, W., & Silver, H. (1962). The battered child syndrome. *Journal of the American Medical Association*, Chicago, (181), 17-24.

Kohut, A. (1978). Le soi, la psychanalyse des transferts narcissiques, Paris.

Krahn, G. & Putnam, M(2003). Qualitative methods in pshychological research. In Roberts, M & Ilardi, S. (Eds), Handbook of research methodos in clinical psychology (pp176-183). United Kingdom: Blackwell Publishing.

Lacan, (1966). Écrits. Paris, Seuil.

Lagache, D. (1962) Pouvoir et personne. *L´évolution psuchiatriue*. 1, 111-9.

Legard, R.; Keegan, J.; Ward, K. (2003). In-depth Interviews in Ritchie, J. and Lewis, J. (Editors) Qualitative Research Practice. A Guide for Social Science Students and Researchers. London: Sage Publications.

Machado, C. (1996). *Maus tratos de menores, victimização e poder: proposta de modelo integrado de análise*. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Psicologia: teoria, investigação e prática, 1, 1, 133-148.

Machado, C., & Gonçalves, R.A. (2002). Violência e vítimas de crimes: Crianças. (vol.2), 96-131. Coimbra: Quarteto.

Martínez Roig, M.; Luna, M. J.; (1992). Trastornos afectivos de ciclos rápidos: aspectos nosológicos, clínicos y terapéuticos (I). Rapid cycling affective disorder: Nosological, clinical, and therapeutic aspects: I. Revista de Psiquiatría de la Facultad de Medicina de Barcelona, Vol 19(6), pp. 284-289. [Journal Article].

McCaghy, C. (1985). *Deviant behavior*. N.Y.: Macmillan Publishing Company, 150-180.

Mijolla, A. & Mijolla-Mellor, S. (2002). Psicanálise (1ª Ed.). Lisboa: Climepsi.

Milner, J. (1990). Caracetristicas familiares y del perpetrador em los casos de maltrato físico y abuso sexual infantil. Infancia y Sociedad, 2, 5-15.

Morais, E. (2001). Maus tratos físicos nas crianças. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

Mucchielli, Roger (1994). A entrevista não directiva: formação permanente em ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes.

Nascimento, M. (2004). *O que as crianças institucionalizadas pensam acerca dos comportamentos desviantes?Análise de conteúdo de entrevistas.* Monografia de licenciatura apresentada ao instituto superior de psicologia aplicada.

Neubauer, P. B. 1967 Trauma and psychopathology. *Psychic Trauma*ed. S. Furst . New York: Basic Books, 85-107.

Ochotorena, J. & Madriaga, M. (1989). Factores predictors del maltrato infantil: Rechazo materno y problemas de conducta en el nino. In J. Barroso; Morais & Barbosa (Eds.). Adopção em Portugal. Apport, 29-45.

Ochotorena, J. (2001). Explicaciones etiológicas de las diferentes situaciones de maltrato y abandono infantil. In: De P. Ochotorena & M. I. A. Madariaga. *Manual de protección infantil* (2th ed.). 25-61. Barcelona: Masson.

Pais, J. M. (2001). *Ganchos, tachos* e *biscates: Jovens,trabalho e futuro.* Porto: Ambar.

Palacios, J., Moreno, M., & Jiménez, J. (1995). El maltrato infantil: concepto, tipos, etiologia. *Infancia y Aprendizaje*, 71, 7-22.

Parke, R. & Lewis, N. (1981). The family in context: a multilevel interactional analysis of child abuse. In R. Henderson (Ed.). Parent-chil interaction. NY: Academic Press, 169-204.

Pelcovitz, D., Kaplan, Sandra, Ellenberg, Ari, Labruna, V., Salzinger, S., Mandel, F., Weiner, Merrill (2000). *Adolescent physical abuse: age at time of abuse and adolescent perception of family functioning*. Journal of Family Violence, 15, 4, 375-389. Retrieved March 3, 2007 from EBSCOHost.

Pelton, Leroy H. Child abuse and neglect: The myth of classlessness. American Journal of Orthopsychiatry, Vol 48(4), Oct 1978. pp. 608-617. [Journal Article].

Poirier, J., Glapier-Valladon, S. & Raybaout, P. (1999). *Histórias de vida: Teoria* e *prática.* Oeiras: Gelta Editora.

Rangell, L. (1967) The metapsychology of psychic trauma. *Psychic Trauma*ed. S. Furst. New York: Basic Books , 51-84.

Ribeiro, J. L. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: Climepsi.

Rogers, C.R. (1985). *Tomar-se pessoa.* Lisboa: Moraes I;ditores.

Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In L., Albarello, F., Digneff, J., Hiemaux, C., Maroy, D., Ruquoy, & P. Saint-Georges, (Eds.), *Práticas e métodos de investigação* em *ciências sociais*, pp. 84-116. Lisboa: Gradiva.

Sandler, J. & Freud , A. (1985) *The Analysis of Defense.* New York: Int. Univ. Press

Silverman, D. (2004). Interviews. In silverman, D. (Ed.), Interpreting qualitative data: Methods of analysing talk, text, and interaction (pp. 86-115). Great Britain: Sage Publications.

Spillane-Grieco, Eilen (2002). *From parental verbal abuse to teenage physical aggression?* Child & Adolescent Social Work Journal,17, 6, 411-430. Retrieved March 3, 2007 from, PsyArticles.

Spitz, R. A. & Cobliner, W. G. (1965) The First Year of Life. *A Psychoanalytic Study of Normal and Deviant Development of Object Relations.* New York: Int. Univ. Press .

Torres, N. (2008) " Disorders of Emotional Containment and their somatic correlates. The Protomental nature of Addictions, Self-harm and Non-communicable diseases". These de Ph.D em Estudos Psicanalíticos. Universidade de Essex, Reino Unido.

Tremblay, R., Nagin, D., Japel, C., Pérusse, D., Zelazo, P., Boivin, M. (2004) *Physical Agression During Early Childhood: Trajectoties and Predictors.* Pediatrics, 114, 1, 43-50.

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva, & J. M. Pinto (Orgs.), *A metodologia das ciências sociais*,pp.103-128.Porto:Edições Afrontamento.

Winnicott, D. (1975). La crainte de de l´effondrement, Nouvelle Rev. de Psychanal., 11.

Wolfe, D. (1987). *Child abuse: Implications for child developmental and psychopathology.* Londres: Sage Publications.

Anexo A – Caracterização da Amostra.

Entrevistado 1 – “Bárbara”

Caracterização do sujeito:	Análise Subjectiva:
Idade: 25 anos; Sexo: Feminino.	• Estatura baixa, aparenta mais idade que a que tem na realidade; • Sentimento de vazio e apatia expresso facialmente e na linguagem, como não pertencendo a lado nenhum; • Vitimização – delega totalmente as responsabilidades dos seus actos para os outros.
Nº de Filhos: 2; Nomes: “Sandro” (8 anos); “Carina” (5 anos).	
Tipo de Delito: Roubo/Assalto a automóveis.	
Pena: 5 anos; Já cumpriu: 2 anos e um mês.	
Profissão: área da Restauração.	
Habilitações Literárias: (antes da prisão) 4ª classe.	
Estado Civil: Solteira.	
Maus-tratos sofridos (MT): negligência e abandona e MT psicológicos. Maus-tratos infligidos: negligência e abandono.	

Entrevistado 2 – “Raquel”

Caracterização do sujeito:	Análise Subjectiva:
Idade: 49 anos; Sexo: Feminino	• Pobreza emocional, desadequação das emoções em relação ao que relata; • Apego ao pormenor e à descrição, não atribui maior parte das vezes valência positiva ou negativa ao que conta, descreve isolando afectos. • meticulosa, premeditada, relata a vida e as situações do dia-a-dia • Pouca expressão corporal. • Manipuladora, calculista. • Agressividade muito vincada. • Encenação – fazer o meu papel. • Relata a história fazendo as falas, como se de um filme se tratasse. – Síndrome de Estocolmo.
Nº de Filhos: 2 Nomes: "Sandra" (29 anos); “Filipe” (17 anos).	
Tipo de Delito: Homicídio.	
Pena: 22 anos; Já cumpriu: 13 anos e 6 meses.	
Profissão: Operária Fabril.	
Habilitações Literárias: (antes da prisão) 4ª classe.	
Estado Civil: Casada.	
Maus-tratos sofridos (MT): MT físicos e abuso sexual. Maus-tratos infligidos: diz não o fazer, mas é uma pessoa agressiva.	

Entrevistado 3 – “Pedro”

Caracterização do sujeito:	Análise Subjectiva:
Idade: 21 anos; Sexo: Masculino.	• Ar jovial e bem-disposto, imaturo. • Sonhador, tem muitas expectativas de vir a conseguir ser diferente do pai, no entanto é o único que faz um percurso de interiorização durante a entrevista manifestando que se apercebeu de uma série de aspectos que também já faz ao seu filho e que nunca se tinha apercebido. • Sem relações de amizade significativas, somente com um laço significativo – Mãe.
Nº de Filhos: 1 Nome: “Ricardo”; Idade: 1 ano e 7 meses.	
Tipo de Delito: Tráfico de Drogas e Condução sem carta.	
Pena: 5 anos e 3 meses; Já cumpriu: cerca de 1 ano e 6 meses.	
Profissão: Construção civil.	
Habilitações Literárias: (antes da prisão) 7º ano.	
Estado Civil: Solteiro.	
Maus-tratos sofridos (MT): MT físicos Maus-tratos infligidos: diz não o fazer	

Entrevistado 4 – “Rui”

Caracterização do sujeito:	Análise Subjectiva:
Idade: 28 anos; Sexo: Masculino	• Dissonância e desadequação de comportamentos, por falta de modelos positivos de conduta, aponta uma arma, dizendo que não era violento. Não se apercebendo que também essa acção em si, já é de uma extrema violência. • Sujeito humilde e com um percurso de vida de sofrimento, proveniente de uma família numerosa, onde vários irmãos enveredam pelo crime e uma pela prostituição.
Nº de Filhos: 1 Nome: “Mafalda”; Idade: 8 anos.	
Tipo de Delito: Sequestro, Furto, 17 tentativas de homicídio.	
Pena: 19 anos; Já cumpriu: 8 anos.	
Profissão:	
Habilitações Literárias: (antes da prisão): 7º ano; (na prisão): 9º ano, curso de serralheiro, de informática e de empreendorismo,	
Estado Civil: Solteiro.	
Maus-tratos sofridos (MT): MT por negligência e abandono e MT físicos e MT psicológicos. Maus-tratos infligidos: diz não o fazer, mas é uma pessoa agressiva, pelos crimes que cometeu ainda que não aparente.	

Entrevistado 5 – “Samuel”

Caracterização do sujeito:	Análise Subjectiva:
Idade: 22 anos; Sexo: Masculino.	• Individuo muito narcísico; muito ansioso; humor lábil; agitação motora ao longo de toda a entrevista; apresenta tiques na face. • Estatura baixa; com peso acima da média; ar descuidado. • Mãe: Abusa sexualmente dele dos 5 aos 10 anos; sem ocupação profissional, morre de ataque cardíaco há 1ano e meio. • Pai: Toxicodependente, morre de overdose quando o sujeito tinha 12 anos. • Aos 16 anos tem a primeira companheira (24 anos), mãe de Tiago; a segunda e actual companheira com 30 e poucos anos. Sempre se relaciona com mulheres mais velhas.
Nº de Filhos: 1; Nome: “Tiago”; Idade: 4 anos.	
Tipo de Delito: Abuso Sexual/ Roubo/ Tráfico de drogas/ Tráfico de Armas.	
Pena: 5 anos; Já cumpriu: 2 anos.	
Profissão: Construção Civil.	
Habilitações Literárias: (antes da prisão) 7º ano; (na prisão) 9ºano.	
Estado Civil: União de facto com uma parceira 10 anos mais velha.	
Maus-tratos sofridos (MT): MT psicológicos e Abuso sexual. Maus-tratos infligidos: Abuso sexual.	

"Bárbara" – Detida num estabelecimento prisional em Portugal.
Tipo de delito: Furto/Assalto a automóveis.
Idade: 25 anos.

(1) Eu: Podia começar por me falar como chegou até aqui, porque está presa?
- Estou presa por roubo, e estou aqui há 2 anos e um mês. Eu falo sem problemas com a Dra. (agita a perna sempre), só tenho é até às 17 horas e 15, porque trabalho na messe.
(2) Eu: Como tem sido a experiência por aqui?
- Tenho tido muita revolta, por estar aqui tem sido muito difícil. Por isso há alguns problemas por ninguém me ligar, ninguém quer saber, por isso há conflito com as guardas.
(3) Eu: A que se refere?
- Quero sair até à "E.P. de Y" para ver a minha filha tem sido muito difícil, ela daqui a pouco já não me reconhece, diz que não gosta de mim, põem a minha filha contra mim e não me a deixam ver (continua a bater a perna contra a mesa).
Eu: Porquê à "E.P. de Y", que idade tem a sua filha?
- Cinco anos, vai fazer seis anos. Porque nós somos de lá e ela está com os avós paternos.
(4) Eu: E eles não a trazem à "E.P. de Y"?
- Não eles não gostam de mim e eu como estou presa, peço um pedido para a ver na prisão de lá e levam-na. A última vez que fui deu na Tv. Dra. não viu, a carrinha daqui se virou, eu ia lá dentro e desde então p´além de não a ter visto, não a vejo há quase há 5 meses, não entendem as coisas, ela já me rejeita.
Eu: Mas porque diz isso?
(5) - Porque a última vez que a vi, ela disse que não quer ver-me mais que eu tava presa e que a tinha abandonado.
Eu: E como se sentiu ao ouvir isso?
- Eu nunca tive nada, eu não a abandonei, eu fui presa e ela foi entregue aos avós que não gostam de mim. **(6)** Antigamente eu nada era e nada tinha, agora é o mesmo, mas tenho mais força, já não sou nenhuma miúda. **(7)** Eu já sofri muito mas a minha filha ninguém me tira, eu tenho uma revolta já me tiraram um…
Eu: E sabe quando a vai ver agora?
- (Bate com a mão na mesa). Eu já tou farta de pedir.

(8) Eu: E tem direito a precária?

- O meu crime não tem direito a precária.

Eu: Para nos organizarmos, gostaria de saber como foi a sua infância?

- (Começa a fitar o chão). Pois bem Dra. eu resumo, isto muito rápido, foi uma vida de miséria, sem carinho e sem nada. **(9)** A única que me deu algum foi a minha avó mas então… (baixa a cabeça).

Eu: A sua avó ainda é viva? Tem vindo vê-la?

- É sim. Não, não tem porque já tem uma certa idade **(10)** e a minha mãe não a ia deixar vir.

Eu: Porquê?

- Porque ela não gosta de mim…

Eu: Como pode, em algumas palavras, descrever a sua avó?

(11) - Bondosa, amiga e dava-me carinho, foi uma mãe.

Eu: Foi criada por quem, como foi a sua vida na infância?

- Estive até aos 13 anos com a minha avó, desde o 4º ou 5º dia de vida, porque a minha mãe não me queria e a minha avó materna ficou comigo e foi a única pessoa na minha vida que deu amor e carinho e que pude contar ainda que fosse sempre muito doente. Foi a única casa que senti como minha a partir daí nada tive. **(12)** Aos 9 anos, estava na 4º classe e a minha mãe resolve ir buscar-me a casa da minha avó, e foi buscar à casa do gaiato a minha irmã, 4 anos mais velha, filha de outro pai, ficámos com ela, perdi o ano de escola e ficávamos na maior parte das vezes sozinhas e sem saber para onde ia. Era a minha irmã muitas vezes que fazia qualquer coisa para comermos. **(13)** Soube mais tarde para onde ia…

Eu: E para onde ia?

- Ia-se prostituir.

(14) Eu: E como sobreviviam?

- Ou era umas vizinhas ou acordava e via o que havia no frigorífico, ficava todo o dia sozinha, ou então as noites e durante o dia ela dormia. Tinha dinheiro mas não tratava de nós, gritava, chamava-nos inúteis, nunca se preocupava se andávamos limpas ou se comíamos, nunca foi uma mãe, eu não sei o que é isso. Numa noite eu devia ter uns 10, 11 anos, fiquei fechada cá fora, a porta fechou-se, eu também andava muito na rua mas a porta fechou-se e a minha irmã estava dentro de casa, estava a dormir, já eram umas 2 da manhã e eu estava na rua. Fui a casa de um vizinho, já não me lembro o que estava a fazer mas sei que vou para casa e não tinha chaves, fiquei sentada num degrau de dentro

da casa, no quintal, como ficava algumas vezes e quando chego perto da casa, um barracão que tínhamos atrás mas ao lado, estava a arder e a minha irmã estava dentro de casa, a minha mãe (que é um elogio que lhe faço!), como sempre não estava, entrei num choro, estava de pijama e com umas soquitas e voltei ao filho do meu vizinho para pedir ajuda, mas como o fogo já era muito e é o que separa assim as duas casas, o meu vizinho veio a correr, como a janela é perto e ela não acordou, chorava muito, veio a policia e os bombeiros, e como já devia haver algumas queixas de alguns vizinhos contra a minha mãe, foi uns Doutores assistentes desses dos assuntos sociais e a minha avó como tinha pena de mim ficou connosco, mas aquilo não durou muito…

(15) Eu: E como foi a partir daí?

- Pois a paz não durou muito e a minha avó tinha medo da minha mãe, eu ainda fiquei com a minha avó até aos 13 anos, a minha irmã passado pouco tempo depois ela veio lhe buscar e eu tive sem a ver pai 2 anos, às 2. E quando fiz 13 anos a minha mãe pôs-me a trabalhar à noite nessas boates da noite.

Eu: A sua mãe pô-la a prostituir-se?

- Sim…

Eu: Como se sentia na altura?

- No inicio não sabia o que estava a acontecer, até achava giro, mas eu não sabia o que ia acontecer e ela dizia que me tinha ido buscar porque o meu lugar era ao lado dela. Eu parva, pensei que tivesse sentido a minha falta mas afinal, tudo não passou de um engano (chora).

Eu: Porque diz isso?

- Porque tempo depois de me ir buscar, disse que não podia sustentar tantas bocas e que eu tinha que a ajudar, eu era sua filha e que por isso tinha que ajudar e trabalhar.

Eu: E em que trabalhou?

- No início dava ajuda no bar, ou a fazer umas sandes e comidas, mas depois arranjava clientes e ficava por cima uma pensão, com uns quartos onde levávamos. Uma das vezes, ainda consegui fugir mas as restantes, ela ficava até eu me despachar. **(16)** Aos 14 engravido e aos 15 tenho o filho ai já alguns meses vivia na rua e tive o meu filho no hospital mas não tive ninguém para me ir buscar. Sai do hospital com a roupa no corpo e com o filho nos braços, não tinha ninguém.

Eu: E para onde foi viver?

- Pa de baixo da ponte, o meu filho tinha dois ou três dias e foi a primeira casa que conheceu…

Eu: E porque não foi viver com a sua avó?

(17) - Ela não morava perto e se a minha mãe soubesse não deixava.

Eu: Porque diz isso?

- Porque a minha mãe tinha um grande poder sobre toda a gente, mas mais que tudo porque estava zangada comigo, eu tinha fugido e nunca mais disse nada.

Eu: E o que fez depois disso?

(18) - Ainda aguentei umas semanas na rua, vivia de caridade, pedia esmolas, as pessoas davam-me uma latinha de leite em pó que nem era para a idade dele, mas era o que eu tinha. Pedia esmolas para não morrermos à fome… e passei fome, não tinha condições, dormíamos em cima de cartões, em "cidade A" eu não tinha peito para dar leite, e estava a começar a ficar doentinho, íamos morrer os dois… **(19)** então implorei que a minha mãe ficasse ao menos com ele, ela não me deixou ficar mas ficou com ele. Eu tinha 14 anos e nenhuma ajuda, eu não podia fazer nada pelo "Sandro".

Eu: E a partir daí como foi a sua vida?

- A vida na rua é muito triste, mas depois a gente habitua-se. Pedi na rua, roubava algumas coisas para viver e ao final de para ai um ano, **(20)** conheci o meu primeiro marido, estive com ele até quase aos 19 em casa dele, trabalhei num supermercado, em lojas e em cafés fiz de tudo. Levava muita porrada dele, ao inicio ele tomava conta de mim era 6 anos mais velho, eu senti que tinha uma casa e que pertencia a algum lado, no inicio foi bom, depois ele bebia muito e batia-me muito, era ciumento, dizia até que se eu não tava bem que me mudasse, mas para onde é que eu ia! Aos 18 anos engravido da minha "Carina", tenho-a aos 19 anos, ainda aguentei muito, a minha vida foi toda assim, ele batia em mim e na filha, era um homem muito violento. Ou era porque a casa não estava como queria, ou a camisa não tava passada, ou eu não fazia a comida que ele quer, chamava-me nomes, tinha sempre um motivo para me tratar mal ou me humilhar.

(21) Eu: E depois o que fez da sua vida a partir daí?

- Acabei por fugir com a minha filha, por volta dos 20 anos, vivi na rua, em pensões, fiquei novamente sem nada e sem ajuda de ninguém. Fui vivendo como podia, fui arranjando maneiras.

Eu: E a sua família?

(22) - A minha avó ainda estive lá alguns dias, mas depressa discuti com a minha mãe e vim com a minha filha para a rua de novo, a minha filha ninguém tira, já me ficaram com um e não deixo que me tirem esta. A minha irmã é dois anos mais velha ainda vivia com a minha mãe. Ela sempre se deu melhor com ela, mas também sofreu muito.

(23) Eu: E como foi a relação com a sua mãe?

- Passei alguns tempos em que tinha aquela fantasia de tar com ela, mesmo ela tendo-me abandonado sempre, sonhei sempre ser com ela, ela é muito bonita muito arranjada, já me viu a mim… **(24)** mas conforme fui crescendo a minha raiva foi crescendo, a minha mãe, se é que se pode dizer isso, nunca gostou de mim, nunca tive um lugar seguro na minha vida. É muito triste não ter nada. **(25)** Hoje não tenho medo dela, mas tive toda a minha vida, primeiro não entendia porque ela não nos queria e depois medo do que ela me podia fazer. Umas vezes fazia bem outras mal, uma pessoa nunca sabia. **(26)** Houve alturas em que pensei que ela gostasse de mim. Mas eu não escolhi, não podia fazer nada, não tinha a quem pedir ajuda.

(27) Eu: E em relação ao seu pai?

- Nada nunca o conheci mesmo. Hoje sei quem é, mas nunca quis saber de mim. Não sinto nada. A minha mãe falou-me dele quando eu tinha para aí uns 17 anos, ainda estive com ele mas eu não quero saber dele, vinha dar ordens e com conversa, **(28)** é como se eu não tivesse família, ele abandonou-nos e também não nos procurou por isso não é agora que vem dizer o que quer.

Eu: Estava há pouco a contar-me o que fez depois quando fugiu de casa do seu primeiro companheiro?

(29) - Depois ainda estive uns tempos na rua, mas fui por a "Carina" uns tempos nos avós paternos, porque não podia tar com ela, porque aceitei um trabalho num café/restaurante e não me deixavam tê-la lá. Trabalhei lá e **(30)** foi ai que conheci o meu segundo companheiro que era o filho dos donos do café ao fim de pouco tempo estava a namorar com ele e a viver em casa dele. Fui buscar a minha filha, porque já a podia ter, trabalhava no café e vivia lá em casa.

Eu: E como era o seu segundo companheiro?

- Tratava-me bem, gostava muito de sair e de estar com o irmão e amigos, a casa estava sempre cheia. Foi sempre daquelas pessoas que não tinha muitas responsabilidades, tinha muita ajuda e família… tinha dinheiro, acho que também como a filha não era dele, ele não ligava muito.

(31) Eu: E quando começou a consumir?

- Eu não sabia o que é que era nada de drogas, eu não sabia nada da vida. Era uma tola em todos os aspectos, mas quando aprendi também fiquei logo agarrada. Às vezes, não foi logo quando fui viver com ele, achava cenas nas coisas dele, ou na roupa para lavar,

pratas, e outras coisas, hoje sei que eram cachimbos para fumar, mas lembro-me de lhe lavar uns e meter na gaveta da mesinha de cabeceira na primeira gaveta e nem lhe dizia nada sequer, eu levava com os bafos até quando tava gente lá em casa e nunca perguntei achava estranho mas depois acabava por não lhe perguntar.

(32) Eu: E nunca notou nada de diferente no seu marido?

- Não eu nunca tinha consumido drogas, não conhecia nada. Foi ele que me pôs a consumir. Muitas vezes, eu ia com ele a bairros, e ficava no carro, às vezes ele fumava ao pé de mim e da minha filha ou dentro do carro, eu já parece que ficava com a moca, sabe! Só de levar com aquele cheiro. Às vezes ele ficava de tal maneira que não conseguia conduzir até lhe passar mais.

(33) Eu: E a partir de quando e como começa a consumir?

- A partir dos 20 anos, 21. Foi uma vez que estava o irmão dele e ele lá em casa, era já noite e eles estavam a fumar na sala, e chamaram-me para o pé, ele disse-me se queria experimentar que me ia sentir bem e que não fazia mal, era só uns bafos. Eu fiquei tonta mas senti-me bem, fiquei deitada no sofá, eles ficaram comigo, da segunda vez vomitei muito e até achava que não era nada de especial. Depois só voltei a consumir umas semanas depois. Fiquei viciada ao fim de alguns meses talvez, tinha sempre dinheiro no inicio, então não ressacávamos porque tínhamos sempre dinheiro para a próxima dose, porque os pais dele viviam bem e eu e ele trabalhávamos, a miúda estava na cresce, e íamos comprar, mas ele começa cada vez mais a deixar de trabalhar, a acordar mais tarde e a gastar cada vez mais dinheiro, eu no inicio ainda consumia pouco, e precisava de ter para não ressacar, mas ele já consumia muito na altura e já injectava, cada vez era mais quantidade. **(34)** A mãe começa-se a aperceber, ele também faltava muito, eu tinha muitas ressacas, ela já não gostava muito de mim e começou a desconfiar e a cortar com dinheiro que nos dava, eu fui despedida do café por faltar muito e quase nunca tínhamos dinheiro, a maneira dele ser começa a mudar porque de um momento para o outro começamos a não ter dinheiro tivemos que começar a arranjar por outras maneiras. Ele sempre tinha comprimidos pás dores, Subtex e outros para as ressacas não serem tão grandes, misturava com álcool para ter moca, **(35)** eu só deixei de consumir já dentro da prisão, entrei mesmo mal, mas foi assim que me curei, agora estou limpa, ainda que haja muita droga nas prisões, não se aprende nada de bom só mau, isso já foi bom senão ainda tava agarrada.

(36) Eu: E a sua filha?

- Estava comigo e algumas vezes com os avós.

Eu: Como era a “Bárbara”, como mãe?

- Era boa, não tinha nada mas gosto muito deles, é única coisa que eu tenho, nem eu fosse para roubar eu tirava da minha boca para dar para os meus filhos. Não foi tanto do meu “Sandro”, que já tá numa família, mas eu é que sou mãe, agora da minha “Carina”, ninguém me a tira.

Eu: Pode contar-me o que acontece depois?

(37) - Ainda andámos uns tempos a aguentarmo-nos, e eu se saísse de casa ia outra vez para a rua, não tinha onde ficar e já tava agarrada. Começamos nessa altura a roubar carros, e a assaltar e a ter que arranjar droga por outras vias, eu ajudava. Nesse último ano, ele já tomava os Subtex e bebia, e **(38)** eu tinha muitas ressacas fui por a minha filha aos avós, porque não tinha condições para cuidar nela. Estava cada vez mais doente e tinha muitas dores. **(39)** Depois fui apanhada, o meu companheiro foi preso e eu também por roubo. Apanhei 5 anos de prisão (???)…ele também foi preso e a minha filha ficou com os avós. **(40)** Já veio cá uma mulher com uns papéis mas eu dou-lhe é uma cacetada, se pensam que me tiram esta menina, já a estão a por contra mim, ela já diz que não gosta de mim, que eu sou má que a abandonei, que não fiz caso dela. Não é nada disso, não me deixam ver. **(41)** Eu quando entrei presa passei muito mal, tinha ressacas muito grandes e dores, estava muito magra e não era fazer caso mas já não tinha condições para a ter, a juíza deu a guarda temporária porque vim pá prisão para os avós. **(42)** E eu já não a vejo há alguns meses, e falo com ela por telefone, mas ela chora grita diz que eu sou má e que tou na prisão e não gosto dela e essas coisas assim. Já estou a ficar apertada de tempo, falta 15 minutos mais ou menos.

Eu: Aproveitamos ainda o tempo que falta e quando achar oportuno interrompe-se. Ainda gostava de lhe fazer mais algumas questões.

- Ok. Pode fazer.

(43) Eu: A “Bárbara” gostava de ir há escola, como eram esses tempos?

- Eu só tenho a 4ª classe, tenho vergonha de dizer isso, mas ainda andei na escola, mas fugia e não queria saber, tinha muitas dificuldades para andar ao mesmo tempo, pa aprender as matérias, andava muito de cabeça no ar, **(44)** mas também, tinha para ai 12 anos e tava na 4ª classe, acho eu e depois vivi com a minha mãe, e muitos dias não ia à escola e acabei por desistir, também nunca senti muita vontade, as matérias eram muito difíceis e a minha cabeça nunca estava ali, eu não tinha o que aquelas pessoas tinham.

(45) Eu: E como era o ambiente da escola, como se dava com os colegas?

- Normal. Era mais calada quando era pequena, mas depois as coisas foram mudando, ficava muito tempo na rua e falava com muita gente, ficava no jardim, ou no bairro, onde conhecia toda a gente. **(46)** Não tinha muito dinheiro quando vivia com a minha avó mas nunca nos faltava uma camisola quente e um prato de comida, as coisas eram diferentes. A minha avó dizia muitas vezes que a minha mãe dantes não era assim, que tinha ficado diferente com a vida.

(47) Eu: Podia-me falar um pouco do tipo de maus tratos que foi vitima ao longo da sua vida por parte da sua mãe?

- A minha mãe não era muito de bater, mas não nos dava carinho, afecto, com ela era tudo muito seco, não quis saber de nós, abandonou-nos, chamava-nos nomes e essas coisas assim, **(48)** teve sempre um grande poder sobre mim, eu sempre que voltava a confiar nela, ela enganava, era como na rua em que temos que esperar sempre o pior, não dá para confiar, hoje já não tem esse poder, não quero saber dela, **(49)** a única pessoa que tive carinho foi a minha avó, ela tinha sempre um carinho, um pedaço de comida, mas acho que também ela tinha medo da minha mãe.

Eu: E em relação à sua irmã, como reagia ela?

(50) - Melhor, porque ela era mais velha era mais unida com ela, acho que era por sermos filhas de pais diferentes.

Eu: E como é a sua relação com os seus filhos?

(51) - O mais novo, depois foi dado para adopção pela minha mãe, eu nunca autorizei. A minha "Carina" querem-me a tirar mas eu não deixo, esta eu não dou.

Eu: Que sonhos tem que ainda não tenha conseguido realizar?

- Ter uma casa, e ter a minha filha comigo assim que sair daqui o meu filho eu já perdi, mas queria todos juntos mas não sei… não sei.

(52) Eu: Olhando para trás o que pensa em relação ao seu pai?

- Esse é outro que nunca quis saber quem eu era, mas quando fiz 17 anos conheci-o num café perto de casa do meu primeiro companheiro, ainda o vi algumas vezes, mas foi assim distante, de tempos a tempos, mas como eu lhe disse não me interessa, eu agora só quero ver a minha filha.

(53) Eu: Existe algum momento bom e outro mau que se lembre da sua infância?

- Um mau foi por exemplo o que já lhe falei em que a o anexo da casa pegou fogo e estava na rua e a minha irmã a dormir, um bom…hum, talvez o carinho da minha avó, os aniversários em que tinha bolo e tudo, o ter ai sentido uma casa.

(54) Eu: Como tem sido a vivência aqui na prisão desde que cá está?

- Eu não estive só nesta, esta é a minha segunda, primeiro estive na “E.P. de X”, e depois vim para esta, na primeira foi mais difícil, porque era mais nova e havia muita droga, mas depois a gente habitua-se a desviar das pessoas e eu quis deixar, já é difícil ter vicio lá fora quanto mais aqui, agora trabalho não gosto muito mas tou ocupada a ver se aprendo uma profissão aqui dentro. Está mesmo em cima da hora.

(55) Eu: Com certeza, existe alguma coisa que queira partilhar comigo que esteja a sentir agora?

- Olhe se não fosse agora, também não falava disto com ninguém, é uma raiva que sinto muito grande por tarem a querer separar-me da minha filha. Estas coisas fazem bem, plo menos é gente de fora. **(56)** Eu levei com a maior pena e nem sequer tinha registo de crimes, ele como os pais tinham dinheiro apanhou dois anos e tal e eu cinco, e nem fiz metade e fui a que levei a chapada maior.

Eu: Agradeço-lhe a sua colaboração foi muito útil para a minha investigação. Desejo-lhe sorte para a sua vida e que tudo corra melhor.

“Rui”- Detido num estabelecimento prisional de Portugal.
Delito: Roubo e Sequestro.
Idade: 28 anos.

(1) Eu: Podemos começar por falar um pouco da sua vida, como é o “Rui”, porque está aqui detido? Sem grandes pormenores, porque está aqui, há quanto tempo, um bocadinho no geral, sobre o que quiser falar.
- Eu fui preso há oito anos atrás, por roubo e sequestro, nem sei o que é que hei-de dizer!
Eu: Se quiser eu faço-lhe algumas perguntas mais objectivas para facilitar, então eu vou ajudá-lo.
- É melhor, é melhor.
Eu: Foi detido há 8 anos atrás, tem que idade o “Rui”?
- 28 anos.
(2) Eu: E como foi nessa altura? Foi julgado.
- Fui julgado tive em “cidade A.” e depois fui para “cidade B”, na “E.P. X” e vim para aqui, é também preventivos.
Eu: E o que é que o “Rui” sentiu naquela altura? Obviamente ninguém fica contente por ser detido mas o que sentiu como jovem de 20 anos?
- Já estava há espera.
Eu: Porque diz isso?
- Já vivia desde os 15, na corda bamba. **(3)** Desde os 15 anos que frequentava colégios, que já num colégio já… primeiro comecei no mundo da droga, eu não tinha pai… se quiser é melhor começar do princípio.
Eu: Faça como entender.
(4) - Aos quatro anos o meu pai faleceu, matou-se. A minha mãe abandonou-nos e ele tomou remédio escabrolho, e suicidou-se, nós fomos todos separados, de nove irmãos fomos todos separados e eu tive a sorte de ser criado com os meus padrinhos.
(5) Eu: E você era o mais novo?
- Não era o do meio. Eu fui criado pelos meus padrinhos, só que havia lá muita violência, álcool, desde pequenos que tínhamos maus tratos, fui maltratado…
(6) Eu: Pelo seu pai?
- Eu com o meu pai não me lembro, tinha 4 anos quando ele se suicidou, não me lembro.
(7) Eu: E tinha irmãos mais novos, só para eu perceber a sequência lógica?
- Tinha, tinha.

Eu: Vocês eram 9?

- Sim.

Eu: Você tinha 4, quantos eram mais novos para eu perceber a sequência lógica?

- Dois anos depois de mim e tenho mais outro irmão mais novo. Somos quase todos da mesma idade, há poucos anos de diferença entre cada um.

Eu: E sua mãe abandona os filhos, quando você tinha 4 anos?

(8) - O meu pai maltratava muito a minha mãe naquela altura e a minha mãe desesperada fugiu. Um dia fugiu de casa porque já sabia que ele ia chegar ia-lhe bater outra vez não aguentou mais fugiu e o meu pai nesse dia chegou viu a carta que ela lhe deixou, desesperado tomou o remédio e suicidou-se, **(9)** fomos separados uns foram para uns colégios outros os padrinhos aceitaram e criaram-nos, eu fui um dos que tive a sorte e o azar em não ir para um colégio, **(10)** mas comecei a ser maltratado, fui criado por eles mas comecei a ser maltratado.

Eu: Que tipo de maus tratos?

- Físicos também psicológicos. Bater muito. Todo o tipo de maus-tratos.

(11) Eu: E eles tinham algum tipo de ajuda económica, por exemplo do estado, ou da segurança social?

- Não, tinham o abono, recebiam o abono só.

(12) Eu: E porque é que no seu entender, escolheram ficar consigo e com mais algum dos seus irmãos?

- Não ficaram só comigo.

Eu: Só consigo e o porquê de ficarem com uma criança de 4 anos?

- Não sei eles tipo quando nasceram, também viveram uma vida assim, o meu padrinho e a minha madrinha também é uma família disfuncional, a violência era uma constante na nossa família.

(13) Eu: O "Rui" acha que os castigos que lhe davam com 4 anos eram desadequados para a sua idade?

- Naquele tempo e com a idade que tinha eram castigos pesados, batiam muito, até aos 7, 8, 9 por aí, fui muito maltratado, mas para mim naquela altura tudo era normal. **(14)** Não era só a mim, eles tinham mais filhos e batiam neles também, era uma zona de muita violência.

Eu: Porque diz isso?

- Porque os vizinhos que tínhamos, faziam o mesmo era uma coisa que era normal bater nos filhos quase todos os dias, quer merecessem ou não. Lembro-me de tareias ui! Os meus

vizinhos também batiam, onde eu vivia havia muitos assim. A minha situação não era a única.

Eu: E era uma zona muito problemática? Havia muitos problemas económicos?

- Sim, era muito… ali a aldeia onde eu vivia era muito assim.

Eu: Em que zona mais ou menos?

- Pertencia à "cidade C".

(15) Eu: E depois o "Rui" fica com estes padrinhos até que idade?

- Eu fico com os meus padrinhos até aos 15 anos.

Eu: E como é que era o "Rui" até aos 15 anos? Era uma criança feliz, mesmo com problemas todos?

- Não. Não porque o meu padrinho, **(16)** eu a partir dos 10 anos, 11 anos comecei a sentir necessidade de conhecer os meus irmãos, fui separado em pequeno deles, sentia necessidade de tar com eles, de conhecê-los, saber onde é que eles tavam, e ainda comecei a revoltar-me mais, ele não queria. Eu queria fugir de casa para tar com eles e aí é que começou mesmo…

(17) Eu: E tinha afecto, carinho?

- Dos avós tive. Vivíamos quase juntos, pertinho uns dos outros. Eram eles muitas vezes que me defendiam, iam lá buscar-me lá para ficar em casa deles.

(18) Eu: Eles eram mesmo seus padrinhos consanguíneos?

- Era irmão do meu falecido pai, por isso é que eu pensava que era mais novo (???) porque o meu pai era tão violento, o outro era irmão pensei que era…

Eu: E havia mais alcoólicos na família?

- Esse. Era tudo, menos a minha madrinha.

(19) Eu: Pois no alcoolismo, existe normalmente um padrão nas famílias. Era uma criança com um temperamento… nessa altura era rebelde, na escola não queria sair da escola? Como era?

- Não era não querer sair da escola, eu sempre desde pequeno jogava futebol, não ia às aulas, mas era só futebol não era para andar a roubar, não ia fazer mal, a minha vida era o futebol. Jogava na "cidade C", o meu dia era o futebol só que era, tipo nem isso me queriam dar. Tipo ia para os treinos chegava dos treinos, era capaz de fazer uma coisa de nada, a minha prima roubar uma coisa de casa ou partir qualquer cena, nem perguntavam quem foi, era logo a mim.

(20) Eu: E qual é a representação hoje em dia "Rui", com 28 anos que tem dos seus padrinhos que foram no fundo um bocadinho os seus pais? O que se lembra de bom e o que se lembra de mau que tenha ficado e que lhe traga recordações à data.

- Hoje não consigo ter mágoa deles, a sério tipo passou tantos anos e eu ainda noto que **(21)** o meu tio é arrogante e frio, mas não ligo muito a isso, hoje olho para ele e enfrento-o, olho para ele nos olhos e não baixo a cabeça.

(22) Eu: Viveu muito tempo com medo?

- Sim, eu fugi de casa aos 15 anos, eu já não aguentava. Fugi de casa de vez, eles tavam a tirar-me o sonho, **(23)** eu jogava no "clube I" e o "clube II" tentou que eu fosse jogar para o "clube II" e como o meu tio era de outro clube, rival do "clube II", não aceita isso, era o meu sonho de criança. Eu não aceitava isso. Eu dei uma entrevista para a Sport tv, há uns anos a trás, talvez há uns 4 ou 5 anos atrás. **(24)** Não sei se a Sra. chegou a ver! Aos 15 anos tive uma proposta boa num clube maior, de ir jogar para o "clube II" e não fui jogar devido às circunstâncias da vida, e da minha família. Acho que isso escondeu mais um pouco de maldade em me ver bem do que outras coisas, mas prontos.

(25) Eu: E continua com contacto com os seus irmãos?

- Os meus irmãos, é a minha vida. Os meus irmãos perdi-os desde pequenino e recuperei-os aos 17 anos talvez. Aos 15 fugi para ver se conseguia jogar no clube onde eu queria. Tive apoio lá, joguei durante uns tempos lá no "clube II" só que **(26)** tive grande necessidade de procurar os meus irmãos, jogava lá e tinha tudo pago, estadia e tudo mas eu nunca tive muito carinho. **(27)** Tou a tê-lo agora.

(28) Eu: Está a reconstruir a sua vida, falta pouco tempo para sair daqui?

- Um bocadinho, não falta muito.

Eu: E o que é um bocadinho para si?

- Um ano. Já cumpri oito.

(29) Eu: Modificou-o muito a passagem por aqui?

- Sim são muitos anos de sofrimento.

(30) Eu: Mais ou menos por alto, que diferenças de idades existem entre você e os seus irmãos?

- Um, um e meio anos de diferença de nós. Quatro mais velhos do que eu. Todos nós sofremos muito, foi uma vida muito difícil.

(31) Eu: Como se lembra da sua tia, do seu tio? A imagem que tem deles.

- Não era a imagem de pais, isso não. Eu acho que foi mais uma obrigação. Sentiram se calhar que eram obrigados a tomar conta de mim, por causa de mostrar aos outros

familiares que eles eram, os outros irmãos da outra parte do meu pai, também eram muitos irmãos e eram também padrinhos dos meus irmãos todos também e numa de rivalidade de mostrar que somos boas pessoas, esse quis tomar conta de mim para mostrar aos irmãos que fazia e eles não.

(32) Eu: E o que guarda de um ou de outro?

- De bom? De serem meus tios, padrinhos. Também sempre ligaram à família, porque eles no fundo também entendo-os porque o meu avô já era assim com eles, eles deram-nos o que tiveram. Foram criados assim também. Foi a educação que eles tiveram, também cresceram assim.

(33) Eu: Da parte da sua mãe, teve contacto com a família?

- Sim tenho.

Eu: Hoje em dia a sua mãe ainda é viva?

- É.

Eu: E vê-a com que frequência? Ela procurou-o?

- Preocupou-se, ela procurou-me muito, muitas vezes só que eu lá no outro lado por querer saber dela e muitas vezes sabia que ela andou lá pela zona de casa, à minha procura para nos ver e eu tentava sair de casa fugia para ir ter com ela e **(34)** o meu padrinho chegava a casa e sabia que a minha madrinha contava-lhe que eu fui ter com a minha mãe e espancava.

Eu: E porque acha que isso acontecia? Do que recorda desses tempos de sofrimento?

- Aprendi muito…

(35) Eu: Já está mais integrado em si?

- Aprendi muito com eles, tou… segui a minha vida para a frente, não quero, não quero… lembro-me muitas vezes mas não quero guardar isso para mim… já passou, agora tou aqui. Hoje em dia quando vou de precárias, quando tou com eles tipo aceito mais o que eles fizeram…

(36) Eu: Você com 15 anos foge…

- Fugi com um objectivo, jogar no "clube II" e depois ter em mente a minha família fujo daí.

Eu: E como é que você vai parar a um lar?

- Porque eu tava no "clube II", tive lá um ano, mas sentia a necessidade de qualquer coisa. Eles pagavam tudo, tinha estadia, tinha tudo. **(37)** Não tinha afecto, não tinha carinho, não tinha nada, sentia-me uma máquina, tá a entender?

Eu: Faltava a outra parte?

- Sentia-me uma máquina só.

Eu: Você leva muitos anos da sua vida a procurar amor?

- Ainda acho que ainda ando à procura disso **(38)** mas tive até aos 16, joguei, procurei a minha família e soube que os meus irmãos, os mais velhos tavam presos, a minha irmã andava numa vida de prostituição e por ai fora…

Eu: Todos vocês foram marcados por esta infância?

- Os mais novos é que conseguiram escapar mais, os mais velhos sofreram muito.

Eu: E como é que vai parar então aos lares?

- Ya eu tava, procurei os meus irmãos, conheci um dos meus irmãos que tava metido no mundo da droga e pronto…

Eu: Que tipo de droga?

- Cocaína.

(39) Eu: E quando é que o "Rui" começa a consumir?

- Eu experimentei, experimentei com um dos meus irmãos, porque eu disse ah vou para os treinos e ele disse toma ai para fumar e vais ver como é que vais render e tal e experimentei e tive uma adrenalina.

Eu: E começa a consumir, foi logo cocaína ou houve uma escalada até chegar à cocaína?

- Não foi logo cocaína. Eu nem sequer tabaco fumava. Não fumava haxixe nem nada disso. Foi cocaína, experimentei, snifei e gostei.

Eu: E o que lhe trazia a si, a cocaína de novo.

- Não havia problemas.

Eu: E quanto tempo levou até se aperceber que já estava dependente?

- Quando fui expulso. Fomos a testes, agente vai muitas vezes a testes e deram-me várias oportunidades lá no clube para mudar, mas faziam o controlo pelos testes e não consegui. Talvez ao final de um ano e tal.

Eu: Quer dizer que nesses anos, o consumo foi muito grande.

- Sim foi. Nós naquele tempo não recebíamos ordenado, era prémio, era dinheiro mas era prémios que se chamava e era tudo para gastar com droga na maior parte.

(40) Eu: E o "Rui" é expulso do clube, não tem sítio onde ficar, para onde vai?

- Não tinha onde ficar, quando sai fui procurar o meu irmão mais novo a seguir a mim, que sabia que estava num colégio "numa cidade", eu tinha 16 anos. Fui ao tribunal dos menores para poder ir para lá e fui.

Eu: E como foi nesse colégio? Havia maus-tratos?

- Não é assim, há sempre os mais velhos que… mas não em questão de… na instituição mesmo não tive. Naquele colégio não tive.

Eu: E teve quanto tempo nesse colégio?

- Tive pouquinho tempo, tive até aos 17, quase a fazer os 18.

Eu: E o que acontece nessa altura?

(41) - Começo a entrar no crime. Conheci várias pessoas naquele colégio e a aprender o mundo do crime, a fazer coisas… comecei a fugir do colégio e até que um dia apanharam-me e já não me aceitaram mais no colégio.

(42) Eu: A escalada em termos de gravidade do crime dá-se como?

- Primeiro foi coisinhas de nada, no Continente, depois comecei a roubar pessoas, até coisas mais a ver com a droga como cobranças por exemplo e assaltos mais organizados.

Eu: Em que ponto é que você começa a roubar por exemplo para, você apanhou 8 anos?

- Não, não. Eu não apanhei 8 anos, apanhei 19, tou é preso à 8.

(43) Eu: E a que se deve essa pena?

- Foi porque envolveu sequestro, armas, roubo de carrinhas, assalto… num ano foi tudo. Tinha 18 anos, entrei pá prisão foi com 20. Foi acumulação de crimes durante o processo…

(44) Eu: E envolveu a morte de alguém?

- Não, mas fui condenado por 17 tentativas de homicídio, mas nunca houve disparos, foi mais por abalroamento… **(45)** mas não me considero uma pessoa violenta. Tinha a ver com a cocaína.

Eu: Mas roubava para poder pagar um vício?

- Não é tanto isso, mas… na heroína dá mais para roubar o próximo, a cocaína não era quando a cabeça tava em alta, se eu não fumasse eu não ia fazer asneiras, não fazia nem procurava em fumar ora agora se eu fumasse naquela altura eu queria era mais e tinha coragem para fazer tudo naquela adrenalina levava a esses momentos.

Eu: Era mais por isso, do que por fome ou necessidade?

- Não, era por causa disso.

(46) Eu: E qual era o modo de consumo?

- Era snifado ou fumado não tanto. Snifado vai logo ao cérebro. Mas fumei, snifei e injectei só que o meu consumo mesmo era snifado.

(47) Eu: Sobre esta questão não há muito mais a dizer. Gostaria de saber se é pai?

- Sou.

Eu: E como é a relação?

- Não tenho. Antes de vir preso, engravidei a companheira com que eu tava e vim preso, tive o primeiro ano de visitas, ela era brasileira e depois…

Eu: E vive ainda em Portugal?

- Não, eu nunca mais soube nada dela. Pegou na criança e bazou para o Brasil.

(48) Eu: E o que sente em relação a isso?

- Penso muitas vezes, epá gostava de conhecê-lo, gostava que me visse agora conforme estou, mudei, hoje nem sequer tabaco fumo.

Eu: E quando sair?

- Eu agora interpus recurso, para 14 meses e 8 meses e depois vim para 13 anos, agora 13 anos.

(49) Eu: Sente que a prisão o mudou?

- Muito. Entrei aqui drogado e agora já não sou, fui tratado aqui. Eu na "E.P. C" consumi muito e "E.P. A" também e "E.P. B" também depois vim para este estabelecimento aqui são só jovens, lá é tudo misturado, e aqui há sempre aquela disputa sou melhor, sou assim sou… e é tudo jovem tem outra maneira de pensar, querem se mostrar mais, os drogados aqui são descriminados, foi a olhar para estes jovens que também estão ai que… foi isso que me fez desviar…

(50) Eu: Mas esta prisão também por não ter muros, transmite-vos mais também a falsa ideia que não estão a ser tão controlados como nas outras?

- Falsa ideia mesmo…

Eu: Eu há pouco estava aqui na vitrina e reparei que vocês estavam num intervalo, ainda assim estavam a ser vigiados e controlados… como funciona?

- Eu reparei. Isto quem entra dá a sensação que é uma quinta, isso é só mesmo fantochada…

Eu: Mas você passou por prisões maiores, sente muita diferença?

- Então não, muita mesmo. Nas outras, nunca consegui largar a droga, tem-se muito maior acesso e muitos mais consumidores, aqui não.

(51) Eu: O que fazem nos tempos livres?

- Aqui não temos tempo livre.

Eu: Como é que é organizado o vosso dia?

- O nosso dia-a-dia é a escola, ou anda-se na escola ou num curso, é como o tempo é passado…

Eu: Você fez aqui escola?

- Aqui fiz várias coisas. Primeiro frequentei a ULD, unidade livre de drogas, foi ai que eu me curei, que recuperei de drogas pesadas, da cocaína. **(52)** Depois comecei a consumir haxixe, não conhecia haxixe lá fora, só cá dentro refugiei-me no haxixe para ver se conseguia me limpar das drogas pesadas e consegui. Dizem que um toxicodependente uma vez será sempre, mas eu mesmo aqui passa droga e hoje tenho medo a heroína… hoje mal vejo um pouco de heroína ou de cocaína à minha frente e vem o meu passado todo à cabeça.

Eu: Faz-lhe reavivar os fantasmas do passado.

- Sim, muito. Quando vejo droga a primeira coisa eu faço, é vontade de pegar nela e mandar fora, repudia-me, mete-me nojo.

Eu: O que sente que perdeu estes anos de vida?

- A minha juventude toda. Tou na fase dos 30 e sei que 20 não vou ter outra vez.

(53) Eu: Projectos que tenha quando sair daqui?

- Eu já comecei nestas precárias a preparar isso, já… eu tenho um sonho que eu tirei um curso de empreendorismo, criar o meu próprio negócio, eu tenho jeito, pelo menos dizem que eu tenho jeito para tatuagens e por ai fora e eu nessa área não sei porque já há muita coisa aí, entretanto tanta loja de tatuagens. Mas tenho um sonho, abrir uma loja que, principalmente no norte não há muitas, lojas de pranchas de surf, por aí fora.

(54) Eu: E você estudou até que ano?

- Até ao 7º ano.

Eu: E aqui?

(55) - Tou a acabar o 9º ano. Tirei um curso de serralheiro mas não gostei. Tirei o curso de informática, mas não tem a ver comigo. Eu fui mais para ver, mas acabei e tirei o que mais queria o de empreendorismo.

(56) Eu: Sai daqui com muitos sonhos ou por outro lado uma pessoa derrotada?

- Derrotada não, há uma coisa que eu tenho que nunca… já fui muitas vezes a baixo mas eu tento sempre manter de pé, mas tento agir sozinho, não costumo pedir ajuda.

Eu: Eu pude perceber que é uma pessoa que se refugia muito nos seus pensamentos…

- É, mas é mesmo… (ri-se). A minha psicóloga que lida comigo há tantos anos e nunca me disse isso e você que é a primeira vez que está a lidar comigo vê logo como eu sou. Eu sou o que está aqui há mais tempo preso, sou o mais velho de idade e ainda assim há poucas pessoas que me compreendem e que eu consigo desabafar.

(57) Eu: Você aqui não tem ninguém que lhe sirva como uma base familiar, alguém em quem confie?

- Tive o meu irmão, que saiu há um mês e meio. Cumpriu 8 anos e meio e foi embora.

Eu: Pelo mesmo processo?

- Sim junto comigo, era meu co-réu. Era eu, era o Nº X, havia outro que também já foi embora e o meu irmão.

(58) Eu: Vocês eram todos da mesma zona?

- Sim e andamos todos no mesmo colégio e fizemos os crimes todos juntos praticamente.

Eu: E vocês aqui ajudam-se, são amigos?

- Muito, somos bué amigos.

(59) Eu: Vocês, tem uma dificuldade em desabafar por vezes, com receio de serem pisados.

- É, mais aqui até. Nesta prisão a gente tem que ter muito cuidado com o que a gente fala, mas isto para mim até é bom, porque uma coisa é a gente ter cá psicólogas mas estão integradas aqui e uma pessoa nunca sabe o que está dizer ali, vai contar ao Director. Você nada do que fala aqui conta mas elas já trabalham em grupo e não me sinto tanto há vontade em falar sobre a minha vida. O que dizemos a elas não é só para elas é para várias pessoas.

(60) Eu: Gostaria de explorar consigo mais duas ou três questões que para a minha investigação têm muito interesse. Uma frase que você disse um pouco mais lá a trás foi que quando em criança, o tribunal dá a tutela aos seus tios, aos seus padrinhos pensava que tinha sido uma sorte e afinal depois veio a constatar que não foi assim tanta. A relação com eles… eles já tinham filhos?

- Tinham.

Eu: Quantos?

- Duas primas.

Eu: E como foi viver com duas crianças que eram filhas e o "Rui" não. Sentiu a diferença? Você era uma criança dócil?

(61) - Sempre e a humildade era a minha característica, porque era muito pequeno e a minha mãe era uma doce…e ainda é. E separar-me dela foi a pior coisa que me fizeram.

(62) Eu: Você continua a vê-la?

- A minha mãe continuou, e infelizmente está com dois quistos no… tem cancro da mama.

Eu: E está a fazer quimioterapia? Que fase está a atravessar da doença?

- A minha mãe não. É uma pessoa um bocado como eu. Soube que tinha, toma medicação mas já lhe propuseram para cortar o peito mas ela diz que prefere morrer do que cortarem.

(63) Eu: E como é que o "Rui" vê isso?

- Acho que não tá bem. Ela vai fazer 50 e se eu tivesse lá fora…

Eu: Dava-lhe outro tipo de acompanhamento?

- Acompanhava-a lá e conseguia que ela fosse, aqui dentro sinto-me preso, encurralado não consigo me mexer e não consigo.

(64) Eu: E qual é a ideia que guarda da sua mãe?

- Uma pessoa sofrida, muito.

(65) Eu: E como era consigo?

- Era o preferido (ri-se), ela diz isso aos filhos todos. O "Rui" é o que… fui o mais privilegiado, entre aspas, porque fui o único que foi adoptado, mas no meio de todos fui o que sempre sofri mais, tá a entender!

(66) Eu: Porque foi adoptado por duas pessoas que acabavam por…

- Me violentar. **(67)** Os meus irmãos foram para colégios mas sempre tiveram unidos, sempre se viam, a minha mãe ia visitá-los e eu não, eu tava proibido de ver eles todos, de ver os meus irmãos, tava proibido de ver a minha mãe, só podia contactar…

Eu: Mas por imposição do tribunal?

- Não dos meus familiares, dos meus padrinhos.

(68) Eu: E hoje em dia consegue compreender porque isso aconteceu?

- Não sei, acho que sempre culparam a minha mãe, do meu pai se ter matado e porque os meus tios são da parte do meu pai. A minha mãe se não tivesse feito o que fez, ou tinha acabado por se matar ou abandonava, abdicava dos filhos, tinha que ser mesmo ou acabava por se suicidar. **(69)** Com 4 anos não se dá para lembrar das coisas, e eu lembro-me muito, muito bem das coisas o meu pai a se matar à nossa frente, a minha mãe sempre a levar porrada. Ele matou-se há frente de nós, os mais velhos também viram.

(70) Eu: Nós até cerca dos 6, 7 anos, muitas coisas de que nos lembramos é produto de uma reconstrução dos outros foi o que aconteceu consigo ou de facto lembra-se com nitidez de coisas que lhe aconteceram?

- Eu consigo. Lembro-me de coisas muito precisas, quando tinha aquela idade e lembro-me do meu pai a matar-se e de como a minha mãe levava porrada à nossa frente e muitas vezes defendia-nos quando ele nos batia. Mas ele era mais violento era com a minha mãe. A minha irmã é que chegou a levar porrada mais do meu pai, por se meter no meio para defender a minha mãe. **(71)** Mas a mim não me consigo recordar se ele me batia ou não, lembro-me de umas vezes, mas são imagens. Mas também não devia de ser difícil porque eu logo a seguir fui adoptado e o meu padrinho deu-me grandes porradas e eu já não esqueci, tinha isso sempre presente.

Eu: E as suas primas?

- Eram mais novas, eram pequeninas.

Eu: Com 4 anos e você era o mais velho! Vocês têm pouca diferença de idade.

- É.

(72) Eu: E que tipo de maus tratos tinha?

- Cinto, mas lembro-me que não comia, comia praí uma refeição por dia e uma valentes tareias.

Eu: E o que justificava, sujeitar uma criança de 4 anos a estar sem comer ou a levar umas grandes tareias?

- Não sei, não faço ideia.

(73) Eu: Porque a representação que você tem desse tio é um pouco indiferente, segundo me disse. E que não guarda, hoje em dia, rancor deste tio!

- Guardo mágoa mas agora ter raiva dele e tipo ele continua a fazer o mesmo. Ele tem agora filhos pequenos, novos e continua a ser violento. E fui uma vez de precária e confrontei-lhe com isso tudo. E disse-lhe você já não lhe chega o que fez a mim e continua a fazer aos seus filhos. Nem me respondeu.

Eu: Que idade tem ele?

- 50 anos.

(74) Eu: Quanto ao tipo de maus tratos falou-me por exemplo, na questão de castigos em que não comia, foi negligenciado. Mas por exemplo roupa, andava agasalhado?

- Não, sempre tive azar com essas coisas, nunca... Era mesmo a minha avó que quando precisava de umas sapatilhas, ténis, era a minha avó que me dava tudo, o que podia fazer dava. A minha avó era mãe da minha mãe, a minha avó acabava por ter pena de mim, **(75)** porque a minha mãe não teve muita relação comigo, e com os mais velhos teve, mas eu nem fui o filho que lidou mais com ela mas sou o filho preferido dela e a minha mãe também… **(76)** nós somos muito compatíveis, somos muito parecidos, eu e a minha mãe somos muito iguais…

(77) Eu: A sua mãe teve mais filhos?

- Teve, agora somos 10.

Eu: Quando você entrou na fase de roubar e da toxicodependência, começou-se a afastar mais para não o verem assim ou nunca houve uma tentativa sua de se afastar nessa altura?

- Não muito pelo contrário. Quis saber mais deles, a altura foi a mesma.

Eu: Vocês passaram muitos problemas económicos, por serem muitos?

- A bem dizer, não tava com eles, desde os 15 anos que a minha vida foi independente.

(78) Eu: E o "Rui" aos 20 anos, vai para a "E.P. B"?

- 19, quase 20. Faço anos em Julho.

Eu: E o que sente quando entra nessa prisão?

- Eu entrei para a "E.P. B" e o que mais me marcou foi o entrar, o impacto. Não sabia o que era aquilo. Entrei para uma cela, fui motivo de chacota, sabe como é que é, ya sentia-me…mas nunca fui de ter medo.

Eu: O que quer dizer com fizeram chacota?

- Eu era toxicodependente, fresquinho e que tá a entrar pela primeira vez entrado, que entra pela primeira vez. Essa fase da minha vida foi a que mais me custou, ao inicio… humilhado… ali os mais velhos não protegem os mais novos.

(79) *(Interrupção – Guarda Prisional)*

Eu: Estávamos a falar…

(80) - De os mais velhos protegerem… aqui tento fazer isso, mas também mudei muito. Eu entrei, fui humilhado mas nunca deixei de ser eu próprio. Mas quando entrei aprendi de forma violenta, com muita porrada e por ai fora… mas que não podia fazer nada. Agora estes últimos 5 anos cá, tem sido melhor… eu também mudei muito, sofri muito. Depois de eu largar as drogas, fiquei mais calmo. A minha vida toda especialmente por causa da minha infância também foi muito difícil… muito triste. Mas a primeira vez que entrei na prisão… foram os primeiros meses que mais me custou, depois comecei a reduzir na droga e nem sequer quis metadona, porque quando eu vim para aqui comecei a reduzir na droga… **(81)** lá eu consumia de vez em quando só, quando ia as visitas, mas aqui, quando cheguei aqui também tive que tomar medicação mas eu disse que não queria, mesmo quando fui para a unidade livre de drogas disse que não queria nada…

Eu: E como era para si a unidade livre de drogas?

- Não me ajudou, o que aconteceu foi que eu não queria substituir a droga com outra droga. E aquilo é mais ou menos reuniões com terapeutas, onde a gente fala do mundo da droga, o porquê… mas nós somos o principal, se não se quiser deixar a droga não se consegue com conversas. E aquilo funciona porque entra muito dinheiro ali, porque as reuniões são simplesmente, não fazem nada de especial. Hoje fazem uma reunião diferente, daqui a 15 dias fazem outra e o falar só não é suficiente. E queriam-me substituir a droga por outra droga, por medicações e aqui não há muito metadona mas outro tipo de medicação e eu meti na cabeça que era eu que tinha que largar e teve de ser e fui conduzido logo para a unidade livre de drogas. Porque estar preso e ter dependência é duas vezes mais difícil.

Eu: E hoje em dia, o que pensa quando está aqui?

- Viajo, a minha cabeça nunca está aqui.

(82) Eu: Você disse-me que tinha actividades completas o dia todo, como funciona?

- Isto como lhe disse é uma fantochada, escola, as únicas coisas que têm utilidade é os cursos porque são pessoas da rua e agora aqui a escola, tudo é muito eles é tudo de cá dentro e o ter contacto com pessoas de fora também, nos sentimos mais protegidos também, só uma ideia para você ter, quando há aqui visitas da direcção geral de prisões eles mudam isto tudo, eles tentam mostrar uma imagem que não é verdade, que não é real. Eles quando sabem que vem cá, eles comunicam que vem x pessoas visitar isto, a comida daqui muda logo, tá a entender! São capazes de nos servir batata todos os dias e quando tem visitas já nos servem camarão, entende! Eu falo em comida neste estabelecimento mas é com muitas outras.

(83) Eu: Da sua experiência os serviços prisionais reabilitam?

- Neste não. Mas se é para melhor não sei, mas as pessoas mudam.

(84) Eu: Ainda não falamos muito sobre a sua filha, como se chama?

- "Mafalda".

Eu: E já era nascida, quando foi detido?

- Ela estava grávida, a criança nasceu, cheguei a ver ainda durante uns tempos mas…

(85) Eu: E tem curiosidade em conhecê-la?

- De a conhecer! Eu vou conhecê-la um dia, há isso sem dúvida. Todo o dia tenho um pensamento, em ver se a minha filha tem os meus olhos, se tem alguma característica minha se tem, eu sonho com isso…

Eu: A "Mafalda" por esta altura terá que idade?

- Terá cerca de 8 anos.

(86) Eu: Conte-me um pouco do que tem planeado em relação à sua vida pessoal?

- Eu quando saia em precárias conheci uma rapariga, que me tem apoiado.

Eu: Ela conhece o seu percurso de vida?

(87) - Conhece, porque eu já dei três entrevistas para a televisão. E foi através da última entrevista que a conheci. A última entrevista que eu dei, foi praticamente há um ano dos assaltos "num canal", tava a dar uma reportagem sobre os assaltos do que é que me levou ao mundo do crime, falavam de um criminoso que foi condenado por assaltos e foi então quando falou até quando eu jogava no "clube II", falou o meu treinador e foi ai que eu conheci uma rapariga através dessa entrevista, começamos a falar e é a "Carina", **(88)** eu hoje estou com ela, vou de precárias é a minha vida lá fora, é de "região S.", é gerente de uma loja lá. Ela faz-me sentir normal e nós chegamos a um certo ponto da nossa vida que

de tar aqui tantos anos, que olhamos para o espelho e pensamos e vou lá fora e vejo toda a gente arrumada com uma vida e eu não tenho nada. **(89)** Ela levantou-me a minha moral, a minha auto-estima. Saber que é a minha família, a família normal… sabermos que somos amados pela nossa família é bom, mas sabemos porque é a nossa família além de saber que outras pessoas que não são do nosso sangue e gostam de nós, que não nos conhecem de lado nenhum e gostam. Não julga e sabe de tudo da minha vida.

(90) Eu: Gostava de lhe perguntar o que está a sentir neste momento, já que mexi em algumas temáticas um pouco sensíveis.

- Sinceramente, não é para lhe tar aqui como se diz a dar graxa mas senti-me muito mais à vontade de falar consigo do que cá dentro, estava a precisar mesmo.

(91) Eu: O "Rui" apanhou pena de prisão por tentativa de homicídio não foi?

- Sim 17 tentativas, e nunca disparei uma arma, só apontei as armas e arrombamento, para fazerem o que queria, mas nunca matei ninguém.

Eu: E depois tiveram agravantes?

- Foi o não mostrar arrependimento e sermos considerados associação criminosa. Hoje teria outra postura. A minha pena passou para os 14 e meio e vou tentar para os 13 anos.

(92) Eu: E cá dentro tem alguém que sinta que o ajuda?

- Foi a Dra. X, do IRS, foi sempre a pessoa que eu me senti mais protegido aqui dentro.

É a pessoa que eu mais estimo aqui dentro. Eu quando vim de "E.P. C." para aqui era o rebelde. Entrei para aqui muito revoltado, porque quando estava em "E.P. C." como passei mal, depois vim para aqui e como era outra cadeia eu pensei, agora vão querer fazer-me outra vez o mesmo que fizeram quando entrei para "E.P. C." então… e como eu acho que lá é preventivos e aqui é acusados por isso devem-me ter mudado, porque eu só mudei quando fui condenado e também tinha o meu irmão aqui. **(93)** A prisão faz-nos desenvolver sempre desconfiança, temos que tar sempre a adiantar o que o outro vai fazer. Eu nas precárias desconfio de toda a gente é uma coisa, na primeira precária ia sendo atropelado, senti-me muito estranho. **(94)** Eu era uma pessoa, que para mim discotecas ui adorava, agora não consigo estar em locais fechados com música não suporto. Tamos aqui dentro muito tempo fechados. Mas não são todos que mudam a sua maneira de ser Dra. se for pessoas que cumpriram 2 ou 3 anos não mudam quase de certeza como pessoas que tão aqui anos. **(95)** O recluso nº X, que entrou comigo, já é 4ª vez que está preso, a primeira vez que ele foi preso foi comigo, eu fiquei logo e nunca mais sai, ele já saiu várias vezes e depois volta a ser preso, **(96)** até o meu irmão também foi preso comigo, e levou uma pena mais leve. **(97)** A mim acusaram-me e todas as tentativas de homicídio foram provadas,

mas as deles não. Por causa da tatuagem que tenho no pescoço, isso é que me lixou e os outros ficaram com penas mais leves. Eu era mais daqueles como se diz, ladrava mas não mordia, está a entender! **(98)** Aqui sou uma pessoa que toda a gente me curte, mas também toda a gente me respeita (???), a persuasão é o meu forte. Eu não preciso tratar mal que eles me respeitem, consigo persuadir a esse ponto. Falta-me um ano e tal e disseram que o resto posso fazer com pulseira electrónica. Não quero que saia daqui com a sensação de vítima.

Eu: Não eu não fico com essa ideia de todo.

- Eu graças a Deus passei por isto mas consegui sobreviver.

(99) Eu: Agradeço a sua colaboração e o estar disponível para as minhas questões. Gostava de acrescentar alguma coisa?

- Não eu é que lhe agradeço imenso a sua simpatia e o tentar entender as nossas histórias.

Eu: Vou acompanhá-lo então à porta e obrigada mais uma vez.

"Raquel" – Detida num estabelecimento prisional de Portugal.
Tipo de delito: Homicídio.
Idade: 49 anos.

(1) Eu: Para conhecê-la pode começar por falar de como chegou até aqui, está detida porquê?
- Estou aqui por homicídio, matei o meu marido, o meu primeiro marido entrei para a "cadeia de B" em 7 Março de 1995, já fez 13 anos. **(2)** O que levou a matá-lo foi ele tentar abusar da filha e a minha filha desabafou comigo a primeira vez que ele tentou, que eu tinha saído de casa para ir buscar a minha mãe ao aeroporto, que vinha das festas de fim de ano de 95 do meu irmão mais velho da Venezuela e ele tentou e a miúda foi ter comigo ao trabalho fugiu de casa. Porque eu vim buscar a minha mãe e depois segui para o trabalho e ela foi ter comigo ao trabalho e contou-me e eu então disse-lhe "Sandra" quando eu chegar a casa vai ser o (???), e eu tive a falar com o "Sr. João" que era o meu patrão na altura na fábrica, que eu sempre trabalhei em fábrica e continuo e **(3)** eu já andava de cabeça perdida, porque eu levava muita porrada, não tenho os bicos dos peitos que ele cortou-mos com uma faca, eu fui violada em pequena, já passei por muito mas nos meus filhos não ninguém toca… (visivelmente perturbada).
Eu: Aguentou muita coisa, sofreu muito.
- Eu estive 16 anos casada, casei-me aos 18 anos, pois fiquei viúva aos 34 depois tornei a casar na cadeia passado 5 anos mas prontos e **(4)** então a miúda foi ter comigo e eu disse-lhe oh filha eu falo com o meu patrão para ver se ele te deixa ir para a fábrica comigo que ela não queria ir estar sozinha, eu disse está bem porque eu via que ela tinha medo e havia esse risco, mesmo ela estudando o meu patrão deixou-a ficar e ela ficou o dia todo à nossa beira enquanto trabalhava. Há noite viemos embora e ela diz-me oh mãe…
(5) Eu: Como é que ela estava?
- Ela estava mal, estava em choque, tava de rastos mesmo, nem sei como ela teve coragem de fugir de casa e vir a pé do monte até à "zona B" para ir ter comigo à fábrica. **(6)** Ela tinha 14 anos na altura a primeira vez e depois quando vínhamos embora na camioneta, de transportes ela diz-me oh mãe o pai disse-me que se eu te dissesse que me matava e eu digo, não porque te matar a ti tem que matar a mim, não te preocupes que não estás sozinha, ainda hoje ela não está sozinha e pronto vim para casa discuti com ele, ele já estava à espera que já sabia o que tinha feito. **(7)** Discutimos, bateu-me, mas

nos filhos não tocou que eu não deixei. Disse põe-te a andar para a minha filha, para a avó que depois eu vou-te lá buscar, eu estou a conversar com o teu pai e a mãe depois vai-te lá buscar e a minha filha lá foi com o meu mais novo para a minha mãe.

(8) Eu: E que justificativa é que ele lhe deu?

- Disse que era mentira, e eu disse então vais dizer isso na frente dela, e uma vez que nos bates por tudo e por nada e não fazes nada nem a mão esticastes então não é mentira "Fernando", **(9)** eu queria que ele admitisse, que me dissesse que estava desesperado, que ele se tinha passado da cabeça e eu perdoava e **(10)** entretanto aquilo passou-se e discutimos e a única coisa que ele fez foi pegar no casaco que tinha no puxador a trás da porta e saiu e eu fui logo buscar os meus filhos à minha mãe trouxe-os para casa comigo e ali ficamos e ele andou 4 noites por fora sem vir a casa, sem dar noticias…

Eu: Acha que foi por vergonha que ele desapareceu?

(11) - Não era porque é mau, tinha todos os defeitos e mais alguns e eu tentei sempre tentar esperar para ele mudar mas ele nunca mudou, porque já em solteiro me bateu uma vez e eu encobri aos meus pais e ai eu vi logo o que ele era, mas eu tive sempre aquela ilusão, pensei sempre que ele mudasse mas não… **(12)** ao final daqueles dias ele voltou para casa, voltou para casa e na mesma altura que mete a chave à porta a minha filha estava a dormir comigo mais o menino, ela disse oh mãe é o pai, eu digo-lhe deixa-te estar que não sais daqui que hoje vais dormir com a mãe mais o menino. Entretanto ele chegou ao quarto viu-nos os três na cama chamou-me oh menina; o que é que queres; tas acordada; claro que estou; quero ir para a cama; queres ir para a cama vais para a cama dos teus filhos aqui tu não dormes, tem dois quartos à escolha. **(13)** Eu sentia muita raiva mesmo, muita raiva. E disse prepara-te porque vai ser assim, aqui tu não dormes mais e prepara-te porque vamos cada um para cada lado, **(14)** foi quando ele me respondeu só com a minha morte é que eu me separo de ti, se pensas que vences eu mato-te e respondi-lhe então mata-me, mata-me a mim antes que eu te mate a ti, foi a resposta que ele levou. **(15)** Entretanto, aquilo passou-se aquela noite, ele dormiu no quarto do meu filho mais novo. De manhã eu sai para o trabalho e ela foi logo, oh mãe tu não me deixes sozinha com o pai em casa e eu disse não. Peguei no meu filho, para o levar a ama que eu tinha que o levar à ama e eu disse não queres ir para a escola, ela responde não eu tenho medo de ir para a escola e eu disse-lhe que ela tinha que acabar a escola e ela disse mas eu não quero. Eu dei autorização e ela desistiu da escola e foi para casa da minha mãe uns dias, mas prontos saia de manhã comigo, **(16)** eu ia trabalhar, eu andava de cabeça perdida a trabalhar mas tinha que trabalhar para sustentar

a minha casa, **(17)** nunca mais a deixei sozinha em casa, entretanto um certo dia ao levantar de manhã, notei uma grande diferença nele e disse-lhe a ela, “Sandra” ele anda a rondar para ver onde tu andas mas a mãe hoje não vai trabalhar.

(18) Eu: E você não apresentou queixa?

- Apresentei queixa à GNR, apresentei queixa no “hospital X”.

Eu: Não fizeram perícias?

- Fizeram mas para mim para julgamento não entregaram.

(19) Eu: Mas chegou a haver efectivamente a ser uma violação concretizada.

- Não, ele tentou, ela conseguiu fugir. Quando ele tentou outra vez eu matei-o. **(20)** Mas nesse dia eu notei-o diferente e eu disse-lhe a ela, ele anda muito diferente e ele anda a ver, tu não vais para a escola, não estás em casa, ele anda a ver onde tu andas e eu não quero problemas para a avó e ela diz que é que eu vou fazer, vais ficar aqui em casa e eu vou ficar, hoje não vou trabalhar, não vais? Não, não vou, eu hoje ligo para o trabalho a **(21)** avisar. Eu na altura tinha telefone em casa mas não podia telefonar de casa que era para ele não ouvir então fui à mercearia telefonar. Telefonei da mercearia, e liguei ao meu patrão que já sabia o que se andava a passar, e eu hoje vou precisar de ficar em casa, tá bem rapariga fica em casa, que eu era chefe de linha na altura e tinha que dar satisfações, durante o dia eu fui ao posto médico buscar uma justificação, porque para além de ter falado com o patrão que era um pessoa super impecável ele e a esposa e à noite fiquei em casa nesse dia e à noite disse-lhe a ela eu vou fazer que estou doente porque ele vai já perguntar porque é que eu fiquei em casa, eu vou fazer que estou doente e vou para a cama mais cedo tu vais arrumar a cozinha e entretanto eu vou ver os (???), mas está descansada que eu já tirei as chaves todas de dentro das fechaduras que não há uma porta com fechadura, que ele não tem hipótese de me fechar no quarto e tu fica descansada que qualquer coisa só gritas alto, tanto que eu queria apanhá-lo, **(22)** e a minha filha dizia mas eu tenho tanto medo, não tenhas que a mãe está aqui. **(23)** Eu vou-te pedir os meus comprimidos, que eu dantes tomava muitos calmantes na altura por causa da porrada que ele me dava. Eu vou-te pedir os comprimidos, a chávena tu vais-me dar e “botas” logo na banca para ele não os ver e assim foi, fiz a jogada que estava muito doente, a tomar a medicação e tal, vou para a cama e passado para ai quê uns 20 e tal minutos de eu estar na cama ele vai ao quarto, e quando eu adormecia eu tinha o costume de adormecer com o comando da televisão em cima do meu peito e eu estava com o comando. Ao mesmo tempo que eu sinto a porta do quarto a abrir eu fechei os olhos a fazer que estava a dormir para deixar o comando conforme costumava

ficar, ele vê ali o comando e diz assim sozinho para ele, estás como eu quero vai ser hoje, desliga-me a televisão, tira-me o comando de cima de mim põe na mesinha de cabeceira e fecha-me a porta do quarto, só que ele andava à procura da chave, só dizia onde é que anda a chave, será o menino! Estava tudo meticulosamente calculado e **(24)** eu já tinha deitado o meu filho, porque esse era o primeiro a ir para a cama, e na altura deitava-se cedinho porque também se punha a pé muito cedinho, nessa altura tinha 3 anos e meio. Quando eu vim presa ele tinha 4 anos e meio. Prontos e aquilo passou-se, tu hoje vais querer festa e eu vou-te dar a festa, entretanto eu só oiço ele a mandar vir com ela na cozinha e ela dizia ó pai deixa-me arrumar a cozinha, sorrateira vou para trás da minha porta para ouvir e diz ele não vais para a cama, vou mas vou acabar de arrumar a cozinha, vou-me lavar e depois vou para a cama e ele diz vê lá se te vais lavar e vais para o quarto. A miúda quando vai o quarto de banho, ele vai atrás dela ao mesmo tempo que ele vai atrás dela eu parecia que naquele dia sabia o que me ia acontecer lá em casa. A miúda fecha-se por dentro e ele manda abrir a porta, ela disse que não abria ele responde se não abres ponho um pé na porta pensas o quê ela está a dormir ela não acorda. A miúda acaba por abrir a porta porque já não conseguia, **(25)** ele entra e entro eu. Quando ele me vê eu digo, o que tu queres da tua filha, é mentira "Fernando", mais uma vez me vais dizer que é mentira. Eu tinha que o apanhar. **(26)** Eu tenho um orgulho muito grande na minha filha e sei que ela é uma grande mulher como sempre foi, mesmo em menina ela sempre foi uma grande menina (???), eu sempre confiei nela e confio nela a 100%, só que é que é assim eu tinha que ter as minhas razões que era para ele não poder negar, eu não confiava nele só que eu não queria que a família dele, **(27)** que até hoje me chamam que eu era mentirosa. Foi sempre uma coisa que eu disse, eu posso ter muitos defeitos, todos nós temos virtudes e defeitos mas mentirosa, eu não sou e então **(28)** eu peguei como discuti com ele e disse mais uma vez vais negar, ele diz o que é que queres isto foi tudo armado por vós, pois foi para eu me poder certificar daquilo que tu me negas-te da tua filha, que estavas a dizer que a tua filha era mentirosa depois de saberes de fonte limpa que a tua filha não é mentirosa pois tornamos a discutir e ele voltou a sair-me de casa para fora e eu não tive tempo de nada e isto foi nos finais de Setembro. **(29)** Princípios de Outubro, ele violou-me a mim, uma violação anal.

Eu: O que se lembra desse dia, como se passaram as coisas?

- Arrastou-me da cama às 4 e 20 da manhã…

(30) Eu: Ele era uma pessoa muito perturbada?

- Sim muito, sempre foi. Prontos ele arrastou-me, pronto ele foi-se embora andou desaparecido mais uns dias e depois veio, isto nos finais já de Setembro mais ou menos. Eu andei neste terror desde o dia que casei, mas neste dia eu andei neste terror profundo mais ou menos 3 meses e depois em Novembro ele morreu. Depois isto foi nos finais de Setembro, inícios de Outubro ele tinha ido aqui para uma (???) das nozes, que é uma festa da nossa terra, ele chegou uma noite a casa eram 4 e 20 da manhã, **(31)** e eu podia estar num sono profundo por causa da medicação mas como vivia aterrorizada, assim que metesse a chave à porta já não dormia. Há uma para cuidar dos meus filhos, para ter sempre aquele cuidado de ele não ir ao quarto à outra porque eu já não conseguia meter olho **(32)** então ele entra no quarto, nesse dia nem foi à casa de banho veio para o quarto e arrastou-me nem viu se eu estava a dormir se eu estava acordada, arrastou-me por um braço para a cozinha, **(33)** chegou á cozinha a minha mesa era rectangular e pôs-me assim (faz o gesto) numa ponta da mesa de costas para ele, amarrou-me às pernas da mesa e violou-me… foi uma violação anal, porque para mim é uma violação anal **(34)** só que o Sr. Dr. Juiz disse para mim que era um coito anal, e foi onde eu me condenei porque então o Sr. Dr. Juiz chegue a casa, faça isso à sua esposa e ela que o mate e depois veja quem tem razão e condenei-me a mim própria, mas senti muito ódio por ouvir aquilo.

Eu: Porque deu a sua opinião.

- Por que disse o que me ia na alma… pronto aquilo passou-se e ele violou-me a mim, isto foi desmentido por (???).

(35) Eu: Porque acha que o ser humano faz isso a outro?

- Para mostrar poder, os homens eu considero que eu sou mais do que tu, é o que ele queria dizer, que me podia fazer tudo. Para mim, eu continuo a dizer que fui violada.

Eu: Compreendo, tudo o que seja contra a nossa vontade é considerado uma violação.

- Ainda mais da maneira como fez e da maneira como me deixou, eu sou muito sincera até esse dia a minha filha nunca tinha visto o meu corpo, porque a educação que eu tomei, era a educação diferente, hoje qualquer pai se veste, despe à beira de um filho mas não era a educação de antigamente, e eu sem ser uma vez que o meu pai perdeu o juízo, nunca vi os meus pais despidos e era isso que a minha filha nunca viu, e nesse dia a minha filha viu-me nua, porque foi ela que me curou, **(36)** porque eu nem ao hospital público pude ir porque ele não deixou, trancou-me tirou as chaves de casa, estava pisada estava toda arrebentada **(37)** foi a minha filha que me curou com fraldas de pano do irmão. **(38)** São coisas que a mim estão muito marcadas, são coisas que eu vou aqui ao

psicólogo e não consigo falar porque é um homem e tem idade para ser meu filho e eu não me sinto à vontade.

Eu: Sofreu muito mesmo, eu compreendo o que sente.

(39) - Eu não tenho os bicos do peito Dra. (começa a levantar a camisola)

Eu: Não é necessário mostrar-me, eu acredito em si.

- Eu não tenho os bicos do peito porque estava a dar de mamar ao filho, pelos ciúmes. Por isso já viu aquilo que eu passei, isto foi em princípio de Outubro, **(40)** entretanto entre dia 2, dia 3 de Outubro, dia 8 de Outubro eu faço-lhe um acidente para o matar… dou-lhe uma pancada com uma mota na mota dele às tantas da madrugada também porque o fui esperá-lo porque ele também vinha dessas festas, porque essa festa é um mês.

(41) Eu: Isto depois das tentativas de sedução que fez à sua filha, efectivou consigo mas conseguiu travar com os seus filhos?

- Sim mas houve o pensamento, a sedução a intenção. **(42)** Sabe Dra. eu estou presa há 13 anos e este ano em Fevereiro eu já soube de umas porcarias que ele fazia à minha filha, porque ela disse-me que nunca teve coragem de me dizer, **(43)** porque eu sabia que ele te batia e te fazia mal e dizia-me muitas vezes se eu te contasse que te matava e eu disse-lhe porque me estás a contar agora?! Estou a contar agora, porque tu foste à televisão, porque eu dei uma entrevista na televisão com o meu segundo marido e perguntaram-lhe então mas a tua mãe está presa e eu contei o porquê de tu estares presa, porque muita gente não sabia que eu estava presa onde ela mora, e quando eu comecei a sair em precárias, porque as pessoas conhecem-me, e diziam olha "Sandra" eu vi a tua mãe, viste aonde? Numa reportagem da cadeia, ela trabalha lá? Não a minha mãe está presa **(44)** e ela depois contou porque é que eu estava presa. Por isso eu sinto-me muito mais à vontade, ela contou o porquê e as pessoas também disseram ela nem devia estar presa **(45)** e isto e aquilo, mas prontos. Entretanto eu faço-lhe esse acidente em Outubro, mas o desgraçado não morreu…

(46) Eu: E desse "acidente" que você provoca, como é que ele ficou?

- Ele foi todo arrebentado para o hospital menina. Foi operado à cara, ele foi operado ao maxilar, à cana do nariz, à face e levou aqui assim 99 pontos.

Eu: Ele ia a pé?

(47) - Não ele ia de mota, e eu ia de mota, só que ele vinha dessa tal festa para casa.

Eu: Ele bebia?

- Não, pois se ele bebesse ou se ele se drogasse eu ainda tinha uma coisa para "botar" a culpa, mas não a única coisa que ele tinha era fumar tabaco normal que era SG Gigante, **(48)** e era malandro trabalhava um mês, descansava dois. Roubava-me tudo quanto eu tivesse, tinha que ter sempre tudo muito bem escondido e era muito ruim… isso era todos os dias. **(49)** Então ele vem da festa com a mota dele e eu estou à espera dele e estava num caminho à beira do "de uma zona", não sei se conhece ao pé de "cidade F", num cruzamento à espera dele, e ao tempo que ele vem passar por mim e eu estou toda vestida de motoqueiro que eu também tinha moto e com o meu capacete integral ele não conhecia porque eu tapei a minha matrícula que era para ele não ver a matrícula senão sabia que era a nossa moto.

Eu: Considera que este homem a tornou uma pessoa calculista.

- Sem dúvida que tornou-me, e ele passa e eu dou-lhe… pronto deixei-o seguir uns bons quilómetros e perto de chegar a nossa casa eu mandei-lhe uma pantufada mesmo no meio da moto, partiu-se todo e eu fui para casa. **(50)** Entretanto a GNR vai lá a casa quase de manhã, a dizer-me que tinha um acidente, eu fiz de conta que não sabia de nada, fiz o meu papel, ãh entretanto fui ao hospital, no hospital eu chego à beira dele para ver como ele estava, ele estava todo partido e ainda por cima mesmo como estava eu a tentar fazer o meu papel de mulher que é mesmo assim, que era uma médica conhecida que era a médica do meu falecido pai, para ver o que ele tinha **(51)** e ele dá-me resposta tu deves tar toda contente por eu estar aqui e eu dei-lhe a resposta de verdade, eu para estar contente tu tinhas que estar morto. Que resposta é que ele queria de mim?! E eu disse-lhe como é que isso te aconteceu, sei lá como é que isso me aconteceu. **(52)** Porque eu só queria saber se ele sabia que fui eu, mas não. Tanto que morreu sem saber que fui eu isto no dia 8 de Outubro entretanto fica no hospital 15 dias, ficou internado 15 dias, eu meti logo uma baixa do trabalho fui falar com o meu patrão disse o que se tinha passado e meti-me logo com baixa, com o que se tinha passado (???). Entretanto o porque é que eu me meti logo com baixa! O poder tirar dinheiros todos que eu tinha em nome dele, tirar tudo e por em meu nome e da minha filha porque era eu que trabalhava, porque a minha filha deixou o trabalho e começou a trabalhar comigo nas confecções, tirei tudo **(53)** ele já assim passava cheques que me apanhava e multibancos ele nem sabia que eu os tinha para gastar na boemice, durante as noites então peguei, eu trabalhava e ele gastava, tanto é que eu tive 7 anos colectada a trabalhar em casa na costura, porque é a minha arte e eu tudo que ganhava ele tudo que estourava. Eu já tinha tudo combinado com os meus patrões que me davam trabalhos

para casa e **(54)** eles só me davam uma quantia à frente dele e o resto davam-me por trás ou em cheque… uma vida de tortura. Aquilo passou-se e ele não morreu, depois chega a casa ao final de 15 dias, eu tirei tudo, eu arrecadei o dinheiro que tinha a arrecadar para mim e para os meus filhos, porque era eu que trabalhava o dinheiro era da minha mãe e dos meus filhos. **(55)** Eu tava disposta quando ele viesse do hospital, prontos cada um ia seguir o seu caminho, eu sabia que ia ser outra luta constante mas eu tinha que o conseguir. Entretanto ele chega do hospital e dá-me uma coça.

(56) Eu: Ele chega do hospital e maltrata-a?

- E eu ia todos os dias ao hospital mas ele não sabia que eu estava com baixa, porque eu ia na hora de almoço à hora que eu saia do trabalho que era para ele pensar que eu estava a trabalhar. Pronto eu comecei a organizar tudo o que eu tinha a organizar e a ver. Um dia eu estou em casa ao meio dia ele telefona e diz tu não foste trabalhar e eu disse fui porquê e ele disse mas eu estou-te a ligar para casa, pois estou e nessa altura bateu-me logo que ele para ligar a essa hora era porque vinha embora, há então é bom que me venhas buscar que eu estou à porta da urgência à tua espera, então tá bem, espera que eu vou já ai. Entretanto viro-me para o pai dele, é isto assim, o seu filho já está com alta mas eu penso que foi ele que assinou o termo de responsabilidade que da maneira que ele estava por isso veja se vem aqui para casa para evitar problemas porque isto vai dar muitos problemas, olhe eu tenho uma consulta e depois vou, porque o pai dele era uma pessoa espectacular mas a mãe não, mas o pai era, eu vou ao médico e depois vou ter consigo. Prontos vou buscá-lo ao hospital, venho com ele de táxi e chego a casa e levo uma coça, dá-me uma coça e começa a perseguir outra vez a minha filha.

(57) Eu: Ele já sabia que você se queria separar?

- Sim que eu já lhe tinha dito, e disse-lhe outra vez no táxi. A partir daí nunca mais tive sossego, entretanto eu andava a combinar tudo para arranjar uma arma para o matar. Porque ele dizia sempre que um dia que morresse gostava de morrer no dia que a avó morreu eu ainda me dei ao trabalho de ir ao cemitério ver em que dia foi, para ver o dia em que a senhora morreu e tal prontos tudo bem. No dia 1 de Novembro ele é morto, mas não por mim, mas plo namorado da minha filha, mas **(58)** porque a minha filha nessa altura começou a namorar com o sobrinho de uma vizinha minha e eu até pensei prontos eu vou-te deixar namorar, ainda és novinha tens 15 anos agora, mas vou-te deixar namorar agora para ver se ele perdia as estribeiras, mas não as coisas começavam-se a complicar. **(59)** Então ele dá-me uma coça no dia 9 de Novembro, no dia 10 de Novembro o meu co-réu que era o antigo namorado da minha filha, vai lá a

casa e vê-me toda pisada e pergunta o que é que você tem, não tenho nada! Não tem nada, você não tem os braços sujos o que é que você tem? Não tenho nada. E quando vejo, tinha os dedos marcados no braço e eu disse deixa lá isto são ossos do ofício e ele fica espantado. Isto no dia 10, uma sexta-feira e diz-me assim o falecido, amanhã é o magusto fazemos aqui o magusto e eu respondi ainda vou pensar se vou fazer o magusto ou se não vou, e diz ele acho que era melhor fazermos por causa dos miúdos, eu vou trabalhar que eu ia trabalhar no sábado de manhã e diz ele assim todo contente ah a "Sandra" fica em casa vai comigo e vai às castanhas. **(60)** Eu disse não a "Sandra" também vai trabalhar meu menino e o teu filho vai para a tua mãe, porque a tua mãe amanhã não trabalha.

Eu: Já temia pelo seu filho?

- Eu já temia por todos já, então **(61)** telefonei para a mãe dele e disse-lhe, olhe eu vou trabalhar amanhã, porque ela também trabalhava no "sitio x", você amanhã não trabalha ela disse não e eu digo-lhe posso levar para ai o "Filipe"? A "Sandra" também vai trabalhar, porque ela trabalha comigo na mesma fábrica. Há tá bem traga o menino, lá levei o menino e a minha filha veio comigo para o trabalho e diz ele quer dizer vou ficar sozinho em casa, pois é meu menino vai à caruma, vai comprar as castanhas, faz o que tens a fazer porque quando eu vier do trabalho é para arrumar a casa, para ir às compras e tenho muito que fazer e diz ele ah mas assim olha oh "António", que estava o namorado da minha filha lá com ele queres ir amanhã comigo às castanhas e o moço disse, eu sim. **(62)** No sábado fomos trabalhar as duas, e ela diz-me ai mãe eu pensei que tu ias-me deixar ficar em casa sozinha, eu disse tu pediste-me para a mãe não te deixar mais sozinha e com ele tu não ficas enquanto eu for viva tu não ficas mais com o teu pai mais sozinha, a miúda foi comigo há uma hora eu sai do trabalho a miúda lá veio comigo, **(63)** viemos para casa estivemos a tarde toda a arrumar, fui às compras fiz o que tinha a fazer da minha vida, disse assim para a minha família numa das cozinhas, tinha a cozinha de fora onde comia diariamente e onde se fazia assim mais por exemplo no caso das castanhas, onde se fazia mais lixo e tal a de dentro era pequenos-almoços, eu disse vais lá dentro e trazes café para todos e diz logo ele à não tragas para mim, e eu digo não queres café estou muito admirada e diz o meu co-réu, **(64)** oh Sr. "Fernando" posso ir consigo ao café. Digo eu, atenção meninos que a partir das 10 e meia não há namoro. Não, a gente vem depressa não vem Sr. "Fernando" e eu digo para ele, olha que tu és mais velho que o rapaz por isso vê se tens juízo e vens a horas que a partir das 10 e meia ela não namora. Tá bem a gente vem já, que era para cumprir horário para não dar

abusos porque a miúda só tinha 15 anos. Eles lá foram os dois, **(65)** eu e ela começamos a arrumar as coisas todas, o pequenino foi-se deitar, eu também quero ficar- diz ele, não vais para a caminha que amanhã vais com a mãe e a mana à missa, porque se eu fosse ele ia mais contente. Entretanto começamos a arrumar começou-se a passar as horas, eram 10 horas da noite e não estava ninguém em casa, nem pai nem namorado. Tudo bem e eu virei-me para ela e disse "Sandra" são 10 e 15 vou-me despir e vou-me lavar e vou para a cama, queres ir para a minha cama ou queres ir para o teu quarto, eu vou para o meu quarto, e eu disse assim se o "António" vier, se passar das dez e meia e eu estiver a dormir não o deixas entrar, fica descansada que se ele vier a essa hora ele já nem entra. Faço tudo dispo-me vou para a cama, e ela entra-me pelo quarto muito acelerada anda ver que o "António" diz que quer falar contigo, o menino começa a chorar eu digo a ela para ir ver dele e entro na cozinha para ir ver do "António", **(66)** e ele diz-me já está, e eu digo já está o quê? Está morto diz ele, deu-me uma dor aqui no peito, vem ai a "Sandra" cala-te e ela pergunta que caras são essas, nada filha e ela fica desconfiada que eu digo a mãe vai sair, tu vais sair?! Vou, vai-me buscar o meu casaco que está aos pés da cama e trás umas socas que estão lá, e tu vais com as socas lá para fora a chover? Deixa lá a mãe não está bem, chega-me uns soquitos eu estão à porta e vais de fato treino, ela não se tinha apercebido de nada mas achou estranho e diz onde vais mãe? Oh "António" levas-me lá a baixo, e ele ficou muito atrapalhado a olhar para mim e isso deu-me para desconfiar de muita coisa, eu levo, e dá-me ainda uma dor mais forte no peito, **(67)** e onde é que vais mãe; o teu pai ficou lá em baixo com aqueles ciganos com que costuma andar e eu vou buscá-lo a ver se o trago para cima, mas ao mesmo tempo bateu-me que ele podia chegar a casa, tu vais fazer uma coisa, tu vais fechar a porta à chave não abres a porta a ninguém, e pões a chave atravessada que se ele te aparecer ai ele não entra e fazes de conta que não ouves.

Eu: Mas o que a levou a pensar que naquela altura ele já não estava morto?

- Ele disse-me que sim, mas havia qualquer coisa que me dizia que não e não. Prontos tudo bem, diz ela tá bem mãe, mas eu tenho medo, não tenhas medo não abras a porta, quando eu vier eu digo-te que sou eu, muito devagarinho a passar à porta dos meus vizinhos a ver se ninguém se apercebia. **(68)** Saímos, descemos e fomos caminhando ao relantim e lá fomos lá para o sítio que ele o matou. E eu disse, mas o que é que se passou? Não se passou nada eu até sei que você ia fazer isso, como é que tu sabes? Porque eu ouvi o seu telefonema no sábado a pedir uma arma, você estava a falar ao telefone a porta estava aberta, você não se lembra que eu cheguei, eu vim antes cá

dentro mas como você estava a falar eu voltei mas depois ouvi o que disse (???), só que a arma que eu pedi só me arranjavam no dia 21 de Dezembro e ele morreu no dia 11 de Novembro, na noite de São Martinho. **(69)** Prontos tudo bem, lá vou com ele, ele levou ao sítio onde tinha matado, que foi em "sitio A" lá nos montes ao tempo que a gente chega lá e eu digo onde está ele; ou um bocadinho à frente ou um pouco mais atrás; atrás ele não está, ele vai de um lado eu vou do outro, eu abro a porta da carrinha e vou a sair e vem um chuveiro muito forte e bate no capô do carro eu assusto-me, ao tempo que eu me assusto já tinha uma perna de fora e outra de dentro da carrinha e meto as mãos aos joelhos e disse assim ai "António" ele está a gemer, ai está- diz ele, então a ver se ele não deixa de gemer e ai ouvi um tiro, ele sai fora da carrinha do outro lado mas eu não sai de fora e ao tempo que ele sai fora agarra-se à porta da carrinha e pega na arma, eu não vi a arma, mas depois eu pergunto o que pegastes dai, ele diz a arma, então ele pega a arma chega-se à beira dele e deu-lhe um tiro, já está, se você quiser ir lá fora já pode ir. **(70)** Mas ao tempo que eu sinto o tiro a dor que eu tinha no peito abalou, desapareceu ai foi a certificação de que de facto ele estava morto. Quando ele entra na carrinha ele diz-me olhe que ele não estava a gemer, ele estava a chamar por mim. Ele estava a dizer "António, António", são palavras que eu nunca mais vou esquecer na vida. Viemos embora e eu disse-lhe a ele, atenção a "Sandra" sabia de alguma coisa? **(71)** Não, não sabia. Não sabia nem vai saber disse-lhe eu, o pai vai desaparecer, o pai vai aparecer morto, mas a "Sandra" não sabe de nada porque se ela souber de alguma coisa podes ter a certeza que te arrependes.

(72) Eu: E porque acha que ele tomou essa atitude?

- Agora eu sei porquê. Aquilo foi uma discussão que eles tiveram, que eu agora sei, e ele aproveitou como quem diz se isto der para o torto ela é que vai presa, tanto é que a minha filha não esta com ele agora. Mas pronto aquilo passou.

Eu: Ele tinha benefícios com a morte do seu falecido marido?

- Sim ele toma as dores, porque tinha interesse, o meu interesse era diferente.

(73) Eu: Que idade tinha ele?

- 20, 21, sei que já era 5 ou 6 anos mais velho que a minha filha, mas pronto ele à minha beira tinha quase idade para ser meu filho.

Eu: Que idade tinha nessa altura você?

- Eu tinha 34 anos e ele era um jovem. Mas hoje vejo que aproveitou-se da minha fraqueza prontos e depois eu perguntei mas vós discutistes e ele diz, **(74)** fomos ao café e do café fomos a minha casa, coisa que nós nunca tínhamos ido a casa dele nem

sabíamos se quer onde ele morava, sabia que ele era de "certa zona"(???), mas não sabia o local. Logo ai comecei a achar estranho, e eu disse ai sim, sim diz ele eu fui falar com o meu pai que era PSP mas eu não sabia, a arma era do pai. **(75)** Prontos tudo bem, como é que as coisas se foram encaixar assim, prontos tudo bem, eu disse: ouve bem o que eu te disse a "Sandra" não sabe nem vai saber de nada, porque eu sabia que ela se ia culpar, e no dia que tu abrires a boca disse-lhe eu na minha casa tu não entras mais. E assim andamos 4 meses, até ela fazer os 16 anos **(76)** que ela depois também veio presa comigo, que a minha filha esteve presa comigo 14 meses… prontos tudo bem.

Eu: Porquê, presa consigo?

- Porque eles achavam que ela era minha cúmplice, que sabia que eu matei o pai e que me encobriu, pronto mas a miúda não sabia de nada.

Eu: E com que idade é ela detida?

- Ela entrou aqui, ela fez 16 anos a 4 de Novembro e fomos presas a 27 de Março e ficou até 17 ou 18 de Maio do ano seguinte, de 97 depois saiu a liberdade na sentença, no julgamento. **(77)** Pronto aquilo passou-se viemos para casa e disse "Sandrinha" abre a porta que é a mãe, ela abre-me a porta e ao tempo que eu passo a porta diz ela, o pai? Oh filha como ele já não estava onde o "António" o deixou a gente foi lá a baixo e pronto inventei umas histórias e ela acreditou-se em mim. Ela pede para ir dormir comigo, e eu disse então anda salta. O menino, ele não acordou diz ela, então deixa estar não o acordes fomos as duas para a cama. De manhã ponho-me a pé, abri as janelas para **(78)** arrumar a casa como sempre fazia, rádio alto, a música não dava mais alta, sou muito sincera. O namorado da minha filha chega, diz o chefe está pronto, e eu digo não ele desde que ontem saíram ainda não chegou, eu tinha que fazer o meu papel, então eu vou buscar o pão quer que traga o seu e diz a minha filha, **(79)** oh mãe deixa-me ir com o "António" que eu levo o "Filipe", então vamos todos, não por medo que eu nunca me passou uma cadeia pela cabeça, mas pensava que os pais dele descobrissem e me viessem dar satisfações e que houvesse problemas entre nós. **(80)** Tudo bem fomos buscar o pão e voltamos, voltei a por o rádio nas alturas, comemos à tarde fui a casa dos pais dele, eu costumava ao Domingo fazer as minhas saídas e eu só podia ir para casa dos pais dele, que eu não tinha ordem para ir a mais lado nenhum cheguei **(81)** lá diz-me o pai dele, diz o meu sogro para mim, então tá tudo e eu disse tá tudo, pergunta pelo Fernando. Disse: não sei. E diz-me o meu cunhado de lá de dentro, o quê perdes-te assim uma coisa tão grande? Ele não vale nada, mas perderes assim uma coisa tão grande pelo caminho e eu digo olha que eu não estou a brincar, e quem é que te trouxe

pergunta ele. **(82)** Foi o "António e a Sandra", e eles vão dar uma voltinha e eu fico aqui um bocadinho a fazer tempo e depois vêem-me buscar. Eu digo "Sandra" não venhas tarde que lá para as cinco temos que ir para cima, não mãe. Eram os umas 3 horas da tarde, chegaram era umas 5 e meia da tarde e eu disse está bem, e o meu filho "Filipe" diz deixa-me ir contigo eles como estavam de carrinha eu disse para por a mota do "Filipe" dentro da carrinha e levem-no com vocês a passear, e ele disse tá bem e vim cá fora por a mota na carrinha e disse-lhe a ele, atenção que não quero boca aberta, ele diz para ficar descansada. **(83)** Olha que ele hoje vai aparecer, entretanto eram 4 e 10 e eu sou procurada pela GNR e eu já estava à espera porque o corpo tinha que aparecer.

Eu: E vocês não tentaram ocultar o corpo?

- Não ele foi morto numa lixeira e foi ali que ele ficou, **(84)** entretanto a GNR liga e ouvi o meu cunhado a dizer ao telefone, não a minha cunhada não foi passear a minha cunhada está aqui com os meus sobrinhos e eles dizem prontos a gente já vai para ai, entretanto fui a casa de uma tia que ele não falava para elas (???) e ai eu estranhei logo. Em vez de irmos a casa vamos à "Manuela" que foi ela que nos telefonou. **(85)** Assim que chego ela começa aos gritos que ele estava morto, eu digo: não pode ser, comecei a chorar e fiz o meu papel de mulher. Ela diz: tens que ir lá a cima ao monte para reconheceres o corpo, mais isto e mais aquilo…

(86) Eu: Já está na sua hora? Fazemos assim, você tem uns minutinhos depois, como funciona o seu dia hoje, ou prefere amanhã?

- Pode ser também hoje, que eu só vou aos serviços clínicos levar a medicação para a hipertensão e depois posso continuar consigo.

Eu: Primeiro a sua saúde. Se já não der acabamos amanhã. Hoje utilizamos o tempo que ainda sobrar. Vá que eu espero neste gabinete por si. Até já.

- Até já Dra. desculpe.

<u>2º Momento:</u>

(87) Eu: Pode continuar no ponto onde estava.

- Entretanto fui reconhecer o corpo, estava lá um aparato enorme chovia muito, policia, GNR, PSP tudo e mais alguma coisa a ambulância também já lá estava. Então eu fui com o meu cunhado, com o irmão dele e o pai dele ao tempo que a gente lá chega já estava umas fitas a barrar para a gente não poder passar e não me queriam deixar passar, então eu virei-me para o agente que estava lá e eu disse-lhe então oh Sr. guarda, então andam à minha procura e agora não me deixam passar e diz ele. Andam à sua procura,

sim mandaram-me vir aqui e diz ele como é que a Sra. se chama, a Sra. é que é a esposa de “Fernando”, eu digo sou sim Sra. Então passe, eu passei e logo o cuidado dele, quem é este Sr. e eu disse é meu sogro, é seu sogro, é. Deixou-me passar a mim e a ele e entretanto eu disse: mas vem ai a trás um Sr. que é o meu cunhado, demos os dois o nome. Chegamos à beira da ambulância ele disse-me: é assim a Sra. tem coragem para ver o seu marido conforme ele estiver, se for o meu marido tenho e o meu sogro também queria ir e ele disse não, não. Neste caso é a esposa, são casados é a esposa. Entro dentro da ambulância e sinto um arrepio tão forte mas consegui-me controlar e lá entrei, eles abriram o saco que ele já estava dentro do saco e então eu vi que era ele, mas eu também sabia que era ele. **(88)** O impacto maior que me custou um bocado mais é, eu não sei como ele deu os tiros mas o estouro do segundo tiro, que ele disse que só lhe tinha dado um, não sei como foi mas deduzo depois pelo que veio na minha acusação, um foi na nuca cá a trás e a mioleira estava toda cá fora e aquela mioleira estava toda cá fora.

Eu: E impressionou?

(89) - Não impressionou, porque a raiva que eu tinha dele foi tão grande que prontos eu para os guardas chorei, fiz o meu papel, para mim cá por dentro a minha alma agora está (???) **(90)** que ele não faz mais mal à tua filha, foi isso que me aconteceu, (???) e a mim, mas principalmente aos meus filhos, a mim ele que me matasse Dra. podia fazer de mim o que ele quisesse, que me matasse, que me cortasse, até me podia queimar mas aos meus filhos não, nunca na vida. Eu costumo dizer a gente se os faz é por alguma razão, é por amor, é por um descuido, mas se a gente os deixa vir é porque a gente os quer porque se eu sou contra o aborto e ainda mais sou contra quem faz mal a um filho. **(91)** Pronto aquilo passou-se, o Guarda virou-se para mim, e disse-me ele agora vai sair para o instituto de Medicina Legal e a Sra. amanhã tem que lá ir que é para depois levantar o bilhete de identidade e o cartão de eleitor sim Sr. Eu ainda perguntei posso ir com ele, porque eu queria ter a certeza que ele que ia, o guarda responde não agora a Sra. já não pode mais ir com a ambulância, eu disse tudo bem. Ele foi logo com carros de escolta a trás para o instituto e eu fui para casa com o meu sogro e o meu cunhado. Cheguei a casa a mãe já sabia, já estava aos gritos mas a minha filha não estava lá que foi a minha preocupação, estava lá o meu filho, mas não a minha filha. **(92)** O meu filho era pequenino mas naquela altura já tinha 4 anos e 2 meses, e eu pergunto a “Sandra”, foi ao “local B”, eu pedi-lhe para ela não sair de casa, o que é que ela foi fazer lá, ela está em casa da avó do namorado, deixaram-me telefonar e quem me atendeu foi logo o

"António" e eu disse, está ai a "Sandra" ele disse sim e foi chamar, traz-me a já para aqui e não abras a boca, ele diz que: não está tudo controlado. Eu pergunto como está ela, ela está bem a minha avó deu-lhe um calmante fraquinho, para ela se acalmar mas ela está bem, traz-me ela vem já para casa e passa-me o telefone a ela. Eu pergunto-lhe como está, ela diz que está bem eu peço-lhe para vir para casa dos avós que estava à espera dela. O meu pequeno assim que desligo o telefone agarra-se às minhas pernas e diz morreu, já não bate mais. E eu então a tapar-lhe a boca, e digo-lhe não se diz isso do pai, a sério mãe morreu já não bate mais, nem a mim nem à mãe.

Eu: Uma criança de 4 anos tinha esta percepção?

(93) - Tinha porque o pai para lhe dar de comer, tinha uma mão levantada sempre ou ele comia ou o pai batia-lhe e eu é que me punha em cima deles para levar eu e não levar eles, pronto e aquilo passou-se entretanto a minha filha chega agarrou-se a mim a chorar e disse-me assim ao ouvido oh mãe eu sei que ele teve a morte que mereceu mas não quero que tu sofras por causa dele mãe porque ele não merece nada de nós foi a resposta que ela me deu e eu a falar-lhe ao ouvido também para ninguém se aperceber eu disse-lhe a ela, calma que tudo se há-de resolver. Ela pergunta: desconfias de quem foi, eu disse que não. **(94)** Eu também liguei para a minha falecida mãe, que também já me faleceu aqui na cadeia, para contar, avisei a família, de fora e **(95)** as coisas passaram, no outro dia vou ao Instituto de Medicina Legal e tive que ir à PJ levantar os documentos dele porque ele tinha os documentos com ele, fui lá levantei o B.I. e o cartão de eleitor e entreguei ao armador para ele fazer o funeral tratei de tudo e fiz logo as minhas primeiras declarações.

Eu: Deu-lhe um funeral?

- Dei-lhe um funeral e uma campa. Prontos tudo bem, entretanto as primeiras declarações e o pai dele também vai, e entramos logo em contradição um e outro.

(96) Eu: Porquê?

- Porque eu tive que fazer o meu papel de mulher e de esposa. O pai disse a verdade, disse que ele me batia, que me tratava mal e aos filhos só que o pai não sabia da violação, porque eu falei com a mulher, a esposa dele, e ela deu-me resposta que eu tivesse juízo, que o filho era incapaz de fazer isso à filha. Não quis admitir mas ela sabe que é verdade, porque ela sabe e se eu tenho uma alma para dar a Deus ela tem outra e um dia Deus vai tomar conta de uma e de outra e depois vai ver quem fala a verdade. Eu disse-lhe eu sei que é seu filho, mas além de seu filho é pai dos meus filhos e foi o único homem que eu tive e você sabe perfeitamente e sabe perfeitamente o que ele queria

fazer à sua neta, se você gosta tanto da sua neta como diz que gosta e que tem muito orgulho nos seus netos você não gosta dos seus netos. Pronto aquilo passou-se fizemos um funeral, eu estive lá em casa dos pais dele uma semana, que eles quiseram que eu ficasse lá. **(97)** Os meus pais, eu na altura já não tinha pai, mas pronto a minha mãe que desde o dia do meu casamento eles não falavam para ele, porque a minha mãe não queria que eu me casasse com ele, porque não queria que eu casasse tão nova, eu estava grávida de 8 meses, foi por isso que eu casei. A minha mãe sabia que essa gravidez foi uma força, prontos que eu fui forçada para engravidar e a minha mãe preferia-me criar o filho, só que na terra era uma vergonha…

(98) Eu: Vocês tinham que diferença de idade?

- Dois anos, quando ele morreu eu tinha 36 e ele fazia a 11 de Maio, a 19 de Maio e eu faço a 6 de Março.

(99) Eu: Você com muita precisão datas e situações.

- Sim… são datas e coisas que nunca me esqueço… entretanto a minha mãe antes queria criar o filho que eu trouxesse na barriga que na altura não havia ecografias, há 30 anos a trás e eu disse-lhe a ela não é você que vai passar essa vergonha por mim.

Eu: Vergonha porquê? O filho não era do seu falecido marido?

- (Agita-se), sim, mas… antigamente era uma vergonha um pai… um pai… uns pais terem uma filha solteira, que fosse mãe solteira.

(100) Eu: Você já nessa altura não acreditava que as coisas podiam ser diferentes?

- Eu acreditava que as coisas mudavam… mas não vou dizer que já gostava dele, porque não gostei desde o princípio do namoro, mas gostava… mas eu achava que as coisas podiam ser diferentes e voltar ao normal, com o bebé e tal… e como ele dizia muitas vezes se fosse uma menina que era o que ele mais queria, quando ela nasceu e tudo eu casei a… 9 de Setembro e ela nasceu a 4 de Novembro, foi a diferença de dois meses. Aquilo ainda mais me prontos, mais me indicou, que tudo ia mudar…pensei que ia mudar a minha vida… porque era uma menina… pensei que ele ia ter muito orgulho na filha… mas não… aquilo passou-se, e eu viro-me para os pais dele no dia que ele morreu, no dia que ele apareceu morto e disse-lhe a ela que eles moravam perto olhe eu **(101)** vou telefonar à minha mãe, ou você deixa a minha mãe vir cá ou eu então eu vou lá para cima e ele deu-me resposta, não a sua mãe que venha, mas eu não quero ouvir uma má boca à minha mãe, porque ela é minha mãe, então prontos chamei o meu cunhado olha que vem ai a minha mãe com o meu irmão, eu vou-lhes telefonar agora e atenção que eu não quero uma única boca nem à minha mãe nem ao meu irmão. Como a

minha mãe não gostava dele, e eu tinha medo que a minha mãe dissesse, morreu foi bem-feita e que eles se virassem contra a minha mãe. Tu és maluca dizia ele, eu liguei-lhe então e disse-lhe tava lá o meu irmão, eu quero falar contigo e depois com a mãe mas tens que ser firme por causa da mãe, ele diz logo só foi hoje já devia ter ido à muito, eu disse-lhe não te ponhas assim e ele pergunta vens cá acima ou queres que a mãe vá ai? Eu disse: vens cá a baixo, sabes que parece mal eu ir ai a cima, mas atenção "Joaquim" que não mandem boca nenhuma à mãe, não fica descansada e não fizeram.

(102) Eu: Mas não houve indícios?

- Não nunca houve, foi da noite para o dia, como d´hoje para amanhã, foi o meu co-réu.

Eu: Quem é o seu co-réu?

- Quando estamos mais do que uma pessoa no mesmo processo, era o namorado da minha filha. Ele é que foi dizer que ele foi morto com a arma do pai, mas eles então viram a minha casa e eu não tinha arma, porque não tinha nenhuma arma, a arma que eu ia buscar era para 21 de Dezembro e ele morre a 19 de Novembro. Pois ele telefonou-me, estão dois agentes em minha casa, e estão dois agentes em casa dele lá a tentar dar conta da arma e ele telefona-me de casa a dizer-me que tinham ido buscar a arma do meu pai e a minha resposta por telefone foi, não sei do que estás a falar, os de cá nem se aperceberam que eu estava a falar da arma porque a minha filha diz que o **(103)** "António" estava ao telefone e queria falar comigo, eu faço-me de espantada eu não sei do que me estás a falar mas se queres falar comigo anda a minha casa que eu não vou sair que sabes que eu não saio à noite e os agentes nem se aperceberam desligo o telefone e digo com licença, eles tão lá um bocado…

(104) Eu: E porque acha que ele agiu assim?

- Ele age assim porque ele queria casar, porque uma vez que o pai da minha filha, andava muito estranho com um comportamento e uns olhares para cima dela muito esquisitos, **(105)** e ele queria casar, e ela disse que não acreditava que eu a deixasse casar por causa da idade e sabes que eu para casar agora a minha mãe tinha que assinar, à mas podíamos falar com ela, entretanto ele veio falar comigo e eu disse se ele tinha juízo, mas aconteceu alguma coisa entre vós os dois, ai não mas já viu assim ficávamos a viver consigo. Eu disse olha filhos fiquei com dois, não fiquei com três e malandro tive um não tenho mais nenhum. Ele já fez isto porque já tinha ideias de direitos sobre a minha casa e eu disse-lhe então que se deixassem de disparates e que eu ia buscar o "Filipe" à casa de uma vizinha minha que ele estava a brincar com o filho de uma vizinha, para ir fazer o jantar, e quando eu volto, oiço um estalo, e oiço-a gritar com ele

não penses que és o meu pai para me bateres e eu entro e digo quem é que te bateu? Ela diz não foi nada, menino faça favor de dizer o que se está a passar, foi o "António" que me deu um estalo, nem pense que é como o pai que se vai habituar a bater-me, eu disse ui a partir de hoje acabou o namoro em minha casa mando eu, a minha filha não tem pai mas tem uma boa mãe acabou o namoro por completo.

(106) Eu: Parecia que estava a substituir uma coisa pela outra, existe muitos casos de repetição na vossa família, o mesmo sucedeu também consigo no inicio do seu casamento.

- Quer dizer isto passa-se agora, e eu já conheço a escalada… já sei de cor. Daqui a 3 quartos de hora e ele diz que não pode ser e como eu lhe digo que ali mandava eu agora ele pega…

(107) Eu: E vai-se vingar em si.

- Claro, ele pega e vai embora e telefonou para a PJ, foi o único significado que eu vi ali, a PJ entretanto, que eu não me acredito que ele tivesse ido lá acredito que ele tivesse telefonado e contou o que se tinha passado e eles foram lá a casa entretanto onde ele tem que dizer a verdade e diz que a arma é do pai prontos tudo bem, os agentes vão para minha casa ele telefona-me eu digo-lhe que não sei do que ele me está a falar que ele fosse lá a minha casa, com licença boa noite até amanhã desligo e tudo bem. **(108)** Os agentes tiveram lá comigo uma hora e tal depois viram fotografias minhas, fotografias do falecido, fotografias dos meus filhos prontos muita coisa e eu tinha uma fotografia lá com um facão que ele me cortou os bicos dos peitos e a minha filha coitada ao mesmo tempo que aparece aquela fotografia ela esconde por um lado até foi bom, mas por outro a miúda escondeu uma fotografia e eu dou-lhe as outras e eu não vi que ela escondeu não a vi esconder entretanto os dois agentes vão embora e disseram assim prontos "Dona Raquel", a gente um dia destes torna a aparecer e se a gente não vier a Sra. vá lá pode ser que já tenha novidades mas também não me deram nenhuma frincha para eu desconfiar, prontos tudo bem e eles vão-se embora e diz-me a minha filha oh mãe eu guardei esta fotografia, e eu que fotografia, e ela tira do blusão dela a foto, e eu digo oh "Sandra" não tinha mal, oh mãe como eles dizem atentado por arma já vistes, olha fizes-te bem peguei e rasguei, rasguei meti logo no saco do lixo e acabou. **(109)** Prontos jantamos arrumamos a cozinha estivemos um bocadinho a ouvir um bocadinho de televisão **(110)** liguei à minha falecida mãe porque eu ligava todos os dias antes de dormir, telefonei tudo bem deitamos, **(111)** deitamos que tínhamos que tar a pé cedo, que eu tinha que levar o meu filho á ama e diz o meu filho para mim, oh mãe tu logo

vens cedo não vens, venho filho porquê, traz-me um ovo, que era um ovo kinder, tá bem a mãe traz-te um ovo, mas não é a mana és tu, tá bem a mãe traz-te um ovo e avisei logo oh "Sandra" não te esqueças de me lembrar que a mãe esquece-se, tá bem mãe. E pronto lá fomos, nós fomos trabalhar e o menino ficou na ama, fomos ao café onde comíamos sempre (???), peço um maço de tabaco, peço o café para mim, peço meia de leite para ela e um queque de cenoura que era o eu ela comia, e eu era um café era um queque e o tabaquito para levar para durante o dia. Eu peço o empregado traz, toma o que tem a tomar meto o tabaco à carteira vamos para ir embora no tempo que eu vou pagar aparece-me um agente.

Eu: Você já viveu isto quantas vezes, sabe isto tudo com muito pormenor, segue uma linha…

(112) - Isto é uma linha que nunca mais me acaba, entretanto aquilo passou-se e ele que estava ao balcão diz bom-dia "Dona Raquel", e eu digo bom-dia Sr. agente, ele não diz nada e eu digo adeus, como era perto o trabalho não havia necessidade de ir gastar uma senha nos transportes, então vamos aquele caminho a pé as duas a conversar e ela diz-me assim deixas-me ir ter com a "Carla"? Vai filha que eu vou com a "Cristina" para baixo e depois tu vens com a "Carla", mas quero-te lá a horas porque és minha filha mas tens que estar a horas **(113)** porque eu era encarregada naquela firma não queria que ninguém dissesse ela facilita porque é filha, mas no trabalho não havia nem mãe nem filha, era tudo empregadas, tá bem eu tenho tempo, venho cedo. Eu tá bem, eu encontro a minha colega e ela vai buscar a outra. Tamos a chegar à fábrica prai a 10 metros da porta da fábrica e **(114)** torna-me a aparecer o agente e eu oiço uma voz a trás de mim oh "Dona Raquel" eu olho assim para trás e disse assim outra vez e diz ele vamos à policia, vamos mas podia-me ter dito já ali, não, não vim ter consigo cá baixo mas então faça-me só um favor, deixe-me por só as senhoras a trabalhar e deixar uma colega minha encarregada disto até vir o patrão para ele saber para onde é que eu fui, tá bem mas ai já não me largou mais, entrou comigo para dentro da fábrica eu pus as moças a trabalhar eu disse a uma colega minha a trabalhar e foi assim que eu vim presa, eu disse-lhe fazes-me um favor tomas conta disto, pus isto, fazes isto, expliquei o que tinha que explicar e disse quando o patrão vier diz-lhe a ele que eu fui à policia e virei-me para o agente e disse-lhe assim oh Sr. agente e eu ainda venho cedo, venho de manhã ou de tarde, ele diz a que horas é que você pega à tarde, eu disse eu pego à uma e meia, então o mais certo é vir de tarde tá bem e digo, ouvistes e ela disse-me assim olha se tu fores presa eu vou-te lá levar um tabaquinho lá aos quadradinhos e eu disse-lhe assim não me

leves só o tabaco leva-me também um cafezinho, mas tudo numa brincadeira e eu disse olha quando a minha filha vier diz-lhe para onde eu fui e está aqui as minhas chaves entrega-lhe e diz ele assim, não traga as chaves consigo, e eu digo assim: mas trago as chaves comigo porquê as chaves são de minha casa Sr. agente vamos a minha casa? Podemos às vezes ter que ir. Então está bem, peguei…

Eu: Já era a Policia Judiciária?

- Sim já era. Então eu venho assim para fora e passa um Ford Fiesta branco com a minha filha lá dentro eu disse assim, ui a minha filha vai ali, ele diz assim tá a falar sozinha? E eu disse não, diga-me uma coisa, quer que chame um táxi, quer que vamos de autocarro, como vamos porque eu vi-o sem carro nenhum. Espere ai que nós já vamos, neste tempo, ele pára ao meu lado e pára esse Ford Fiesta, e eu digo-lhe assim o que é que a minha filha vem ali a fazer? Pois porque a Sra. saiu do café com a sua filha e o meu colega foi buscar a sua filha e eu vim ter consigo. Quer dizer eles pensavam se calhar que a minha filha fosse para um lado e eu fosse para o outro. Ele foi buscar a miúda e depois vieram-me a buscar a mim, fomos para a PJ onde fomos presas, tive a manhã toda, ela esteve em declarações e eu disse-lhe a ela, mas só me disseram à noite eram para ai umas 9 da noite quando me disseram que eu estava presa, então levaram-me a miúda para uma sala e eu fiquei noutra e diz-me ele assim olhe a sua filha vem já, e eu virei-me para ela e disse assim tu não assinas nada, tu não sabes de nada o que é que estás a falar mãe, **(116)** fui eu que matei o teu pai e disse-lhe assim à cara podre, fui eu que matei o pai depois a mãe explica, tu não sabes nada e o agente que estava ao nosso lado ouviu, não assinas nada tu és menor e por falar nisso dá-me o teu B.I., e eu tirei-lhe o B.I. da mala, ela é menor e eu é que sou a responsável por ela. Tá bem mãe, ela dá-me o B.I. e diz assim o agente, não, não, não, deixe ai o B.I. com ela, não, não deixo porque a filha é minha não é sua e então ele levou-me a miúda quer dizer passam-se as horas, isto eram 7 e 20 da manhã quando fomos presas, passam-se as horas…

Eu: Estava já alterada?

- Estava, nos meus filhos ninguém toca, **(117)** ainda assim eu não tenho o meu filho desde que vim presa, não mas hei-de tê-lo, nunca mais vi o meu filho Dra…. **(118)** Passa-se as horas, eu ponho-me a pé que eu estava para lá sentada numa sala e digo para outro agente que andava lá oh Sr. guarda se é que é guarda olhe a minha filha… eu já me estava a descontrolar. A minha filha, mas fui agressiva que eu sei que fui agressiva, vê lá não fale assim, não falo assim porquê, então vocês levam-me a minha filha e não dizem nada, mas como é? **(119)** Ah não se preocupe que a sua filha vem já, olhe eu

quero ir à casa de banho. Tudo bem. Diga-me onde é a casa de banho. Mas você não pode ir à casa de banho, mas isso eu já a ouvir eles dizerem uns aos outros, não a deixes ir sozinha à casa de banho, porque eu ai não fui burra, por isso eu disse a ele que queria ir à casa de banho, ele diz assim espere ai um bocadinho que eu vou chamar um colega meu para ir consigo, tá bem, chama um colega vem um homem que vem comigo à casa de banho, ora um homem fica da parte de fora e eu da parte de dentro, diz-me ele assim, olhe não feche a porta encoste, e eu digo assim: encosto porque você quer mas vou fechá-la porque me apetece, eu fecho a porta por dentro e ele por fora tira o trinco, vejo o buraco da fechadura, eu meto dois lenços de papel ali fiz o que tinha a fazer à mas não pode levar a carteira, e eu cara podre digo ai não posso então deixe-me ir buscar o que eu preciso vou tiro um penso higiénico da carteira que eu andava sempre com um penso comigo, pois vou assim em cima da secretária dele e depois então fui à casa de banho vim, e trouxe o penso que eu não precisava dele ainda hoje aqui na fábrica ando, lá em cima tenho sempre na gaveta da minha máquina, **(120)** prontos peguei e fui e a minha filha ainda não tinha aparecido, mas afinal de contas o que é que se está a passar que quero a minha filha, tenha calma o tempo que ele diz tenha calma vem outro agente que eu conhecia que estava na casa, mas afinal de contas o que se está a passar eu quero saber da minha filha e diz ele tenha calma já era um Sr. de idade eu viro-me para ele e digo a minha filha e até um Sr. que eu tenho uma certa consideração por ele e ele só me disse assim “Raquel”, você vai ter que ser muito forte, vem ai a sua filha vai precisar muito do seu apoio, eu sei onde é que ela está, ela está lá dentro, eu vou para uma sala só homens cada um maior que outro e eu deixa lá ver o que é que vai sair daqui, chego lá mandam-me sentar, e eu não me sentei, não me sento, ele diz sente-se que é para a gente conversar o que vocês querem saber? Queremos saber tudo, eu quero aqui a minha filha, depois de eu ter aqui a minha filha eu conto-vos tudo, o que é que vocês querem saber é da morte do meu homem, eu conto-vos tudo mas quero aqui a minha filha, entretanto um diz vai buscar a rapariga, eu digo não é rapariga, rapariga é a vossa filha. Então foram-me a buscar e ela chegou à minha beira a chorar, os olhos muito inchados o que é que te fizeram, alguém te fez mal, então quando ela me diz que não mas eu olho para ela **(121)** está aqui um agente, está outro ai, outro à frente do computador aqui ao lado daqueles cinzentos, o teclado e eu então sento-me aqui em frente. Oh mãe o que é que se passa que eles queriam-me e eles ameaçaram-me e então ai é eles ameaçaram-te pego no teclado zumba foi logo, à minha filha ninguém levanta a mão porque eu não autorizo.

Eu: Por isso é que disse que essas coisas todas pesaram mais, e porque é que se você não estava inocente teve essa postura?

- Porque eu descontrolei-me e quem ameaça os meus filhos, eu sou capaz de matar. O agente que estava em frente ao PJ, esse foi logo e nenhum deles me punha a mão pois queriam-me algemar à cadeira para eu falar e eu disse que não me algemavam, eles não algemam então não seja violenta…

Eu: E você não pediu a presença de um advogado, de ninguém?

- Não, porque prontos, cadeia a mim nunca me passou pela cabeça, e eu não sabia o que se estava a passar.

(122) Eu: Então mas você ao matar não imaginou que pudesse ser apanhada?

- Eu fui as mãos de Deus, tinha que defender os meus filhos qualquer boa mãe faria o mesmo, quem faz o que ele fez e quem viola e maltrata mereciam a morte pelas mãos da vítima, eu no meu entender não estava a fazer nada de mal.

Eu: E hoje a sua opinião mudou?

(123) - Se eu me arrependi não, só me arrependo de não ter arranjado outra maneira dele pagar, assim perdi anos de vida com os meus filhos e ele roubou-me ainda muito mais. Eu também não pedi ninguém porque eu achava que me podia defender. Prontos mas eu já estava completamente toda (???), e diz assim esse velhote para mim o único que me conseguiu acalmar, posso falar sozinho? Eu consigo pode ser, se a minha filha estiver connosco. Está bem venha com a sua filha e venha comigo, então fui eu a minha filha e esse Sr., fomos e ele disse olhe "Raquel" você só vai fazer declarações, ninguém bateu à "Sandra", pois não "Sandra", não Sr. responde ela e teja descansada que eu dou-lhe a minha palavra que eu tenho idade para ser avô dela, eu dou-lhe a minha palavra que não deixo ninguém fazer mal à sua filha só quero que você contribua agora com o que eles vão perguntar que é para as coisas serem mais rápidas. Você vai ficar e a ver se a sua filha vai embora, você vai ficar presa. Quando ele me diz você vai ficar presa, eu fico **(124)** mas a minha filha não (???), você garante-me que ninguém toca na minha filha? Garanto. Olhe que eu estou a confiar em si, olhe que o pai dela está morto e eu faço-lhe o mesmo a si, ele diz você está-me a ameaçar? Não estou a avisá-lo, se me tocarem na minha filha vocês pagam, eu posso estar cem anos presa como vocês dizem, mas você é um homem morto à minha saída. Não isso não vai acontecer. **(125)** Eu vou com ele a minha filha fica na salinha onde estávamos e eu digo a mãe vem já e fui para interrogatório e era um era outro, então virei-me para eles e disse-lhes vocês não estão todos metidos no processo, por isso só respondo a quem está metido no processo o resto

é andamento porque eu não quero aqui ninguém e diz-me assim esse velhote, quer que a gente lhe chame o advogado? Não, não quero advogado nenhum, contei tudo conforme falei aqui. Virou-se para mim e disse então você sabia da morte do seu marido, você matou-o? **(126)** Não eu não matei, mas estou e assumo que fui eu que o matei, porque eu não queria meter mais ninguém, não queria meter o rapaz no fundo, não queria meter a minha filha e era aquilo que eu queria fazer. Mas a arma não era sua, eu digo pois não. E de quem era a arma? De quem era a arma não sei simplesmente, eu não pedi para fazer fizeram-me, de quem era a arma não sei não me interessa. **(127)** E a arma era do pai dele que era policia, isso é que eu não sabia mesmo e era uma coisa que ele me havia de ter dito. Era a arma de "Mauro", se era não sei, que eu não conheço esse homem, deu para fazer o que fizeram de quem era a arma não interessa, porque eu não sabia que o pai dele era polícia isso é que eu não sabia mesmo e era uma coisa que ele me havia de ter dito. "Mauro", é o pai do "António", sim mas ele também está ali então traga-o, se ele estava ali só tinham que me trazer. O homem passado um pedaço lá o foram buscar e ele disse que me tinha emprestado a arma a mim. **(128)** E eu disse, pelo aquilo que eu sei já estou presa e se eu estou presa vou ser condenada um dia, mas eu um dia saio e com a boca que você me está a dizer que me emprestou a arma a mim você vai engoli-la porque eu vou meter-lha pela boca a dentro.

Eu: Você, assumiu tudo.

(129) - Menos mentiras, e esteja caladinho que você sabe tão bem quanto eu que quem matou o meu homem foi você e o seu filho, porque a minha filha já foi tirar as impressões digitais e as impressões digitais que estavam na arma não eram dela, são duas umas são as do "António" e as outras são as suas e minhas também não são porque eu não toquei na arma, ele tirou impressões e estavam lá as impressões dele por isso eu digo assim, e pergunto muitas vezes quem matou o meu homem, foi o "António", foi o pai, o "António" um tiro deu que eu ouvi mas quem deu o primeiro não sei. Ele levou-o para casa dele mas eu não se nesse espaço de tempo o que aconteceu.

Eu: E o que aconteceu ao arrolados no processo?

- O filho está preso, deve sair agora para o mês que vem e o pai já está morto, já morreu. Entretanto aquilo passou-se, vamos todos para o juiz, para o tribunal, para o T.I.C., ficamos os 4 em prisão preventiva, mas o filho começou a chorar que o pai que não tinha feito nada e eu sou sincera como não queria meter também os meus pais numa asneira que eu fizesse, não queria que ele estivesse a pagar por uma asneira dele. Eu fiz

tudo por tudo para o tirar e tirei-o, como tirei a minha filha. Eu disse-lhe a ele, o teu pai e a "Sandra" vão sair.

(130) Eu: E você contou alguma vez em tribunal as violações, tudo o que tinha sofrido?

- Contei tudo por tudo, mas a atenuante que eu tive foram 28 anos e 3 meses com passado, como passei os 25 tive um cúmulo jurídico na hora, fiquei em 22 anos pena única, pois fiz os recursos mas estou na mesma. Eu pedi à minha advogada na altura para pedir ao Ministério Público para me deixarem fazer os exames de perícia ao Instituto de Medicina Legal para verem como eu tinha sido violada, por me ter cortado os bicos do peito, por me ter esfaqueado o meu joelho e o meu pé e não foi-me autorizado, era meu marido, foi as respostas que veio, ele era meu marido não meu companheiro e é verdade ele era meu marido, casámos catolicamente e agora estou casada catolicamente outra vez, eu era viúva o meu marido era solteiro isto é de agora do presente. Prontos a partir dai vamos para a cadeia, eu fiz tudo por o velhote lá fora que tem idade para ser meu pai, mas somos detidos os 4, eu não queria o Sr. a pagar uma coisa que não tivesse feito, hoje estou arrependida mas o homem coitado também já está na terra morto a (???), mas também disse à minha filha "Sandra" por o pai do "António" na rua que se ele não tem nada a ver não tem nada que estar cá dentro, claro mãe e depois vou-te por a ti disse-lhe eu e um dia eu também saio, enquanto não a pus a ela eu não descansei.

(131) Eu: Ela esteve ainda aqui, 14 meses?

- 14 meses mas nesta não. Que esta abriu há três anos, estivemos em "E.P. A". Esteve 24 dias em "E.P. B" comigo e depois de "E.P. B" fomos para "E.P. A", foi das primeiras transferências que ouve. Mas eu antes queria "E.P. B" que esta, por ser pequenina e as condições. Na questão de guardas a humanidade de guardas aqui é igual, algumas são de "E.P. B" e elas são uma maravilha e eu sou sincera mesmo estas guardas novas que me conhecem só deste E.P. eu não tenho que dizer, delas nenhum.

Eu: Entre os reclusos há muitos conflitos?

- Há, comigo não que eu nunca tive conflitos nem tenho feitio, eu desvio-me ainda agora… eu não deixo calcar mas também não calco ninguém e eu respeito o espaço delas para elas respeitarem o meu. Quando estou a mais ou estou-me a chegar para sítios que não devo eu desvio-me porque além de serem muitos anos **(132)** eu tive uma educação muito rígida e a minha mãe morreu-me com 82 anos e por a idade dela já se vê a educação que eu tive o respeito pelos meus pais e continuo a ter apesar de já não os ter é o respeito que eu dou aos meus filhos para terem comigo.

(133) Eu: O que é feito do “Filipe”?

- O “Filipe” ficou na ama, dai a avô foi buscá-lo, porque a minha mãe não estava cá estava na Alemanha. O avô paterno, porque eu já não tinha avô, já não tinha pai, a minha mãe estava na Alemanha, eu quando cheguei à “E.P. B” é que tive que ligar para a Alemanha para me ir buscar um advogado e a minha mãe depois veio para buscar o meu filho, mas já não pode porque ficou nos avós paternos, entretanto eu pedi para falar com ele mas nunca me deixaram, quando eu recebo um papel por uma educadora do IRS em “cidade M”, já estava em “cidade M”, que eu tive lá 5 anos, onde esse papel diz que eu não posso ver o meu filho.

(134) Eu: Você esteve em “E.P. B”?

- Tive em “E.P. B”, “E.P. A” e depois em “E.P. M” e foi lá que casei e fiquei lá para vir para aqui, estive lá 5 anos. Estive 5 anos em “E.P. A”, 5 em “E.P. M” e o resto aqui. Entretanto recebo esse papel para ir à assistente do IRS que me diz que eu não posso ter o meu filho porque estou detida pela morte do pai e o menino fica à guarda dos avós porque numa ocasião chega uma Sr. que me disse que era Dra. mas não se identificou como Dra. nenhuma e que vinha para eu assinar a paternidade nuns papéis para eu assinar a paternidade do meu filho, com uns papéis de facto.

(135) Eu: E explicou-lhe de facto o que se tratava?

- Não, não. Nem pensar eu matava. Matava a mulher no gabinete, nem pensar, que era só para o menino ficar nos avós, olhe eu não andei a fazer filhos para dar. Se os avós querem filhos que os façam porque o meu filho eu não o dou a ninguém.

Eu: E você tinha pessoas que pudessem ficar com ele?

(136) - Tinha. Tinha a minha filha, tinha os meus irmãos, tinha a minha falecida mãe na altura. Concordo que não o dessem à minha mãe, porque a minha mãe estava a entrar numa fase terminal… mas proibiram-me por completo, tanto é que ele não tem contacto com a irmã nem nada, ele não tem contacto com a minha família.

Eu: Os avós paternos também são avós da “Sandra”?

- São mas não falam para ela. A minha filha levou a avó a tribunal quando saiu da cadeia, porque a avó quando passava por ela insultava-a de assassina e ela teve que ir fazer queixa ao tribunal, a partir daí é que a avó a deixou em paz mas o meu filho, a **(137)** minha filha nunca mais o viu, é assim ela vê o irmão mas não tem contactos com o irmão porque nem o irmão lhe fala. Só quando eu sair em liberdade para a condicional é que eu tenho direito de ver o meu filho. Quando eu sair o meu filho está com 20 anos, ele fez 17 anos no dia 12 de Agosto e eu não o vejo desde os 4 anos e meio.

Eu: Como se sente em relação a isso?

- Tenho que aguentar, porque ele vai ser meu como a irmã, isso eu tenho a certeza que o meu filho vem para mim custe o que custar porque **(138)** quando eu sair em liberdade condicional por daqui a dois anos que é isso que eu estou a contar, cumpro os dois terços. Tenho tido bom comportamento aliás eu fui à juíza a 27 de Fevereiro deste ano para a liberdade condicional e ela disse mesmo que se viesse um não, não queria que eu lê-se com atenção e me deixasse desmotivar e que não me fosse a baixo, e que se viesse um sim queria que eu aproveitasse mas que provavelmente viria o não porque dada à minha condenação ser muito alta e não ser ela sozinha a mandar. Porque foram 22 anos… ma viu que eu já tinha muitos anos de reclusão e que era uma reclusão excelente e depois vem lá os papéis prontos com o mérito, com o trabalho com tudo, o bom comportamento. Manter-me com força para quando sair ir ao tribunal de menores e dizer, estou aqui e estou em liberdade e quero este processo aberto e quero o meu filho aqui porque eu não dei a paternidade a ninguém porque eu não dei, o juiz é que a deu porque eu não dei. **(139)** Toda a vida trabalhei, sempre trabalhei, aqui trabalho e estou a lutar para ir para uma "ala x", há dias estive a falar com a minha educadora, porque elas meteram uma proposta para a "ala x" para a direcção geral e estamos à espera da resposta e eu ando sempre em cima delas mas à noite eu trabalho na cela porque eu só me deito à uma ou duas da manhã, porque é dinheiro que ganho e dinheiro que mando para a minha filha me por no banco porque aqui o meu vicio agora é o café, o tabaco eu encostei, tive que o encostar porque o tabaco é muito caro e cá dentro não se pode fumar, é o cafezinho mas também só tomo 2 cafés ao dia é ao meio dia e á noite e pensei vou trabalhar das 8 e meia até às 5 da tarde. Trabalho aqui das 8 e meia ao meio dia menos um quarto e da uma às cinco.

(140) Eu: E tem visto a sua filha?

- Sim eu em precária fiquei na casa dela.

Eu: E ela dá-lhe algumas notícias do seu filho?

- Sim eu já vi o meu filho, é que eu já vi o meu filho, só que não posso falar. Eu estive assim lado a lado com ele e com os avós deles, quando eles viram que era eu eles já não tiveram mais onde se meter mas estávamos ali todos aquilo era uma feira. Ora bem eu penso que ele sabe, eu sei que ele sabe da minha existência e sei que há bem pouco tempo ele disse para uma pessoa amiga dele se o meu pai não tivesse morrido a minha mãe não estaria presa, se a minha mãe não estivesse presa a minha vida não era esta, assim não posso ver os meus sobrinhos, não posso ver a minha irmã e muito menos a

minha mãe e eu mandei logo recado por essa fonte que me informou, diz-lhe a ele que não está sozinho, ele que tenha paciência mais estes dois aninhos e eu também tenho os meus netos, um menino e uma menina. E com problemas também, já estão a surgir problemas mas havemos de os resolver, porque agora é o companheiro que quer pegar com ela mas enfim…nada me demove pelos meus filhos eu costumo dizer, eu hoje digo assim, plos meus filhos eu dou a minha vida. Se me disserem tens que morrer para o teu filho viver, que me matem que me tirem o que tem que me tirar, mas o meu filho tem que viver, e plos meus netos é igual **(141)** e por este meu marido agora. Porque deu-me a felicidade, que o outro não me tinha dado e este conheci-o dentro de uma cadeia, preso como eu que ele também estava preso, casámos dentro de uma cadeia ele é mais velho do que eu doze anos, talvez por ser mais maduro e eu gostar de homens mais velhos, dá-me mais estabilidade e tem-me dado muita força está sempre a par.

Eu: E ele está quase a sair?

- Não eu lá tolerava (ri) que um homem saísse primeiro, eu saio primeiro do que ele 14 meses.

Eu: Ele apanhou que pena?

- Por homicídio também em circunstâncias de emprego, foi no trabalho que matou um colega. Tanto que ele é do sul e eu sou do norte. Eu sou daqui e ele é da "região Z".

Eu: Eu sou da opinião que hoje você já falou muito sobre si já bastante tempo é muito cansativo, que acha de amanhã terminarmos alguns pontos para hoje já não continuar mais tempo?

- Tá bem.

(142) Eu: Eu como psicóloga também tenho que zelar por si, e não estender por muito mais tempo esta recolha de informação. O que está a sentir neste momento?

-Vejo que a minha história dava um filme e dava um livro, às vezes parece mesmo que estou num filme, às vezes não sinto nada.

Eu: E mesmo não sendo comigo, vá conforme consiga e queira pondo um pouco cá para fora todos esses sentimentos, você está repleta. Para conseguir continuar a lutar por si, pelos seus filhos, netos e agora pelo seu marido actual.

(143) - Sabe como eu consigo agora, tomo comprimidos. 2/3, para dormir, calmantes. É assim perdi a minha mãe na cadeia, perdi a minha mãe cá dentro, isto da luta aqui dentro, que é constante, tentarmo-nos defender a toda a hora, lutar de tudo e de todos e depois conviver com ciganos, que é outra questão cá dentro, nós temos que nos limitar a tudo eu levei a minha vida a defender-me, aqui há muita cigano, muita cigano, muita

cigano, que é muito complicado e prontos tudo isso e a força que eu tenho tido de tudo, é porque cá fora é uma coisa e lá dentro é outra. Lá fora é uma coisa e cá dentro é outra. Ainda (???) outra precária, (???) que elas dizem tu és presa, tu estás presa e eu digo eu estou mas eu não tenho medo nem da liberdade nem da cadeia. Eu sempre tinha medo de uma cadeia que nunca pensei que houvesse cadeias assim, agora que entrei na cadeia não tenho medo, sei-me defender e sei-me portar no meu lugar, porque se a gente se puser no nosso lugar.

(144) Eu: Aqui não pode mostrar medo?

- Não eu medo não mostro a ninguém, hoje não tenho medo de ninguém, elas têm-me muito respeito, elas até dizem que eu as intimido e sem falar para elas só com o olhar, é aquela maneira de a gente olhar para elas que a gente as está a encostar porque não nos podemos deixar repassar por elas, porque é assim eu costumo dizer eu sou muito boa por bem, por mal sou uma boa cobra e para defender aquilo que é meu (???) nem que tenha que rastejar… mas não me fazem mais mal (silêncio).

Eu: Queria agradecer-lhe a sua disponibilidade, o partilhar a sua história comigo, porque senti que tinha essa necessidade, amanhã terminamos. A sua vida é um mundo repleto de sofrimento.

(145) - A gente vê as novelas à noite, mas a minha vida…

Eu: Hoje deixei-a falar do que mais sentiu necessidade, amanhã veremos aspectos um pouco que ainda não tenha falado, do que é a “Raquel”…

- Oh Dra. uma vida sofrida logo desde os 9 anos, sou violada e aos 11 já estou na fábrica, toda a minha vida foi uma vida sofrida sozinha… amanhã conto-lhe o resto e fica a saber quem é a “Raquel”.

Eu: Amanhã eu gostaria de fazer um apanhado consigo do que falamos e fechar algumas pontas soltas. E agora relaxe um bocadinho pois não gostaria que fosse para o silêncio dos pensamentos e ficasse mal.

(146) - Não até me fez bem, eu agora vou jantar, não vou jantar que eu nunca janto à noite, vou buscar o reforço, eu saio daqui aliviada, vou buscar o reforço, vou tomar o meu cafezinho, nós comemos nas celas, vou tomar o meu banhinho ler a carta do meu marido, vou escrever…

Eu: Amanhã logo pela manhã, é transtorno para si? Gostaria de escolher uma hora que não a transtorne, qual a melhor?

- Tanto faz, porque qualquer hora eu tenho que sair lá de cima, e enquanto eu saio lá de cima eu assim também alivio as costas, que eu também preciso. Sexta-feira é que não pode ser de manhã que eu não tenho cá o meu marido.
Eu: Por exemplo, 9 horas e meia, está bom para si?
- Oh Dra. (ri-se) aqui às 7 e meia já temos que ter a casa arrumada que temos que ter tudo já em ordem pode ser sim.

3º Momento:

(147) Eu: Vamos começar, por falar um pouco hoje sobre a sua família, quantos irmãos tinha, um pouco de coisas que ontem não abordamos.
- Eu nasci numa família humilde, católica, fui sempre criada com os meus pais e com os **(148)** meus irmãos, fomos 9 filhos morreram 5, somos 4 vivos. Prontos, vivi sempre com eles até à idade de me casar.
Eu: Morreram todos de causas naturais?
- Não, dois morreram no Ultramar e dois… três foi causas naturais. Ou dois sim e um parece que foi de acidente que eu não me lembra. Ficou de baixo de um camião.
Eu: A "Raquel" é das mais novas?
- Eu sou das mais novas das raparigas, agora somos 4 e eu sou a mais nova das raparigas, depois tenho um rapaz mais novo. **(149)** Prontos, fui para a escola andava sempre com os meus pais sempre por casa, sempre muito caseira. Muito Maria-rapaz e entretanto fui para a escola fiz a 4ª classe, porque eu nunca gostei dos livros e fugia, fugia da escola, ora para fugir à escola eu fugia de caminho, não queria que a minha mãe me obrigasse a ir mais do que a 4ª classe, porque também nas férias da escola também já fugia para ir trabalhar para as fábricas. Havia uns que queriam, outros não, eu fui a única que quis sempre trabalhar, porque até todos os meus irmãos tem estudos e eu sou a única que tirou a 4ª classe e chegou muito bem, chega-me perfeitamente para aquilo que eu preciso. **(150)** Pronto entretanto eu, nas férias da escola já me punha a trabalhar nas fábricas, (???), fui trolha, fui cartonejeira, fui leiteira, fui padeira, prontos tudo isso, sai da escola tinha 10 anos, porque eu entrei salvo erro com 7, por causa dos escalões não se poder entrar até ao fim do ano… prontos, eu não queria era tar em casa, queria tar ocupada. Eu como fazia os 6 só em Março, só entrei no ano seguinte… sai da escola com 10. Eu sai da escola a 9 de Junho, fomos sempre uma família muito unida, muito respeitada. **(151)** Tivemos uma educação rígida, porque os meus pais eram antigos.

Eu: Defina rígida.

- Não eram de bater mas batiam quando tinham que bater, a gente tinha medo, os tempos eram outros. **(152)** Mas a educação que eles nos deram só nos fez bem, preparou-nos para o mundo, fez-nos fortes, de pieguices não se sobrevive. Ainda devia de ter sido mais rígido que era para eu não ter feito a asneira que fiz. Mas prontos tudo bem. Entretanto sai da escola a 9 de Junho e a 9 de Julho fui trabalhar para a fábrica.

Eu: Você tem uma grande memória.

(153) - A minha cabeça é uma registadora, estas datas eu não esqueço, fazem parte de mim… quando fui trabalhar já estava com uns 11 anos, trabalhei dos 11 aos 14 a fugir aos fiscais na fábrica porque não podia trabalhar porque só se podia trabalhar a partir dos 14 anos, por causa dos descontos para a segurança social e sindicato e por ai fora. Entretanto dá-se o 25 de Abril e eu passei ao quadro na fábrica, que até aqui a gente andávamos fugidas, nunca tínhamos um emprego certo e depois então passei ao quadro, fiquei logo efectiva que fui ganhar o meu primeiro ordenado de três contos e trezentos, que era o ordenado mínimo nacional porque dantes eu só ganhava 90 escudos por semana (ri-se), prontos foi uma diferença muito grande, a partir daí prontos foi sempre a trabalhar. Entretanto casei aos 18 anos com o falecido, tive a minha filha, casei dia 9 de Setembro de 79, ela nasceu a 4 de Novembro de 79, que eu ia grávida de 7 meses. Tive a minha família e os meus problemas cada vez começaram a ficar piores o que me levou ao estado de eu estar aqui.

(154) Eu: Hoje vou optar por fazer mais algumas perguntas um pouco mais objectivas para explorar aspectos que ainda não falamos. Porque ontem a “Raquel” conseguiu construir a sua história e hoje coloco-lhe pequenas questões para não nos repetirmos. Disse-me ontem e contou-me uma história de sofrimento, que foi o percurso em que casou, em que engravidou em que deu uma segunda hipótese.

- Para ver se ele melhorava.

Eu: Este homem na sua vida não lhe deu só maus tratos psicológicos?

- A única coisa que ele me deu de bom foram os meus filhos mais nada, de resto não tenho razões nenhumas mesmo, para este homem chegar ao ponto de cortar os bicos do peito, com os ciúmes não sei. Eu estava a dar de mamar ao filho, porque ele dizia-me já com a minha filha aconteceu o mesmo, ele não queria que desse de mamar à menina e eu dei-lhe resposta que enquanto eu tiver leite, os meus filhos vão beber do meu peito, só depois então é que dou leite do outro. **(155)** Foi assim que a minha mãe nos criou e então e é assim que eu vou criar os meus filhos, porque nós fazemos o que aprendemos

e vai ser assim com os filhos que eu tiver e enquanto eu puder e assim fiz. **(156)** A minha filha reagiu bem mas do meu filho eu penso que foi dos ciúmes não faço ideia, cortou-me os bicos dos peitos, tive que sofrer sozinha mais uma vez (???), mas nem disse nada ao meu filho, mas não deixei de dar de mamar tratei-me cuidei-me, tive tempo até aos 2 anos, 2 anos e 2 meses, sem deixar de dar.

Eu: E não se defendeu?

- Nesse dia eu não me defendi, que estava a dar de mamar ao menino, ao tempo que eu mudo um menino de um peito para o outro, ele tirou-me o menino do colo e põe-mo em cima da cama, com um facão do mato que ele tinha foi automático, zumba zumba, o peito saltou, saltou sangue, saltou o bico, saltou tudo e depois tava a tentar…

Eu: Tinha eu idade nessa altura?

- Tinha 30 anos.

Eu: Tinha trinta anos, portanto todo esse percurso foi…

- Sofrimento. Ele chegava da rua, a única coisa que ele pedia era dinheiro. E a minha resposta era logo não, não tenho. Se ele bebesse se ele se drogasse eu diria, será uma coisa será outra, será isto que está a trabalhar nele, sempre com um ponto de interrogação. Mas não, a única coisa que ele tinha era o tabaquinho, o SG gigante (???) e é isso que eu não conseguia compreender, o porquê desta agressividade, o porquê dos maus tratos, o porquê de nos tratar mal e a mim eu sou sincera ele que me matasse, que eu perdoava-lhe, mas aos filhos que não tocasse.

(157) Eu: E se as coisas eram assim nunca pensou em desistir antes?

- É assim eu como tinha uma educação muito rígida e a gente não podia sair de casa para lado nenhum, a voz da minha mãe poucas vezes era ouvida também. Não havia nesse tempo discotecas, a gente não podia ir para o café, entrar uma mulher parecia mal, e assim eu entendi eu ia-me casar e ia-me sentir uma mulher mais livre e talvez que ele mude, vamos constituir família e saia um pouco da minha família e vamos ter (???), vamos formar a nossa família e ter mais um pouco de liberdade, não foi tudo ao contrário. Foi tudo ao contrário.

Eu: E foi aguentando em silêncio estes anos todos?

- O silêncio é meu companheiro. Uma vergonha sempre muito grande. Guardo coisas que não tenho coragem de contar em voz alta, com medo que isto me perturbe, é deixar estar, que está tudo arrumado.

Eu: Quanto tempo durou o seu casamento?

- De casado foi dos 18 aos 34 anos, foram 16 anos de casamento.

Eu: 16 anos.

(158) - Só que é assim prontos antigamente… porque agora somos pessoas com uma mente mais aberta… hoje qualquer pessoa tem uma filha, ou um filho separado, antigamente parecia mal, eram pessoas humildes, eram pessoas católicas, pessoas muito respeitadas e eu não… eu sentia vergonha de me abrir com a minha mãe, porque com o meu pai, estas conversas nem pensar, eu tinha vergonha de expor a minha vida para fora de casa. **(159)** Ainda hoje em alguns casais antigos há muitas coisas que são encobertas sempre foi assim, o telhado encobre muita coisa… eu costumo dizer a gente por fora é uma coisa e por dentro só Deus sabe o que a gente sofre.

(160) Eu: A "Raquel" disse-me que na sua infância passou por uma experiência traumática?

- Foi aos 9 anos.

Eu: O que isso lhe trouxe?

- Sei perfeitamente o que é uma mulher ser violada… e sei que hoje, que hoje (começa a agitar-se com a cadeira).

Eu: Foi por familiar?

- Familiar… familiar. Não, não foi por pessoa estranha. Eu estava (silêncio).

Eu: Sente-se bem?

- Sim estou só um bocado cansada (começa a mexer-se na cadeira de novo), foi por um homem que ia a passar de bicicleta que me levou, é como se me conhecesse bem.

(161) Eu: E lembra-se da cara dele?

- Não, era pequena, não tem rosto… eu ia comprar cigarros ao meu pai, ele naquela altura esteve doente da cabeça e nós ajudávamos mais… mas é meu pai.

Eu: E pode-me falar um pouco do que aconteceu?

- Arrastou-me…

Eu: Quem o seu pai?

- (bate com a mão na cadeira), não, não era o meu pai. Eu ia buscar cigarros para o meu pai… (agita-se) e a minha mãe tinha-me dito vais lá acima ao Sr. V. buscar e trazes os *kentuques* para o pai, ele estava não sei onde, ele naquela altura fumava *kentuques*, ele estava doente.

(162) Eu: Doente com quê?

- Foi uma fase má, uma fase que ele teve e nós ajudávamos mais, tínhamos mais compreensão ele depois melhorou, era qualquer coisa da cabeça, ele era nosso pai.

Eu: E o que se lembra dessa altura?

- Era pequena, mas foi uma altura que foi resolvida…

Eu: Foi resolvida na sua cabeça?

- Não… sim, o que lá vai lá vai.

Eu: E como se passaram as coisas?

(163) - O meu pai fumava kentuques, e foi a marca que fumei quando comecei a fumar (ri-se), eu disse tábem mãe eu vou buscar, ela diz vai devagarinho olha os carros e eu disse não. Como a mercearia era do mesmo lado que a casa da minha mãe, tinha assim um toldozinho e ficava perto eu não tinha que atravessar ruas nem nada, só andar… ora **(164)** a minha mãe deixou-me ir, só que a minha mãe sentiu a falta da minha ausência, ela era muito chegada a nós e eu nunca mais chegava, e naquela altura também andávamos sempre com ela, especialmente as mais novas. Foi até à mercearia e disseram que eu não tinha ido lá. **(165)** Um vizinho meu que me viu ir, um homem como eu hoje a minha idade, diz que me tinha visto passar mas sozinha para cima, ia de mão dada lá ao fundo com alguém, mas eu não vi quem era e já não veio para baixo e a minha mãe disse ia para cima para onde, a minha mãe foi logo a casa avisou os meus irmãos foi avisar o… meu pai.

Eu: E eles vieram-na ajudar mais o seu pai?

- O meu pai… naquela altura, o meu pai não, ele não estava mas depois andou à minha procura, foram os meus irmãos, e a minha mãe… a minha mãe foi… (silêncio, fica **(166)** quieta), e entretanto venho eu a correr… corria muito, pela rua a baixo a chorar, com as pernitas cheias de sangue. Eu estava com uma saia às preguinhas de fazenda que me tinha feito a minha mãe e com uma blusa azul, eu chorava e disse o que tinha sido. **(167)** Ai aparece o meu pai, eu mando-o embora… ele diz que quer ir, vai comigo a correr mais a minha mãe, a minha mãe também foi a correr ao sítio onde tinha sido, onde eu julguei, onde eu pensei que me tinham levado… mas já não estava mais lá ninguém, ninguém para contar história.

Eu: Era um estranho, recorda-se de como era?

- Era sim um estranho, não tem rosto, não me lembro… mas se o visse hoje sabia. Está quase na hora de voltar para a fábrica (agita-se na cadeira e olha para o relógio).

Eu: Assim que precisar faremos uma pausa, mas ainda temos algum tempo, está cansada?

- Posso fazer mais um pouco… aquela imagem está na minha memória…

Eu: Que imagem?

- Se eu visse aquilo, eu acho que ele já morreu, morreu de certeza, porque na altura pronto eu hoje já sei comparar as idades, porque pronto… eu naquela altura não... não sabia ele devia ter 50 e tal anos…ele apareceu era uma figura estranha, ele era grande e forte, tinha muita força, e umas mãos enormes… eu nunca vi, vi-o depois outra vez, pouco tempo depois, ele devia querer fazer-me o mesmo, passado para ai umas três **(168)** semanas, um mês sei lá, mas a minha mãe não ia deixar que me fizesse outra vez… mas dessa vez eu fui a correr chamar a minha mãe, ela dizia que eu andava muito chorosa e nervosa, são coisas que nunca esperamos, nunca… mas acontecem e os tempos eram outros… **(169)** só podia ser muito doente, ninguém no seu perfeito estado faz isso não é! Ele deve ter-se apercebido que eu corri e fui chamar a minha mãe e fugiu e nunca mais o vi… até hoje.

(170) Eu: Que idade tinham os seus pais nessa altura?

- Então somos 9, eu era a segunda mais nova, tinham a minha mãe uns 40 e muitos…

Eu: E o seu pai?

- Ele não me lembro… mas eles tem 6 anos de diferença… uns 52, 53 talvez.

(171) Eu: E como superou essa situação nessa altura?

- Não se ultrapassa, a gente tenta esquecer mas não se esquece. É uma coisa, uma coisa, qualquer coisa que nos fala… qualquer coisa que… é por isso que aqui o psicólogo até não tenha aquela imagem de mim que ele poderia ter, porque eu também não dou… não consigo abrir, é uma jóia de homem, gosto muito de falar com ele, tenho muito respeito por ele…

Eu: Não se sente à vontade?

- Não é não me sentir… é ainda não tive aquele espaço, que eu dissesse assim, hoje é um dia bom para eu me abrir com ele… e há coisas que prontos estão cá dentro e que estão cá trancadas que nunca vão sair, porque eu sinto que… eu sinto, eu sinto que estou afectada psicologicamente mas não sei muito bem plo quê, para o resto da minha vida.

Eu: Quando soube que a sua filha podia estar a ser vitima de violação o que pensou?

- Uma raiva enorme, parecia que estava a viver a minha infância, quer dizer a minha violação… **(172)** são coisas que não se esquecem, nunca que ia deixar que fizesse o mesmo à minha filha, um pai não tem esse direito, matava-o, como matei. Uma mãe tem que proteger os seus filhos, e estar atenta…

Eu: Você disse-me uma coisa que na minha opinião a marcou, que foi o juiz não ter considerado violação, mas coito anal porque se tratava de seu marido, o que sentiu ao ter contado e ao ter tido esta resposta?

(**173)** - Veio o trauma, onde veio as palavras amargas…do juiz. Revolta a maneira como ele disse isso não é… vergonha, isso não é uma violação é um coito anal…fui obrigada a ser arrogante com ele também, raiva… o Sr. Dr. juiz chegue a casa puxe a sua mulher para cima da mesa da cozinha e faça-lo mesmo e depois veja o que a sua mulher lhe faz e depois dê-me a minha condenação e eu condenei-me, condenei-me logo… é assim a gente está num julgamento, já somos acusadas, já somos julgadas e depois estão-nos ali a massacrar com coisas que nós é que passamos e sabemos dar o valor, o falecido é um entre muitos que merecia ir para os torrões…e nós não sabemos dar o valor se não passámos por elas.

Eu: Você considerou e sentiu como uma violação.

- É uma violação. Tudo que seja contra a nossa vontade… é uma violação. **(174)** Um homem nunca devia fazer isso a uma criança, a uma mulher, nunca. Mas tudo bem, pra mim é.

Eu: Ou há comum acordo ou senão é contra a vontade.

- Se houver acordo, prontos tudo bem, não é hoje é amanhã e tudo se consegue com os poucos, agora assim não, pra mim não… tanto que eu tenho pra mim a minha violação aos 9 anos e tenho a outra aos 34 anos, que foi antes de ele morrer. Eu hoje considero-o um tarado sexual, são aqueles que menos se espera…violava-me psicologicamente e fisicamente, **(175)** e tentou violar a filha e se eu não tivesse matado, eu penso que ele andaria por ai depois de ter violado a filha a violar outras crianças, eu não podia deixar.

(176) Eu: Qual era a profissão que ele tinha?

- Serralheiro, era inteligente. Ele enquanto solteiro os pais obrigavam-no a ir trabalhar, era obrigado, depois de casado, trabalhava um mês, descansava dois. Se trabalha-se dois tinha que descansar quatro e eu tinha que andar a correr para os médicos a pedir justificações médicas, atestados médicos que se eu não pedisse ele batia-me, era rígido com tudo mas não queria trabalhar. E se eu pedisse, e os médicos me passassem… e uma ocasião disse-lhe vens tu lá comigo primeiro e entras para um médico que depois vou eu a seguir que é para veres como ele é meu amante, até nisso ele tinha ciúmes. Ele era aquele género de pessoa, eu quero, posso e mando. Tinha que ter poder, e tinha-o nisso.

(177) Eu: Ele era um pai carinhoso?

- Não é assim com a minha filha quando ela nasceu…

Eu: Porque o seu filho “Filipe” ter dito com quatro anos…

- Morreu, agora o pai já não bate mais… quando eu fui violada analmente, eu estava na mesa da cozinha, eu estava com as minhas mãos amarrada às pernas da mesa, estavam os meninos dentro do quarto… foi a minha filha que me desamarrou, nós não somos mãe e filha somos duas amigas. A minha filha acordou com os meus gritos, o menino dormia num quartinho ao lado, além das dores e da tortura que ele me estava a fazer e a minha filha ia abrir a porta eu disse ai B. não abras a porta, ela diz o que se passa ai mãe?! Filha não abras a porta e ele estava todo nu e eu não queria… e o meu menino no quarto dele, na cama dele dizia oh pai não batas na minha mãe, oh pai chega não batas na minha mãe. Há coisas que eu nunca vou esquecer na minha vida, que ficam cá como num filme, em que eu agora observo e vejo a tela. Ele ouvia os meus gritos e como não me estavam a ver pensavam que ele me estava a bater, as crianças não entendem…depois saiu de cima de mim, deixou-me amarrada e eu tive que dizer oh "Sandra" abre a porta e ela abriu, e eu disse oh filha tem paciência mas a mãe não está bem, desata-me aqui as mãos, oh mãe estás a deitar tanto sangue e eu disse eu sei, e ela disse espera ai que eu vou buscar as fraldas do menino, foi buscar, porque o meu menino ia sempre dormir com uma fraldita de pano para se agarrar a ela, ela chegou à beira da cama, agarrou numas fraldas de pano que ele tinha lá e foi com aquelas que ela me secou primeiro e depois foi buscar lá dentro ao quarto outras fraldas e eu com água morna, nem água fria nem água quente… **(178)** água morna e com as fraldas é que eu me consegui curar em casa, porque ele não me deixou sair de casa para ir ao hospital, porque eu tive argumentos todas as vezes que fui ao hospital, mas eu ia ao hospital nunca era na hora, era sempre passado um tempo quando eu conseguia… cortar os bicos das mamas… tudo o que fez, é um monstro, é uma tortura muito grande, era uma doença, é um amor doentio, ciúmes dos filhos… eu costumo dizer assim eu amo muito o meu marido, este agora, mas primeiro os meus filhos e os meus netos…só que é lógico o amor pelos meus filhos é outro, pelos meus netos, é outro e pelo meu marido agora é outro…

Eu: Você teve uma infância e uma adolescência até aos 18 anos… vocês provavelmente começaram a namorar com que idade?

- Aos 13, ele tinha mais 5. Ele impregnou toda a minha vida, foram 5 anos até aos 18 até me casar. Tanto que a primeira vez que ele me deu um estalo em solteira, eu virei-me a ele, eu não me fiquei e mandei-o embora, abri-lhe a porta e disse vais ou não vais, tens a certeza que não vais, fui buscar uma vassoura, diz a minha mãe para que é a vassoura é para varrer as escadas e dei-lhe com ela nas costas e fica a vassoura em duas,

diz a minha mãe que é que fizeste à vassoura, partia nas costas do "Fernando", diz ela eu não quero essas poucas vergonhas aqui, eu disse eu sei mãe, **(179)** eu nunca levei maus tratos, o que levei foi por ter que levar porque merecia, os meus pais eram muito das regras, mas na maior parte eram carinhosos, não havia separação de filhos e as porradas que levava eram umas sapatadas ou umas palmadas e era porque merecíamos sempre porque fazíamos algumas coisas. Os meus pais eram uns santos. **(180)** Não davam mais porque não podiam e pai tem esse poder eles é que mandavam mas eu admirava-os muito hoje percebo que se fizeram muitas vezes o que fizeram é para o meu bem, foram sempre uns pais muito religiosos… **(181)** o meu pai teve alturas que estava doente não sabia o que fazia, eu sei que não… (começa a agitar-se) o meu pai morreu nos meus braços e pena que tenho da minha mãe não morrer também, mas morreu no quarto onde eu durmo hoje, na casa da minha filha, a ele eu perdoou tudo ele era meu pai…

(182) Eu: Que é que perdoou em relação ao seu pai?

- Tinha alturas de fazer loucuras eu sei… hoje sei que não fazia com má intenção (começa a mexer com as mãos no colo) Ele estava doente, às vezes não estava bem, **(183)** mas tudo o que fazia, era para nosso bem, era bom pai, mas bater…bater ele não bateu muitas vezes, tinha umas mãos enormes… eu prometi ao meu pai que não metia a minha mãe num lar, foi a única coisa que ele me pediu à morte e eu prometi-lhe mas depois estava presa e como tenho os meus irmãos todos fora do país, eles não estavam cá eu tinha que arranjar maneira. **(184)** Eu tenho o mais velho na Venezuela, a minha irmã na Alemanha e o mais novo em São Tomé.

Eu: E o que pensa agora?

- Eu quero sair para fora, de cabeça erguida, lutar pela vida e eles sempre me apoiaram, ainda agora eu sai de precária, a minha irmã sempre que pode vem cá a Portugal, eu não posso sair do país, os meus irmãos e o meu irmão da Venezuela e eu tou sempre em contacto com ele, mas é assim eu quero sair e quero refazer a minha vida como sempre fiz, porque eu nunca dependi de ninguém, não é agora que eu vou depender, **(185)** o que é que eu quero ver se consigo recuperar algum tempo perdido aos meus filhos e aos meus netos, ao meu neto mais velhinho, porque coitadinho entrei para aqui muitos anos sem eu ir a casa (???)…

(186) Eu: Qual é a situação da sua filha "Sandra"?

- Ela teve presa 14 meses, depois foi para a rua, foi para casa, foi para a minha mãe, eu penso que ela ficasse com ele se ele fosse absolvido, depois foi para casa da minha

falecida mãe, teve lá dois meses, ao fim de dois meses, foi-me ver à "E.P. A" e diz assim oh mãe eu quero ir para nossa casa e eu disse queres sozinha?! Quero. Eu disse oh "Sandra" eu tenho tanto medo, ela disse oh mãe não tenhas medo. **(187)** Vais ter sempre orgulho em mim, depois de tanta miséria que eu vi em "E.P. A", tanta droga, oh "Sandra" nós vimos tanta miséria aqui dentro, eu tenho tanto medo que estejas sozinha em casa, oh mãe acredita em mim e eu disse eu vou acreditar, mas se me desiludires, já sabes… eu disse-lhe que se tu calcares o bicho eu "boto" contigo numa instituição.

Eu: Você bebia, fumava, tinha consumos de algum género?

(188) - Não, bebo um copo, sou capaz de beber um copo à refeição, mas nada de exageros, nem drogas nem nada. Entretanto ainda falei com a minha mãe…

Eu: Ainda muito mais alerta dentro da cadeia…

- Eu vejo muito a droga a passar, ainda faz hoje oito dias que tivemos uma rusga, a fazerem tudo a pente fino e a droga a passar, muita coisa obscuro se passa. No inicio magoava-me mas havia medo por estar longe de tudo, ela está à minha beira, depois apanham-na o que é que me acontece, isto… **(189)** para quem nunca lidou com drogas nem quer lidar, isto é muito complicado, e depois temos as guardas, que estamos sempre com aquele medo que a guarda nos veja a falar com aquela e aquela tinha droga e já vamos passar por cúmplices e aquilo. Quem quiser andar aqui direito, é aquilo que eu costumo dizer, aquilo que somos cá dentro é aquilo que somos cá fora, e quem for direito lá fora também aqui é direito, só que aqui tem que ter muito cuidado para não escorregar, cá dentro as armadilhas são muito grandes, são maiores do que lá fora, lá sempre podemos desviar ou fugir, aqui dificilmente, aqui não há por onde fugir, aqui não há por onde a gente se segurar, por onde a gente se proteger, não há nada…nós não somos obrigadas. **(190)** Olhe é assim eu aqui dentro tenho um lema cá dentro eu falo com toda a gente, mas não dou confiança a toda a gente, confiança nesta cadeia tenho com duas moças, é a Nº X e a Nº Y, tirando essas falo com toda a gente mas nada demais, nem conversas tenho com elas, é o mínimo, também sou sincera gosto muito delas mas não ponho a mão no fogo por ninguém, a Nº Y, já a conheço há muitos anos, desde que entrei porque ela já é a segunda vez que está presa mas mesmo desabafar, **(191)** não desabafo com ninguém, desabafo é só comigo e no papel pó meu marido, o meu "Carlos" para mim, para a minha filha e mais nada. Porque eu já fui queimada tantas vezes, que tenho medo (ri-se) ai não e a gente chega à cela e não sabemos com quem estamos a lidar, porque é assim a gente vê caras não vê corações, essa Nº Y eu gosto muito dela, mas confiança não dá, mas não dá, não dá, não dá, isto é um mundo à

parte. **(192)** Já vi tantas não serem toxicodependentes e ficarem por causa das companhias aqui, eu tive uma moça que ela saiu há… prontos eu estou aqui nesta cadeia há três anos, ela saiu no máximo para ai dois anos e meio de "E.P. B" que entrou no ano em que eu entrei, por homicídio, com duas gémeas ao colo dentro da cadeia, teve em "E.P. A", em "E.P.Y" ficou toxicodependente, depois veio novamente de "E.P. Y" para "E.P. A", já eu estava em "E.P. A", quando a vi fiquei apalermada com o estado que ela trazia, entretanto eu venho para aqui ela para "E.P.C", porque "E.P. A" fechou a zona feminina e depois ela saiu, saiu se ela ia viva, saiu muito mal, quase em fase terminal, tudo derivado às drogas e tudo dentro da cadeia. É assim: vem a droga, a trás da droga vem os castigos, depois vem as vendas disto, daquilo, daquele outro e ficam na miséria. Depois exigem nas visitas aquilo que os pais, que os filhos, os maridos, de quem não tem condições, não pode e são obrigadas a meter-se no tráfico para as valerem cá dentro, eu já vi tanta coisa, tanta… […] **(193)** eu todos os meses mando dinheiro lá para fora, todos os meses, ganho uma porcaria onde estou a trabalhar agora, mas todos os meses tenho mandado e a minha filha até à data de hoje graças a Deus, não tem precisado também me sinto útil, porque mesmo aqui eu ainda me consigo sustentar e ainda consigo me movimentar e consigo juntar aquilo… aqui não há dinheiro, é tudo por cartões, mas há muitas trocas eu por exemplo, **(194)** eu tudo o que faço vendo, tudo, eu não tenho nada na cela, agora tenho uma sainha para levar para a minha neta, tirando isso eu não tenho nada na minha cela que eu diga assim, isto é para mim, isto é para a minha filha, eu na precária passada levei para a minha filha agora nesta precária já não levo, levo uma sainha para a minha neta que fui eu que fiz em crochet e o resto é para vender, só que é assim por exemplo estou a fazer uma toalha de 3 metros em ponto cruz, agora para o Natal, que é para a minha educadora a Dra., fiz um painel da "cidade C" para a minha outra educadora, que também é uma jóia de pessoa, uma árvore da vida para o subchefe, em bordado da "cidade C", mas também faço para as minhas colegas. Na segunda-feira, terça-feira entreguei um topezinho em croché para uma bebé de 4 anos ir para o Brasil, para uma colega que trabalha comigo, **(195)** entrego a requisição, entrego à Dra. que entrega a outra ou ao chefe X, subchefe desta ala ele assina a minha colega assina e entrego, o dinheiro sai da conta dela e entra na minha conta logo para o cativo não posso mexer enquanto não tirar o trabalho, depois do trabalho pronto, temos um prazo para o trabalho, entrego novamente ao subchefe, este entrega á minha colega e depois vai para a contabilidade e manda desbloquear o dinheiro e o dinheiro fica activo no fundo disponível, ali em cima não ganho nada, estes extras ajudam, depois aqui

temos duas contas o fundo disponível e o fundo da reserva, é só para precárias, se a gente precisar de comprar alguma coisa de médicos ou consultas e para mandar para os filhos e o disponível é para a gente andar aqui no dia-a-dia para o que a gente precisa, vamos à cantina, fazemos as nossas compras, carregamos o nosso cartão que a nossa maquina de café só funciona com cartão, não se usa dinheiro, não entra dinheiro nas visitas pressupostamente, embora prontos não sei, mas que eu saiba não entra só que elas fazem muitas trocas. Vamos por uma hipótese, eu tenho este telefone para vender não é, a Dra. quer-me comprar, fica-me com ele e eu digo-lhe assim são três cartões, vai à cantina no dia da sua cantina, compra os cartões e dá-me e eu dou-lhe o telefone, isto é assim que se dá, **(196)** mas comigo isso não funciona porque eu gosto muito de dinheiro e se há coisas que eu gosto na vida é de dinheiro por isso toda a vida trabalhei, então é assim eu trabalho, por intermédio dos subchefes, eu quero é usá-lo numa precária, é útil lá fora para a minha família, até ver graças a Deus a minha filha ainda não precisou, mas tenho o irmão dado, mas eu também vou de precária, e quando vou de precária é para ajudá-la nas despesas mas tem que comer e têm que beber e sou eu e o meu marido que temos que ajudá-los, o meu marido faz o mesmo e agora em Agosto, foi no dia 15… 15 de Agosto eu fui de precária, e então deixei lá em casa dinheiro, pedi a ela para me ir buscar os papéis ao banco, e deixei os papéis assinados, tudo prontinho e deixei o B.I., contribuinte, tudo o que era necessário e deixei-lhe o dinheiro e ela foi-me abrir uma conta, o mínimo eram 250 euros e eu deixei 300 euros e agora mandei mais 100, o meu marido também já mandou e vai para lá. É assim tenho o cartão multibanco, é ela que está com ele quando tou cá dentro e se ela precisar ela já sabe que é ali que vai mexer que não precisa de tar a pedir nada a ninguém enquanto eu puder (???). Se eu precisar chego lá fora tenho, senão ela que use. Depois vou de precária também levo sempre mais algum.

(197) Eu: Todo esse trabalho tem muito valor, para si e para a sua família sente-se útil.

- Há muitas que tão aqui e não querem trabalhar, mas querem chegar por exemplo à minha beira e de outras e dizer olha paga aí um cafezinho, olha arranja ai um cigarrinho, mas elas de mim sabem que não pedem nada porque eu não lhes pago nada se tu queres emprestas-me dois eu tomo um e tu tomas outro, mas eu tenho o meu marido está preso, o meu marido não é traficante e os meus filhos estão lá fora, o meu marido é serralheiro, agora nem é serralheiro é mecânico, eu é que tenho muito a mania de dizer que é serralheiro. A gente depois dá-te, mas é que aqui eu não empresto nada a ninguém, escusais de me bater á porta que já sabeis que não dou nada a ninguém, eu não peço

nada a ninguém, mas também não dou nada a ninguém, a vida está muito má e então cá dentro! **(198)** Eu trabalho das 8h30 da manhã ao meio dia menos um quarto, pois pego à uma e saio às cinco para ganhar, agora nem sei mas deve ser para ai quê, 200 euros que é uma boa porcaria para aquilo que a gente trabalha, esta é a pior firma que trabalhei, andamos na costura e são duas firmas e eu ando na costura desde que aqui entrei, fui para a cozinha duas semanas e depois fiquei logo na costura, é o que eu gosto, mas eu estou à espera de sair de lá, só que é assim como eu estou em "RABI", estão a ver se me põem num lar de terceira idade, na santa casa da misericórdia, sempre vou ganhar mais um bocado, venho só dormir cá dentro e aos fins-de-semana, a minha avó morreu comigo, o meu pai morreu comigo, eu tenho paciência, eu tenho que ter paciência para os velhinhos porque um dia mais tarde alguém irá que ter paciência comigo. A primeira firma foi boa, a segunda foi melhor, **(199)** porque pagou sempre certinho, pagou sempre o que prometeu, esta firma é que nos paga mal e porcamente, prontos vou obtendo um aqui outro ali, mais um dinheirinho e faço sempre os meus trabalhos e me deito sempre entre a uma e as duas da manhã e às sete e dez, mas prefiro assim do que estar na ala o dia todo, já basta estar ao fim-de-semana sem fazer nada, então esta cadeia, esta cadeia tem-me tirado anos de vida! **(200)** Quem me dera a mim estar na "E.P. B", esta cadeia é muito boa na questão de trabalho, na questão das precárias, a Sra. Directora é uma pessoa impecável, os guardas são pessoas excelentes não nos ajudam mais porque não podem, muitas vezes há muitas colegas minhas, a guarda é assim, a guarda é assado, mas elas é que dão origem a isso porque são mal-educadas e a gente aqui não pode nem defender reclusas nem guardas, temos que defender o direito. A minha educadora, todas são boas, mas a minha é excelente, em questões clínicas também, mas lá está esta cadeia é muito fechada é muito pequena, temos pouco espaço para a gente, para poder girar, depois estamos RABI, temos RABI mas estamos num regime fechado.

Eu: E o que é o RABI?

- Regime aberto para o interior, cá pa dentro. Nós havíamos de ter as celas de vez em quando abertas. Nos trabalhamos no sector oficinal e depois estamos sempre nas celas em regime fechado. Cada trimestre podemos ir a casa 48 horas, a gente vai à sexta à noite e eu vou às 8 da noite e venho às 8 da noite de domingo, **(201)** o meu marido sai às 6, a minha filha sai às 5 horas e meia, vamos buscar os meninos à ama.

Eu: E pensa em aumentar a família?

- É assim eu já estou com cinquenta anos e o meu marido com 59, e quando sair já sai com 62.

Eu: Relembre-me o crime que ele cometeu?

- Homicídio também. A um colega do trabalho, ele tem 21 anos.

(202) Eu: E que planos têm em conjunto?

- É assim eu e ele, já fomos a tribunal por causa da liberdade condicional e não nos concederam derivado às penas serem grandes, pelo aquilo que a Sr. Dra. juíza disse. Eu fui em Fevereiro mas eu podia ter ido aos 11 anos ao meio da pena e depois como houve estas mudanças de prisão eu só fui aos 12 anos, eu fui com mais 11 meses, agora vou fazer os 13 anos, e já tenho mais de 2/3 da pena, assim que fizer os 13 anos fica-me a faltar um ano e oito meses. Pelas minhas contas e se tudo correr bem, e pelo que a Dra. juíza diz eu estou a contar que ela me mande embora em Novembro de 2010, quando eu faço os 2/3, **(203)** o meu marido faz a 7 de Janeiro de 2012, mais um ano e dois meses. Mas também é rápido porque eu estando lá fora, também o consigo ajudar e a coisa passa mais rápido.

Eu: O seu marido tem filhos?

- Tem, o meu marido era solteiro, mas tem uma menina com 13 anos.

(204) Eu: E você tem andado a organizar-se?

- Tenho, e quero organizar tudo que ainda ontem antes de vir aqui á Dra., sabia que ia ser chamada fui falar com a Dra. por causa do trabalho lá para fora, ela diz eu não sei, porque eu ando sempre em cima delas, eu sei que elas fazem o que podem, mas eu quero ir para fora e organizar a minha vida lá fora e não quero depender de ninguém que nunca dependi e quero ajudar a minha filha que é ela que me tem ajudado apesar de eu trabalhar, mas ela sofreu um pouco mais e quero ir para fora porque eu quero ver se arranjo, porque eu tenho uma casa em "cidade A.", eu e o meu marido que agora é nossa, era dele, agora é nossa, mas eu não quero ir para longe quero vender a casa, quero ter a minha casa, organizar o meu trabalho e uma casa. **(205)** Ter os meus filhos e os meus netos todos à minha beira e trabalhar por minha conta que eu trabalhei 6 anos na costura, ganho mais e é ao meu ritmo. E sei o que ganho e eu de explorada já basta estes anos todos e tento ajudar mais o meu marido. **(206)** Porque ele ainda fica um ano e dois meses e não é como muitas que eu vejo aqui, que casam só para ter visitas e depois saem e esquecem-se que tem os maridos. E isto não é brincadeira já estamos casados há quase 8 anos, e mesmo as Dras. Que dizem que os casamentos dentro da cadeia não têm sucesso, não tem os que não têm porque connosco, porque quem gostar a sério e quiser fazer uma vida em condições. O meu marido conheceu-me pela televisão em 99, e fez-me acreditar que os homens não são todos iguais. **(207)** Eu tinha muitas dúvidas porque

eu quando fiquei viúva eu disse que ainda que a minha mãe dizia deixa lá rapariga ainda és nova, ainda podes ser muito feliz e eu respondi-lhe eu vou ser feliz mãe mas é com os meus filhos, não quero mais homens. Tanto quando eu disse plo telefone à minha mãe, que ia casar ela disse, que é que me estás a dizer?! A sério mãe pediram-me em casamento e ela disse logo se eu estava maluca e eu disse tou a falar a sério eu quero **(208)** falar com a minha Beta, ela não estava mas não aceitei sem antes falar com a minha filha tive que lhe pedir autorização à minha filha se ela não se importava porque é assim eu podia gostar muito dele mas é um padrasto para os meus filhos e eu tinha que saber a ideia dela e prontos não podia contrariar a ideia da minha filha e ela apoiou sempre, sempre, tanto que ela disse mãe sabes que estás a receber a tua pensão de viuvez e vais ficar sem ela e eu disse não importa da pensão filha porque esse dinheiro não nos vale de nada por uma pessoa que não merecia, assim foi, eu meti logo os papéis à caixa disse que ia casar pus logo tudo direitinho. **(209)** Ele era solteiro eu era viúva casamos os dois novamente pela igreja em "E.P. B", porque eu estava em "E.P. B" e vim para "E.P. A" e assim ficamos, depois tive com ele lá em "E.P. A" depois vim para aqui e continuamos, ele "em outra" e eu aqui. Eu estava em "E.P. B" e ele em "E.P. A". Quando eu em 99, passei na televisão que foi quando ele me escreveu, começamos a ser amigos, namorados, prontos deu em casamento, em 28 de Outubro de 2000, fui para "E.P. A" e casei a 5 de Novembro. Depois esta cadeia abre e aquela ia fechar feminina, eu disse-lhe a ele prontos vou ser remetida outra vez para "E.P. A", mas para não ir para "E.P. A" que fica muito longe para a "Sandra", eu peço transferência para "E.P. C" e ele disse pedes para mim pedes para ti. E assim foi, os dois metemos o advogado mas ele não veio porque nos homens não aceitavam penas tão grandes, ele ou ia pa "E.P. P" ou para "E.P. M", então foi preferível ir para "E.P. M", ele foi para lá a 9 de Julho e eu vim para aqui a 14 de Abril de 2005, entretanto a 27 de Agosto tivemos também uma reportagem no canal um, com o jornalista A. Fizemos a reportagem, filmaram-no a ele lá, filmaram-me aqui a mim sobre a nossa história e filmaram-nos aos dois no quarto e assim e prontos.

(210) Eu: Mudando agora um pouco de assunto, disse-me que a sua filha quando foi absolvida e pede para voltar para sua casa ela namorava com alguém?

- Não ela deixou-se ficar com o meu co-reú, deu-lhe esse voto de confiança, mas pus alguém a tomar conta, nessa altura eu tive o meu irmão mais novo uns meses cá, ele veio-me ver a "E.P. B", e eu disse-lhe para ele não aparecer lá em casa assim de surpresa, mas vai-me a vigiando que eu todos os dias te telefono e tu dizes-me o que se

anda a passar ao redor dela e diz à minha vizinha que eu lhe vou ligar e vou falar com ela para ela fazer o mesmo, o meu irmão ia lá mas não ia ficar durante a noite. Ora das informações que eu tinha tanto do meu irmão como da minha vizinha foram sempre espectaculares, isso para mim foi muito bom e eu poder sempre acreditar na minha filha, **(211)** como acredito e tenho muito orgulho nela, entretanto aos 19 anos ela conheceu este companheiro dela. Ela teve 2 ou 3 meses com a minha mãe e depois sozinha, porque assim que ela soube em julgamento o que se tinha passado e foi quando ele mentiu, disse que eu o obriguei a matar, ora como é que eu o obriguei a matar se eu estava em minha casa, se ele sai de lá para ir buscar tabaco e vem de lá a dizer que já o tinha matado. Foi quando me deu a dor e eu quis ir ao local, foi a minha maior asneira e ai ouviu-se um tiro, mas eu não vi o primeiro porque eu não estava lá. A minha filha quando chegou a vez dela disse, tanto o "António" como a minha mãe não me contaram isto que estão a dizer, ela conta o que tínhamos dito e vira-se em pleno julgamento e diz mesmo à frente do juiz, a partir deste momento tu nunca me conheces-te porque pessoas mentirosas na minha família não entram. **(212)** Aos 19 anos conheceu este companheiro dela, prontos começaram a namorar, namoriscar que ele é divorciado, entretanto foi a "cidade B" para mo apresentar, sondou e apareceu-me lá num sábado com ele e foi uma das coisas que eu disse a ele, se vós gostais um do outro tudo bem não interessa seres casado ou divorciado, seja o que for, não tendo mulher para sustentar, para que não estejam a estragar uma casa.

Eu: Que idade tinha ele?

- Ele é mais velho 7 ou 8 anos do que ela, sim vamos perceber, fez diferença. Agora ficar com ela por pena não, porque a minha filha não precisa que ninguém fique com ela por pena. Aos 21 anos engravidou do meu netinho, ela engravidou.

Eu: Está com que idade?

- Oito anos, é o meu homem, o meu segundo marido. Eu soube, ela disse-me que tava grávida, por carta e disse não te admires com o que vai ai dentro, porque em geral era duas cartas por semana e eu já tinha recebido as duas, mas não venhas ralhar ao telefone, eu fiquei alarmada disse oh "Sandra" aconteceu alguma coisa?! Aconteceu mas é uma coisa boa? Para mim é, acho que para ti também vai ser, ela ainda entrou comigo pelo telefone a dizer que eu ia ficar mais velha, mas não me diz mais nada, entretanto eu recebo a carta com a fotocópia das análises dela e eu depois telefonei-lhe prontos fiquei muito contente e por saber que ela estava bem. Entretanto ela ainda continuou em minha casa, depois eles arranjaram uma casa para eles e como a minha

casa era alugada aqui nesta cidade, ela queria ficar à mesma com a minha e pagava a renda eu disse não, para desmontar tudo ver se tinha hipótese de guardar, senão pede à minha irmã que te deixe guardar na garagem dela. Entretanto arranjaram uma casa grande com garagem e puseram todas as minhas coisas lá e disse oh mãe está tudo guardado! Prontos, passado quê, um ano ou dois, meteram-se a comprar um apartamento, ele sempre a tratou bem até ai, ele era motorista, era e é, eles começaram com problemas financeiros mas sempre a trabalhar em fábrica, porque quando ela saiu da cadeia, ela foi lá falar com eles e os meus antigos patrões deixaram-na logo trabalhar, e ele começa a saltar de trabalho para trabalho, e começam ai os problemas, as coisas que lhe saiam era para Espanha e a coisa começou a equilibrar de novo, entretanto a minha filha engravida da minha neta, da minha menina que é a minha "Catarina", ela engravida da minha menina e teve uma gravidez muito má, teve uma gravidez de alto risco, por o sistema nervoso, pois tava cá sozinha com o menino.

Eu: Ela estava com que idade nessa altura?

- Ora a menina tem dois anos ela estava com 27 anos. Ela vai fazer agora 30 e a menina 3. Mas ela teve a gravidez de risco foi por minha causa, ela engravidou e entretanto eu telefono e vou de precária, como eu já tinha levado 15 cortes de precária ela não se queria acreditar que eu iria e sentiu-se mal, mas eu também não sabia que ela tava grávida, se soubesse tinha dito de outra maneira mandava-a vir cá, ora a gente recebe aquilo do juiz, disse-lhe por telefone e ela sentiu-se mal. Para nós é uma alegria ao fim de 9 anos e 9 meses de tar presa eu tive foi logo vontade de lhe dizer eu disse que tinha uma notícia, no dia 23 de Dezembro quero que tejas aqui á porta para me buscar e ela começou a chorar, no dia 23 ele veio com ela me buscar, e ela dá-me um papel para trás, veio os dois e o meu neto, cumprimentei-os não tinha os meus óculos mas ela emprestou-me os dela e eu li o papel, que ela também tem óculos para ler. Eu disse o quê tu estás grávida? E ela diz que estava com medo que desde que eu tinha ligado tinha começado a perder sangue e foi ao hospital, começou e a partir dai nunca mais teve sossego, foi uma gravidez de alto risco depois teve…

(212) Eu: E o seu genro estava ainda bem nessa altura?

- Sim esteve sempre bem, ele só desequilibrou ai….hum, desde o ano passado. As coisas começaram a andar e tudo bem, ele vai, ele vem, vinha a casa todos os meses depois começa a vir de 2 em 2 meses e depois só quando eu ia de precária só para estar presente, depois deixou de pagar contas e ela começou a confrontá-lo, depois ele deixou de pagar as prestações da casa, ela queria pagar e ele não dava, **(214)** e ela começa a

ficar de pé a trás e eu disse-lhe a ela a partir de hoje começas a meter dinheiro lá, vais abrir uma conta para ti e se quiseres abres em meu nome, mas tudo o que poderes para o lado, achas mãe, diz ela?! Tenho a certeza, ela começou a fazer o que a mãe mandou, começou a abrir o olho, quer dizer eu ele tem outra família eu não me acredito, porque ele tem um filho do primeiro casamento, porque é divorciado, não deve ser ninguém certo mas que deve ter alguém deve, porque começou a deixar aos poucos de ir a casa, então ela agora confrontou-o e disse-lhe a ela a nossa vida assim não pode continuar, tu vais seguir o teu caminho, que eu vou seguir o meu, **(215)** então ele ai ficou um bicho, fez-me lembrar o pai dela, já lhe apontou uma faca, entretanto torna-se violento isto tudo com o meu neto presente, e o meu neto foi a correr à vizinha para chamar a policia, a policia foi lá e a policia não fez nada, a única coisa que fez foi trazer a minha filha para fora, a minha filha pegou numas roupas, nos meus netos e foi para casa de uma amiga e separou-se mas é assim ele está para Espanha, ainda não veio depois disso, mas eles como tão juntos e não casados, entretanto a policia foi lá eu penso que isso deve estar para tribunal mas a policia apanhou-o, porque o meu neto veio logo à vizinha de baixo pedir se chamavam a policia, a policia foi lá e aquilo foi pra lá um pandemónio. **(216)** Eu ameacei-o logo aqui por telefone, se os telefones estão à escuta estão lá as minhas gravações, eu disse-lhe a ele, você não lhe vai tocar porque eu vou para casa e eu estou com 22 anos mas não me importa de apanhar mais três, porque eu não posso passar dos 25 mas a na minha filha e nos meus netos, você não lhes vai tocar.

Eu: Vocês revivem repetições na vossa família.

- É, nós vivemos as mesmas coisas. Entretanto ameacei-o, ralhei com ele e meto logo uma precária mais o meu marido para o dia 24 de Outubro, que foi agora. **(217)** A gente estava a guardá-la para os anos dela, no dia 4 de Novembro, que ela faz anos a 4 de Novembro e eu faço a 5 de casados. Entretanto já não fui para os anos dela, fui logo a 24 de Outubro, mas fique descansado que a gente vai-se encontrar. Ele andou, andou até que descobre que eu vou a casa dia 24, que ela deixou-se descair, mas ela diz oh mãe fui eu que me descai?! Não tem mal digo-lhe eu. Eu vou a casa dia 24 e ele vai de avião para Espanha, para não se encontrar comigo, ele sabe que eu lhe dou dois estalos eu estendo-o, dou-lhe mesmo. **(218)** Depois antes de ir para Espanha ainda vai à cadeia ter com o meu marido e eu chamei-o à razão ao telefone, mas ele por telefone diz-me sim, sim, sim, sim, como o meu marido trabalha cá fora, ele antes de ir para a Espanha vai ter com o meu marido e foi ao chefe de serviço que é o chefe e pede-lhe para dar uma palavra ao meu marido e ele deixou. Onde ele diz ao meu marido que ia fazer queixa de

mim ao IRS para me cortarem as precárias. O meu marido ficou logo desesperado, depois telefonou para a minha filha, telefonou para aqui e escreveu-me a pedir para eu não fazer asneiras e prontos tudo bem. Entretanto a casa… e ele não me pode fazer isso, **(219)** há uma porque eu vou para casa da minha filha e a casa está em nome da minha filha, tanto que neste natal eu já não pus o nome dele, vai para casa da minha filha no papel, para passar a precária com, passar só com a minha filha, marido e netos, ele que não se meta comigo, a casa é da minha filha. As coisas dele estão lá todas em caixotes para ele levar, ele ameaça a minha filha que lhe tira tudo, mobílias e tudo e eu disse isso é que era bom, mas a minha filha pediu logo a paternidade e já esta com audiência pós meninos, porque eu disse-lhe a ela, pede já a paternidade dos meninos para ti, pra já és mãe solteira, tens o menino a todo custo, os meninos têm abono é por ti, porque plo pai não tem nada e quem está com os meninos de manhã à noite és tu, quando os meninos choram és tu! E eu estou convencida que o tribunal de família lhe vai dar a paternidade e então ela tem andado em cima deles e já tem audiência marcada para o tribunal dia 14 de Janeiro às 9 horas e meia só ainda não tem advogado mas ela arranja. É mesmo assim, porque ele não quer dar sustento para os meninos e ele só ameaça que… ele tem que dar sustento para os meninos e eu disse-lhe a ela, tu quando tiveres advogado vais dizer ao advogado e ao juiz, para ele não se poder chegar ao pé de ti, precisas de protecção e vais levar os meninos à assistente social, à hora que te mandarem, quando te mandarem vais lá buscá-los… mas tem de ser, porque quando a gente morre é que a polícia age, porque eu disse-lhe a ela para pedir a protecção dos meninos porque **(220)** ele começou a ameaçar que ia levar os meninos, porque é assim ele é motorista, pegar nos meninos e levá-los para Espanha é um instante e depois é difícil encontrá-lo porque ele anda em Inglaterra, Suíça e por ai fora e eu disse vai já, porque se ele te puxar plos meninos. Ele fez-me lembrar o pai dela, sempre certinho e depois descarrilou com o desequilíbrio. **(221)** Pronto mas entretanto isto já assim a correr… mas ela sabe que não está sozinha, eu estou longe, estou amarrada de pés e mãos mas tou presente, mas tou presente em tudo, ainda agora o menino vai precisar de ir ao oftalmologista e sou muito sincera, tu dizes que não tens dinheiro ele disse por telefone para tu desenrascares e no tribunal tu vais dizer ao juiz que a tua mãe está presa, que vai pagar os óculos ao menino, porque vou ser eu. Ela não faz mas faço eu, porque eu tenho que ter segurança, os meus netos não saem da nossa companhia.

Eu: É uma matriarca.

- Ai não, o que é nosso é nosso. Neste momento eu dou a minha vida pelos meus filhos e pelos meus netos e por este meu marido. Eu digo-lhe muitas vezes nem a morte nos separa, que nós vamos juntos. Somos muito amigos graças a Deus. **(222)** A minha falecida mãe tinha um dilema que ela dizia assim, um casamento com chuva que era um casamento abençoado e que um casamento de sol era um casamento desgraçado e assim foi, eu casei a 9 de Setembro de 79 foi uma desgraça total, **(223)** casei a 5 de Novembro com um domingo de muita chuva em Coimbra e graças a deus sou muito feliz, nós somos amigos conversamos sobre tudo compreendemo-nos e ele está sempre a par dos problemas e agora disto da minha filha ele está a par com ela, ele gosta dela como se fosse filha, ela também gosta dele como se fosse pai, e tem um carinho do meu marido, que nunca teve do verdadeiro pai. Ainda agora quando tudo isto aconteceu, antes de eu saber, ele telefonou-lhe e ela desabafou logo com ele. Ela foi buscá-lo e ele deu-lhe um abraço amigo, claro, como se fosse de um pai. E depois ele disse-me que ela chorou nos braços dele, e ele também. **(224)** Porque ela sai do trabalho e vai buscá-lo a ele, porque ela sai às 5 e meia e ele às 6 e depois vão buscá-lo a ele, vêm os dois buscar os meus netos à ama, posam os sacos dele e vêm-me a mim às 8 da noite, na entrega é ao contrário, vou eu com ela levar ele, e depois vêm eles e os meninos trazerem-me a mim. Ele disse-me que ela chorou quando se despediu dele, e ele disse-lhe tem calma que não estás sozinha, tamos contigo até ao fim. A gente também quer arranjar casas perto, porque a nossa casa é em "cidade A." e eu disse a ele, tem paciência mas isso vai ser para se vender e vai. **(225)** Também quero trazer a minha enteada para a nossa beira porque são muitos anos longe da menina e a mãe não é grande coisa para a menina. E a menina foi fruto de uma relação que não deu certo, mas as coisas são mesmo assim, nem houve nenhuma relação por aquilo que ele me conta, foi um acidente, ele está preso há 11, quando entrou preso a minha enteada ia fazer os dois aninhos, mas nunca viveram juntos, aquilo foi mesmo um acidente de percurso, foi mesmo uma noite que aconteceu e ela engravidou…

(interrupção pela guarda prisional)

(226) Eu: Gostava de partilhar algum pensamento comigo sobre a conversa que estivemos a ter? Como se está a sentir?

- Fez-me bem, sem ser com a família nunca falo destas coisas… há coisas que morrem connosco e outras que enterramos para não sofrer mais, a Dra. é uma boa pessoa, mas sabe o que eu quero é seguir em frente e olhar pelo que é meu, a minha família, não

existem laços mais bonitos que uma mãe com uma filha, quem quebra isso não merece viver.

(227) Eu: Agradeço-lhe a sua colaboração na minha investigação e desejo que concretize os seus sonhos e que tudo corra bem.

- Venha visitar-nos mais vezes, é sempre bem-vinda.

“Samuel” – Detido num Estabelecimento Prisional em Portugal.
Tipo de delito: Abuso Sexual
Idade: 22 anos.

(1) Eu: Aqui está um guião para que eu siga algumas directrizes do mesmo, mas de resto será uma conversa informal sobre a sua história de vida, vejo-o um pouco nervoso. Para nos conhecermos um pouco, vou começar por lhe perguntar como chegou aqui, um pouco da sua vida, está detido porquê, há quanto tempo?
- Estou detido por abuso sexual.
Eu: E por isso é que estava com reticências em falar?
- Sim, sim.
(2) Eu: E esse abuso sexual foi consumado, ou foi uma pessoa que já se relacionava?
- (…silêncio) Isso é uma confusão que está ai e é isso que me revolta… tenho uma revolta muito grande dentro de mim, foi assim…
Eu: Porque disse que tinha muita revolta.
- E tenho, e tenho muita revolta.
(3) Eu: Porque está aqui há 2 anos neste estabelecimento.
- E ainda vou tar mais um tempo, não é só por esses processos, tenho vários processos.
Eu: Com o mesmo teor?
- Não, não.
Eu: Que tipos de delito?
- Tenho roubo e outras coisas…
Eu: Roubo. E como é que de roubo você passa para uma acusação dessas, baseado em quê?
(4) - Foi uma pessoa da família.
Eu: Uma pessoa da família. Com o intuito de o prejudicar?
- Acho que sim, na minha maneira de ver.
Eu: E não houve maneira de se defender?
- É assim eu fui condenado, nem perícias médicas fizeram…
Eu: E como se sente para além dessa revolta?
(5) - Olhe e sinto-me que é assim, eu quando era miúdo também passei pelo mesmo… (baixa a cabeça)
Eu: E acha que isso é estar a reviver um trauma?
- Sim também…

Eu: É reviver todos os dias o que se passou consigo. É por isso o seu nervosismo?

- Sim.

Eu: E como tem sido aqui a vida, dado ao carácter do crime?

- Epá isso tem a ver com as pessoas também…

Eu: Você relacionou-se mesmo com a familiar? É mulher? Pode ter outra orientação sexual por isso estava a perguntar.

- É uma mulher…

Eu: É uma pessoa mais nova, é uma menor?

- É uma menor…

(6) Eu: Que relação tinham?

- É minha irmã. Mas a única pessoa que acreditava em mim morreu, que foi a minha mãe.

Eu: Porque diz que é a única pessoa que acreditaria em si?

- Porque sabe o que me fez em pequeno…

Eu: E ao nível do tribunal como correram as coisas?

(7) - É assim eu fui condenado, e a minha… você também me vai julgar…

(8) Eu: Eu não estou aqui para fazer juízos de valor, para o julgar. É necessário que conte a sua versão para que eu o compreenda e veja a sua vida, através do seu ponto de vista.

- A advogada disse: não mexas mais, não faças mais nada (agita-se, bate com as mãos na mesa).

Eu: Era uma advogada oficiosa, conheceu-a no próprio dia e não teve direito a um julgamento justo?

- Não, conheci-a uns dias antes. Não, não foi um julgamento justo. Nunca tive em prisão preventiva, nunca tive nada.

Eu: Fizeram-lhe uma acusação e após quanto tempo é…

- Um ano e tal.

Eu: Ela apresenta queixa na polícia, você é autuado e constituído arguido, teve um ano e tal em liberdade…

- Eu vim cá para dentro logo.

Eu: É chamado para ir a tribunal e foi condenado logo. E não houve um tempo de espera?

- Foi esse tempo de espera de um ano é que eu andei ali no vai, não vai. Saber o que fazia, o que não fazia.

(9) Eu: E viviam na mesma casa?

- Não. Eu saí, tomei a decisão de decidir sair mas mesmo o tribunal não deixava.

Eu: Para não estarem em contacto?

- Sim para não estarmos em contacto, mas mesmo assim eu estava na mesma. Quando isso se passou eu tive ai uns 6 ou 7 meses sem falar com a minha irmã, nem com ninguém da minha família. Desapareci.

Eu: Porquê?

- Porque é assim, quem me estava a acusar era o meu padrasto.

Eu: Ai não foi pela própria vítima?

- Não, é que a própria vítima nunca disse nada.

Eu: Nem em tribunal?

- Não. Falou em tribunal… tem quase 10 anos, falou em tribunal disse que não lhe tinham feito nada que gostava muito do mano, nananana… epá olhe isto… pff

(10) Eu: Vejo que está nervoso, custa-lhe falar disso… se precisar de fazer um pequeno intervalo, pode fazê-lo?

- Não é preciso. Agora já não custa tanto, o que custa é a revolta que eu tenho dentro de mim e já… e isso nunca vai passar.

Eu: Quanto tempo de pena apanhou?

- No total tenho 5 anos.

Eu: Já cumpriu quanto tempo?

- 2 anos.

(11) Eu: E tem tido bom comportamento?

- Tenho. Mas tive um castigo há pouco tempo.

Eu: Castigo relacionado com problemas com os colegas?

- Não, não. Eu fui apanhado com dinheiro há pouco tempo. Fiquei 2 meses sem visita. Vou ter visita já este fim-de-semana, já passou dois meses.

(12) Eu: E o "Samuel" é filho de uma família de… fale-me um pouco da sua infância, como foi a sua vida? Tem quantos irmãos por exemplo?

- Tenho um irmão, tenho uma irmã quer dizer com 10 anos.

Eu: Portanto vocês têm 12 anos de diferença. Gostaria de fazer-lhe algumas perguntas mas não quero que primeiro se sinta mal com isso, que se emocione (ri-se); segundo, a partir do momento em que não se sinta à vontade tem o direito de não responder, de resto eu deixo-o falar para não estar sempre a quebrar o seu raciocínio, esta primeira parte era para se sentir mais à vontade.

- Não pode fazer as perguntas que quiser.

(13) Eu: O seu pai e a sua mãe viveram juntos, fale-me um pouco sobre isso.

- Eu com um ano os meus pais separaram-se, a minha mãe não me deixava ver o meu pai e só conheci o meu pai aos 10 anos.

Eu: Porque não deixava?

- Ela usava-me a mim para chegar até ao meu pai. **(14)** Só quando eu tive um bocado mais de voz é que eu quis conhece-lo e fui procurá-lo. Como me proibiam de o ver… já se sabe quanto mais aquilo é proibido mais se quer né. E pai é pai…

Eu: Conhece-o aos 10 anos e depois?

- Comecei a lidar com ele, a sair com ele e depois aos 12 anos encontrei o meu pai morto de overdose.

Eu: Era toxicodependente?

- Sim de heroína.

(15) Eu: Foi por causa disso que os seus pais se separaram?

- Não, não foi por causa disso, mas foi desde ai que ele começou a consumir. Ele só fumava uma ganzas e o caraças, só que passou-se da cabeça não via o filho.

Eu: Durante quase 10 anos não viu os filhos?

- Via-me às vezes na rua, mas não me deixavam… não a minha irmã é filha do meu padrasto e não do mesmo pai.

(16) Eu: Mas desde cerca de um ano e meio até aos dez anos a sua mãe não o deixava vê-lo, como é que ela fazia isto? Ele estava em paradeiro incerto?

- Não eles viviam a uma distanciazita não é muita, mas era ameaças, havia ali ameaças entre a minha mãe e ele e a minha avó paterna. Eu andava ali no meio (silêncio).

Eu: E você culpa a sua mãe?

- Sim, nunca me deixou tar com ele, que ele me acompanhasse.

(17) Eu: Disse-me uma coisa muito importante, que o seu pai começou a consumir e que fez essa escalada de drogas quando se separou, perde a estabilidade? Que profissão tinha ele, por exemplo?

- Ele saiu de casa, perdeu a casa, o filho. Não é assim, ele trabalhava com máquinas mas não fez sempre isso, mas nunca precisou de andar a roubar até ao dia da morte dele tinha uma morte estável.

(18) Eu: Como é que foi para si conviver com o seu pai dos 10 aos 12 anos, e perdê-lo aos 12?

- (silêncio)…Muito difícil explicar. Tenho 22 anos e é muito difícil falar disso (baixa a cabeça).

Eu: Vou dar-lhe um minuto para se tranquilizar…

- Eu tento pensar o menos possível.

(19) Eu: O que faz para se abstrair? Escreve, joga…

- Jogo playstation, isso é o dia todo. Escrevo, escrevo para a minha mulher, mas também sou muito preguiçoso para escrever.

(20) Eu: Desabafa com ela?

- Ela sabe tudo de mim, só que eu não gosto de falar disso, não gosto de falar. É uma coisa que eu não gosto de falar… dói. O problema é a dor.

Eu: Não acha que dói também por você não falar muito, e o estar preso por este crime, também reaviva os traumas da sua própria infância que ainda não estão resolvidos.

- Vai sendo resolvido, vai ser um dia.

(21) Eu: O que lhe faz a prisão a si?

- Bem não faz nenhum.

Eu: Não retira daqui nenhuma lição?

- Algumas foi melhor e outras foi pior.

(22) Eu: Você quando encontra o seu pai antes de ele falecer já sabia que ele consumia heroína?

- Sabia.

Eu: Em que tipo de meio é que você cresce? Havia muitos consumos?

- Não só a partir daí. Foi a partir da morte do meu pai. Senti-me mais (???), (ri-se). Foi o querer descobrir o porquê do meu pai ter morrido, desde quem lhe vendeu, porque o meu pai morreu porque a heroína tinha gesso à mistura e ele ao "enjentar" aquilo fez o caldo, injectou aquilo, entupiu as veias e matou-o.

Eu: E como você teve acesso a essa informação?

- Foi os dados da autópsia, eu tive acesso, foi os dados da autópsia.

Eu: Já mais crescido?

(23) - Não aos 12 anos, eu obriguei a minha mãe a dar. Obriguei a minha mãe e queria saber e queria saber e vou saber eu… a partir dos 12 anos nunca mais fui ninguém, nunca mais fui aquele menino certinho que andava ali. Virei a raiva contra o mundo, mesmo contra o mundo. **(24)** Nem na escola nem nada, eu não fiz o 7º ano agora já tenho o 9º, porque pronto lá fora não fazia nada disto. Não queria saber de nada e aos 16 anos sai da escola só andava lá por andar, andava a passar o tempo.

Eu: E como foi a relação com a sua mãe a partir dessa altura?

- Oh a relação da minha mãe já vinha muito mal desde trás.

(25) Eu: Como era a sua mãe?

- A minha mãe começou-me a violar quando eu tinha 5 anos.

Eu: Pode-me falar um pouco mais disso, o que conseguir partilhar comigo?

- (começa a fazer ainda mais barulho com a as mãos no tampo da mesa). No inicio eu dormia sempre com ela e nunca no meu quarto… e era só carícias, toques, depois foi evoluindo, até quase aos 10 anos, onde eu aparecia com feridas e às vezes com objectos… mas eu não quero falar disso…

Eu: Compreendo. Relaciona-se hoje com ela?

- A minha mãe já faleceu.

(26) Eu: Foi uma dor que conseguiu perdoar em vida?

- (bate com a mão na mesa subindo de intensidade, longo silêncio)…Isso é um… isso é uma pergunta que eu não sei a resposta. É como se morre-se uma parte de mim.

Eu: Ainda não consegue saber a resposta em si ou causa-lhe muita dor?

- Causa-me muita dor, um bocado pelo menos porque…houve palavras que ela me disse em certas alturas que me magoaram muito. Que nunca vou esquecer, dessas nunca se esquece…

Eu: Como é que para si, uma criança com cerca de 5 anos consegue ter esse tipo de recordações?

(27) - Não mas é que eu fiquei nisso até aos meus 10 anos, e acredite que são coisas que por mais que lutemos estão cá dentro. **(28)** E aqueles 2 anos para mim foram tudo, o meu pai para mim e depois eu tenho o mesmo bichinho que o meu pai tinha, é velocidade, é motas. A mo..mo…mota que ele tinha na altura ainda a tenho e não a vendo por nada deste mundo. Tem todo o valor.

Eu: Ainda que não tenha havido possibilidade na vossa vida de viverem juntos, valeu a pena?

- Oh se valeu. O curto espaço de tempo mas valeu a pena.

(29) Eu: Na altura em que a sua mãe abusava de si, vivia sozinha com ela?

- Não vivia com a minha com a minha avó. Com a mãe dela.

Eu: E ela nunca se apercebeu do que se passava?

- Não, não.

Eu: Vocês dormiam no mesmo quarto, ela não tinha acesso à vossa intimidade?

- Sim também e eu nunca contei porque nunca ia acreditar.

Eu: Quando é que se começa a perceber que o que ela lhe fazia não era normal?

- Foi por volta dos 7, 8 anos. Parecendo mentira mas eu lembro-me da primeira vez. As coisas boas e as más nunca se apagam. Lidar já aprendi a lidar melhor, não lido a 100%, mas 95%.

(30) Eu: Já me falou de alguns maus tratos sexuais, mas havia maus tratos físicos, prendia-o por exemplo ou maus tratos psicológicos?

- Não havia maus tratos físicos, mesmo o que fazia tentava não me magoar, dizia que éramos um só e que nunca ninguém nos separava maus tratos psicológicos sim, havia jogo psicológico isso sim, chamava-me inútil e dizia muitas vezes que ia ser como o meu pai.

Eu: E isso em que situações?

- Quando se enfurecia com alguma coisa que eu fazia, às vezes dizia coisas que não sentia quando ficava muito, muito chateada.

Eu: Que tipos de maus tratos eram para além desses. Batia-lhe?

(31) - Não a minha mãe nunca costumava-me bater, no fundo ela nunca me fez mal, era como se eu fosse um brinquedo um joguete, mas ela fazia aquilo porque era minha mãe.

Eu: E o que define como aquilo?

- Prontos o obrigar-me a estar com ela, de uma maneira menos própria… (começa de novo a bater com a mão na mesa, fazendo um som com os dedos).

Eu: Hoje com 22 anos, percebe o que passou pela cabeça da sua mãe para lhe fazer isso?

- Não sei e nunca cheguei a saber.

Eu: Guarda-lhe que sentimentos.

- Um bocado de mágoa não digo rancor, apesar de tudo ela era minha mãe. Mas por outro lado muito amor e carinho. Tirando isso que me fez de mal mas também me fez de bem.

(32) Eu: Por exemplo?

- Nunca me faltou nada, coisas materiais, e… afectos, carinho, também em muitas coisas quero ser assim para o meu filho, tenho admiração por ela porque nunca me chateou, só me fez bem, nunca me magoou, acho que se calhar nisso podia tar doente, ela amava-me muito não tenho dúvidas disso.

(33) Eu: Dos 5 aos 10, o seu pai nunca soube? Nunca ninguém soube?

- Não ele nunca soube de nada nem ninguém.

Eu: Não contou a ninguém porquê?

- Por vergonha…eu nunca contei ao meu pai. Hoje ela já morreu. A primeira pessoa que soube disto foi a mãe do meu filho. Tinha medo que ela pudesse fazer pior.

(34) Eu: É a sua companheira actual?

- Não, eu já não estou com essa pessoa, tenho outra parceira.

Eu: E essa ex-companheira, vocês têm laços de amizade, mesmo separados?

- Agora eu não falo com ela, é assim eu desde que vim preso, cortei muito, com muitas pessoas (agita-se mais).

(35) Eu: Sente-se perdido?

- Não, eu perdido não estou. É assim estes obstáculos foram metidos na minha frente e eu só tenho que os superar.

Eu: Teve pensamentos melancólicos de acabar com a sua vida, de tristeza continuados ao longo do tempo?

- Não, aqui dentro é que não. Dá-me mais força. Mas lá fora passei por períodos de depressão.

(36) Eu: E disse-me que consumiu drogas, encontrou nelas um refúgio?

- É assim isso do refúgio das drogas não cabe na minha cabeça. Eu fumo haxixe por exemplo, fumo para tar bem. Há aqueles que dizem à o caraças comecei a fumar, ou aquele obrigou-me… ninguém obriga ninguém a experimentar nada. Quem quiser quer, dizerem aqui porque à porque tava drogado, fez aquilo porque tava drogado, porque há muitos que jogam isso, não eu fiz porque tava drogado, não isso é mentira, isso é mentira… eu sei que isso é mentira.

Eu: Já consumiu outros tipos de drogas? Duras e leves?

- Já, já experimentei.

Eu: E ficou adicto a alguma delas?

(37) - Não, não fiquei mas é assim, eu experimentei porque eu vendia e é assim uma pessoa quando tem junto a ele é assim, é muito difícil ter vendido e nunca ter experimentado e acredite não há.

Eu: E o que vendia?

- Cocaína e heroína. E eu digo assim, não há ninguém que venda que nunca tenha experimentado e quem diz isso é mentiroso. Porque uma pessoa chega à noite a casa e vê o bolo ali em cima, ou da mesa cabeceira ou de um sitio qualquer em casa, uma pessoa às vezes acorda às duas, três da manhã em casa, quase todos os dias olha para aquilo e depois uma pessoa olha para aquilo, como é que será a pedrada daquilo e como é que será…há sempre aquele jogo e depois uma pessoa experimenta.

Eu: E experimentou e acabou por gostar de alguma das duas?

(38) - Cocaína, não gosto, dizem que é droga viciosa, que é assim que é assado. É assim cocaína a mim, não me diz nada.

Eu: Porquê? Prefere heroína?

- É assim eu já sou acelerado (ri-se), ãaah já fumei cocaína que é a branca e não dá moca (ri-se), desculpe tar-lhe mesmo a dizer mas (ri-se), epá (continua-se a rir), tinha que fumar charros, tinha que beber e fumava coca, e tudo junto é que coiso…

Eu: E a heroína?

- A heroína pronto, a heroína a pessoa fica com aquele estado mais calmo mais… a heroína é lixada, mas é assim…

(39) Eu: E acha que também experimentou por o seu pai ter sido consumidor?

- Eu sei, mas eu sou mais forte, eu não caio lá. Fumava hoje, daqui a 6 meses dava mais 2 ou 3 bafinhos. Era assim, não era cá… não é só saber o que a casa gasta é eu ter um grande exemplo na minha família, o meu pai, tinha um grande exemplo, não vale a pena. E ganzas o meu filho tem 4 anos, quando ele tiver mais meia-idade se ele quiser fumar eu chamo-o ao pé de mim, queres fumar charros fumas com o pai porque eu prefiro que ele fume comigo epá do que… eu sei que isto é um bocado, que é um bocadooooo… mau um pai tar a dizer isto, que ninguém mais tarde vai dizer isso a um filho, mas é assim eu prefiro que um filho, eu prefiro…eu prefiro que ele saiba o que é pela minha mão do que vai a saber pela mão de outro.

Eu: A heroína aqui tem quase um factor simbólico?

- Sim…

(40) Eu: A relação com o seu pai, o ter querido sempre saber até na questão da autópsia…

- E sei porque é que ele morreu e quem lhe vendeu, é que eu sei tudo e não matei essa pessoa sabe porquê. Essa pessoa fala comigo, vê-me na rua e vem-me perguntar atão tas bem? Eu só não o matei porque tem uma mulher acamada em casa, tá a perceber. Por ela, por ela. Ainda hoje digo e não tenho medo de dizer a ninguém, por ela. Ele está vivo por ela. Ele não interessa, não presta. **(41)** Como matou o meu pai, matou vários porque o meu pai andava a começar a fazer a cura. A partir dos meus 10 anos ele começou a fazer a cura.

Eu: Coincide com a altura em que se reencontram.

- Começou a tomar a metadona, quando o conheci a valer ele estava naquela fase do fumo hoje, tou quatro ou cinco dias sem fumar, ou um mês epá já estava num espaço de

salto já não e é assim aquilo foi feito para ele. Porque foi duas pessoas comprar, o meu pai e outro se não houvesse mal intenção o outro não tava cá para contar, tinha morrido também. Acho que foi um ajuste de contas, eu disso não tenho medo de pensar.

Eu: Já não lhe custa tanto falar sobre isso?

- Epá é assim, batalhei tanto nesse assunto durante anos que… até aos meus 16, 17 anos eu tive que achar as peças todas do puzzle e achei.

(42) Eu: Como era o seu pai para si, do que conheceu?

- Era tudo, o meu pai era meu pai. Foi a única pessoa que nunca me traiu para ser sincero, foi a única pessoa que nunca me traiu, em nada.

Eu: Você quando foi na sua infância, abusado pela sua mãe, maus tratos físicos disse-me que não existiu mas não conseguiu escapar às rédeas desta mãe?

- Não, ela manipulava-me, eu era uma criança, mas agora vejo que à maneira dela era para o meu bem.

(43) Eu: Como é que ela vem a falecer?

- Há um ano e pouco, já eu tava aqui dentro.

Eu: E vocês falavam durante toda a vida?

- Sim sempre.

Eu: O que é que ela lhe dizia?

- É assim eu sobre este assunto, eu nunca tive coragem de chegar ao pé dela e perguntar-lhe o porquê, já pensei que não tivesse acontecido, senti medo mas hoje arrependo-me, se fosse hoje eu queria saber, gostava de um dia saber porquê, mas pronto. Mas eu nunca a abandonei nem ela a mim, ela esteve ao pé de mim, ela é a minha mãe.

(44) Eu: Sente que o influenciou de alguma forma, por exemplo o facto de vender?

- Não foi só de venda, também já trabalhei. Trabalhava na construção civil, pronto comecei aos 17 anos a trabalhar. **(45)** Engravidei a minha mulher tinha 16 anos e ela tinha 24 na altura.

Eu: E dessa relação resultou um filho ou uma filha?

- Um filho, “Tiago”, tá com 4 anos.

Eu: Foi uma criança desejada?

- Sai traquina como o pai, muito vivido. Ele com 4 anos, ui! Chateia a mãe dele e diz que quer uma mota.

Eu: Como é ele?

- É uma criança feliz, apesar de não ter o pai ao pé é uma criança feliz.

Eu: Você vê-o aqui às vezes?

- Nunca consegui porque eu… também é muito longe, mas pronto quando vou à "cidade x".

(46) Eu: Nunca esteve numa prisão?

- Não eu já estive em "cidade x", quando uma pessoa vai responder a processos está lá uma semana ou duas semanas e pode-se ter lá visitas também e quando eu estava de castigo e não podia ter visita tive visita lá em baixo (ri-se). Fazia-me melhor vê-lo.

(47) Eu: Já pensou que há semelhança da relação que tinha com o seu pai, também me disse que foi a única significativa, também está a querer ter uma relação com o seu filho.

- Quero dar ao meu filho o que eu nunca tive.

Eu: Que é o quê?

- Tudo.

Eu: Amor? O quê precisamente?

- Tudo.

(48) Eu: Mas o seu pai não teve muito tempo, mas a sua mãe teve, como é que ela faleceu?

- Com um ataque cardíaco, tava a sair da carrinha, caiu para o chão e ficou morta.

(49) Eu: E onde está a sua irmã nesta altura?

- Ficamos com o meu padrasto, todos juntos na mesma casa (começa a fazer de novo barulhos e agitar-se).

Eu: Este padrasto é uma figura na sua vida…

- Negativa, não desce, ele só queria a minha irmã para ele, deve ter batido com a cabeça.

Eu: Porque diz isso?

- Porque ele muda de um momento para o outro, antes dele ser pai, é minha irmã (começa a agitar-se de novo fazendo barulho com a mão na mesa).

(50) Eu: Para eu perceber um pouco a sua estrutura familiar, aos 16, 17 anos engravida a sua ex-companheira…

- Saio de casa.

Eu: Sai de casa, as coisas não resultam…

- Aos 18 anos comecei a ver os meus amigos com muita corda e eu não tinha nenhuma e depois não foi só esse o factor, foi assim eu tava a morar com ela. Estávamos a morar na casa dos pais dela, porque os pais dela não queriam que ela saísse de casa e depois ela está grávida e o c****** e pronto lá vou eu, pronto.

(51) Eu: O que mudou em si?

- Eu gostava dela, ela era maternal, cuidava muito de mim, a minha mãe não gostava muito dela, mas eu até as achava parecidas. Eu ainda pensei em casar com ela…

(52) Eu: Não havia condições monetárias?

- Não isso havia, a minha mãe comprou-me um apartamento novo, que até hoje está lá fechado. Um apartamento que custou 25 mil contos mobilou tudo, meteu telefone, net, meteu tudo, tá lá tudo.

Eu: E nunca usou esse apartamento?

- Já usei. Mas vou vendê-lo, e o monte onde a minha mãe vivia, **(53)** tudo. O que é meu vou vender tudo, quero começar de novo e custa-me tar sem ela, e aquelas coisas são cheias dela. **(54)** Ela era uma pessoa que me entendia muito, era uma pessoa que eu saia para a rua para vender droga ou que me juntasse com os amigos e que fosse fazer porcaria e ela sabia e tava do meu lado, ela amava-me muito. **(55)** Eu nunca escondi nada à minha mãe, nada. Apesar de tudo, eu não escondia nada á minha mãe, nunca lhe escondi nada, disso nunca lhe escondi nada. Ela conhecia-me tal qual eu era. Ela sempre soube, e eu deixei de vender droga por causa dela, ia a trás de mim oh filho tu andas nesse andamento, e qualquer dia és (???) e não sei quê e não sei que mais e pronto arrumei (assobia) pó lado. Teve que ser foi uma escolha. **(56)** Pois é assim uma pessoa começa sempre por traficar. Primeiro vem umas ganzas, depois vai subindo e da droga subiu mais, não foi só droga (sorri), quando é só droga ainda (???),**(57)** foi armas, não muita variedade mas já mete outro tipo de gente e ai foi o pior, mexe com todo o tipo de gente. São perigosas, mexe com coisas diferentes não é o mesmo, mas se hoje sair lá para fora, conheço muita gente e se eu sair lá para fora eles ajudam-me. Porque apesar de eu tar preso, eu não tenho a minha cabeça a prémio lá fora, que é muito bom. Porque há muitos que tão cá dentro e quando saírem lá para fora podem ser mortos.

(58) Eu: E não vê isso também como podendo ser aliciado mais facilmente?

- Não, eu não vou ser aliciado. Não, eu não vou. É assim eu é que sei o que faço à minha vida, eu sempre fui muito dono do meu nariz, epá quem manda em mim sou eu não é mais ninguém. A minha mãe desde os meus 12 anos nunca mais mandou em mim, não vai ser agora que alguém manda em mim. Só quem manda em mim é a minha companheira que tá lá em casa, essa aí é que mete a rédea curta lá em casa, mais ninguém.

Eu: Você considera-se uma pessoa de fácil aproximação?

- Pfuuu!..só quando quero.

Eu: É uma pessoa desconfiada?

- Epá já fui mais.

(59) Eu: Com tudo o que me contou hoje, esta mãe que durante 5 anos abusou de si, acaba por falecer há dois anos a trás.

- Não ainda não fez, vai fazer no dia 25 de Maio. E eu faço anos a 15 de Maio ainda por cima. Fiz anos ao fim de uma semana a minha mãe morreu. Isto… fui ao funeral.

Eu: Como se sentiu?

- Mal.

(60) Eu: Claro não digo que estivesse feliz, mas o que sentiu?

- Ela fazia-me falta, mas fazia-me muita falta. Pode ter sido má no passado, feito muita coisa mas ela amava-me era minha mãe, pode ter feito muita coisa, mas é a tal coisa mas é mãe é…às vezes o problema é esse é mãe e a palavra mãe é tudo. Ela fez tudo por mim, no fundo só queria o meu bem.

(61) Eu: E os danos que lhe causou, foi continuamente durante esses 5 anos, ou foram actos esporádicos?

- Não continuamente. Semanalmente, quase diariamente.

Eu: E isso deixou-lhe marcas, por exemplo na relação que tem com a sua companheira?

- Deixou. Mas houve uma coisa que mais me magoou mais delas todas foi e eu vou dizê-lo (esboça um riso), eu hoje rio-me dela mas às vezes quando estou sozinho penso muito nela (começa a bater com a mão na mesa). Quando a minha mãe soube que a minha namorada tava grávida, não pode gravar quando vou dizer essa palavra, (ri-se), sabes quê (fazendo o gesto de relação sexual), porque eu te ensinei. **(62)** Mas ela tinha poder sobre mim, é como se ela entra-se no meu pensamento, às vezes penso nisso. Tá a perceber. Mandou-me isso em cara (longo silêncio).

Eu: O que sentiu?

(63) - Voltei-lhe as costas. Voltei-lhes as costas, sai de casa, peguei na mota e tchau. Ela podia fazer que não tinha acontecido. **(64)** E o meu padrasto só soube disso quando ela morreu, tinha sido melhor ela ter feito como se nunca tivesse existido, mas eu nunca deixei de a amar, **(65)** mas ela ainda mandou aquela boca, como ela disputasse quem se aproximava de mim, era ciúmes não sei.

Eu: Sente que ela usou-o para bloquear a relação que havia entre ela e o seu pai, substituindo o lugar dele pelo seu, nunca ultrapassou a separação…

- Ela sempre sentiu que eu fico com ele, eu faço o que eu quero.

Eu: Ela não lhe faltou com coisas materiais, mas em contrapartida também lhe deu carinho?

- Sim algum carinho. Mas não sei se aquilo era carinho ou era fantochada, um teatro para ninguém se aperceber, pôs-me culpa por vezes eu não saber o que me estava a acontecer. Eu disse a uma pessoa, e essa pessoa descredibilizou a minha palavra, **(66)** nunca ninguém soube a vida que eu tenho sempre me ensinou a não confiar em ninguém (continua a bater na mesa com os dedos).

Eu: Nem à sua avó, não tentou desabafar quando era mais novo?

- Achava que ninguém ia acreditar…

(67) Eu: Teve algum herói na sua infância?

- Só o meu pai quando o conheci, mas a minha mãe também nunca me abandonou, ela deu-me o melhor que conseguiu, acho eu.

Eu: E encontrou em mais alguém, essa figura?

(68) - Não, o meu padrasto não valia nada, e não vale.

Eu: E o seu padrasto aparece na sua vida quando?

- Tinha eu 8 anos. Um bêbado que tava lá em casa, às vezes não tinha nada para fazer dava-me umas chapadas e tal sem razão nem porquê. Ele tem 52 anos, desde os 19 que é reformado por invalidez, que ele teve um acidente de mota e ficou sem um braço, nunca trabalhou, é assim, **(69)** a minha mãe também nunca trabalhou que a gente nunca teve necessidade de trabalhar, na nossa família temos rendimentos que dão muito bem…

Eu: E rendimentos em termos de quê?

- Cortiça, pinha, temos dois ou três terrenos e dá muito bem…

(70) Eu: E a sua mãe consumia álcool, drogas?

- Quem a minha mãe, não. A minha mãe era daquelas pessoas que não fazia nada, sentava-se, levava o dia sentada e não fazia nada, ela em 42 anos de vida nunca fez nada, nunca fez nada.

(71) Eu: A sua mãe depois de falecer o seu padrasto continua em casa deles a viver?

- Infelizmente e a comer do que é meu, ainda por cima.

Eu: Tentou mexer-lhe no seu dinheiro?

- Já me tentou subornar que é diferente.

(72) Eu: Quando você decide separar-se da sua ex-companheira, ainda continuou a ver o seu filho, durante um tempo, e ela deixa-o ver o seu filho?

- Sim, acha que eu ia papar disso! Nunca, ninguém a mim fazerem-me chantagem, ninguém. **(73)** Agora não o vejo muito, mas tento fazer parte da vida dele. Matava quem fosse preciso por ele. Vou ter que fazer parte da vida dele, dê por onde der, agora não

tem dado e já andava numa vida que não o via tanto, antes de vir para aqui, mas ele é tudo para mim, doa a quem doer.

(74) Eu: Quando se separa sai da casa dos seus sogros e volta para casa da sua mãe. Onde está o seu padrasto a sua irmã e a sua mãe. Que idade tinha a sua irmã?

- Seis, oito anos. Ela era como uma filha para mim, e eu praticamente é que… há uma história entre mim e a minha irmã que é assim, ela nasceu eu, perdi muito tempo com ela, cuidei bué tempo nela, era uma pessoa muito desejada, eu quase que matei a minha mãe por causa dela… porque a minha mãe discutia muito com o meu padrasto e depois gostava muito de se vingar, com a minha irmã já havia violência, ela batia-lhe volta e meia sem razão, e depois ela vinha dormir muito para o meu quarto que eu a protegia, e ela estava sempre comigo (???). Quando o meu pai morreu, eu aos doze anos ia matando a minha mãe… (silêncio).

(75) Eu: Porquê que isso aconteceu?

- Porque ela queria matar a minha irmã, a minha irmã já era recém-nascida na altura, eu e a minha irmã é como fossemos um, somos muito unidos, ela sabe que eu faço tudo por ela. A minha mãe tentou matá-la, dizia que ela tinha sido um erro, às vezes acho que a minha mãe era doente, que tinha um amor tipo doença por mim.

(76) Eu: Como tentou a sua mãe matar a sua irmã?

- Sufocar, tava-lhe a apertar o pescoço. Eu tinha 12 anos na altura, tava na rua tinha um cão ao meu lado e depois tava com uma pressão de ar a matar uns passarinhos que passavam por ali, estava com uma espingarda de pressão e eu ouvi a minha irmã chorar. E o caso foi o seguinte ouvi a bebé chorar e entrei em casa para ver o que era, e encontrei a minha mãe a fazer isso à minha irmã e ela já estava roxa, tinha o rosto todo roxo, de uma maneira que eu pensei ela vai matá-la. **(77)** Mandei dois berros, larga a minha irmã, larga a minha irmã, senão eu disparo, não largou, dei-lhe um tiro na cabeça com a pressão de ar, ela não cai mas largou a minha irmã. Fui ter com o meu padrasto, o meu padrasto chegou, levou-a para o hospital não conseguiram tirar o (???) de chumbo, ficou sempre lá porque se retirassem ia danificar a vista, porque lhe entrou aqui nesta parte assim (faz o gesto onde entra a bala).

(78) Eu: Quando é que se apercebe que ela está a fazer isso à sua irmã?

- Eu apercebi-me logo, eu tinha 12 anos e já não me esqueço e vi logo o que ela tava a fazer como se fosse hoje. Eu soube porque é que foi, porque é que ela quis matar a minha irmã, que era para o bem, ela disse-me que era por causa do meu padrasto, por ele ser um bêbado não sei quê, não sei que mais.

(79) Eu: Mas o seu padrasto era agressivo para a sua irmã?

- Não era sempre, mas quando era dava tareias de ela se vir abrigar ao pé de mim. Já bateu pior do que batia, na minha maneira de ver agora era menos com o passar dos anos, mas não cuidava dela era desmazelado. Eu acho que uma palmadinha de vez em quando não faz mal mas e… e, e para corrigir e daí não vai corrigir nada mas pronto, não vai corrigir nada porque a falar é que as pessoas se vão entender. **(80)** E bater com o meu filho, nunca mas tentar abrir isto mesmo, ao máximo possível, quero-lhe contar o que me fizeram, e vou ser diferente. Há que explicar as coisas como elas são, não é os miúdos até aos 10 anos às vezes são umas crianças que não sabem de nada (???), explicar as coisas como são.

(81) Eu: E você quis salvar a sua irmã?

- Sim, e digo-lhe já mesmo que fosse hoje, se alguém lhe fizesse mal eu fazia o mesmo, o que é meu ninguém toca, não deixava que tocassem na minha irmã. Hoje já não porque já tenho outra idade, já tenho outros recursos.

Eu: Como era a vossa relação?

(82) - Eu adoro a minha irmã e ela adora-me a mim.

Eu: E de onde surge essa acusação? Você pensou na sua irmã de outra forma?

- Não nisso não, eu não sei que maldade é que ele viu a nossa relação, mas ela até em tribunal não levantou uma palavra contra mim. Eu nunca a vi dessa forma, tudo o que houve entre nós foi como irmãos.

(83) Eu: Então como se chega a uma acusação destas?

- É assim isto nasceu da parte do meu padrasto. Porque o meu padrasto nunca gostou de mim. Sempre achou que eu tava a mais, e a minha irmã ligar-me mais a mim do que a ele, incomodava-o. **(84)** E eu era o filho que metia… que mandava mais do que ele lá em casa, embora fosse um puto. Falava mal para mim mas eu dava-lhe a troca que eu nunca fui de me calar. Eu calei-me até aos 12 anos, a partir dos 12 anos deixei-me de calar. Chamava-me muitos nomes, mas a mim já nada me tocava…

(85) Eu: Desejou ter amor dele?

- Desejei, mas mesmo apesar do que ele fez eu não lhe quero mal nenhum. Eu sou daquelas pessoas que são assim, eu para lhe desejar mesmo mal têm mesmo que me magoar mesmo muito, mesmo no coração…

Eu: O seu padrasto, disse-me que tinha sabido que foi uma criança abusada há cerca de um ano e meio, dois, depois da sua mãe falecer, ele não o apoiou?

(86) - Ele em julgamento só me enterrou. Ele e o meu médico de família, que se quis vingar de mim também, porque o filho dele morreu junto num acidente de carro comigo.

Eu: Mas com que base esta acusação vem à tona?

- Era o passar muito tempo, o estar sempre com ela e o meu padrasto criou isso na cabeça dele. Nós tavamos sempre juntos ela fazia parte de mim, eu não era sangue dele, era dela, ele criou isso na cabeça…

(87) Eu: o que quer dizer com "ela fazia parte de mim"?

- Éramos irmãos, os irmãos dormem juntos, estão juntos…passam muito tempo juntos, o mal está na cabeça dele.

(88) Eu: Você está aqui há cerca de 2 anos, isso aconteceu há quase 3. Já vivia com a sua actual companheira?

- Não tava em casa. Este anel anda comigo neste dedo desde 26 do 2 deste ano, que ela pôs neste dedo. Mas ela, eu já conheci lá fora…

Eu: E como é ela?

- Epá é assim eu mantive contacto primeiro, pelas piores razões e depois pelas melhores. Essa pessoa (ri-se) …

Eu: É da sua idade?

- Nãooo, é mais velha. Tem trinta e tais.

Eu: Dá-lhe equilíbrio?

- Qual quê, ela não tem muita rédea, mas isso pronto eu vou controlando muito bem…

(89) Eu: E porquê a escolha de uma namorada mais velha?

- As outras são muito imaturas, mas hummm olhe eu com 16 anos tinha uma namorada com 24, ela com 24 anos não mandava no nariz dela, é assim a partir dos 18, quem é que vai mandar no nariz de quem?! Ninguém e eu nem esperei pelos 18 anos. Mas transmite-me segurança, mas eu é que acabo por lhes dar a volta, depois sou eu que vou mandando.

(90) Eu: E ela dá-se bem com o seu filho, existe boa relação, você fomenta?

- Eu já lhe disse do meu filho, eu nunca vou abdicar e se não tiveres bem, (faz um gesto de limpar as mãos). Mas damo-nos bem.

(91) Eu: E fazem projectos para quando sair daqui?

- Temos…mas o continuar juntos, eu não sei porque eu não…

Eu: Você considera-se instável?

- Sim sou. Eu tanto tou bem com uma pessoa, como no outro dia chego ao pé dela e olha tchau!

(92) Eu: Porquê?

- Epá porque (ri-se), também por tudo o que vivi…

Eu: No seu passado, na sua infância?

- Sim… traição no meu vocabulário não entra… nem na amizade, nem em mentir…nada, nada, nada.

Eu: Sente que já foi muitas vezes traído?

- Não é o número é a força da traição… sou desconfiado. Eu gosto das coisas serem como elas são…

(93) Eu: É por ela estar lá fora?

- Não olhe disso não penso, não penso… mas olhe que ela tem muito medo de mim…

Eu: Porquê?

- Dessa parte eu é que fui muito mulherengo lá fora (ri-se), mas ela sabe…comigo não brinca.

(94) Eu: Que fase da sua vida está agora?

- Eu fui-me muito a baixo aqui dentro, tem sido muito difícil aqui. Eu entrei com 80 quilos e tou com quase 100, veja lá bem (ri-se). Eu agora tou num curso…

(95) Eu: Para se ocupar?

- Ninguém me obrigou, tou no curso porque eu quis, também para estudar e eu… quero ver se plo menos o 12º tiro aqui. Eu enquanto tiver aqui dentro, vou estudar até não poder mais. **(96)** Eu lá fora não gostava de matemática e aqui tenho quatros e cincos, e lá fora tinha negativas, portanto… também não fazia caso mas pronto… já que tou aqui tenho que aproveitar para alguma coisa.

(97) Eu: Conseguiu ver a sua irmã nestes 2 anos e tal?

- Já, já.

Eu: Como é que ela reage consigo?

- Cada vez que eu falo com a minha irmã, ela chora e diz que quer que eu vá para casa (começa a bater na mesa com os dedos com força). **(98)** Mas como ia dizer-lhe à bocado é assim… houve um caso que deu na televisão há uns tempos atrás há uns três, quatro anos, foi um caso que deu na televisão e essa pessoa que me culpou foi o Dr. P. que deu ai há um tempo na televisão, um médico da "cidade x" que o filho dele tinha 17 anos, que ia com mais uns amigos de carro, tinha roubado o carro ao pai para ir a uma casa de diversão nocturna às 3 e tal da manhã tiveram um acidente, bateram num poste e ele

morreu logo… e eu era o condutor. Eu era o condutor e aquilo foi uma curva muito e ele era o meu médico de família, foi ele que deu o parecer, e para já no dia em que o filho morreu ele tava de banco, ele apanhou o filho, e o filho tava mesmo às (???) mortas.

Eu: Já deu entrada morto?

- Ele morreu logo, morreu logo na altura…

(99) Eu: E acha que houve conflito de interesses?

- É assim, eu penso como é que um juiz, como é que um juiz… não houve perícia médica nem a ela nem a mim. Nem a minha mulher anda lá fora e anda com isso, é assim isso não tá parado, não tá parado.

(100) Eu: E o que vai fazer?

- É assim eu apertar uns papos, ou por assim uns olhos e uns óculos daqueles *rayban*, daqueles última geração sou capaz de lhes meter, a ele e ao meu padrasto. **(101)** Mas eu não acredito na justiça, a partir do momento que sou preso assim eu não acredito na justiça portuguesa... eu que trafiquei, roubei fui preso por roubo, tráfico não tenho nada, nunca me apanharam por tráfico, fui apanhado por isto, a minha revolta não vem daí, mas também daí, desses polícias, dessa justiça de *merda*. De muito poucas pessoas que me queriam destruir conseguiram… conseguiram entre aspas, porque elas não conseguem me mandar a baixo.

(102) Eu: E está preso por um crime, que sofreu e que a sua mãe partiu antes de poderem falar…

- E era a única pessoa que podia dizer, eu acredito no meu filho e que foi a única capaz de me defender a única, que se levantou pa me defender foi a única, ela amava-me muito.

(103) Eu: E falou-se em tribunal que pessoas que foram abusadas têm tendência a abusar.

- Isso não se soube em tribunal. **(104)** A minha advogada disse para eu não meter recurso que ainda ia piorar, e eu na altura apanhei medo e não pedi. Deram-me 20 dias, a partir do momento eu fui condenado ainda me deram mais 20 dias na rua, se quisesse recorrer ou não e há minha advogada, olhe a resolução era apertar o papo à advogada outra à juíza e outro ao médico. Mas “Samuel” não quer isso, o “Samuel” quer sair daqui meter-se a milhas daqui…

Eu: Tem sonhos?

- Muitos…

Eu: Um que queira muito?

- Você sabe, do curto espaço de tempo aqui, você sabe. É o meu filho (ri-se). Ele já está com 4?! Quase 5. Ele ajuda-me a ultrapassar isto tudo…

(105) Eu: E a sua irmã?

- Ela também, ela falou em tribunal mas ela estava confusa, eu ouvi e ela disse que gostava muito de mim…

Eu: Tinha conteúdos sexuais?

- Não…

(*Entrada de uma Guarda Prisional*).

(106) Eu: Sim?

G: Ele tem que voltar para a cela, vai dar-se a chamada.

Eu: De acordo ele vai já, é só para nos despedirmos, obrigada.

Eu: Como se sente depois de ter falado comigo sobre estas coisas?

- Epá é assim dói, umas partes doem muito mas fez-me bem falar, melhor do que eu pensava.

Eu: Existe alguma coisa que queira partilhar comigo, que eu em seguida acompanho-o até lá fora?

- Você entende-me, mas fez-me bem falar, não era assim tão mau como eu pensava, aqui dentro as psicólogas são daqui um gajo nunca sabe.

Eu: Agradeço-lhe a sua colaboração nesta investigação, e desejo-lhe boa sorte para a sua vida.

“Pedro” – Detido num estabelecimento prisional em Portugal.
Tipo de delito: Tráfico de Drogas
Idade: 21 anos

(1) Eu: Para nos conhecermos um pouco, pode começar por falar do “Pedro”, um bocadinho de como foi a sua vida. O porquê de estar aqui, sem… protegendo-se. Ou seja, pode indicar qual o motivo do delito sem grandes pormenores porque não é o que se pressupõe. Está aqui há quanto tempo?
- Tou nesta cadeia há já um ano e… Junho, Julho…Setembro, Outubro, Novembro (Conta pelos dedos). Um ano e seis meses quase.
Eu: Um ano e seis meses, e vem de outra?
- Sim vim de… Fui de “E.P. da Cidade P” para o “E.P. de C” e do “E.P. de C” vim para aqui e tou preso por Tráfico. Tráfico agravado como se diz. A minha pena é de 5 anos e 3 meses.
Eu: Tráfico agravado quer dizer que é reincidente? Que voltou a fazer o mesmo…
- Ya.
Eu: E mexia com o quê?
- Com Heroína e Cocaína.
(2) Eu: E era consumidor?
- Não, não… não.
Eu: Era tão-somente para proveito em termos de venda, ou para proveito próprio?
- Sim para proveito próprio, venda.
Eu: Nunca consumiu, não foi consumidor até hoje?
- Nunca até hoje, só consumia haxixe.
Eu: Não teve nada a ver nada com essas drogas.
- Nunca mesmo. Ya, aqui há as unidades livres de droga… podia ser o caso, das pessoas que traficava e consumia, ya mas não, graças a Deus. E dou graças a Deus mesmo, porque foi coisa que nunca me despertou a curiosidade. Não condeno quem experimenta e quê, mas eu não faço… mas não condeno.
(3) Eu: Vem de “Cidade P”, disse-me?
- Não, sim. Vim de “cidade P”, mas sou da “cidade F”, do bairro X, conhece?
Eu: Eu conheço.
- Ri-se. Ya sou daí.
Eu: E apanhou quantos anos o “Pedro”?

(4) - Cinco anos e três meses, por tráfico e carta de condução.

Eu: Sem carta de condução?

- Ya, sem carta de condução por (??? imputações legais).

Eu: Tem que idade?

- 21.

Eu: Muito novo. É muito difícil para si, foi uma grande paulada?

- Não porque, já a bem dizer, já tive…com a pouca idade que tenho muita experiência.

Eu: Pois porque com 21 anos, para ter este tipo de pena do tribunal, foi porque o "Pedro", provavelmente teve outras histórias.

(5) - Sim fui apanhado com droga e dinheiro, na "zona X", no "bairro D" e levei pena suspensa. Conhece?

Eu: Sim conheço.

- Já vi que conhece bem a "a cidade F" e… levei pena suspensa desse processo entretanto…

Eu: Era menor? Menor legal, ou seja tinha menos que 18 anos?

- Fui apanhado um dia antes de completar os 18.

Eu: Isso é que é uma sorte!

- E deram-me… eu sai em liberdade por causa disso, a juíza disse derivado ao facto de o individuo ainda lhe faltar…

Eu: Peço desculpa mas eu vou-me desviar, por causa que me está a bater o sol.

- Derivado ao facto de você ainda não ter completado os 18 anos, tome lá esta prenda vá-se lá embora e deu-me apresentações e não sei quê, ya.

(6) Eu: E desde essa altura você voltou a reincidir cometendo o mesmo tipo de crime?

- Ainda trabalhei durante uns tempos mas derivado ao facto de pagarem pouco, tive que optar por esse caminho.

(7) Eu: E o "Pedro"… Nós sabemos que quando se opta por esse estilo de vida, tem a ver com obter mais dinheiro e mais rápido, porque problemas você tem-nos na mesma… (Sujeito ri-se) em todos os sentidos, mas o que é o que o fez no primeiro momento começar a vender, foi… ter problemas económicos, vir de um bairro pobre, ter muitas dificuldades…

- Não por acaso, não sou desses felizardos *né*, posso dizer contemplados *né*, em que a minha família não tem essa situação de ter problemas graves económicos como eu vejo por ai, nesta cadeia há muitos que tem essa situação de não ter uma família que apoie, não ter visitas, essas coisas *ya*. **(8)** Eu posso dizer que o meu pai é empreiteiro tem

posses, a minha mãe não tem muitas posses mas tem o suficiente que dá para governar a vida.

(9) Eu: E vivem do seu trabalho.

- *Ya*, a minha mãe tem tipo um café, a bem dizer sim, tem as coisas dela ya e dá para sustentar…

(10) Eu: E foi porquê também, tem os seus amigos todos, ou na maioria fazem esse género de vida, consomem…

- Não, os meus amigos na maior parte, naquela altura viviam, vendiam né, eles tinham carros e andavam bem vestidos, tipo roupas assim…

Eu: E foi isso que o atraiu?

(11) - Eu podia, eu penso que se pedisse à minha mãe dinheiro para comprar roupa ya eu podia comprar mas era uma peça agora e se fosse preciso lá para o outro mês depois comprava outra peça.

(12) Eu: E aquilo deu-lhe outro poder, digamos assim?

- Ya, vendíamos algo que podia, chegar aqui o meu sócio e dizer vou ao Colombo, vou comprar roupa, epá e eu já cheguei ao ponto de dizer, vamos os dois.

Eu: Porque tinha efectivamente dinheiro para decidir quando ia ou não…

- Ya.

Eu: Mas o que é que leva um jovem agora com 21 anos, mas quando foi acusado digamos assim, tinha 19. Teve em preventiva nalgum sítio à espera de ser julgado.

- Na "E.P. da cidade P".

Eu: Eu estou só a tentar organizar o seu discurso, para nós sairmos um pouco daqui da questão das drogas.

- Ya, foi na "cidade P". Tive 3 meses em preventiva em três (???).

Eu: Não lhe deram uma medida de coacção menor?

- Deram-me, deram-me apresentações, mas eu faltei. Essa cadeia tipo esta pena que eu tou a cumprir, a culpa é minha. Deram-me apresentações, e o meu réu ficou detido, porque ele foi mesmo apanhado com estupefacientes, não sei quê, eu só fui apanhado com dinheiro, ele assumiu logo aquela droga que apareceu porque realmente era dele, ya mas como eu não fui às apresentações, as primeiras três foram logo buscar-me a casa.

(13) Eu: Porque é que não foi? Um ano e meio aqui transformou-o?

- Achava que não me ia acontecer nada. Transformou-me…e muito!

Eu: Muito!

- Eu quando entrei aqui ui! Não era assim como tou agora…

(14) Eu: Continua sorridente, mexe consigo em que sentido estar aqui? Estar privado de liberdade não poder sair daqui?

- O que mais me custa… (emociona-se) o que mais me custou e custa foi não poder ter assistido ao nascimento do meu filho, e não poder ter presenciado o primeiro dia, quando ele fez o primeiro ano de vida e não poder acompanhar o crescimento dele… (emociona-se).

(15) Eu: É a sua actual companheira, ou vocês separaram-se quando veio para aqui? Ou continua a manter…

- Não separei-me dela quando ele nasceu, mas já estava preso.

Eu: E têm uma relação amigável? Ou seja conseguem manter uma conversa, falar um pouco?

- (Abana a cabeça negativamente)

Eu: Não!

- Falo… falo o estritamente necessário mas…

(16) Eu: Mas por exemplo, para eu perceber de onde é que o "Pedro" veio? O "Pedro" tem mais irmãos, como é que é a sua família? Já chegamos ao seu filho.

- Tenho o meu irmão mais novo, da parte da minha mãe…

Eu: Com que idade?

- 18 anos.

Eu: 18 anos, tem idades próximas já é um…

- Adolescente.

(17) Eu: E dá-lhe conselhos?

- Por acaso ele teve preso, saiu.

Eu: Ele já esteve preso?

- Já.

Eu: Pelos mesmos motivos?

- Não, não… por roubo mas foi absolvido. Eu pensava que… o meu irmão era assim um caso mais ou menos grave.

(18) Eu: Por causa do feitio, da personalidade? Você tem uma personalidade que se dá mais facilmente com as outras pessoas!

- Já, já me disseram isso, que eu chego até às pessoas.

Eu: Sim. E como é o seu irmão, é parecido consigo? Tem uma personalidade mais revoltada, mais rebelde?

(19) - Muito mais calado, ele não se dá assim muito com qualquer pessoa.

Eu: Como é que você o define?

- O meu irmão?! Agora, depois de ter saído de cana, considero ele um Homem.

Eu: Um Homem! Ele teve quanto tempo…

- Um ano, quase dois anos.

Eu: Vocês tem os dois, quase… as mesmas semelhanças. **(20)** E você acha que a passagem por aqui transforma muito uma pessoa?

- Transforma, se uma pessoa quiser, se deixar transformar senão não transforma.

Eu: E a si serve como exemplo?

- Sim.

Eu: Não quer dizer que não vá ter as mesmas escolhas as mesmas decisões. E como é a zona onde vivia?

(21) - É aliciante. Oh! Se é. É uma zona onde é normal haver muita droga.

Eu: E assim que você sair, e o começarem a ver na zona…

- Vão-me procurar… (silêncio)

(22) Eu: Não entrando por ai, a passagem por aqui dá-lhe vontade de chorar, desespera uma pessoa, o contar os dias, os dias serem enormes. Fale-me um pouco da passagem por aqui do que você sente, o que é importante para o "Pedro". Isto é o que eu mais oiço, mas cada pessoa sente as coisas de forma diferente.

- Ya, mas às vezes também…

Eu: Em relação ao seu irmão você disse que sente que ele saiu de lá como um Homem, cresceu. Mas há prisões e prisões.

- Pois porque ele as coisas que fazia e derivado ao curto espaço de tempo que teve lá eu disse ya ele vai sair e voltar mesmo a repetir, mas enganei-me redondamente.

Eu: Enganou-se redondamente, voltou à escola, quis trabalhar sério?

- Trabalha sério, ele deixou essa vida de "cowboiadas", começou a ficar mais em casa, tipo arranjou a internet e a maneira…

(23) Eu: A distrair-se de outra maneira. E você para além desse irmão, você tem outro?

- Tenho mais dois da parte do pai, que são mais velhos.

Eu: E dá-se bem com eles?

- … Não porque, foi porque … a partir do momento que eles me puseram na rua que eu enveredei para a vida da delinquência.

(24) Eu: E vamos falar um pouco disso, da sua família. Porque já percebi um bocadinho do porquê de estar aqui detido. O "Pedro" foi uma criança que viveu sempre com os seus pais? Com o pai e com a mãe?

- Não vivi sempre com a minha mãe durante catorze anos.

Eu: Catorze anos. E como vai parar à rua? A sua mãe juntou-se?

- Não, foi assim eu fui de férias para o meu pai tipo que era miúdo ainda, eles tavam separados e o meu pai não me levou mais e entretanto fez a minha transferência de escola e não sei quê, morei com o meu pai durante sete anos…

Eu: Foi bom?

- Ãh! Em momentos foi.

(25) Eu: Para si qual o melhor, aquele que lhe dá mais carinho?

- A minha mãe.

Eu: A sua mãe! E ela é uma pessoa afectuosa para si? Qual é assim a representação que tem da sua mãe?

- Eu à frente da minha mãe só ponho o meu filho.

Eu: Agora está a emocionar-se a falar sobre isso porquê?

- Saudades…

(26) Eu: E como é o seu pai? O comportamento dele? É uma pessoa calma?

- É muito rígido.

Eu: É muito rígido.

- Não é flexível.

Eu: É uma pessoa que castigava muito? A sua mãe os castigos como é que eram, mais de sentar e falar?

(27) - Não a minha mãe batia, quando era criança batia mas depois chegou a um ponto já de falar mais com a boca, fazer os pontos negativos…

Eu: E o bater que você se está a referir é aquela chamada palmada…com um chinelo.

- Nãaaaao…achas. Tipo esses fios do poste da luz, a minha mãe fazia uma trança tipo essa da sua mala, fazia uma trança e depois ficava um sitio para agarrar. Era o chamado correctivo.

Eu: E como é que você se sentia na altura? Isso foi em mais ou menos em que idade? Mais ou menos.

- Perto dos onze.

Eu: E depois a sua mãe continuou? Começou a fugir, a tentar escapar? O mesmo correctivo (como lhe chama), manteve-se!

- Comecei, eu não comecei, começou a minha mãe a prender-nos mais em casa. Fechava a porta e não nos deixava a sair.

(28) Eu: E nessa altura ela já tinha esse trabalho no café?

- Não, não. Tipo o café é na nossa casa, ela fez isso depois de ter saído da cadeia, que a minha mãe montou o café dela, para ganhar dinheiro sem enveredar pelo caminho do tráfico outra vez, ya.

(29) Eu: A sua mãe já esteve detida?

- Já, já.

Eu: Teve os mesmos problemas, tráfico de drogas? E quando é que ela deixou?

- Saiu, foi… teve 3 anos, saiu em 2002 da "E.P. de S".

Eu: Ok, então vamo-nos organizar. Você estava-me a descrever a sua mãe que é das pessoas mais carinhosas que você tem e é aquela que nunca o abandonou…

- Até hoje. Mesmo presa, a minha mãe e eu no colégio e a minha mãe mandava-me dinheiro.

Eu: Sempre foi uma mãe que ligava aos seus filhos?

- Seja onde tiver e em que situação fosse!

(30) Eu: Quando chegou aos catorze anos, onde estava aqui o seu pai na história?

- Aos catorze anos estava com ele. Não minto, aos catorze anos foi quando sai do colégio.

Eu: Você teve num colégio e foi a tribunal?

- Hum, hum.

Eu: E foi assim quando a sua mãe esteve detida? Quantos anos?

- 3 anos e meio.

Eu: 3 anos e meio! Muito duro também, com filhos pequenos, o seu irmão mais pequenino.

- Sim o meu irmão tava lá fora, eu tava no colégio.

Eu: Lá fora aonde?

- Com o meu padrasto. Ya.

Eu: E você no colégio, já passou por muito. No colégio como é que o tratavam?

- Não por acaso no colégio, (sorri), "na cidade M" e até no dia que foi para me vir embora, havia lá um…dois monitores, que disseram ao me pai para me deixar que eles ficavam comigo, eu chorei não queria vir embora de lá… criei laços.

(31) Eu: Teve lá quanto tempo? Três anos e tal, o tempo que a sua mãe teve…?

- Um ano. Não tipo a minha pena era de três e depois fiquei um ano e meio no colégio.

Eu: Um ano e meio?

- Ya.

(32) *(Somos interrompidos por uma guarda prisional)*

Eu: Hoje quando chegar perto das dez para o meio-dia, eu vou pedir para sair para não levar reprimenda e depois da hora de almoço nós vamos continuar a conversa. Podemos falar mais um bocadinho?

- Ya, ya.

Eu: Eu depois digo à subchefe para o trazer aqui, e ver qual a hora e a possibilidade de vir aqui.

- Sim eu saio às 14 horas.

(33) Eu: Até lá vou continuando. O seu pai como é que é para si, como era, qual a representação que tem dele desde criança?

- Era o meu pai, quando era pequenino eu queria era o meu pai, tudo o meu pai e férias com o meu pai mas depois de ir morar com ele já (pchiiuu, faz um som de desaprovação). Vinha da escola não saia e não podia andar de bicicleta porque rasgava as calças na roda pedaleira e…

Eu: Não se sentia uma criança…

- Uma criança tem que se sujar, tem que conviver, ya e eu não sentia isso.

Eu: O que acha que o seu pai lhe transmitiu de bom que você queira passar para… como se chama o seu menino?

(34) - "Ricardo".

Eu: Bonito nome. O "Ricardo" tem que idade?

- Ya. Tem um ano e sete meses mais ou menos.

Eu: Já tinha nascido quando você veio para aqui?

- Não.

Eu: Você está aqui mais ao menos há esse tempo, viu-o nascer?

- Eu quando entrei preso, faltava três meses para ele nascer?

Eu: E foi vê-lo nascer.

- Não o pude ver já estava aqui.

Eu: E como foi que se sentiu?

- Eu no dia que a juíza decretou prisão preventiva, tava lá o meu padrasto e a mãe do meu filho, ela quando estava a sair da sala de audiências, virei-me para ela e disse agora é a senhora que vai registar o meu filho.

(35) Eu: Porque ficou revoltado, por ter coincidido com aquela altura?

- Ya.

Eu: Desde o momento que foi condenado e já sabia o que lhe ia acontecer até agora, já aconteceu algum incidente?

- Aqui, ai! Ai! Na primeira "E.P." já tive castigos, aqui…

Eu: Castigos mais ou menos porquê? Na ligação com os outros?

- Não é mais com os guardas.

Eu: Mas tem problemas com as figuras de autoridade, com as regras? Um pouco à semelhança da relação que tinha com o seu pai.

- Não as regras, eu tou consciencializado que tou preso e por isso não há muitos direitos, muitos benefícios, né. Mas prontos há certos guardas aí que tipo, fazem mesmo questão em demonstrar que um gajo é inferior porque está preso que… **(36)**

(Interrupção por uma guarda prisional que o vem chamar, porque a chamada vai ser feita)

- Ela não é preciso avisar, quando é para ir embora toca a campainha.

(37) Eu: Você estava-me a dizer que os guardas o fazem sentir que está preso humilhando-o, da maneira como falam para si por exemplo.

- Sabe, eu falo por mim, eu para ganhar certo respeito de certos guardas ai eu tive que ser malcriado, arrogante, agressivo.

Eu: E já tentou pela outra via. O tentar ainda que não dê confiança, tentar-se distanciar não procurar problemas e agir de uma maneira inteligente.

(38) - Foi o que eu tentei fazer. Mas havia coisas que lá fora nem se atreveriam a fazer, aqui tenho que aguentar.

Eu: E que coisas são essas?

- Falarem como querem tipo para um gajo, levavam logo um correctivo.

(39) Eu: Você apanhou quanto tempo desculpe?

- Cinco e três.

Eu: Cinco anos e três meses. Você com dois terços da pena cumpridos há possibilidade de sair?

- Sim em 2010.

Eu: Então quanto melhor for o seu comportamento mais fácil será disso acontecer.

- Sim eu quando comecei a ver que cada vez que chocava com eles é que perdia, deixei-me disso, até que eu cheguei ao ponto que comecei aqui a trabalhar fora. Olhe até quando estive na observação lá no regime que se chama de entrados, quando as pessoas

entram. Vinham e ficavam 15 dias e pouco mais, eu meses. Ya uma pessoa muda de atitude. **(40)** Era castigo atrás de castigo, eu em 3 meses só tive 15 dias aberto.

Eu: Com as outras pessoas?

- Ya. É só uma hora de pátio, sem estar com os outros sem televisão na cela, passar 23 horas fechado. É uma experiência de tornar alguém…um bicho, a minha sorte é que eu estava virado para o pátio né, e tando na cela o pessoal quando está aberto ia lá abria a tampa e ficava a falar.

Eu: E como é que você nesse contexto foi lidando com a situação, estando encarcerado, em sistema de clausura como foi aprendendo a lidar, em que é que pensava, para se abstrair dado que estava tão habituado a estar sempre rodeado de gente?

- Não tipo eu ficava…punha-me a falar com outros reclusos que estavam de frente para a minha cela, ficava a falar até às 22horas, onze, às vezes passava das 22horas, ainda estava na conversa.

Eu: As luzes são desligadas a essa hora?

- Não, não.

Eu: E quanto tempo esteve assim?

- Dois meses e 15 dias.

Eu: Dois meses e tal que esteve cá?

(41) - Sim em três meses que estive aqui, muito tempo. Mas muitos dos castigos que apanhei, foi... ya eu também quando cheguei bati logo mal com isto e tive problemas, mas havia certas coisas que eu não fiz e disseram que eu fiz, por eu ter sido agressivo no inicio, toma castigo, toma castigo.

Eu: E porque essa agressividade?

- Por tudo o que ficou lá fora.

Eu: E houve mais alguma pessoa enrolada no processo, que acha que tenha havido injustiça.

- Só mais uma.

Eu: Perguntei isto porque por vezes nem todos os reclusos são acusados da mesma forma nem com a mesma pena.

- Pois, porque o meu advogado daquele processo que eu fui apanhado com dinheiro e droga, se isto fosse em Lisboa ou fosse um advogado que não fosse oficioso, era absolvido e o outro como era réu primário era suspenso, foi o que me aconteceu, como eu era primário fui suspenso, mas desta vez já não. Este advogado conheci no dia que

fomos apanhados, no dia que fomos apanhados ya, ele ainda se mexeu não sei quê mas se fosse mais persuasivo talvez…

(42) Eu: Fosse libertado?

- Não ele pediu absolvição, por eu não ter sido apanhado com nada, só com o dinheiro, e nem era uma quantia elevada eram só 300 euros, porque felizmente tinha guardado as minhas coisas só ia na pensão buscar. Eu tinha 300 euros tava dentro do carro, e o meu "creu" tinha lá deixado tipo a gente diz a loja, que é onde tem os pacotes para vender, tinha deixado lá para…mas eu não sabia que estava lá, e eles ai por eu estar no carro sozinho e nem estava no lugar do condutor e estava no lugar do pendura, disseram que o carro era meu e a droga era minha mas o meu "creu" assumiu tudo, que a droga era dele e que eu não sabia que estava lá e por acaso eu não sabia mesmo, porque ele andou o dia todo com aquilo no bolso e tinha deixado por acaso no carro.

Eu: E eles juntaram uma coisa à outra.

- E eu como disse que não sabia o que era aquilo e o juiz baseou-se de eu já ter tido problemas com isso.

Eu: Está-se a referir aos antecedentes.

- O juiz baseou-se nisso, disse que derivado ao facto de já ter problemas com isso e não querer reconhecer que a droga era sua, e deixar o ser "creu abrufunando" e assumindo tudo, porque ele foi apanhado com droga na pensão, obviamente ele ter sido apanhado com droga na pensão ele tá-lhe a tentar safar, por isso está-se a agarrar ao que estava no carro.

Eu: Juntou as coisas, umas com as outras.

- Ya, o juiz baseou-se nisso.

(43) Eu: E como é que é o "Pedro" hoje, enquanto pessoa? Temperamento, comportamento.

- Mais calmo. Muito mais calmo.

Eu: Muito mais calmo. E como era lá fora?

- Agressivo, não ponderava nada, agia na hora. Impulsivo, agia na hora. Aqui tou mais, como hei-de dizer precavido também.

(44) Eu: De comportamento, não estamos só a falar da experiência, vai mudado?

- De comportamento vou e muito mais.

Eu: E consegue ter visitas aqui, da sua família? Qual foi a última vez que viu aqui alguém?

- A última vez foi há 15 dias graças a Deus.

(45) Eu: Como se sente?

- É bom para mim, fico feliz.

Eu: E tem visto o "Ricardo"?

- Não agora não tem vindo porque estão-me a criar dificuldades, porque a mãe dele não me dá a certidão de nascimento para fazer o cartão. E eu pedi aqui autorização para poder levantar ai. E ela joga com isso, derivado ao facto de ele tar agora com a minha família, não tar com ela, ela joga com isso. Porque dás-me ele, e isso tipo de conversa, mas eu como não quero dar, então não faz mal não vejo o meu filho mas sei que ele tá com a minha mãe tá bem.

Eu: E como é que é a sua relação com a sua ex-companheira? Porque ela vai ser sempre a mãe do seu filho. E o "Ricardo" é o "Ricardo", e a mãe do seu filho sempre será a mãe do seu filho.

- Ya, ya. Isso é uma coisa que não dá para negar. Ela será sempre a mãe do meu filho, é para a vida.

(46) Eu: O que sente em relação ao "Ricardo"? O que é que sente que pode transmitir de bom? Até mesmo quando sair daqui. O que é que sonha? Tem 21 anos tem que ter sonhos.

- Tenho muitos. O que eu sonho… tipo o que eu sonho… gostava de um dia ya poder ver, ou poder tar com o meu filho ele já crescido e olhar para trás e dizer ya o meu pai já foi isto mas agora é isto (faz um gesto comparativo de inferior, passando para superior).

Eu: Já pensou que dado ao seu percurso e à sua vida, vai estar muito mais atento ao seu percurso e à vida do "Ricardo", ver com quem ele se dá, vai ter outro tipo de conhecimentos. **(47)** Porque na sua família a sua mãe como já teve esse percurso ela já estava mais informada que a maioria dos pais. Ela percebeu o que se estava a passar ou foi só mais tarde?

- Começou, a minha própria mãe disse, vais-te queimar olha que isso não é vida já viste o que aconteceu comigo. Sei que isso dá dinheiro e não sei quê, mas trabalha, tira um curso ou então agarra junta um dinheiro e vai-te embora, vai trabalhar lá fora porque lá fora ao menos sabes que trabalhas e sabes que és "pagado em dinamite!"(???), ya essas coisas.

(48) Eu: Foi isso que ela transmitiu de bom, que você quer transmitir ao seu filho?

- Eu quero, o que eu vou dizer ao meu filho olha… eu não vou fazer que nem o meu pai fez, que é agressão, agressão atrás de agressão (emociona-se)

Eu: O seu pai batia-lhe muito?

(Silêncio profundo)

- Ya…

(49) Eu: É difícil falar disso “Pedro”...

- Ya, uma beca.

Eu: Ainda está tudo muito fresco dentro de si, essa revolta?

- Não é fresco, o meu pai para mim é uma pessoa normal… banal.

Eu: E você vai ser uma pessoa que vai tentar educar como?

- Vou dar umas palmadas mas não vai ser na base da porrada. Uma coisa é bater para educar. Vou-lhe fazer ver sempre as coisas.

(50) Eu: A porrada serviu para quê?

- Para criar mais raiva.

Eu: Por isso é que começou a tratar as outras pessoas assim, a tal agressividade que disse que tinha, que era uma pessoa muito agressiva muito impulsiva.

- Pode-se dizer que sim…

(51) Eu: Que tipo de maus tratos é que lhe dava o seu pai, você ainda teve um tempinho com ele.

- Ya, o meu pai batia-me por chegar tarde, eu saia da escola né e brincava um bocado com as minhas amigas e distraia-me assim das horas devido ao facto de estar encarcerado em casa. Uma pessoa quando saia queria era esticar as asas. Saia da escola às 6h30 chegava a casa às 9h00 levava, não entendia tipo dizia que ia para a casa do meu colega, batia, também faltava à escola batia.

(52) Eu: E batia-lhe com a mão, ou usava objectos?

- Não objectos, o meu pai já me chegou a bater com faca, cortou aqui o tendão (aponta para um enorme cicatriz na mão e outras nos outros dedos), em que o médico disse que se ficasse mais 20 minutos a escorrer sangue tinham que me cortar o dedo.

Eu: Mas que idade é que tinha quando ele o agrediu dessa forma?

- Já foi depois do colégio, acho que já tinha 15 anos.

Eu: O que é que sentiu?

- Naquele momento…

(53) Eu: Ficou baralhado? Como é que o seu pai podia estar a fazer aquilo consigo?

- Ya, claro e o que é mais incrível é que ele deu a primeira, deu a segunda e queria dar a terceira, se não fosse o meu irmão mais velho eu estava desgraçado.

Eu: Essa facada, que tem ai (aponto), foi em termos defensivos? Queria chegar ao seu peito, ou cara?

- Não foi assim, eu agarrei o objecto que ele estava a bater, e ele disse não largas, eu respondi népia vais-me bater, e eu sempre vais-me bater vais-me bater, vais-me bater, fiquei em pânico. Ele só dizia não vais largar, não vais largar, não vais largar e ele é pequeno e forte mas encorpado. Ele agarra na faca vira ao contrário, com a lâmina para cima, ele diz não vais largar e eu só dizia não porque vais bater-me. Ameaça só assim um raspão e fere-me nesta mão (aponta para a esquerda), depois na outra volta a acontecer o mesmo e ele volta a fazer-me outro corte porque eu não largo, e depois espeta, e eu não dou conta logo, e quando abro a mão, sai um esguicho de sangue tipo flecha.

(54) Eu: E o que é que ele faz a seguir a isso, fica em pânico?

- Não ai é que está, ele ainda fica mais maluco, assim que vê isso e eu a tentar defender-me dá-me outra porque eu tento agarrar o chicote assim (vai exemplificando com gestos). Eu puxo assim e ele tomas dá-me outra, por isso tenho estas cicatrizes.

Eu: O que era o chicote?

- Era um cabo que ele usava para nos dar…

Eu: E foi a primeira vez que ele usou uma faca?

- Foi a primeira vez que usou a faca.

(55) Eu: E tem muitas histórias de maus tratos na sua vida?

- Com o meu pai ya. O meu irmão mais novo, quando ele tentou que ele fosse morar com a gente, naquele tempo que ele era rebelde, tipo um delinquentezito, ele roubou 50 euros da senhoria daqui da casa. Assaltou a senhoria, tempo que dinheiro é ilusão e apanhou 50 euros e saiu para fora a vizinha do 2º andar **(56)** viu disse ao meu pai deu-lhe durante uma hora, descansou sovou-o por mais uma hora, descansou, voltou-lhe a dar, voltou a descansar…

(57) Eu: Como ficou o seu irmão em termos de aspecto?

- Ficou todo inchado. Levou murros, levou com aquele chicote que o meu pai me bateu.

Eu: E que idade mais ou menos tinha o seu irmão?

- Para ai uns doze, treze.

Eu: E conseguiu-se defender?

- O meu irmão era novo, não conseguiu o meu pai é um senhor forte…

Eu: Com estas situações sente que o seu pai gosta de si?

- Népia.

(58) Eu: Porque diz que não?

- …Por tudo o que me fez. Porque foi assim, ele bateu-me na mão, fiquei com aquelas dores, e no dia seguinte fui trabalhar porque já não estava na escola, fomos trabalhar e o meu irmão fica em casa, eu durante um ano e tal fui sempre certinho trabalhador todos os dias para ele, e o meu irmão agarra no dia seguinte e xau foi-se embora, fugiu, ele tipo durante a noite ele tipo… eu estive a ver o meu pai agredir o meu irmão e não pude fazer nada senão levava também. Pois durante a noite nós dormimos na mesma cama e ele fazia-me perguntas de onde era o autocarro e como é que é... e não sei quê e eu expliquei-lhe, porque eu não sabia que ele ia-se embora. No dia seguinte viemos do trabalho ao meio dia e foi-se embora.

(59) Eu: E foi para onde?

-Voltou para a "cidade F".

Eu: Para a sua mãe?

- Ya, mas a minha mãe já estava detida tava lá o meu padrasto

Eu: E como é o vosso padrasto?

- Ele tipo a minha mãe foi presa, tomou conta do meu irmão, da casa, eu tava no colégio em "cidade Q" ia ver o meu irmão e não faltava nada, depois eu estava no colégio a minha mãe detida e ele ia-me ver em "cidade Q", ele foi o mais próximo de um pai que tive.

Eu: Porquê que acha que o seu pai era assim para os filhos? Porque é que ele não sentava e falava convosco?

- Ele achava que assim não íamos lá.

(60) Eu: E por exemplo, maus tratos psicológicos, chamar-vos nomes, gritar?

- Aí isso ai então era o prato do dia…

Eu: E ainda é assim consigo?

- Não, ele agora… eu falo com ele como se tivesse a falar com um homem… com um homem qualquer.

Eu: Você agora perdeu o limite pai-filho.

- Ya.

Eu: Isso foi porquê? Por levar muita porradas?

(61) - Muitas porradas e derivado a muitas situações. O meu, tipo a família do meu pai a maior parte é estudantes universitários, uns estudam em "cidade T" e outros são engenheiros outros arquitectos, e ele queria que eu e o meu irmão levássemos essa vida, mas ya nós escolhemos outro caminho e ele achava que batendo íamos ser diferentes.

Eu: O se pai vem de uma família, onde existe violência, por exemplo o seu avô.

- O meu pai dizia à boca cheia que desde que ele se lembra só lhe bateram uma vez, que o meu falecido avô só lhe bateu uma vez. Mas eu não acredito, para mim ele teve esta educação também.

(62) Eu: E problemas com álcool, drogas?

- Não nada disso, tipo você vai na zona onde ele mora e ele é uma pessoa muito respeitada.

Eu: E alguém tinha conhecimento do que ele vos fazia?

- Não só a minha madrasta, ex-madrasta.

Eu: Ex-madrasta? Eles desentenderam-se, ela abandonou-o?

- Não eles acabaram.

(63) Eu: Ele era violento com ela? Nunca lhe bateu?

- Não a ela não, mas há minha mãe sim.

Eu: Isto para perceber se era só com vocês ou não. Se ele perde o temperamento?

- Por acaso, ele perde o temperamento bem rápido.

Eu: É impulsivo, agressivo. Acha que essa impulsividade já está em si?

- Acho que sim.

(64) Eu: Mas "Pedro" partilhou comigo que queria dar uma educação diferente ao "Ricardo"…

- E quero, quero.

Eu: O que acha que o seu pai lhe transmitiu de bom e de mau que vá fazer ao "Ricardo" e aquilo que não quer?

- Prender, nunca prendia, bater também nunca batia, dar-lhe mais liberdade, mas ao mesmo tempo que lhe dou aquela liberdade mostro-lhe os limites e mostro-lhe o caminho, olha se fores por ai vais-te dar mal. Como se diz quero ser uma mente aberta com o meu filho.

Eu: É isso que você deseja?

- Ya.

(65) Eu: E o que é que a sua mãe transmitiu a si de mau que você não quer passar ao "Ricardo"?

- A minha mãe já teve problemas com álcool, antes de ser presa…

Eu: E foi tratado esse problema, já não bebe?

- A minha mãe bebia antes de ir presa, entrou presa deixou de beber.

Eu: Fez um tratamento.

- Por um lado eu digo…

Eu: Ela esteve presa onde?

- Em “E.P. X”. E por um lado ainda bem que ela foi presa porque largou o álcool e a vida dela encaminhou.

Eu: E quando é que ela começou a beber?

- Era eu muito novo e a minha mãe já bebia.

Eu: E álcool interferia com a vida dela? Ou seja, ela não trabalhava, você disse que antigamente ela tinha outro género de vida.

(66) - Não quando deixou de vender peixe, que a minha mãe era peixeira, já trabalhou em “zona d” na… (tenta lembrar-se, estala os dedos), dentro de uma estufa, uma estufa que há lá bem grande. Eu já me esqueci o nome daquela merda, mas é uma estufa de plantas, tá a ver plantações e assim. Também já trabalhou no mercado de “zona b” como, na limpeza, no final do dia a minha mãe limpava, ajudava.

Eu: E como é que a sua mãe passa de trabalhos honestos para começar a ter acesso a droga, o “Pedro” disse-me que ela não consumia, há semelhança do “Pedro” que sem **(67)** ser haxixe não consumia?

- Ya, só haxixe.

Eu: E como passa do consumo de haxixe à venda de heroína?

- Havia pessoas que davam para vender. E o que havia mais no bairro era cocaína e heroína.

Eu: E tinha acesso a drogas sintéticas?

- Tipo MD e pastilhas mas era pontualmente. O que davam mais era heroína, cocaína e fumos que era o que eu consumia. Quer dizer davam entre aspas, vendiam.

(68) Eu: E porquê a heroína, que tem o maior rasto de destruição?

- Era o que havia com mais acesso. A minha mãe vendia as duas também, mas não consumia. Era plo dinheiro. Por acaso eu já vi coisas, situações, já vi pessoas no meu **(69)** bairro, em pleno meu bairro havia um rapaz que se chamava “Tó”, foi das primeiras pessoas do meu bairro a mexer com droga e ele ficou viciado, porque tipo é assim o último dia, o dia antes de ele morrer durante a madrugada, eu fui a última pessoa a falar com ele, tipo da rua memo. Lá na casa dele, a avó dele foi a primeira pessoa a vender droga a mim. E eu tava ali muito parado na casa da avó dele, por ali ya era onde os drogados nem todos, só os mais… tipo aquilo era uma família e na maioria todos eram consumidores, e consumidores de longa data já iam ali, em vez de irem consumir em casa consumir, iam ali e depois iam para suas casas.

Eu: O aspecto dessas pessoas ficou-lhe na cabeça?

(70) - E não só, eu estava-me a ir embora era salvo erro duas e tal da manhã, lembro-me porque me marcou. Eu estava-me a ir embora para casa e ele estava a entrar para casa falava um bocado e depois ficava assim (faz um som a imitar dificuldades respiratórias, arfar), ele começou a falar comigo a dizer as coisas que davam cadeia e não sei quê e nessa altura ele roubava ia para a baixa da Amadora, tava a desabafar… e continuava assim aflito. E eu ainda perguntei, vê lá se queres que chame a ambulância, eu via que ele não estava bem mas como ele disse que não precisava eu não insisti, mas eu via que ele não estava bem…ya, ele começou a dizer outra vez o que dava cadeia, as coisas más para a vida de uma pessoa, conselhos mesmo. Eu desde esse dia… mas prontos ya continuando, eu fui-me embora e no dia seguinte, eu venho para cima e ouve-se toda a gente a chorar e não sei quê, ele podia ser drogado mas era boa pessoa.

Eu: Ser drogado, não faz as pessoas más necessariamente.

(71) - Ya, ele dizia muitas vezes, nunca se metam na droga olha como é que eu tou e não sei quê.

Eu: Ele era toxicodependente há muitos anos!

- Ele devia ter quase uns trinta, mas você dava-lhe 12, baixinho, magrinho, branco. Ya e depois eu vi toda a gente a chorar e não sei quê. E pergunto o que é que se passa, o que é que se passa? O "Tó", o "Tó", eu ontem deixei-o aqui bem em casa, fui a última pessoa a falar com ele. Ele morreu, diziam as pessoas. Desde essa altura… eu entrei dentro de casa, eu subi no primeiro andar e ele morto assim (faz um gesto), desde essa altura ainda mais eu disse para mim que nunca ia tocar nessa merda!

(72) Eu: Importa-se de continuarmos à tarde?

- Népia, népia.

Eu: Para terminarmos, o que falta. Eu vou acompanhá-lo lá fora. Foi muito aborrecido para si, como se sente?

- Nada disso, fez-me muito bem, desde que eu tou preso eu ainda não falei assim com ninguém, faz-me bem é bom assim para a minha cabeça, obrigada.

Eu: Eu é que agradeço, continuamos à tarde.

<u>2º Momento da Entrevista</u>

Eu: Obrigada por ter vindo de novo, vamos tentar explorar mais algumas questões ligadas ao que falamos de manhã.

- Ok.

(73) Eu: Há pouco disse-me uma coisa como, "os seus irmãos mais velhos expulsaram-no de casa". Porque é que isso aconteceu?

- Como em assim?

Eu: Você em pequenino, vivia com a sua mãe, os seus pais juntos.

- Ya, até hoje.

Eu: 13, 14 anos.

- Não…

Eu: Mais ou menos.

- Até aos… tipo o meu pai saiu de casa tinha eu três anos.

Eu: Três?

- Ya.

(74) Eu: E depois constitui outra família. Os seus irmãos são mais velhos?

- Sim mas ya eles tem, um de Cabo-verde que já tem trinta ou quê e o outro tá na casa dos trinta, mas já é família que o meu pai teve em Angola e não sei quê.

Eu: E são mais velhos. E da sua mãe?

- Da minha mãe foi esse meu irmão, o "João"

Eu: E como é que você vai parar a "cidade q"? Foi alguma pena que cumpriu, tinha-me falado em 1 ano e meio, ou 2 anos que levou mas acabou por não cumprir porque levou pena suspensa.

(75) - Não, cumpri mesmo.

Eu: E que género de estabelecimento era? Uma prisão?

- Como é que se diz…

Eu: Uma prisão escola?

- Não, não é aqueles colégios de reinserção social. Tipo aqueles que uma pessoa só sai de férias.

Eu: Foi diferente?

- Sim eu aqui não posso sair. E lá podia, se o monitor pedisse eu podia passar o fim-de-semana com (???).

Eu: E esse ano e tal, coincidiu com a sua mãe estar presa?

- Sim eu tava preso, sim tava preso! Já tava… quando tava no colégio foi quando o meu irmão me ligou a dizer que a minha mãe tinha sido detida até partiu os dois dedos mindinhos ao soco à parede…

Eu: Por ter sido detida?

- Ya.

Eu: Diga-me uma coisa, o “Pedro” explicou-me que a relação com a sua mãe nunca foi igual à do seu pai, o “Pedro” estudou até que idade?

- Sai de “cidade q” com 14 anos, fui para “cidade d” e estudei 15, acho que ai até aos 15.

Eu: O que fez em “cidade d”, também foi escola?

- Ya, sai do colégio de “cidade q” onde tive um ano e tal e depois fui para “cidade d” naqueles centros de apoio e quê.

Eu: E porquê?

- O tribunal tinha-me mandado para lá. Mas gostei mais é de tar em “cidade q”.

Eu: Como foi a experiência?

- Não aquilo tipo foi mau porque é aberto, uma pessoa tipo tem o dormitório, vai para o centro, **(76)** durante o dia vai para a escola e não sei quê, é aberto posso ir onde eu quiser, até às 5 e meia da tarde posso andar posso fazer o que eu quiser, posso até não ir à escola. Podia andar com quem quisesse.

Eu: E fez a escola até que ano?

- Passei para o oitavo, mas foi naquela altura que saiu aquelas coisas das três faltas chumba-se.

Eu: E chumbou no oitavo ano?

- Ya (???).

(77) Eu: E aqui voltou a retomar os estudos aqui?

- Sim, andei 15 dias, depois discuti com o “chefe B.” e depois por ter discutido com ele, lixei-me. Houve pessoas que faziam coisas piores e não foram expulsos da escola mas como eu já estava queimado né, dos castigos e não sei quê lá arranjaram uma falcatrua e expulsaram-me da escola, nunca me deram um motivo aparente.

Eu: Essas agressões foram de que tipo?

- Não só foi mesmo na verbalidade.

Eu: Mas tem oportunidade de voltar a estudar, deram-lhe essa oportunidade.

- Não o director tinha-me dito que podia ser provisório se eu me portasse bem. Mas eu já tou num curso agora, de electricista (???).

Eu: E está a gostar?

- Ya, ao menos aprendo uma profissão e ajuda tipo a cabeça em si… é difícil estar aqui.

(78) Eu: E como é o Sérgio em situações de stress? Como era e como é?

- D´antes quando tipo stressava tinha que descontar em alguma coisa, se não fosse numa pessoa às vezes entrava na cela encostava a porta e punha-me aos socos à porta.

Eu: E o que sentia nessas alturas?

- Tinha que me acalmar, um alívio. Tinha muita raiva, às vezes parece que cego! Uma raiva ya, muito grande não sei de onde vem. Mas era mais activo.

Eu: Como assim?

- Aquilo que à bocado disse, impulsivo.

Eu: E é acompanhada do quê essa raiva? Tristeza, adrenalina… tem que ainda descarregar mais, é muito impulsivo?

- Agora neste momento népia.

(79) Eu: E sente-se capaz de mudar?

- Sinto-me capaz porque lutei sozinho, porque não foi por cá com incentivo, não foi por muda e acontece isto, muda e faz isto, mudei por mim mesmo. Cheguei a um ponto eu tava na cela olho para a foto do meu filho e se continuar assim nunca hei-de ter o que quero. Estou às vezes parecido com o meu pai, não no espancar mas no estar afastado, eu não acompanho-o, não o vejo crescer.

(80) Eu: E o que é que sonha o "Pedro" quando sair daqui? Ainda é uma pessoa nova…

- O que eu sonho é conseguir entregar… como se diz… entregar-me na sociedade.

Eu: Integrar na sociedade?

- Sim.

Eu: E o que é isso para si de integrar na sociedade?

- Ser um cidadão normal como os outros.

Eu: Está a cumprir uma pena que foi decretada pela juíza, quando sair daqui sente-se menos pessoa?

- Não eu não me sinto menos pessoa, mas sei que quando sair há quem me vai torcer o nariz, há quem me vá (???).

Eu: Quais são as dificuldades que vai ter?

- Em arranjar trabalho, vou ficar com um rótulo ya…

Eu: Como acha que vai tentar contornar essas situações?

- É não desistir…

(81) Eu: Não desistir, sem dúvida muito importante. E relativamente ao seu filho, disse-me que estava com a sua mãe.

- Sim. E relativamente ao meu filho é sair e poder proporcionar-lhe mais momentos de felicidade do que aqueles que eu tive.

Eu: Quando sair daqui vai viver com a sua mãe?

(82) - Sim. É que tipo a minha casa é rés-do-chão e primeiro andar. A minha mãe mora no rés-do-chão que é onde é o café e o meu irmão no andar de cima. A minha mãe já tem esse café desde a hora que saiu da prisão.

(83) Eu: E quando sair vai ajudá-la?

- Eu quando estava lá fora às vezes ajudava-a e apesar de andar na minha vida de tráfico a minha mãe às vezes meia-noite e tal, já estava cansada das pernas, que ela tem problemas de pernas, eu ficava ali com os rapazes ajudava.

Eu: Como está a sua mãe? Para além do que me disse que já não bebe, não é?

(84) - Como é que eu hei-de explicar, a minha mãe o único problema que ela tinha era esse, o álcool. Ela dizia que era desgosto da vida e por causa da situação do meu pai, e o meu pai teve posses e não ajudava e não sei quê.

Eu: Não ajudava?

- Houve um tempo, acho que foi dois anos só que nos dava 50 contos e não sei quê, mas andava ai na primeira classe, a partir dai foi sempre a minha mãe só, ele de vez em quando mas era mais umas prendas do que ajudar.

Eu: E sabe se a sua mãe teve uma vida muito sofrida, mesmo antes de vos ter?

(85) - A minha avó materna quando eu tinha cinco anos, mandou-me para Portugal, mandou-me mesmo, que é cabo-verdiana. E depois quando a minha avó estava para vir cá, que ela tinha, tipo uma coisa que já me esqueci como se diz, a barriga incha, parece que está grávida, na altura que ela estava para vir para cá se tratar e a minha avó acaba por morrer no caminho do hospital, em Cabo-verde. Sempre que falava com ela, era quando é que vens, quero-te ver, quero te conhecer.

Eu: Ela não chegou a conhecer os netos?

- Não ela chegou-me a conhecer, eu era pequeno mas eu não me lembro.

(86) Eu: Disse-me que lhe marcou o facto de os seus irmãos o colocarem na rua e por causa disso ter entrado na delinquência, para além disso resumindo, na altura em que vai para Aveiro, teve lá um ano e tal é transferido depois para "cidade d", o que coincide com a prisão da sua mãe, que teve dois, três anos…

- Três anos e meio.

Eu: Três anos e meio na prisão de "E.P. X", e quando sai de "cidade d", para onde vai o "Pedro"?

(87) - Vou viver temporariamente para casa do meu pai, onde viviam os mais velhos a gente dava-se… depois entretanto vou para o pai, começo a trabalhar, depois o meu pai foi de férias para Cabo-verde não me levou, era para ter ido, mas não me levou eu fiquei

cá, comecei a sair a chegar às altas e eles começaram a fazer queixa ao meu pai e o meu pai disse a eles, metam ele na rua…

Eu: E o que você sente nesta altura vê-se com quinze anos….

- Não tinha para ai já uns dezasseis.

Eu: A sua mãe detida, que era a figura mais importante e mais carinhosa para si, e vê-se numa situação destas quem é que lhe dá a mão? Onde dormia?

(88) - Dormia na casa do meu sócio que por acaso tem o mesmo nome que o meu irmão, "João" ya… e somos amigos até hoje. Foi das primeiras pessoas que eu conheci quando fui para a "Quinta do X". Pois por coincidência fomos ficar na mesma turma.

Eu: E o seu pai depois disso?

- Pois eu fui para o centro em "zona P", o meu pai quando vem de Cabo-verde foi-me lá ver, fiquei contente.

(89) Eu: E o que era esse sitio?

- Porta aberta.

Eu: Porta aberta é o quê?

- É para miúdos desfavorecidos assim, de rua, para situações dessas.

Eu: E como chega a esse local? Foi você que foi à procura?

- Não foi a escola, já não tinha cabeça para andar na escola nessa altura.

(90) Eu: Como sobrevivia, já cometia delitos?

- Não tinha aquela coisa, o Sase na escola.

Eu: E o resto, como comia por exemplo?

- Enrolava-me… às vezes por exemplo, o meu pai tinha dois carros, eu conseguia abrir às vezes um para não dormir na rua, dormia no carro dele assim…

Eu: Como encarava o facto de o seu pai ter posses e deixá-lo nessa situação? Vejo que ainda lhe custa muito falar sobre essas coisas, vejo que se emociona.

- Aaaaaaaa… são coisas que eu prefiro tentar esquecer.

Eu: Ele esteve já cá neste estabelecimento?

(91) - Veio cá uma vez. Eu disse muitas coisas que já tinha muita vontade de dizer. Naquela altura senti-me intimidado, mas agora consegui. Uma vez veio de França e perguntou à minha mãe se podia vir cá, e queria deixar dinheiro para o meu filho eu também disse que não quero.

Eu: E porque faz isso?

- É uma maneira de lhe mostrar que não é por ele me ter posto na rua que eu não ia ser aquilo que lhe disse que ia ser. Ele um dia disse-me que o dia em que eu saísse do pé

dele ele me ia ver carocho na rua, e que eu ia passar por ele e ele ia fazer de conta que não é meu pai (emociona-se).

Eu: Isso magoou-o muito?

- Ya, porque se fosse outro passava-me ao lado.

Eu: E com o seu filho, era capaz de reagir assim?

- Népia.

(92) Eu: Como reage o seu irmão com o seu filho?

- Ui! É o pânico, é um tio babado. Cada vez que vai às compras, às vezes nem compra cenas para ele, e para o meu filho é ténis é roupas. E não é só ele próprio quando falo com ele ao telefone, dá-me na cabeça: há porque tu tas só a pedir isto à mãe e esqueces-te que tens um filho e às vezes gastas mais do que o teu próprio filho, e eu fico parvo com ele me dizer isso, dar-me essas dicas.

Eu: O que você gosta mais nas pessoas o que presa mais no ser humano?

- Um carácter forte.

(93) Eu: O que é para si um carácter forte?

- Um carácter forte para mim é uma pessoa que dê as voltas que dê e nunca foge dos objectivos que tem seleccionados para viver e o principal também que seja amigo do seu amigo e que goste de ajudar mas sem esperar ter nada em troca.

Eu: E acha que já reuniu essas características? Tem isso?

- A minha mãe o que ela diz, que ela já costuma falar aqui com amigos, pelo telefone e não sei quê, ela diz assim há vocês não liguem ao "Pedro" ele é nervoso mas se for teu amigo se for preciso ele dá-te a roupa e mas… para não te faltar nada, ya.

Eu: E como se está a sentir agora ao falar de todas estas coisas? Não deve falar destas situações todos os dias!

- Todos os dias?! Nunca falei.

(94) Eu: Não falou com nenhuma das psicólogas aqui do estabelecimento?

- Tipo há aqui um educador, eu quando vim para aqui de inicio não gostava dele e ele também não gostava de mim, não gostava da maneira de ser. Tinha a mania que era o rei, o rei na barriga. Mas agora eu estava numa acção de formação que é o GPS que é o SAF.

(95) Eu: O que aprende nessa acção de formação?

- Saber lidar com as situações, ali eles mostram certas situações invulgares e insignificantes que uma pessoa agarra e faz um grande filme, quando pode simplesmente virar-se e ya ser diferente. O que eu fazia uma beca inconsciente, agora

faço as cenas mas apercebo-me mais. Acontece até quando às vezes eu falo em personificação em rotular e essas coisas eu dou exemplos que se passam comigo e ele diz tas a ver, se fizesses assim se calhar não tinha-te acontecido isto ou se fizesses assim as pessoas já pensavam diferente em relação a ti.

(96) Eu: Vejo que lhe faz bem esses momentos. Mudando agora de tema, em criança os seus pais davam-se bem?

- Tipo eu tenho uma imagem, uma situação que eu nunca mais vou esquecer. Eu era pequeno, era para ai umas dez horas da noite, nesse dia tipo tava uma noite dessas normais agradáveis ya, não sei quê e eu tava deitado com a minha mãe, nesse tempo já a minha mãe bebia e o meu pai bebia mas não era tanto, lembro-me de tar deitado com ela e depois ela sair voltar, o meu pai chegar do trabalho e tipo começarem a discutir ya o meu pai a dar-lhe no cassetete, o meu pai começa a lhe bater...

Eu: Como tinha ele acesso a esses instrumentos? Um cassetete?

- Não é um cassetete da policia, é tipo umas mesas antigas que tinha, que era grossa e depois acabava fininho, parecia um taco. Agarra bate na cabeça da minha mãe, e ela cai no chão.

Eu: Isto à frente de vocês?

- Sim e de repente começa a chover. O meu irmão era bem pequeno não lembra, mas já tinha nascido. Lembro-me de tar a gritar e não sei quê para ele parar. A minha mãe caiu, começou a sair sangue muito grande da cabeça e de repente começa a chover. O meu pai agarra e mete a minha mãe no quintal ali.

Eu: E sobre o quê discutiam? Era frequente?

(97) - Aconteceu algumas vezes, de algumas tenho pouca lembrança. Mas ele tem que fazer valer sempre a sua avante pela força, sempre foi assim e também era com ela.

Eu: Você por tudo o que foi falando, já resolve um pouco assim as coisas, à lei da força. Concorda comigo.

- Eu tento não ser assim, mas parece que me está na massa do sangue, o meu irmão é que é diferente. Comigo a coisa é logo derrotista, ai porque falar não vale a pena diz ele. Não vale a pena, ele dizia muito não vai com conversas só há pancada.

(98) Eu: E você mesmo me disse que ele não teve essa educação.

- Sim, até a família dele, é uma das famílias mais respeitadas da "Quinta do X". Os pais portanto os meus avôs ele diz muitas vezes à boca cheia que os pais, especialmente o pai era muito rígido gritava muito, mas que só uma vez na vida levou porrada. Se ele ao menos bebesse, epá eu não sei o feitio dele é muito estranho. **(99)** Para você ver o meu

irmão veio, ele fazia quase 20 anos que não via o filho, só mandava fotos e não sei quê, veio o meu irmão mais velho, ficou dentro da casa um mês e ele queria fazer o mesmo que fazia comigo e com o meu irmão, ele agarrou e foi-se embora para a casa dele. Ele **(100)** não me deu carinho. Mas ele já não põe a mão em cima de mim.

Eu: Acha que vos fez bem ou a si, o poderem conversar?

- Não ele quando foi embora virou-se para mim e disse tu já deste homem, tu já deste homem…

Eu: Porquê, porque sentiu que o desafiou?

- Eu falei tipo falei da maneira mesmo sentida. E o pior é que estava aqui o meu tio que também veio de França com ele e o meu tio só dizia, deixem-se disso… deixem-se disso. Não e o meu pai deixa ele falar, deixa ele falar e eu toma toma toma… até o meu irmão começou a dizer vá cala-te e porque apesar do meu pai lhe ter agredido e nos ter feito mal e ninguém me tira da ideia, que desde essa surra que o meu irmão levou que ele fugiu e nunca mais voltou o meu pai começou a lhe respeitar. O meu irmão teve essa **(101)** atitude, porque apesar de ele me bater nunca tive essa coragem de fugir ele teve.

Eu: E porque não teve a coragem?

- Não sei, mas ele aterrorizava. O problema não é esse, o meu irmão enfrentou-lhe mesmo e ai já foi ele que andou a trás do meu irmão para lhe dar dinheiro, o meu irmão ainda teve nuns colégios.

Eu: Acha que ele se arrepende de vos ter maltratado?

- Népia.

(102) Eu: E o "Pedro" arrepende-se de alguma coisa assim que queira partilhar?

- O ainda não ter conseguido ser um bom pai, por exemplo.

Eu: A sua relação com a sua ex-companheira como era?

- Conflituosa um bocado, porque ela, eu pensei que ela era uma coisa e afinal era outra. No início era dedicada a mim, mas depois deixou de ser. Era a fama e o dinheiro, andava ao cheiro disso. Eu vendia, vinha punha o dinheiro todo, dizia olha tá ai, tira depois diz só quanto tiras-te para depois eu fazer as contas na hora de entregar para ver se batia tudo certo. Ela tomava conta do meu filho só que ela tipo, não bebe não fuma nada mas só que ela é muito iludida com a vida, muita ilusão naquela cabeça, achava que ter uma criança era uma coisa banal. Tem 19 anos agora, ela era olhe uma vez fez isto trouxe o meu filho lá para casa, desapareceu, tipo chegou deixou-o e saiu só apareceu há noite, buscou o miúdo e toda a gente pensou que ela foi para casa afinal

deixou o meu filho na casa de um vizinho meu e foi para uma discoteca que é dentro do meu bairro, já que queria fazer isso então deixava na minha casa.

(103) Eu: E a sua mãe alguma vez procedeu assim?

- Nunca até hoje. A minha mãe nunca nos deixou de tratar alimentar ou fez uma coisa destas. A minha mãe diz ai eu plos meus filhos posso até…desculpe a expressão, como ela diz, utilizando as palavras dela "posso até ser puta mas nunca há-de faltar nada aos meus filhos". Por isso me custa com a minha ex, ela é nova para umas coisas mas não é para outras coisas por isso é que me deixa (???) e frustrado.

(104) Eu: E como recebeu a notícia que ia ser pai?

- Não, eu não sei porquê, mas virei-me um dia e disse-lhe logo olha daqui a duas semanas vais-me dizer qualquer coisa.

Eu: Não foi programado mas foi desejado?

- Não foi mas foi desejado por mim, agora para ela não.

Eu: E você deu-lhe um tempo para saber se queria ter?

- Não. Ela chega-se ao pé de mim ao final de duas semanas e eu disse já sabia. Ela diz **(105)** há mas eu vou tirar e não quero, e eu disse-lhe logo tirar não tiras porque pra já era no tempo que ainda não tava essa lei do aborto legal, tu tiras meto-te de cana. Já tive uma pessoa que tirou sem eu saber e tive outra que derivado à situação da vida, e derivado a já ter um filho tirou, que a bem dizer foi também criada pela minha ama e eu não queria que isso voltasse a acontecer. Segundo tens, alimentas o tempo necessário de alimentar ou mamar ou como se diz e dás-me e fazes a tua vida.

(106) Eu: O que representa o seu filho para si?

- Eu já cheguei a trancar um guarda na cela para ir… e olhar para a foto, abanar a cabeça e mandar abrir a porta para o guarda sair, porque agora tenho-o a ele.

Eu: Quando somos crianças temos tendência a fazer algumas traquinices, a metermo-nos em sarilhos, como era consigo?

- Por acaso em criança era cobardolas. Eu só fiquei assim quando fui embora para o outro lado do rio, outras pessoas outro ambiente. Quando fui morar com o meu pai, comecei a lidar com outras pessoas, algumas bem más e uma pessoa começou a mudar entretanto eu vinha sempre de fim-de-semana para a minha mãe, e a minha mãe na cana e de repente eu vi que tinha mudado ali alguma coisa. A bem dizer no tempo de infância não respeitavam. Acima de tudo mudou qualquer coisa em mim.

(107) Eu: O que está a sentir neste momento que queira partilhar?

- Vendo assim a minha vida, contada desta maneira vejo que não há um único dia que não pense no meu filho, e que a falta de carinho não é bem carinho é atenção que eu não tive também lhe estou a negar, quero mudar para lhe dar tudo, quero sair daqui e ter essa oportunidade**. (108)** Mas você transmitiu-me um à vontade muito grande não me custou, não pensei que custasse mas é estranho. Mas custa, mas eu pensava que custava mais, mas se for preciso eu custa mais falar com a minha psicóloga do que consigo que não pertence aqui, mas você tem outra maneira de ser, é diferente.

Eu: Agradeço-lhe todo o interesse demonstrado, a sua participação na minha investigação e o teu exposto temas tão sensíveis como estes. Agradeço-lhe as suas palavras e desejo-lhe sorte para si, para o seu filho e família. Que tudo corra pelo melhor eu acompanho-o até lá fora.

Anexo D – Definição das Categorias.

Macrosistema: diz respeito aos determinantes culturais e sociais.

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Cultural	Estatuto Socio-Económico/Condições Sociais: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência às condições sociais e económicas onde o indivíduo se insere.
	Valores Culturais: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência aos valores, crenças, religião e educação, correspondentes à cultura específica do indivíduo.

Exosistema: inclui aspectos da comunidade em que os indivíduos se inserem. Refere-se a estruturas formais e informais próximas do microsistema familiar e integra todos os aspectos que afectam directamente o indivíduo e a família.

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Escolaridade	Absentismo/Abandono Escolar: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência à ausência do aluno nas aulas, ou recinto escolar, bem como à desistência da mesma.
	Insucesso: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência, às dificuldades de aprendizagem, ou a um reduzido aproveitamento escolar.
	Relações entre Pares: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência, aos colegas de escola e amizades referentes ao âmbito escolar. Pode referir-se ainda ao tipo de relação e às actividades realizadas em conjunto, dentro ou fora da escola.
	Situação Profissional: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência à questão profissional legal ou ilegal, no período que antecede a prisão (situação, local, tipo de profissão, realização, aspirações, etc.).

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Zona de Habitação	Vivência da Rua: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a locais, a episódios e às condições do espaço que o indivíduo sinta como a sua zona de residência.
	Lazer/Actividades: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a actividades que desempenhe tanto na sua casa, bem como na rua (Ex: Jogar à bola).
	Colégios de Acolhimento/Reinserção Social: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a colégios com função de suporte social para indivíduos sem casa, ou sem estrutura familiar equilibrada, bem como colégios de RS, em que os indivíduos são mandados por ordem do tribunal, muitas das vezes sob pena jurídica.
	Acção/Descrição: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a descrição de acontecimentos, episódios, locais importantes. E todas as descrições que não se inserem nos outros âmbitos.
Relações de Amizade	Actividades: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a acções feitas com o seu grupo significativo de amizades. (Ex: Ir ao cinema).
	Consumos de Drogas/Relações de Uso: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a droga, a relações de amizade onde o consumo é uma prática, e em que os indivíduos giram em torno da droga. (Ex: Amizade entre o traficante e o consumidor).
	Comportamentos Desviantes: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a comportamentos delinquentes, a vandalismo e a posturas anti-sociais. (Ex: Incendiar caixotes do lixo).

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Relações Amorosas	Instável/Conflituosa/Violenta: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a um tipo de relação que o indivíduo defina como imatura, pouco significativa, com presença de agressões físicas e psicológicas num regime conflitual.
	Positiva/Equilibrante/Significativa: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a um tipo de relação securizante e percebida como positiva.
Vivência Prisional	Actividades/Trabalho/Escola: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência actividades, à ocupação profissional e escolar que desempenham dentro do estabelecimento prisional.
	Desobediência/Castigos/Conflitos: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a situações de mau comportamento, de conflitos com figuras de autoridade, ou com outros reclusos, a comportamentos intoleráveis pelos serviços prisionais, sob pena de castigos.
	Alteração de Comportamentos: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a mudança de hábitos, comportamentos, quer seja essa alteração positiva ou negativa.
	Percurso Criminal até ser Preso (a): Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência aos processos que o indivíduo tenha ou esteja a ter, e a situações de descrição desde o momento da captura até à efectivação ou não da pena de prisão.
	Sentimento de Injustiça: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo em que o sujeito se sente lesado ou injustiçado, quer seja no contexto do tribunal, em relação à pena ou por exemplo, a situações que ocorram dentro do estabelecimento prisional.
	Acção/Descrição: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência a descrição de acontecimentos, episódios, locais importantes, dentro da prisão.

Microsistema: refere-se ao contexto imediato no qual se produz o mau trato e integra as características psicológicas e comportamentais de cada membro da família. Salientam-se atributos individuais, de acordo com as figuras marcantes seja com valência positiva ou negativa, podendo ainda ser descritos em termos de dinâmica relacional.

Categorias	**Sub – Categorias/Indicadores**
Pai	Positivo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam positivamente o pai, salientando os aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como positivos.
	Negativo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam negativamente o pai, salientando aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como negativos.
	Situação Profissional: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência à actividade profissional, tipo de profissão funções, etc.
	Acção/Descrição: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam um relato descritivo de acontecimentos, episódios, locais importantes, sem atribuir valência.
Mãe	Positivo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam positivamente a mãe, salientando os aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como positivos.
	Negativo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam negativamente a mãe, salientando aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como negativos.
	Situação Profissional: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam referência à actividade profissional, tipo de profissão funções, etc.
	Acção/Descrição: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam um relato descritivo de acontecimentos, episódios, locais importantes, sem atribuir valência.

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Avós	Positivo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam positivamente os avós, salientando os aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como positivos.
	Negativo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam negativamente os avós, salientando aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como negativos.
	Acção/Descrição: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam um relato descritivo de acontecimentos, episódios, locais importantes, sem atribuir valência.
Irmãos	Positivo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam positivamente os irmãos, salientando os aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como positivos.
	Negativo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam negativamente os irmãos, salientando aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como negativos.
	Situação Criminal: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam episódios que envolvam delitos, processos, registo criminal e situações relacionadas com comportamentos ilícitos.
	Acção/Descrição: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam um relato descritivo de acontecimentos, episódios, locais importantes, sem atribuir valência.
Filhos	Positivo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam positivamente os filhos, salientando os aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como positivos.
	Negativo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam negativamente os filhos, salientando aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como negativos.
	Acção/Descrição: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam um relato descritivo de acontecimentos, episódios, locais importantes, sem atribuir valência.

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Outros Familiares	Positivo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam positivamente parentes consanguíneos ou por afinidade, salientando os aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como positivos.
	Negativo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam negativamente parentes consanguíneos ou por afinidade, salientando aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como negativos.
	Acção/Descrição: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam um relato descritivo de acontecimentos, episódios, locais importantes, sem atribuir valência.
Relação Díade Pais - Filhos	Positivo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam positivamente a relação entre, um ou ambos, os prestadores de cuidados e os filhos, salientando os aspectos da relação, comportamentos, opiniões, que sente como positivos.
	Negativo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam negativamente a relação entre, um ou ambos, os prestadores de cuidados e os filhos, salientando aspectos, comportamentos, opiniões, que sente como negativos.
	Acção/Descrição: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam um relato descritivo de acontecimentos, episódios, locais importantes, sem atribuir valência.
Relacionamento e Dinâmica Conjugal	Positivo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam positivamente a relação entre os pais e a forma como ela ocorre, salientando aspectos, comportamentos, opiniões.
	Negativo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam negativamente a relação entre os pais e a forma com ela ocorre, salientando aspectos, comportamentos, opiniões.
	Acção/Descrição: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam um relato descritivo de acontecimentos, episódios, locais importantes, sem atribuir valência.

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Relação Sujeito - Filho(a)	Positivo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam positivamente a relação entre o entrevistado e o filho (a), salientando aspectos, comportamentos, opiniões.
	Negativo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam negativamente a relação entre o entrevistado e o filho (a), salientando aspectos, comportamentos, opiniões.
	Acção/Descrição: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que façam um relato descritivo de acontecimentos, episódios, locais importantes, sem atribuir valência.

Vivência Individual e Intrapsíquica: na generalidade a tudo o que está relacionado com o processo evolutivo individual e que integra a sua história pessoal.

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Experiencias Traumáticas Reais	Físicas: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam maus-tratos físicos sofridos, (ex: levar com um pau).
	Negligência/Abandono: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam comportamentos de descuido das necessidades básicas por parte dos cuidadores e/ou abandono.
	Psicológicas: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam ameaças, manipulação, ofensa, jogo psicológico, humilhação, etc.
	Sexuais: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam abusos de cariz sexual.

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Fases da Identificação ao Agressor	1. Vivência de Perigo/Medo: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevem, sensações de pânico, de ameaça.
	2. Vivência de Passividade/Impotência /Fragilidade: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam sentimentos de incapacidade de resposta face ao estímulo, vulnerabilidade.
	3. Sentimento de Ameaça Interna: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam sentimentos de raiva, ansiedade e confusão, em que o sujeito se sente invadido.
	4. Desamparo/Desprotecção: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam congelamento, vazio. O sujeito sente que não pertence a lugar nenhum e que não está seguro em parte nenhuma.
	5. Identificação/Interiorização: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo em que a vítima conhece e descreve pormenorizadamente o agressor e por outro, assimilou certas recordações, tentando superar traumas antigos e seguir em frente.
	6. Idealização: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam desculpabilização dos comportamentos abusivos.
	7. Projecção/Repetição/Inversão dos papéis: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam aspectos da transmissão intergeracional propriamente dita, em que pode se manifestar por libertar material sem estar tratado, pela repetição de traumas e de comportamentos e pela consequente inversão de papéis.

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Tipos de Delitos	Abuso Sexual: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam intercurso sexual contra vontade da vítima seja ela menor de idade ou não.
	Homicídio/Tentativas de Homicídio: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam, assassinato ou tentativa de assassinato.
	Furto/Assalto: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam apropriação indevida do que não lhe compete, por meio de roubo.
	Tráfico de Armas/Posse ilegal: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam comercialização de armas e possuir armas sem licença para as ter.
	Tráfico de Drogas: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam a comercialização de estupefacientes.
	Condução Sem Carta: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevem indivíduos que conduzem sem possuir licença para o fazer.
	Sequestro: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevem rapto de pessoas, para obter algo em troca.
	Motivação para Cometer o Crime: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevam o principal desencadeador/motor que fizeram o indivíduo cometer o crime.

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Características do Sujeito	Manipulação/Premeditação/Desconfiança: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevem características persuasivas, calculistas e/ou que podem revelar paranóia.
	Agressividade/Impulso para Agir: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevem aspectos violentos da pessoa, bem como a impulsividade para agir.
	Dramatização: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevem o teatralizar, ou o "pôr em cena".
	Vitimização/Desresponsabilização: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevem, o acto de delegar as culpas e as consequências dos seus actos, podendo ou não vitimizar-se.

Categorias	Sub – Categorias/Indicadores
Maus Tratos Infligidos	Físicos: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevem maus-tratos físicos perpetuados.
	Negligência / Abandono: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevem, descuido, descaso ou abandono.
	Psicológicas: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevem maus-tratos psicológicos, ameaças, manipulação, ofensa, jogo psicológico, humilhação, etc.
	Sexuais: Classificam-se nesta categoria todas as unidades de registo que descrevem abusos de cariz sexual.